REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

ANO DÉCIMO SEGUNDO – 1869

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Aviso

Com este volume encerra-se o período em que a *Revista Espírita* esteve sob a responsabilidade direta do Codificador.

Quando a morte o colheu em 31 de março de 1869, além dos fascículos publicados, referentes aos meses de janeiro a março, já estava no prelo o número de abril do mesmo ano, que Kardec redigira integralmente, passando os demais, a partir de maio, à responsabilidade direta de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista Espírita*.

Não obstante fosse nossa intenção inicial traduzir apenas os quatro primeiros meses de 1869, achamos interessante que os leitores tomassem conhecimento das últimas homenagens prestadas a Allan Kardec, os discursos pronunciados junto ao túmulo no cemitério de Montmartre, onde foi inumado, a repercussão de sua morte na imprensa parisiense e as comunicações póstumas que deu na Sociedade Espírita de Paris.

Além disso, mostrar aos leitores a providencial atuação de Madame Allan Kardec naqueles tempos difíceis, inclusive na fundação da *Sociedade Anônima do Espiritismo* que, embora constituída sob bases comerciais, visava tão-somente à divulgação e ao fortalecimento do Espiritismo.

A presente coleção da *Revista Espírita* será enriquecida, mais tarde, por um índice biobibliográfico e um índice temático, de modo a permitir aos estudiosos a consulta rápida, segura e objetiva dos assuntos nela tratados.

Brasília (DF), 18 de abril de 2005

Evandro Noleto Bezerra
Tradutor

Sumário

DÉCIMO SEGUNDO VOLUME – ANO DE 1869

AVISO 5

JANEIRO

Aos Nossos Correspondentes – *Decisão do Círculo da Moral Espírita de Toulouse a propósito do projeto de constituição* 17

Estatística do Espiritismo 19

O Espiritismo do Ponto de Vista Católico – *Extraído do Voyageur du Commerce* 29

Processo das Envenenadoras de Marselha 36

O Espiritismo em Toda Parte:

Lamartine 42

Etienne de Jouy 43

Sílvio Pellico 44

Variedades:

O avarento da Rua do Forno 47

Suicídio por obsessão 49

Dissertações Espíritas:

As artes e o Espiritismo 51

A música espírita 53

Obsessões simuladas 55

FEVEREIRO

Estatística do Espiritismo – *Apreciação pelo jornal Solidarité* 57

O Poder do Ridículo 66

Um Caso de Loucura Causada pelo Medo do Diabo 71

Um Espírito que Julga Sonhar 74

Um Espírito que se Julga Proprietário 79

Visão de Pergolesi 83

Bibliografia – *História dos calvinistas das Cevenas* 87

MARÇO

A Carne é Fraca – *Estudo psicológico e moral* 99

Apóstolos do Espiritismo na Espanha 104

O Espiritismo em Toda Parte:

Extrato dos jornais ingleses 108

Charles Fourier 109

Profissão de fé de um fourierista 110

Variedades:
Senhorita de Chilly 111
Aparição de um filho vivo à sua mãe 112
Um testamento nos Estados Unidos 116
Emancipação das mulheres nos Estados Unidos 117
Miss Nichol, médium de transporte 117
As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Maurício 118
Conferência Sobre o Espiritismo 122
Dissertações Espíritas:
A música e as harmonias celestes 127
A mediunidade e a inspiração 136
Errata 139

ABRIL

Aviso Muito Importante 141
Livraria Espírita 141
Profissão de Fé Espírita Americana 143
As Conferências do Sr. Chevillard, *apreciadas pelo jornal Paris* 156
A Criança Elétrica 160
Um Cura Médium Curador 164
Variedades – *Os milagres do Bois-d'Haine* 165
O Despertar do Sr. Luís 166

Dissertações Espíritas:

Lamartine 170

Charles Fourier 173

Bibliografia:

Há uma vida futura? 176

A alma, sua existência e suas manifestações 179

Sociedades e Jornais Espíritas no Estrangeiro 181

Errata 182

MAIO

Aos Assinantes da *Revista – Biografia do Sr. Allan Kardec* 183

Discursos Pronunciados Junto ao Túmulo:

Em nome da Sociedade Espírita de Paris, pelo vice-presidente, Sr. Levent 192

O Espiritismo e a Ciência, pelo Sr. C. Flammarion 194

Em nome dos espíritas dos centros distantes, pelo Sr. Alexandre Delanne 201

Em nome da família e dos amigos, pelo Sr. E. Muller 203

Revista da Imprensa:

Jornal Paris 207

União Magnética 209

Nova Constituição da Sociedade de Paris 210

Discurso de Posse do Novo Presidente 213

Caixa Geral do Espiritismo – *Decisão da Sra. Allan Kardec* 218

Correspondência – *Carta do Sr. Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen* 220

Dissertações espíritas 221

Aviso 224

Aos Nossos Correspondentes 224

Aviso Muito Importante 225

JUNHO

Aos Assinantes da *Revista* 227

O Caminho da Vida *(Obras Póstumas)* 228

Extrato do Manuscrito de um Jovem Médium Bretão (2ª artigo) 234

Pedra Tumular do Sr. Allan Kardec 248

Museu do Espiritismo 249

Variedades – *Os milagres do Bois-d'Haine* 252

Dissertações Espíritas:

O exemplo é o mais poderoso agente de propagação 257

A nova era 258

Maravilhas do mundo invisível 260

Notas Bibliográficas:

Novas histórias para as minhas boas amiguinhas 261

A doutrina da vida eterna das almas e da reencarnação 267

Aviso Importantíssimo 268

Errata 268

JULHO

O Egoísmo e o Orgulho – *Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los (Obras Póstumas)* 269

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão (*Continuação e fim*) 277

O Espiritismo em Toda Parte:

O conde Otávio (Lenda do século XIX) 290

Pluralidade das existências 291

Biografia de Allan Kardec 292

Variedades – *A Liga do Ensino – Constituição oficial do grupo parisiense* 294

Dissertações Espíritas:

A regeneração (Marcha do Progresso) 295

A Ciência e a Filosofia 297

Notas Bibliográficas:

Os últimos dias de um filósofo 299

Instrução prática sobre a organização dos grupos espíritas, especialmente nos campos 307

À Venda em 1ª de Junho de 1869:

Nova edição do Révélation 309

11ª edição de O Livro dos Médiuns 309

4ª edição de O Céu e o Inferno 309

Lúmen, por C. Flammarion (no prelo) 310

Aviso Importante – *História de Joana d'Arc ditada por ela mesma* 310

AGOSTO

Teoria da Beleza *(Obras Póstumas)* 311

Aos Espíritas – *Constituição da Sociedade Anônima sem fins lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e central do Espiritismo* 324

Variedades – *O ópio e o haxixe* 344

Necrológio – *Sr. Berbrugger, de Argel* 349

Dissertações Espíritas – *Necessidade da encarnação* 350

Poesias Espíritas – *A alma e a gota d'água* 353

Bibliografia 353

Aviso Importante 354

SETEMBRO

Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo *(Obras Póstumas)* 355

Constituição da Sociedade Anônima s*em fins lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e central do Espiritismo (2º artigo)* 360

Precursores do Espiritismo – *João Huss* 364
O Espiritismo em Toda Parte 375
Necrológio:
Sr. Berbrugger, Conservador da Biblioteca de Argel (2ª artigo) 378
Sr. Grégoire Girard – Sr. Degand – Sra. Vauchez 383
Variedades:
O ópio e o haxixe (2ª artigo) 385
A Liga do Ensino (2ª artigo) 388
Dissertações Espíritas:
Unidade de linguagem 390
A visão de Deus 392
Bibliografia 393
Demissão do Sr. Malet, *Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* 394
Aviso 395

OUTUBRO

Questões e Problemas: Expiações Coletivas *(Obras Póstumas)* 397
Precursores do Espiritismo – *Dupont de Nemours* 407
Variedades:
O Espírito de um cão 414
Mediunidade no copo d'água e mediunidade curadora na Rússia 417

As irmãs gêmeas 421
Reencarnação – Preexistência 423
Cartas de Maquiavel ao Sr. Girardin 424
Correspondência 426
Dissertações Espíritas:
O Espiritismo e a literatura contemporânea 431
A caridade 433
Poesias Espíritas – *As lunetas* 435
Bibliografia – *Novos jornais estrangeiros* 436
Aviso 437

NOVEMBRO

A Vida Futura (*Obras Póstumas*) 439
Sociedade Anônima do Espiritismo (*3ª artigo*) – *Breves Explicações* 446
Revista da Imprensa:
Reencarnação – preexistência 451
Viagem do Sr. Peebles na Europa 458
O Espiritismo e o Espiritualismo 460
Dissertações Espíritas:
Os aniversários 461
Inteligência dos animais 463
As deserdadas 465
Dois Espíritos cegos (estudo moral) 467

Bibliografia:
O Eco de Além-Túmulo (Bahia – Brasil) 474
As maravilhas celestes 479
Conversas mesmerianas 480
Aviso 481

DEZEMBRO

Os Desertores (*Obras Póstumas*) 483
A Vida Universal (*Camille Flammarion*) 493
Revista da Imprensa – *Reencarnação – Preexistência (2º artigo)* 503
Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos:
Comemoração especial do Sr. Allan Kardec 509
A festa do dia dos mortos não é nos cemitérios 513
Comunhão de pensamentos 515
Dissertações Espíritas – *A solidariedade universal* 517
Bibliografia:
A mulher e a filosofia espírita 519
Contemplações científicas 525
O Mundo das Plantas 526
Inteligência dos Animais 528
Aviso 531
Errata 531
Nota Explicativa 533

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII JANEIRO DE 1869 Nº 1

Aos Nossos Correspondentes

DECISÃO DO CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE, A PROPÓSITO DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO

Por ocasião da publicação do projeto de constituição, no último número da *Revista*, recebemos numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia que nos tocaram profundamente. Na impossibilidade de responder a cada um em particular, pedimos aos nossos honrados correspondentes que aceitem coletivamente os agradecimentos que lhes dirigimos através da *Revista*.

Sentimo-nos felizes, sobretudo por ver que o objetivo e o alcance desse projeto foram compreendidos e que nossas intenções não foram desprezadas. Todos viram nele a realização daquilo que se desejava há muito tempo: uma garantia de estabilidade para o futuro, bem como as primeiras balizas de uma união entre os espíritas, união que lhes faltou até hoje, apoiada numa organização que, prevendo eventuais dificuldades, assegure a unidade dos princípios, sem imobilizar a Doutrina.

De todas as adesões que recebemos, citaremos apenas uma, porque é a expressão de um pensamento coletivo, e a fonte de onde emana lhe dá, de certo modo, um caráter oficial; é a decisão do conselho do *Círculo da Moral Espírita de Toulouse*, regularmente e legalmente constituído. Publicamo-la como testemunho de nossa gratidão aos membros do Círculo, movido nesta circunstância por um impulso espontâneo de devotamento à causa e, além disso, para responder aos votos que nos expressaram.

EXTRATO DA ATA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE

A propósito da exposição feita por seu presidente, da constituição transitória dada ao Espiritismo por seu fundador e definida pelos preliminares publicados no número da Revista Espírita de 1º de dezembro corrente, o conselho vota por unanimidade agradecimentos ao Sr. Allan Kardec, como expressão de seu profundo reconhecimento por essa nova prova de devotamento à Doutrina de que é fundador, e faz votos pela realização desse sublime projeto, que considera como o digno coroamento da obra do mestre; do mesmo modo que vê na instituição da Comissão Central a cúpula do edifício, chamado a gerir para sempre os benefícios do Espiritismo sobre a Humanidade inteira.

Considerando que é dever de todo adepto sincero concorrer, na medida de seus recursos, para a criação do capital necessário a essa constituição, e desejando facilitar a cada membro do *Círculo da Moral Espírita* o meio de contribuir para isto, decide:

Que fique aberta uma subscrição no secretariado do Círculo até 15 de março próximo, e que a soma apurada nessa época seja enviada ao Sr. Allan Kardec para ser depositada na Caixa Geral do Espiritismo.

Conferida e certificada conforme a minuta, por nós secretário abaixo assinado,

Chêne, secretário-adjunto

Estatística do Espiritismo

Como já dissemos, a enumeração exata dos espíritas seria coisa impossível, e isto por uma razão muito simples: o Espiritismo não é uma associação, nem uma congregação; seus aderentes não estão inscritos em nenhum registro oficial. Sabe-se perfeitamente que não se poderia avaliar o montante pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas apenas por minoria ínfima. O Espiritismo é uma opinião que não exige nenhuma profissão de fé, e pode estender-se ao todo ou parte dos princípios da Doutrina. Basta simpatizar com a idéia para ser espírita. Ora, não sendo essa qualidade conferida por nenhum ato material, e não implicando senão obrigações morais, não existe qualquer base física para determinar o número dos adeptos com precisão. Não se o pode estimar senão de maneira aproximativa, pelas relações e pela maior ou menor facilidade com que a idéia se propaga. Esse número aumenta diariamente em proporção considerável: é um fato positivo, reconhecido pelos próprios adversários; a oposição diminui, prova evidente de que a idéia encontra, cada vez mais, numerosas simpatias.

Aliás, compreende-se que é pelo conjunto e não pela situação das localidades, consideradas isoladamente, que se pode basear uma apreciação; há em cada localidade elementos mais ou menos favoráveis, em razão do estado particular dos espíritos e também das resistências mais ou menos influentes que aí se exercem; mas essa situação é variável, porque tal localidade, que se tenha mostrado refratária durante vários anos, de repente se torna um foco. Quando os elementos de apreciação tiverem adquirido

mais precisão, será possível fazer um mapa colorido em relação à difusão das idéias espíritas, como foi feito para a instrução. Enquanto isso, pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma, o número dos adeptos centuplicou em dez anos, a despeito das manobras empregadas para abafar a idéia e contrariamente às previsões de todos os que se vangloriavam de a ter enterrado. Isto é um fato comprovado, devendo os antagonistas tomar o seu partido.

Só falamos aqui dos que aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o haver estudado, e não dos que, embora mais numerosos, estas idéias ainda estão em estado de intuição, faltando-lhes apenas definir suas crenças com mais precisão e dar-lhes um nome, para serem espíritas confessos. É um fato bem comprovado, que se constata todos os dias, sobretudo de algum tempo para cá, que as idéias espíritas parecem inatas numa porção de indivíduos, que jamais ouviram falar do Espiritismo; não se pode dizer que tenham sofrido uma influência qualquer, nem que sofreram a influência de um círculo. Que os adversários expliquem, se puderem, esses pensamentos que nascem fora e à margem do Espiritismo! Por certo não seria um sistema preconcebido no cérebro de um homem que teria produzido tal resultado; não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que pelo menos três quartos da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, pois são encontrados entre aqueles mesmos que lhe fazem oposição. Na maioria, a oposição vem da falsa idéia que fazem do Espiritismo; não o conhecendo, em geral, senão pelos quadros ridículos que dele faz a crítica malevolente ou interessada em desacreditá-lo, recusam com razão a qualidade de espíritas. Certamente, se o Espiritismo se assemelhasse aos retratos grotescos que dele fizeram, se se constituísse das crenças e práticas absurdas que houveram por bem lhe atribuir, seríamos o primeiro a repudiar o título de espírita. Quando, pois, essas mesmas pessoas

souberem que a Doutrina não é senão a coordenação e o desenvolvimento de suas próprias aspirações e de seus pensamentos íntimos, aceitá-la-ão; esses são, incontestavelmente, futuros espíritas, mas, por enquanto, não os consideramos em nossas avaliações.

Se é impossível uma estatística, outra há, talvez mais instrutiva e para a qual existem elementos que nos fornecem as nossas relações e a nossa correspondência: é a proporção relativa dos espíritas segundo as profissões, as posições sociais, as nacionalidades, as crenças religiosas, etc., levando em conta que certas profissões, como os oficiais ministeriais, por exemplo, são em número limitado, ao passo que outras, como os industriais e os capitalistas são em número indefinido. Guardadas todas as proporções, pode-se ver quais são as categorias nas quais o Espiritismo encontrou, até hoje, mais aderentes. Em algumas, a proporção pôde ser estabelecida em percentagem, com precisão, sem contudo pretender que tenham um rigor matemático; as outras categorias simplesmente foram classificadas em razão do número de adeptos que apresentaram, começando pelas de maior número, de que a correspondência e a lista de assinantes da *Revista* podem fornecer elementos. O quadro a seguir é resultado do levantamento de mais de dez mil observações.

Constatamos o fato, sem procurar discutir a causa dessa diferença, o que, não obstante, poderia ser assunto para um estudo interessante.

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS

I. *Em relação às nacionalidades*. – A bem dizer, não existe nenhum país civilizado da Europa e da América onde não haja espíritas. Eles são mais numerosos nos Estados Unidos da América do Norte. Seu número aí é avaliado, por uns, em quatro milhões, o que já é muito, e por outros em dez milhões. Esta última cifra

evidentemente é exagerada, porque compreenderia mais de um terço da população, o que não é provável. Na Europa, a cifra pode ser avaliada em um milhão, na qual a França figura com seiscentos mil. Pode-se estimar o número de espíritas no mundo inteiro em seis ou sete milhões. Ainda que não passasse da metade, a História não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, tivesse reunido semelhante número de adeptos disseminados por toda a superfície do globo. Se aí incluíssemos os espíritas inconscientes, isto é, os que só o são por intuição, e mais tarde se tornarão espíritas de fato, só na França poder-se-iam contar vários milhões.

Do ponto de vista da difusão das idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser classificados como se segue:

1º França. – 2º Itália. – 3º Espanha. – 4º Rússia. – 5º Alemanha. – 6º Bélgica. – 7º Inglaterra. – 8º Suécia e Dinamarca. – 9º Grécia. – 10º Suíça.

II. *Em relação ao sexo.* – 70% de homens e 30% de mulheres.

III. *Em relação à idade.* – Máximo: de 30 a 70 anos; média: de 20 a 30 anos; mínimo: de 70 a 80 anos.

IV. *Em relação à instrução.* – O grau de instrução é muito fácil de apreciar pela correspondência. Instrução cuidada: 30%; – simples letrados: 30%; – instrução superior: 20%; – semiletrados: 10%; – analfabetos: 6%; – sábios oficiais: 4%.

V. *Em relação às idéias religiosas.* – Católicos romanos, livres-pensadores, não ligados ao dogma: 50%; – católicos gregos: 15%; – judeus: 10%; – protestantes liberais: 10%; – católicos ligados aos dogmas: 10%; – protestantes ortodoxos: 3%; – muçulmanos: 2%.

VI. *Em relação à fortuna.* – Mediocridade: 60%; – fortunas médias: 20%; – indigência: 15%; – grandes fortunas: 5%.

VII. *Em relação ao estado moral*, abstração feita da fortuna. – Aflitos: 60%; – sem inquietude: 30%; – felizes do mundo: 10%; – sensualistas: 0%.

VIII. *Em relação à classe social.* – Sem poder estabelecer nenhuma proporção nesta categoria, é notório que o Espiritismo conta entre seus aderentes: vários soberanos e príncipes reinantes; membros de famílias soberanas e um grande número de personagens tituladas.

Em geral, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos; na Rússia é mais ou menos exclusivamente na nobreza e na alta aristocracia; é na França que mais se propagou na pequena burguesia e na classe operária.

IX. *Estado militar*, segundo o grau. – 1º Tenentes e subtenentes; 2º Suboficiais; 3º Capitães; 4º Coronéis; 5º Médicos e cirurgiões; 6º Generais; 7º Guardas municipais; 8º Soldados da guarda; 9º Soldados de linha.

Observação – Os tenentes e subtenentes espíritas estão quase todos na ativa; entre os capitães, cerca de metade estão na ativa e a outra metade na reserva; os coronéis, médicos, cirurgiões e generais, em maioria estão na reserva.

X. *Marinha.* – 1º Marinha de Guerra; 2º Marinha Mercante.

XI. *Profissões liberais e funções diversas.* – Nós os agrupamos em dez categorias, classificadas segundo a proporção dos aderentes que forneceram ao Espiritismo:

1º – Médicos homeopatas. – Magnetistas.[1]

2º – Engenheiros. – Institutores; diretores e diretoras de internatos. – Professores livres.

3º – Cônsules. – Sacerdotes católicos.

4º – Pequenos empregados. – Músicos. – Artistas líricos. – Artistas dramáticos.

5º – Meirinhos. – Comissários de polícia.

6º – Médicos alopatas. – Homens de letras. – Estudantes.

7º – Magistrados. – Altos funcionários. – Professores oficiais e de liceus. – Pastores protestantes.

8º – Jornalistas. – Pintores. – Arquitetos. – Cirurgiões.

9º – Notários. – Advogados. – Agentes de negócios.

10º – Agentes de câmbio. – Banqueiros.

XII. *Profissões industriais, manuais e comerciais*, igualmente grupadas em dez categorias:

1º – Alfaiates. – Costureiras.

2º – Mecânicos. – Empregados de estradas de ferro.

1 A palavra *magnetizador* desperta uma idéia de ação; a de *magnetista* uma idéia de adesão. O magnetizador é o que exerce por profissão ou outra coisa. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador. Dir-se-á: *um magnetizador experimentado* e *um magnetista convicto*.

3º – Tecelões. – Pequenos negociantes. – Porteiros.

4º – Farmacêuticos. – Fotógrafos. – Relojoeiros. – Caixeiros-viajantes.

5º – Lavradores. – Sapateiros.

6º – Padeiros. – Açougueiros. – Salsicheiros.

7º – Marceneiros. – Tipógrafos.

8º – Grandes industriais e chefes de estabelecimentos.

9º – Livreiros. – Impressores.

10º – Pintores de casas. – Pedreiros. – Serralheiros. – Merceeiros. – Domésticos.

Desta lista, resultam as seguintes conseqüências:

1º – Que há espíritas em todos os graus da escala social;

2º – Que há mais homens do que mulheres espíritas. É certo que nas famílias divididas por suas crenças, no tocante ao Espiritismo, há mais maridos contrariados pela oposição de suas esposas do que mulheres pela dos maridos. Não é menos constante que, em todas as reuniões espíritas, os homens estejam em maioria.

É, pois, injustamente que a crítica pretendeu que a Doutrina é recrutada principalmente entre as mulheres, em virtude de sua inclinação para o maravilhoso. É precisamente o contrário: essa inclinação para o maravilhoso e para o misticismo em geral as torna mais refratárias que os homens; essa predisposição faz que aceitem mais facilmente a fé cega, que dispensa qualquer exame, ao

passo que o Espiritismo, não admitindo senão a fé raciocinada, exige reflexão e dedução filosófica para ser bem compreendido, para o que a educação estreita dada às mulheres torna-as menos aptas que os homens. As que sacodem o jugo imposto à sua razão e ao seu desenvolvimento intelectual, muitas vezes caem no excesso contrário; tornam-se o que chamam de mulheres fortes e sua incredulidade mais tenaz;

3º – Que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas, e não entre os ignorantes. Por toda parte o Espiritismo se propagou de alto a baixo da escala social, e em parte alguma se desenvolveu primeiro nas camadas inferiores;

4º – Que a aflição e a infelicidade predispõem às crenças espíritas, em conseqüência das consolações que proporcionam. É a razão pela qual, na maioria das categorias, a proporção dos espíritas está na razão da inferioridade hierárquica, porque é aí que há mais privações e sofrimentos, ao passo que os titulares das posições superiores em geral pertencem à classe dos satisfeitos, à exceção do estado militar, onde os simples soldados figuram em último lugar;

5º – Que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matéria religiosa do que entre os que têm uma fé irrevogável;

6º – Enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são os sensualistas e as pessoas cujos únicos pensamentos estão concentrados nas posses e nos prazeres materiais, seja qual for a classe a que pertençam, o que independe do grau de instrução.

Em resumo, o Espiritismo é acolhido como um benefício pelos que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repelido ou desdenhado por aqueles a quem prejudicaria no gozo da vida.

Partindo deste princípio, facilmente se explicam o lugar que ocupam, nesse quadro, certas categorias de indivíduos, a despeito das luzes que são uma condição de sua posição social. Pelo caráter, gostos, hábitos e gênero de vida das pessoas, pode-se julgar do avanço de sua aptidão para assimilar as idéias espíritas. Em alguns, a resistência é uma questão de amor-próprio, que segue quase sempre o grau do saber; quando esse saber os faz conquistar uma certa posição social, que os põe em evidência, não querem admitir que se podiam ter enganado e que outros possam ter visto melhor. *Oferecer provas a certas pessoas é oferecer-lhes o que mais temem;* e, com medo de achá-las, tapam os olhos e os ouvidos, preferindo negar *a priori* e se abrigarem atrás de sua infalibilidade, de que estão muito convencidas, digam o que disserem.

Explica-se menos facilmente a causa da posição que ocupam, nesta classificação, certas profissões industriais. Pergunta-se, por exemplo, por que os alfaiates aí ocupam a primeira posição, enquanto a livraria e a imprensa, profissões bem mais intelectuais, estão quase na última. É um fato constatado há muito tempo e do qual ainda não nos demos conta.

Se, no levantamento acima, em vez de não abranger senão os espíritas de fato, tivessem considerado os espíritas inconscientes, aqueles nos quais essas idéias estão em estado de intuição e que fazem Espiritismo sem o saber, certamente várias categorias teriam sido classificadas de modo diverso; por exemplo, os literatos, os poetas, os artistas, numa palavra, todos os homens de imaginação e de inspiração, os crentes de todos os cultos estariam, sem sombra de dúvida, no primeiro lugar. Certos povos, nos quais as crenças espíritas de certo modo são inatas, também ocupariam outra posição. Eis por que essa classificação não poderia ser absoluta, e se modificará com o tempo.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais porque, com efeito é a que, guardadas as devidas proporções, conta em suas fileiras maior número de adeptos do

Espiritismo; em cem médicos espíritas, há pelo menos oitenta homeopatas. Isto se deve a que o princípio mesmo de sua medicação os conduz ao espiritualismo; por isso os materialistas são muito raros entre eles, se é que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor que estes últimos, compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espíritas puderam, melhor que os outros, compreender os efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivos a respeito da homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade e a sustentaram contra ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos espíritas, não foram inábeis a ponto de lhes atirar a pedra.

Se os magnetistas figuram na primeira linha, logo após os homeopatas, malgrado a oposição persistente e muitas vezes acerba de alguns, é que os oponentes não formam senão pequeníssima minoria ao lado da massa dos que são, pode-se dizer, espíritas por intuição. O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra, e das duas, a que não quer *imobilizar-se* não pode chegar ao seu complemento sem se apoiar na sua congênere; isoladas uma da outra, detêm-se num impasse; são reciprocamente como a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia. A maioria dos magnetistas compreende de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que geralmente se prevalecem de seus conhecimentos em magnetismo, como meio de introdução junto aos espíritas.

Em todos os tempos os magnetistas foram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas*. Estes últimos, muito menos numerosos, pelo menos fazendo abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, referindo tudo à ação do fluido material, estão, por conseguinte, em oposição de

princípios com os espíritas. Ora, é de notar que, se nem todos os magnetistas são espíritas, todos os espíritas, *sem exceção*, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias, fizerem-se seus defensores e sustentáculos. Deviam ter-se admirado de encontrar adversários mais ou menos malévolos nos mesmos cujas fileiras acabavam de reforçar; que, depois de terem sido, durante mais de meio século, vítimas de ataques, de zombarias e de perseguições de toda sorte, por sua vez atirem a pedra, os sarcasmos e muitas vezes a injúria aos auxiliares que lhes chegam e começam a pesar na balança pelo seu número.

Aliás, como dissemos, esta oposição está longe de ser geral; muito ao contrário. Pode-se afirmar, sem se afastar da verdade, que não chega a 2 ou 3% da totalidade dos magnetistas; ela é muito menor ainda entre os da província e do estrangeiro do que entre os de Paris.

O Espiritismo do Ponto de Vista Católico

Extrato do jornal *Voyageur du commerce*,[2] de 22 de novembro de 1868

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa-fé, não poderiam ser inúteis nesta época e talvez seja tempo de se fazer justiça e luz sobre uma questão que, embora contando hoje no mundo inteligente numerosos adeptos, não tem sido menos relegada para o domínio do absurdo e do impossível por espíritos levianos, imprudentes e pouco preocupados com o desmentido que o futuro lhes possa dar.

2 O *Voyageur du commerce* aparece todos os domingos. – Redação: 3, faubourg Saint-Honoré. Preço: 22 francos por ano; 12 francos por semestre; 6 francos e 50 por trimestre.
Porque tenha publicado o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, nada prejulgamos quanto às suas simpatias pelo Espiritismo, já que só o conhecemos por este número, a nós enviado gentilmente.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, ainda há pouco, com soberbo desdém, a loucura desses homens gigantes que procuravam novas aplicações para o vapor e a eletricidade. Felizmente a morte lhes poupou essas humilhações.

Para firmar claramente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé em algumas linhas:

Espírita, Avatar, Paul d'Apremont provam-nos incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta a quem o maravilhoso sempre atraiu; estes livros encantadores são pura imaginação e seria erro neles procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport, saltimbancos desajeitados.

Todos os que quiseram fazer do Espiritismo um negócio de especulação, são, em nossa opinião, da alçada da polícia correcional ou do tribunal do júri, e eis por quê: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida pelo abuso de confiança; ao contrário, se existe, é com a condição de ser coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da Divindade. Se se admitisse que o homem, passando sobre o túmulo, pudesse de pé firme penetrar na outra vida, corresponder-se com os mortos e ter assim a única prova irrecusável – porque seria material – da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a esses palhaços de rua o direito de profanarem o mais santo dos mistérios e violarem, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom-senso, a moral, a segurança mesma dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechados a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos o terror, de que a loucura muitas vezes é a conseqüência.

Isto posto, entremos no âmago mesmo da questão.

Ao ver as escolas modernas, que fazem tumulto em torno de certos princípios fundamentais e de certezas conquistadas, é fácil compreender que o século da dúvida e do desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas o mais agitado foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

Com efeito, tudo está aí: é a questão por excelência, é o homem todo inteiro, é o seu presente, é o seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte. É a ela que se vêm ligar todos os grandes princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve inquietar-nos, mas o termo da vida; os prazeres se apagam para dar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus resplandece em sua eterna imensidade.

Então a grande palavra da vida, a única, é a morte, ou antes, a nossa transformação. Sendo chamados a passar pela Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos lançar o olhar; viajores de alguns dias, é ao partir que convém nos informemos sobre o objetivo de nossa peregrinação, perguntemos à vida o segredo da eternidade, finquemos as balizas do nosso caminho e, passageiros da morte à vida, sustentemos com mão firme o fio que atravessa o abismo.

Disse Pascal: "A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos tão diferentes, conforme haja ou não bens eternos a esperar, que é impossível empregar esforços com senso e raciocínio, senão se regendo pela vista deste plano, que deve ser o nosso primeiro objetivo."

Em todas as épocas o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma e procurou apoiar em provas essa idéia consoladora; acreditou achá-la nos usos, nos costumes dos diversos povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo nos povos bárbaros como nas nações civilizadas, de onde viria ela senão de Deus, que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada criou não são senão esperanças de um futuro construído sobre um areal duvidoso, sobre a areia movediça; e as deduções da lógica mais cerrada jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, acha-se inteira no Espiritismo e não poderia encontrar-se alhures. Considerando-a deste ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a suprema tábua de salvação, compreende-se facilmente o número de adeptos que este novo altar, inteiramente católico, grupou em torno de seus degraus; porque, não há que se equivocar, é aí e não alhures, que se deve procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas criaram junto a homens que brilham no primeiro plano da eloqüência, sagrada ou profana, e cujos nomes gozam de merecida notoriedade nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

Na sua definição mais ampla, o Espiritismo é a faculdade que possuem certos indivíduos de entrar em relação, por meio de um intermediário ou médium, que não passa de um instrumento em suas mãos, com o Espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Esse sistema que, segundo os crentes, se apóia num grande número de testemunhas, oferece uma singular sedução, menos ainda pelos resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de idéias, o sobrenatural não é mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça após a vida, como durante a vida ela se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre; se for puro, eleva-se nas esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, erra em volta da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que trai, engana e corrompe. Os espíritas não crêem nos Espíritos bons; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, também não crê senão nos maus, e os encontra nesta passagem: "Tomai cuidado, porque o demônio ronda em torno de vós e vos espreita como um leão buscando sua presa, *quoerens quem devoret*."

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodoro da Sicília fala aos fantasmas; os deuses lares dos romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir com prevenção e sem exame um sistema, certamente perigoso do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A brucina, sabiamente administrada, é um dos mais poderosos remédios; e porque é um violento veneno em mãos inábeis, é uma razão para proscrevê-la da farmacopéia?

O Sr. Baguenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro faço numerosos empréstimos, porque suas idéias são as minhas, diz no seu belo livro *Imortalidade*, a propósito do Espiritismo: "Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, pois que aparece e se mostra após a dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se desprende, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo é condenado pelos

fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e por assim dizer palpável; o sobrenatural se impõe à Ciência e, submetendo-se ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível."

O livro que assim fala do Espiritismo é dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia Francesa, a uma celebridade das letras contemporâneas, que respondeu:

"Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Santa-Cruz, será uma honra para vós e para toda a nossa Academia. Talvez não possais escolher uma questão mais alta nem mais importante a estudar na hora presente... Permiti-me, pois, senhor e caríssimo amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento."

Félix, bispo de Orléans

Orléans, 28 de março de 1864

O artigo é assinado por *Robert de Salles*.

Evidentemente o autor não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas passagens de seu artigo; todavia, considera-o como coisa muita séria e, salvo algumas exceções, os espíritas não poderão senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Equivoca-se principalmente quando diz que os espíritas não crêem nos Espíritos bons, e também na definição que dá como a mais ampla expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possuem certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou faculdade de comunicar-se com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem o que, para ser

espírita, fora preciso ser médium; não passa de um acessório, um meio de observação, e não a ciência, que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais subordinado aos médiuns do que a Astronomia a uma luneta; e a prova disto é que se pode fazer Espiritismo sem médiuns, como se fez Astronomia muito tempo antes de haver telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, se faz ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo se circunscrevesse à faculdade mediúnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muita gente, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo, porque não o expõe, de certo modo, senão como hipótese, mas uma hipótese digna da mais séria atenção. Se for uma verdade, diz ele, é uma coisa sagrada por excelência, que só deve ser tratada com respeito, e cuja exploração não poderia ser perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que esta idéia é expressa, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e é de notar que é sempre o lado pelo qual a crítica julgou pegar a Doutrina em falta, atacando o abuso do tráfico quando encontrou ocasião; é que ela sente que este seria o seu lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo. Eis por que a malevolência se obstina em associá-la aos charlatães, ledores da sorte e outros exploradores da mesma laia, esperando por esse meio enganar e lhe tirar o caráter de dignidade e gravidade, que constitui a sua força. A rebelião contra os Davenport, que tinham julgado poder expor impunemente os Espíritos nos palcos, prestou imenso serviço; em sua ignorância quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica da época julgou feri-lo de morte, quando não desacreditou senão os abusos, contra os quais todos os espíritas sinceros sempre protestaram.

Seja qual for a crença do autor, e a despeito dos erros contidos em seu artigo, devemos felicitar-nos por nele ver a

questão tratada com a gravidade que o assunto comporta. A imprensa raramente tem ouvido falar dele num sentido tão sério; mas há começo para tudo.

Processo das Envenenadoras de Marselha

O nome do Espiritismo achou-se envolvido casualmente neste caso deplorável. Um dos acusados, o ervanário Joye, disse dele ter-se ocupado, e que interrogava os Espíritos. Isto prova que fosse espírita e que se possa algo inferir contra a Doutrina? Sem dúvida os que a querem desacreditar não deixarão de aí buscar um pretexto para acusá-la; mas, se as diatribes da malevolência até hoje não deram resultado, é que sempre erraram o alvo, como aqui é o caso. Para saber se o Espiritismo incorre numa responsabilidade qualquer nesta circunstância, o meio é muito simples: é inquirir-se de *boa-fé*, não entre os adversários, mas na própria fonte, o que prescreve e o que condena. Não há nada secreto; seus ensinamentos estão aos olhos de todos e cada um os pode controlar. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções capazes de levar ao bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas a que se entregou, o papel ignóbil e ridículo que ele atribui aos Espíritos, é que aí não colheu suas inspirações. Não há um homem imparcial que não convenha com isto e não declare o Espiritismo fora desta questão.

O Espiritismo só reconhece como adeptos os que põem em prática os seus ensinamentos, isto é, que trabalham a sua própria melhora moral, porque é o sinal característico do verdadeiro espírita. Não é mais responsável pelos atos daqueles a quem agrada dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência pelo charlatanismo dos escamoteadores, que se intitulam *professores de física*, nem a sã religião pelos abusos cometidos em seu nome.

Diz a acusação, a propósito de Joye: "Encontrou-se em sua casa um registro que dá a idéia de seu caráter e de suas ocupações. Segundo ele, cada página teria sido escrita conforme o ditado dos Espíritos, e é cheio de ardentes suspiros por Jesus-Cristo. Em cada página fala-se de Deus e os santos são invocados. À margem, por assim dizer, há notas que podem dar uma idéia das operações habituais do ervanário:

"Para *espiritismo*, 4 fr. 25. – Doentes, 6 fr. – Cartas, 2 fr. – Malefícios, 10 fr. – Exorcismos, 4 fr. – Varinha de condão, 10 fr. – Malefícios por tiragem da sorte, 60 fr." E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios até estar saciado, e que terminam por esta menção: "Em janeiro fiz 226 francos. Os outros meses foram menos frutuosos."

Alguma vez já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja capaz de provocá-las? Ao contrário, aí não se vê que ela repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os cartomantes, os adivinhos e todos os que fazem profissão de comércio com os Espíritos, pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye fosse espírita, logo de começo teria olhado como uma profanação fazer intervirem os Espíritos em semelhantes circunstâncias; além disso, saberia que *os Espíritos não estão às ordens de ninguém* e nem vêm por encomenda, nem pela influência de qualquer sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra ou em outros mundos, nossos pais, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos antepassados; que foram homens como nós e que depois da nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, diabretes e demônios são criações de pura fantasia e só existem na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos

caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar a nosso bel-prazer, para o nosso divertimento ou o nosso interesse, é uma idéia quimérica; que vêm quando querem, da maneira que querem e a quem lhes convém; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é nossa instrução e nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida, que podemos fazer ou encontrar por nós mesmos e, ainda menos, servir à cupidez; enfim, que em razão de sua própria natureza e do respeito que se deve às almas dos que viveram, é tão irracional quanto imoral manter escritório aberto para consulta ou exibição de Espíritos. Ignorar estas coisas é ignorar o abecê do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas da feitiçaria, os malefícios, os encantamentos, etc., ela prova que nada sabe sobre ele. Ora, negar ou condenar uma doutrina que não se conhece é faltar à lógica mais elementar; atribuir-lhe ou fazê-la dizer precisamente o contrário do que diz, é calúnia ou parcialidade.

Uma vez que Joye envolvia em seus processos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, também podia muito bem envolver o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina do que o seu simulacro de devoção contra a sã religião. Ele não era, pois mais espírita porque interrogasse supostos Espíritos, do que as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque fossem queimar velas à *Boa-Mãe*, Nossa Senhora da Guarda, para o êxito de seus envenenamentos. Aliás, se ele fosse espírita, nem mesmo lhe teria vindo ao pensamento fazer servir à perpetuação do mal uma doutrina cuja primeira lei é o amor do próximo, e que tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Se se imputasse ao Espiritismo a incitação de semelhantes atos, poder-se-ia, da mesma maneira, fazer a sua responsabilidade cair sobre a religião.

A respeito, eis algumas reflexões do *Opinion nationale*, de 8 de dezembro:

"O jornal *Le Monde* acusa o jornal *Siècle*, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros de cumplicidade no caso das envenenadoras de Marselha.

"Lemos com dolorosa curiosidade os debates dessa estranha questão; mas não vimos em parte alguma que o feiticeiro Joye ou a feiticeira Lamberte tenham sido assinantes do *Siècle*, do *Avenir* ou do *Opinion*. Apenas um jornal foi encontrado em casa de Joye: era um número do *Diable, journal de l'enfer*. As viúvas que figuram nesse famoso processo estão muito longe de ser livre-pensadoras. Acendem velas à boa Virgem, para obter de Nossa Senhora a graça de envenenar tranqüilamente os seus maridos. Encontra-se nesse negócio todo o velho apetrecho da Idade Média: ossos de defuntos colhidos nos cemitérios, *disfarces* que não passam de feitiços do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas de Elisa Lemmonier, mas entre as boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, Espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas mulheres ao crime. É assim que na Espanha, perto da foz do Ebro, vê-se na montanha uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Ladrões.

"Semeai a superstição e colhereis o crime." É por isto que pedimos que se semeie a Ciência. "Esclarecei a cabeça do povo, disse Victor Hugo, e não precisareis mais cortá-la." – J. Labée.

O argumento de que os acusados não eram assinantes de certos jornais não tem valor, pois se sabe que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* poderia, pois, achar-se nas mãos de alguns dentre eles, sem que se tivesse o direito de tirar daí qualquer conseqüência contra esse jornal. Que teria dito se Joye tivesse alegado que se inspirou nas doutrinas desse periódico? Teria respondido: lede-o e vede se nele encontrareis uma única palavra capaz de superexcitar as más paixões. O padre Verger certamente

tinha o Evangelho em casa; mais ainda: por sua condição, devia estudá-lo. Pode-se dizer que foi o Evangelho que o impeliu a assassinar o arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravaillac e de Jacques Clément? que acendeu as fogueiras da Inquisição? E, contudo, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

Diz o autor do artigo: "Semeai a superstição, e colhereis o crime." Ele tem razão; mas erra quando confunde o abuso de uma coisa com a própria coisa. Se se quisesse suprimir tudo de que se pode abusar, muito pouco escaparia à proscrição, sem excetuar a imprensa. Certos reformadores modernos assemelham-se aos homens que desejam cortar uma boa árvore, porque dá alguns frutos estragados.

E acrescenta: "É por isto que pedimos que se semeie a Ciência." Ele ainda tem razão, porque a Ciência é um elemento de progresso. Mas basta para a moralização completa? Não se vêem homens pôr o seu saber a serviço de suas más paixões? Lapommeraie não era um homem instruído, um médico diplomado, desfrutando de um certo crédito e, além disso, um homem do mundo? Dava-se o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da Ciência; deve-se, por isto, concluir que a Ciência seja uma coisa má? Porque um médico falhou, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, então, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprouve dizer-se espírita, e não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era inquirir se ele teria encontrado na Doutrina Espírita máximas capazes de justificar seus atos. Por que a ciência médica não é solidária com o crime de Lapommeraie? Porque este último não colheu nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem. Entretanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de aplicar o provérbio: "Quando se quer matar seu cão, diz-se que está raivoso."

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não passa de um instrumento, muitas vezes improdutivo para aquele que não sabe regular o seu uso com vistas ao bem. Instruir as massas sem as moralizar é pôr em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a utilizá-la, pois a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que só se dirige à inteligência. Aí está a experiência para o provar. Mas, como moralizar as massas? É o de que menos se ocuparam, e por certo não será alimentando-as com a idéia de que não há Deus, nem alma, nem esperança, porque nem todos os sofismas do mundo demonstrarão que o homem que acredita que tudo começa e acaba com o corpo tenha mais fortes razões para esforçar-se por se melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade existente entre o passado, o presente e o futuro. E, contudo, é essa crença no niilismo que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor à Humanidade como o elemento por excelência do progresso moral.

Citando Victor Hugo, o autor esquece, ou melhor, nem desconfia de que este último tenha afirmado abertamente, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que não é Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por mais lamentável que seja o abuso praticado em nome do Espiritismo nesta questão, nenhum espírita se abalou com as conseqüências que pudessem resultar para a Doutrina. É que, com efeito, sendo sua moral inatacável, não podia ser atingida. Ao contrário, prova a experiência que não há uma só das circunstâncias que envolveram o nome do Espiritismo que não tenha redundado em seu proveito, pelo aumento do número de seus adeptos, porque o exame que a repercussão provoca só lhe pode ser vantajoso. Todavia, é de notar que, neste caso, com poucas exceções, a imprensa se absteve de qualquer comentário a respeito do Espiritismo. Há alguns anos ela teria alimentado suas colunas

durante dois meses e não deixaria de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da Doutrina. Igualmente pôde-se notar que, em seu requisitório, nem o presidente da corte, nem o procurador-geral insistiram na circunstância para dela tirar qualquer ilação. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

O Espiritismo em Toda Parte

LAMARTINE

Ante as oscilações do céu e do navio,
No encapelado mar com suas ondas lentas,
Mentalmente o homem dobra um Cabo das Tormentas,
E passa sob o raio e sob a escuridade,
O trópico a agitar de uma outra Humanidade.

O *Siècle* de 20 de maio último citava estes versos a propósito de um artigo sobre a crise comercial. Que têm eles de espíritas? perguntarão. Não se trata de almas, nem de Espíritos. Poder-se-ia perguntar, com mais razão, que relação têm com o fundo do artigo, no qual estavam enquadrados, tratando de taxas de mercadorias. Interessam muito mais diretamente ao Espiritismo, porque é, sob outra forma, o pensamento expresso pelos Espíritos sobre o futuro que se prepara; é, numa linguagem ao mesmo tempo sublime e concisa, o anúncio das convulsões que a Humanidade terá que sofrer para a sua regeneração e que, de todos os lados, os Espíritos nos fazem pressentir como iminentes. Tudo se resume neste pensamento profundo: *uma outra Humanidade*, imagem da Humanidade transformada, do novo mundo moral substituindo o velho mundo que desaba. Os preliminares destas modificações já se fazem sentir, razão por que os Espíritos nos repetem de todas as formas que os tempos são chegados. O Sr. Lamartine aí fez uma verdadeira profecia, cuja realização começamos a ver.

ETIENNE DE JOUY (DA ACADEMIA FRANCESA)

Lê-se o que se segue no tomo XVI das obras completas do Sr. de Jouy, intitulado: *Misturas*, página 99. É um diálogo entre Madame de Staël, morta, e o Sr. duque de Broglie, vivo.

O Sr. de Broglie – Que vejo! Será possível?

Madame de Staël – Meu caro Victor, não vos alarmeis e, sem me interrogar sobre um prodígio, cuja causa nenhum ser vivo poderia penetrar, gozai comigo um momento de felicidade, que a nós ambos proporciona esta aparição noturna. Como vedes, há laços que a própria morte não poderia cortar. A suave concordância de sentimentos, de vistas, de opiniões, forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal e que impede que o que esteve longamente unido seja separado para sempre.

O Sr. de Broglie – Creio que poderia explicar esta feliz simpatia pela concordância intelectual.

Madame de Staël – Rogo que nada expliquemos; não tenho tempo a perder. Essas relações de amor que sobrevivem aos órgãos materiais não me deixam estranha aos sentimentos dos objetos de minhas mais ternas afeições. Meus filhos vivem; honram e prezam minha memória, bem o sei. Mas é nisso que se limitam minhas presentes relações com a Terra; a noite que cai envolve todo o resto.

No mesmo tomo, página 83 e seguintes, há um outro diálogo, onde entram em cena várias personagens históricas, revelando sua existência e o papel que representaram em *vidas sucessivas*.

O correspondente que nos dirige esta nota acrescenta:

"Como vós, creio que o melhor meio de trazer à Doutrina que preconizamos bom número de recalcitrantes é fazê-los

ver que o que olham como um bicho-papão, pronto para os devorar, ou como uma ridícula brincadeira, não passa do que despontou no cérebro dos pensadores sérios de todos os tempos, apenas pela meditação nos destinos do homem."

O Sr. Jouy escrevia no início deste século. Suas obras completas foram publicadas no começo de 1823, em vinte e sete volumes in-8º, pela casa Didot.

Sílvio Pellico

(Extraído de *Minhas Prisões*, por Sílvio Pellico, cap. XLV e XLVI)

"Semelhante estado era uma verdadeira doença; não sei se devo dizer uma espécie de sonambulismo. Parecia-me que havia em mim dois homens: um que queria escrever continuamente, outro que queria fazer outra coisa...

"Durante essas noites horríveis, por vezes minha imaginação se exaltava a tal ponto que, bem desperto, me parecia ouvir em minha prisão, ora gemidos, ora risos abafados. Desde a infância jamais tinha acreditado em feiticeiros, nem em Espíritos, mas agora esses risos e esses ruídos me assustavam; não sabia como explicá-los; era forçado a duvidar se não era joguete de alguma força desconhecida e malfazeja.

"Várias vezes, trêmulo, tomei da luz e olhei se alguém não estaria escondido sob o meu leito, para se divertir comigo. Quando estava à mesa, ora me parecia que alguém me puxava pela roupa, ora que empurravam um livro que caía no chão; também pensava que uma pessoa, atrás de mim, soprava a vela para que ela se apagasse. Então, erguendo-me precipitadamente, olhava em meu redor; andava desconfiado e me perguntava se estava louco ou na plenitude da razão, porque, em meio a tudo que experimentava, não mais sabia distinguir a realidade da ilusão, e exclamava com angústia: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

"Uma vez, tendo me deitado antes da aurora, julguei estar perfeitamente seguro de haver posto meu lenço sob o travesseiro. Depois de um momento de torpor, despertei como de costume e pareceu-me que me estrangulavam. Senti o pescoço bem apertado. Coisa estranha! estava envolto no meu lenço, fortemente amarrado por vários nós! Eu teria jurado não ter dado esses nós, não haver tocado no lenço desde que o pusera sob o travesseiro. Era preciso que o tivesse feito sonhando ou num acesso de delírio, sem guardar a menor lembrança. Mas não podia crê-lo, e, desde esse momento, todas as noites temia ser estrangulado."

Se alguns desses fatos podem ser atribuídos a uma imaginação superexcitada pelo sofrimento, outros há que realmente parecem ser provocados por agentes invisíveis, e não se deve esquecer que Sílvio Pellico não acreditava nessas coisas. Esta causa não podia acudir-lhe ao pensamento e, na impossibilidade de explicá-la, o que se passava à sua volta enchia-o de terror. Hoje, que seu Espírito está desprendido do véu da matéria, ele se dá conta não só desses fatos, mas das diversas peripécias de sua vida; reconhece como justo o que antes lhe parecia injusto. Deu sua explicação na comunicação seguinte, solicitada com esta finalidade.

(Sociedade de Paris, 18 de outubro de 1867)

Como é grande e poderoso esse Deus que os humanos rebaixam sem cessar, querendo defini-lo, e como as mesquinhas paixões que lhe atribuímos para o compreender são uma prova de nossa fraqueza e de nosso pouco adiantamento! um Deus vingador! um Deus juiz! um Deus carrasco! Não; tudo isto só existe na imaginação humana, incapaz de compreender o infinito. Que louca temeridade querer definir Deus! Ele é o incompreensível e o indefinível, e não podemos senão nos inclinar sob sua mão poderosa, sem procurar compreender e analisar sua natureza. Os fatos aí estão para provar que ele existe! Estudemos esses fatos e, por meio deles, remontemos de causa em causa tão longe quanto

possamos ir; mas não nos lancemos à causa das causas senão quando possuirmos inteiramente as causas secundárias e quando compreendermos todos os seus efeitos!...

Sim, as leis do Eterno são imutáveis! Hoje elas ferem o culpado, como sempre o feriram, conforme a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. Ferem de maneira inexorável, e são seguidas de conseqüências morais, não fatais, mas inevitáveis. A pena de talião é um fato, e a palavra da antiga lei "Olho por olho, dente por dente", cumpre-se em todo o seu rigor. Não só o orgulhoso é humilhado, mas é ferido em seu orgulho da mesma maneira por que feriu os outros. O juiz iníquo se vê condenar injustamente; o déspota tornar-se oprimido!

Sim, governei os homens; fi-los dobrarem-se sob um jugo de ferro; eu os feri em suas afeições e em sua liberdade; e mais tarde, por minha vez, tive que me dobrar ao opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!

Mas, como o opressor da véspera pode tornar-se o republicano do dia seguinte? A coisa é das mais simples e a observação dos fatos que se passam aos vossos olhos deveria vos dar a chave. Não vedes, no curso de uma só existência, uma mesma personalidade ora dominadora, ora dominada? e não acontece que, se governa despoticamente no primeiro caso, é, no segundo, uma das que mais energicamente lutam contra o despotismo?

Sucede a mesma coisa de uma existência a outra. Certamente esta não é uma regra sem exceção, mas, em geral, os que aparentemente são os mais obstinados liberais, foram outrora os mais ardentes partidários do poder; e isto se compreende, porque é lógico que os que estavam habituados por muito tempo a reinar sem contestação e a satisfazer sem entraves os seus mínimos caprichos, sejam os que mais sofram a opressão, e os mais ardentes para sacudir o seu jugo.

O despotismo e seus excessos, por uma admirável conseqüência das leis de Deus, arrastam necessariamente os que os exercem a um amor imoderado da liberdade, e esses dois excessos, consumindo-se reciprocamente, trazem inevitavelmente a calma e a moderação.

Tais são, a propósito do desejo que exprimistes, as explicações que julguei por bem vos dar. Ficarei contente se elas puderem vos satisfazer.

Sílvio Pellico

Variedades

O AVARENTO DA RUA DO FORNO

O jornal *Petite Presse*, de 19 de novembro de 1868, reproduzia o fato seguinte, conforme o *Droit:*

"Numa miserável mansarda da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobremente um indivíduo de certa idade, chamado P... Não recebia ninguém; ele mesmo preparava a comida, muito mais frugal que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, dormia num catre ainda mais repugnante. De magreza extrema, parecia mirrado pelas privações de toda sorte e em geral era considerado como vítima da mais profunda miséria.

"Entretanto, um cheiro fétido tinha começado a espalhar-se na casa. Aumentou de intensidade e acabou por atingir um pequeno restaurante, situado no pavimento térreo, a ponto de os consumidores se queixarem.

"Procuraram, então, a causa desses miasmas e a acabaram descobrindo que provinham do alojamento ocupado pelo senhor P...

"Esta descoberta fez lembrar que esse homem há tempos não era visto e, temendo que lhe houvesse sucedido uma desgraça, apressaram-se em avisar o comissário de polícia do bairro.

"Imediatamente a autoridade judiciária foi ao local e mandou um serralheiro abrir a porta. Mas, assim que quiseram entrar no quarto, quase se sufocaram e tiveram de se retirar prontamente. Só depois de ter deixado por algum tempo entrar o ar do exterior é que puderam entrar e proceder às constatações com os devidos cuidados.

"Um triste espetáculo ofereceu-se ao comissário e ao médico que o acompanhava. Estendido sobre o leito, o corpo do Sr. P... encontrava-se em estado de completa putrefação; estava coberto de moscas-varejeiras e milhares de vermes roíam as carnes, que caíam aos pedaços.

"O estado de decomposição não permitiu reconhecer com exatidão a causa da morte, que ocorrera há bastante tempo, mas a ausência de qualquer traço de violência fez pensar que se deveu a uma causa natural, como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontraram num móvel uma soma de cerca de 35.000 francos, tanto em numerário quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

"Depois das formalidades ordinárias, apressaram-se em retirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram selados e recolhidos."

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, esse homem deu a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868 – Médium: Sr. Rul.)

Perguntais por que me deixei morrer de fome, quando possuía um tesouro? De fato, 35.000 francos são uma fortuna! Ai! senhores, sois muito instruídos sobre o que se passa em torno de

vós, para não compreender que eu sofria provações, e meu fim diz bastante que fali. Com efeito, numa existência anterior eu tinha lutado com energia contra a pobreza, que não havia dominado senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude labor. Por isso, não fui sensível com os pobres, que enxotava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo quanto ganhava para minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi para provação, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado nos gostos e partilhar minha fortuna com os pobres, meus irmãos deserdados.

Mantive a palavra? Vedes o contrário; porque fui muito sóbrio, temperante, mais que temperante. Mas não fui caridoso.

Meu fim desventurado foi apenas o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, quando vejo com os olhos do Espírito. Assim, não teria tido a coragem de me apresentar a vós, se não me tivessem assegurado que sois bons, compassivos com a desgraça; venho pedir que oreis por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu. E vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.

O avarento da Rua do Forno

SUICÍDIO POR OBSESSÃO

Lê-se no *Droit:*

"O Sr. Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Pont, avistou ontem um jovem que, depois de ter

vagueado por algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se jogou no Marne. Imediatamente foi em seu socorro e, ao cabo de sete minutos, retirou-o. Mas a asfixia já era completa, tendo sido infrutíferas todas as tentativas feitas para reanimar aquele infeliz.

"Uma carta encontrada com ele revelou tratar-se do Sr. Paul D..., de vinte e dois anos, residente à rua Sedaine, em Paris. A carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por o abandonar e dizia que havia dois anos era dominado por uma idéia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir. Acrescentava que lhe parecia ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem tréguas e, malgrado todos os seus esforços, não podia impedir-se de ir para ela. Encontraram, também, no bolso do paletó, uma corda nova, na qual tinha sido feito um nó corredio. Depois do exame médico-legal, o corpo foi entregue à família."

A obsessão aqui está bem evidente e, o que não o está menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova de que esse mal não é inerente à crença. Mas, se o Espiritismo nada tem a ver com o caso, só ele pode dar a sua explicação. Eis a instrução dada a respeito por um dos nossos Espíritos familiares, e da qual ressalta que, malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, não sucumbiu à fatalidade. Tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido. Se tivesse sido espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não podia ser senão a de um Espírito mau e as conseqüências terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris – Grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868 – Médium: Sr. Nivard)

A voz dizia: Vem! vem! Mas essa voz do tentador teria sido ineficaz, se a ação direta do Espírito não se tivesse feito sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Por quê? Seu passado era a causa da situação dolorosa em que se achava; apegava-se à vida e temia a morte. Mas, pergunto, nesse apelo incessante que

ouvia, encontrou força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Superou os temores, porque, enfim, esperava encontrar do outro lado da vida o repouso que o lado de cá lhe negava. Foi enganado: o repouso não veio. As trevas o cercam, sua consciência lhe censura o ato de fraqueza e o Espírito que o arrastou escarnece ao seu redor e o criva de motejos constantes. O cego não o vê, mas escuta a voz que lhe repete: Vem! vem! E depois zomba de suas torturas.

A causa deste caso de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi impelido ao suicídio por esse que acaba de fazer cair no abismo. Era sua mulher na existência precedente e tinha sofrido consideravelmente com a devassidão e as brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar com resignação e coragem a situação que lhe era dada, buscou na morte um refúgio contra seus males. Vingou-se depois, e sabeis como. Entretanto, o ato desse infeliz não era fatal; tinha aceito os riscos da tentação; esta era necessária ao seu adiantamento, porque só ela podia fazer desaparecer a mancha que havia sujado sua existência anterior. Aceitara seus riscos com a esperança de ser mais forte e se havia enganado: sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Rogai a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tanto necessita, a coragem e a força para não falir nas provas que tiver de suportar mais tarde.

Louis Nivard

Dissertações Espíritas

AS ARTES E O ESPIRITISMO

(Paris – Grupo Desliens, 25 de novembro de 1868 – Médium: Sr. Desliens)

Porventura houve uma época em que existiram mais poetas, mais pintores, escultores, literatos e artistas de todos os

gêneros? uma época em que a poesia, a pintura, a escultura, seja qual for a arte, tenha sido acolhida com mais desdém? Tudo está no marasmo! e nada, a não ser o que se liga à fúria positivista do século, tem chance de ser apreciado favoravelmente.

Sem dúvida ainda há alguns amigos do belo, do grande, do verdadeiro; mas, ao lado, quantos profanadores, quer entre os executantes, quer entre os amadores! Não há mais pintores; só há amadores! Não é a glória que se persegue! ela vem a passos muito lentos para a nossa geração apressada. Ver a fama e a auréola do talento, coroar uma existência em seu declínio, o que é isto? Uma quimera, boa ao menos para os artistas do passado. Então se tinha tempo de viver; hoje, apenas o de gozar! É preciso, pois, chegar, e prontamente, à fortuna; é preciso fazer um nome por *uma feitura original*, pela intriga, por todos os meios mais ou menos confessáveis com que a civilização cumula os povos que tocam um progresso imenso para frente ou uma decadência sem remissão.

Que importa se a celebridade conquistada desaparece com tanta rapidez quanto a existência do efêmero! Que importa a brevidade do brilho!... É uma eternidade se esse tempo bastou para adquirir a fortuna, a chave dos prazeres e do *dolce far niente!*

É a luta corajosa com a provação que faz o talento; a luta com a fortuna o enerva e mata!

Tudo cai, tudo periclita, porque não há mais crença!

Pensais que o pintor creia em si mesmo? Sim, por vezes chega a isso; mas, em geral, não crê senão cegamente, senão no entusiasmo do público, e o aproveita até que um novo capricho venha transportar alhures a torrente de favores que nele penetrava!

Como fazer quadros religiosos ou mitológicos que sensibilizam e comovem, quando desapareceram as crenças nas idéias que eles representam?

Tem-se talento, esculpe-se o mármore, dá-se-lhe a forma humana; mas é sempre uma pedra fria e insensível: não há vida! Belas formas, mas não a centelha que cria a imortalidade!

Os mestres da antiguidade fizeram deuses, porque acreditavam nesses desuses. Nossos escultores atuais, que neles não crêem, fazem apenas homens. Mas, venha a fé, ainda que ilógica e sem um objetivo sério, e gerará obras-primas; se a razão os guiar, não haverá limites que ela não possa atingir! Campos imensos, completamente inexplorados, abrem-se à juventude atual, a todos quantos um poderoso sentimento de convicção impele para um caminho, seja ele qual for. Literatura, arquitetura, pintura, história, tudo receberá do aguilhão espírita o novo batismo de fogo, necessário para dar vitalidade à sociedade expirante; porque, no coração de todos os que o aceitarem, será posto um ardente amor pela Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino.

Um artista, ***Ducornet***

A MÚSICA ESPÍRITA

(Paris – Grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868 – Médium: Sr. Desliens)

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o presidente deu-me a honra de perguntar minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que a ela poderia trazer a influência das crenças espíritas. Se não atendi imediatamente a esse benévolo e simpático apelo, crede, senhores, que só uma causa maior motivou a minha abstenção.

Os músicos, ai! são homens como os outros, talvez mais homens, isto é, nessa condição, falíveis e pecadores. Não fui isento de fraquezas, e se Deus me deu vida longa, a fim de me dar tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, a adulação dos cortesãos muitas vezes me tiraram o meio. Um maestro é uma potência, neste mundo onde o prazer

representa tão grande papel. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, enternecer o coração, vê muitas ciladas criadas sob seus passos e nelas cai o infeliz! Inebria-se com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos e ele vai direto ao abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

Contudo, a despeito de meus erros, eu tinha fé em Deus; cria na alma que vibrava em mim, a qual, desprendida de seu cárcere sonoro, logo se reconheceu em meio às harmonias da Criação e confundiu sua prece com as que se elevam da Natureza ao infinito, da criatura ao ser incriado!...

Estou feliz pelo sentimento que provocou minha vinda entre os espíritas, porque foi a simpatia que a ditou e, se a princípio a curiosidade me atraiu, é ao meu reconhecimento que deveis a minha apreciação da pergunta que foi feita. Eu lá estava, prestes a falar, crendo tudo saber, quando meu orgulho, caindo, revelou a minha ignorância. Fiquei mudo e escutei. Voltei, instrui-me e, quando às palavras de verdade emitidas por vossos instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, disse-me: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas, segundo os homens, nada fez, infelizmente, senão debulhar algumas das pérolas menos perfeitas do escrínio musical criado pelo mestre dos maestros. Rossini juntou notas, compôs melodias, provou a taça que contém todas as harmonias; roubou algumas centelhas ao fogo sagrado; mas esse fogo sagrado, nem ele criou, nem os outros! – Nada inventamos: copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude quando não deformamos demais a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!... Quem poderia encarregar-se disto? Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em uníssono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia captar-lhe os matizes, variados ao infinito?... Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para tais condições!... Mais tarde!... muito mais tarde!...

Esperando, talvez eu venha satisfazer em breve o vosso desejo e vos dar minha apreciação sobre o estado atual da música e vos dizer das transformações, dos progressos que o Espiritismo poderá aí introduzir. – Hoje ainda é muito cedo. O assunto é vasto, já o estudei, mas ele ainda se apodera de mim; quando dele for senhor, caso a coisa seja possível, ou melhor, quando o tiver entrevisto tanto quanto mo permitir o estado de meu espírito, eu vos satisfarei. Mas, ainda um pouco de tempo. Se só um músico pode falar bem da música do futuro, deve fazê-lo como mestre, e Rossini não quer falar como aprendiz.

Rossini

OBSESSÕES SIMULADAS

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria vir pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual tínhamos julgado dever previamente aconselhar-nos com os Espíritos.

"A piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser imprudência estabelecer relações com todos os que se apresentam a vós, sob o império de uma obsessão real ou fingida. É ainda uma prova pela qual deverá passar o Espiritismo, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos os que, por sua natureza, perturbassem o seu caminho. Ultrajaram, ridicularizam os espíritas; quiseram amedrontar aqueles a quem a curiosidade atrai para vós, colocando-vos sob o patrocínio de satanás. Nada disto teve êxito; antes de se render, querem assestar uma última bateria, pronta para abrir fogo, que, como todas as outras, redundará em vosso proveito. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o incremento da alienação mental, enviam-vos verdadeiros obsedados, diante dos quais esperam que fracasseis, e obsedados simulados, que naturalmente vos seria impossível curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência e

aconselhar os que se ocupam dos tratamentos obsessivos a consultarem os seus guias, não só quanto à natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que poderiam ter que combater. Isto é importante, e aproveito a idéia que vos foi sugerida, de antes pedir um conselho, para vos recomendar a agir sempre assim no futuro.

Quanto a essa senhora, é sincera e realmente sofredora, mas atualmente nada se pode fazer por ela, a não ser aconselhar que peça, pela oração, a calma e a resignação para suportar corajosamente sua prova. Não lhe faltam instruções dos Espíritos; seria mesmo prudente afastá-la de toda idéia de correspondência com eles, e aconselhá-la a se entregar inteiramente aos cuidados da medicina oficial.

Doutor ***Demeure***

Observação – Não é só contra as obsessões simuladas que é prudente nos precavermos, mas contra os pedidos de comunicações de toda sorte, evocações, conselhos de saúde, etc., que poderiam ser armadilhas estendidas à boa-fé, de que poderia servir-se a malevolência. Convém, pois, não aceder aos pedidos desta natureza senão com conhecimento de causa, e em relação a pessoas conhecidas ou devidamente recomendadas. Os adversários do Espiritismo vêem com desgosto o desenvolvimento que toma, contrariamente às suas previsões, e espreitam ou provocam as ocasiões de o pilhar em falta, seja para o acusar, seja para ridicularizá-lo. Em semelhante caso, é melhor pecar por excesso de circunspeção do que por imprevidência.

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII FEVEREIRO DE 1869 Nº 2

Estatística do Espiritismo[3]

APRECIAÇÃO PELO JORNAL *SOLIDARITÉ*[4]

O jornal *Solidarité*, de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo*, que publicamos em nosso número anterior. Se critica algumas de suas cifras, sentimo-nos felizes por sua adesão ao conjunto do trabalho, que aprecia nestes termos:

"Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com que o Sr. Allan Kardec faz acompanhar esta estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou em toda parte, de alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, por força das consolações e das esperanças que prodigaliza aos que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé definida;

3 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

4 O jornal *Solidarité* aparece duas vezes por mês. Preço: 10 fr. por ano. Paris, Livraria das Ciências Sociais, rue des Saints-Pères, nº 13.

enfim, que depois dos fanáticos os mais refratários às idéias espíritas são as criaturas cujos pensamentos estão todos concentrados na posse e nos prazeres materiais, seja qual for, aliás, a sua condição."

É um fato de capital importância constatar em toda parte que "a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes." Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

Propagando-se de alto a baixo da escala, o Espiritismo prova, além disso, que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, pois que se esforçam por nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se têm sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria muito outro se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção do *Solidarité* é muito séria. Refere-se ao número de espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a respeito:

"A *Revista Espírita* engana-se muito quando estima em apenas seis ou sete milhões o número de espíritas para todo o mundo. Evidentemente se esquece de contar a Ásia.

"Se pelo termo espírita entendem-se as pessoas que crêem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que se os deve contar. A crença nos Espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela constitui o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. É geral sobretudo na China. As três antigas seitas que desde tanto tempo dividem as populações no Império Central, crêem nos manes, nos Espíritos e professam o seu culto. – Pode-se mesmo dizer que este é para elas um terreno

comum. Os adoradores do *Tao* e de *Fo* aí se encontram com os sectários do filósofo *Confúcio*.

"Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tseu, ou doutores *da Razão*, devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. – Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas, que não têm mais nem menos valor que as dos nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como dados aos vivos pelo Espírito de um morto. Aí se encontram revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não, mas que são capazes de impressionar os assistentes e estimular os seus desejos, para que se encarreguem *de realizar*, eles próprios, *o oráculo*.

"Obtêm-se essas correspondências por processos que não diferem muito dos nossos espíritas, mas que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados, se se considerar a longa experiência dos operadores que os praticam tradicionalmente.

"Eis como nos são descritos por uma testemunha ocular, o Sr. D..., que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país:

"Uma vara de pescar, de 50 a 60 centímetros, é sustentada nas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, tiveram o cuidado de lacrar ou amarrar uma pequena varinha da mesma madeira, bastante semelhante a um lápis, pelo tamanho e grossura. Abaixo desse pequeno aparelho é espalhada uma camada de areia, ou uma caixa contendo farinha de milho. Deslizando *maquinalmente* sobre a areia ou a farinha de milho, a varinha traça caracteres. À medida que estes se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente no papel por um letrado presente à sessão. Daí resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessantes, mas tendo sempre um valor lógico.

"A dar-se crédito aos Tao-Tseu, esses processos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se conforme a História, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus-Cristo, é bom lembrar que, conforme a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior *ao começo* e contemporâneo da grande *não-entidade*, como exprimem os doutores *da Razão*.

"Vê-se que o Espiritismo remonta a uma belíssima antiguidade.

"Isto não prova que ele é verdadeiro? – Não, por certo, mas se basta que uma crença seja antiga para ser venerável, e forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço outra que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos."

Nem é preciso dizer que aderimos completamente a essa retificação, e nos sentimos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque prova que não procuramos exagerar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, encara o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação com justas razões.

Sabíamos perfeitamente que as idéias espíritas estão muito espalhadas nos povos do extremo Oriente, e se não as tínhamos levado em consideração é que, em nossa avaliação, não nos propusemos apresentar, conforme dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos para fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas idéias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo por nos haver precedido.

Noutro lugar ele diz: "Cremos que esta incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França), a princípio se deve à ausência de declarações positivas da parte dos adeptos;

depois, ao estado flutuante das crenças. Existe – e poderíamos citar em Paris numerosos exemplos – uma multidão de pessoas que crêem no Espiritismo e *que não se gabam disto*."

Isto é perfeitamente justo; por isso só falamos dos espíritas de fato; do contrário, como dissemos, se incluíssemos os espíritas por intuição, somente na França eles se contariam por milhões; mas preferimos ficar aquém e não além da verdade, para não sermos tachados de exagero. Contudo, é preciso que o acréscimo seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a cifras hiperbólicas, como o autor da brochura *O orçamento do Espiritismo*, que, vendo talvez os espíritas com lente de aumento, os avaliava, em 1863, em vinte milhões na França. (*Revista Espírita* de junho de 1863.)

A respeito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, diz o autor: "Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4% de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6% de iletrados é quase nada."

A crítica seria fundada se, como supõe o autor, se tratasse de 4% sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que, efetivamente, daria vinte e quatro mil. Realmente seria muito, pois se teria dificuldade em encontrar essa cifra de sábios oficiais em toda a população da França. Em tal base, o cálculo seria evidentemente ridículo e se poderia dizer outro tanto dos iletrados. Essa avaliação, portanto, não tem por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa em que se encontram a respeito dos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Nas outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica em termos percentuais. Quando utilizamos este último processo, foi para tornar mais sensível a proporção.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais, não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente os que ocupam posições oficiais, como membros de Academias, professores de Faculdades, etc., que assim se acham em maior evidência e cujos nomes, por tais motivos, fazem autoridade na Ciência. Desse ponto de vista, um doutor em Medicina pode ser sábio sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi bastante sobre a maneira de encarar certas coisas. Como prova disto, citaremos o exemplo de um médico distinto, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Era então grande partidário do magnetismo, sobre o qual havia escrito, e foi o que nos pôs em contato com ele. Aumentando a sua reputação, conquistou sucessivamente várias posições oficiais. À medida que subia, baixava seu fervor pelo magnetismo, caindo abaixo de zero quando chegou ao topo da escala, porque renegava abertamente suas antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar a posição de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, dos despreocupados, dos felizes do mundo, dos sensualistas, fornece ao autor do artigo a seguinte reflexão:

"É pena que isto seja pura fantasia. Nada de sensualistas, compreende-se; Espiritismo e materialismo se excluem; sessenta aflitos em cem espíritas ainda se compreende. É para os que choram que as relações com um mundo melhor são preciosas. Mas trinta pessoas despreocupadas em cem, é demais! Se o Espiritismo operasse tais milagres, faria muitas outras conquistas. Fá-las-ia sobretudo entre os *felizes do mundo*, que também são, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados."

Há aqui um erro manifesto, pois pareceria que esse resultado é devido ao Espiritismo, ao passo que é ele que colhe,

nessas categorias, mais ou menos adeptos conforme as predisposições que aí encontra. Essas cifras significam simplesmente que encontra mais adeptos entre os aflitos, um pouco menos entre as pessoas despreocupadas, menos ainda entre os felizes do mundo, e de modo algum entre os sensualistas.

Antes de mais, é preciso entender-se quanto às palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem sempre marcham lado a lado, já que se vêem pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há muitos materialistas bastante moderados em sua maneira de viver; para eles o materialismo não passa de uma opinião, que abraçaram em falta de outra mais racional. Eis por que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, aceitam-no com felicidade; os sensualistas, ao contrário, são os mais refratários.

Uma coisa muito bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre os que são francamente materialistas. Provavelmente isto se deve a que o panteísta quase sempre cria um sistema; possui algo, ao passo que o materialista nada tem, e esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo entendemos os que passam como tais aos olhos da multidão, porque se podem permitir largamente todos os prazeres da vida. É verdade que muitas vezes são os mais inquietos e os mais atormentados. Mas, por quê? pelas preocupações que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, das ansiedades da perda ou do ganho, da azáfama dos negócios para uns, dos prazeres para outros, resta-lhes muito pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciar ao que constitui o objeto de sua cobiça, o Espiritismo pouco os afeta, filosoficamente falando. Com exceção das penas do coração, que não poupam a ninguém, a não ser os egoístas, quase

sempre os tormentos da vida estão para eles nas decepções da vaidade, no desejo de possuir, de brilhar, de mandar. Pode-se, pois, dizer que atormentam a si mesmos.

Ao contrário, a calma e a tranqüilidade se encontram mais particularmente nas posições modestas, quando assegurado o bem-estar da vida. Aí quase não há ambição; contentam-se com o que têm, sem se atormentarem em o aumentar, correndo os riscos aleatórios da agiotagem ou da especulação. São os que chamamos *despreocupados*, falando relativamente; por pouco haja neles elevação de pensamento, ocupam-se de bom grado das coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo suscita uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que, como se vê, não é tão fantasiosa quanto supõe o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter ensejado ocasião de apontar erros que outros poderiam ter cometido, por não termos sido bastante explícitos.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque contam um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os *juízes de paz*, que estão na quinta classe, com os meirinhos e os comissários de polícia.

Uma outra omissão, contra a qual ele reclamou com justiça, e que insistem que reparemos, é a dos poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta, nessa nação, numerosos e fervorosos adeptos, desde a origem. Como classe, a Polônia vem em quinto lugar, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria preciso incluir outros países, como a Holanda, por exemplo, que viria após a

Inglaterra; Portugal depois da Grécia; as províncias do Danúbio, onde também há espíritas, mas sobre as quais não temos dados bastante positivos para lhes assinalar a classe. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de franceses, italianos e gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que pelas nações territoriais, seria pelas raças ou nacionalidades, que não estão confinadas em limites circunscritos, apresentando, por toda parte onde se espalham, maior ou menor aptidão para assimilar as idéias espíritas. Deste ponto de vista, numa mesma região, muitas vezes se teria que fazer várias distinções.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869 – Grupo Desliens – Médium: Sr. Leymarie)

Criastes categorias, caro mestre, no início das quais colocastes certas profissões. Sabeis o que, em nossa opinião, arrasta certas pessoas a se tornarem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros de que falais devem ter ordem, economia, cuidado, gosto, ser um pouco artistas e, depois, ser ainda pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com certa elegância; mas, após todas essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, ainda é preciso calcular, ordenar sua caixa pelo ativo e pelo passivo e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com homens de todas as classes, comentando as queixas, as confidências, os enganos, os rostos falsos, aprendem muito! Levando essa vida múltipla, sua inteligência se abre por comparação; seu espírito se fortifica pela decepção e pelo sofrimento. E eis por que certas categorias compreendem e aclamam todos os progressos; amam o teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muitos amam a

liberdade e todas as suas conseqüências. Sempre à frente e à espreita do que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo, que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício e, mais do que acreditais, a parte classificada como a nº 1 vive de sacrifícios.

Sonnet

O Poder do Ridículo

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: *Na França o ridículo sempre mata*. Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Por que na França, e não em outra parte? É que aqui, mais que em qualquer lugar, o espírito, ao mesmo tempo fino, cáustico e jovial, apreende, antes de tudo, o lado alegre ou ridículo das coisas; busca-o por instinto, sente-o, adivinha-o, por assim dizer fareja-o; descobre-o onde outros não o percebiam e o põe em relevo com habilidade. Mas o espírito francês quer, antes de tudo, o bom-gosto, a urbanidade até no gracejo; ri de bom grado de uma pilhéria fina, delicada, espirituosa sobretudo, ao passo que as caricaturas insossas, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do bruto, lhe repugnam, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez digam que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Muito haveria a dizer sobre *as causas* deste desvio, que não deixa de ser muito real, mas que é apenas parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, como demonstraremos qualquer dia. Apenas diremos, de passagem, que esses sucessos que surpreendem as pessoas de bom-gosto, são, em grande parte, devidos à curiosidade muito vivaz, também, no caráter francês. Mas escutai a multidão à saída de

certas exibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, resume-se nestas palavras: É repugnante! e, contudo, a gente veio, unicamente para poder dizer que viu uma excentricidade; lá não voltam, mas esperando que a multidão de curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que pedem. Dá-se o mesmo em certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em captar o lado cômico das coisas, faz do ridículo uma verdadeira potência, maior na França do que em outros países; mas é certo dizer que sempre mata?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco*, isto é, inerente à coisa mesma, e o ridículo *extrínseco*, vindo de fora e descarregado sobre uma coisa. Sem dúvida este último pode ser lançado sobre tudo, mas só fere o que é vulnerável; quando se ataca às coisas que não dão ensejo a isto, desliza sem prejudicá-las. A mais grosseira caricatura de uma estátua irreprochável nada tira de seu mérito e não a faz diminuir na opinião, pois cada um está em condições de apreciá-la.

O ridículo não tem força senão quando fere com precisão, quando ressalta com espírito e finura os pequenos defeitos reais: é então que mata; mas quando cai no falso, absolutamente não mata, ou antes, ele se mata. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, dever-se-ia dizer: "Na França, o ridículo sempre mata *o que é ridículo*." O que realmente é verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Se se ridicularizar uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Vianney, por exemplo, inspirar-se-á repulsa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Como nem todos têm o mesmo gosto, nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não

o ser para outros. Quem, pois, será o juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões do qual em vão protestam as opiniões isoladas. Algumas individualidades podem ser momentaneamente desviadas pela crítica ignorante, malévola ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas num banquete acha um prato a seu gosto, por mais que digais que é ruim, não impedireis que o comam, ou pelo menos que o provem.

Isto explica por que o ridículo, lançado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se ele não sucumbiu, não é por não ter sido revolvido em todos os sentidos, mascarado, desnaturado, grotescamente ridicularizado por seus antagonistas. E, contudo, após dez anos de encarniçada agressão, ele está mais forte do que nunca; é que ele é como a estátua de que falamos há pouco.

Em última análise, sobre o que se exerceu particularmente o sarcasmo, a propósito do Espiritismo? Naquilo em que realmente é vulnerável à crítica: os abusos, as excentricidades, as exibições, as explorações, o charlatanismo sob todos os aspectos, as práticas absurdas, que são apenas a sua paródia, de que o Espiritismo sério jamais tomou a defesa, mas que tem, ao contrário, sempre desautorizado. Assim, o ridículo não feriu, nem pôde morder senão o que era ridículo na maneira por que certas pessoas pouco esclarecidas concebem o Espiritismo. Se ainda não matou completamente esses abusos, desferiu-lhes um golpe mortal, e era de justiça.

O Espiritismo verdadeiro não pôde, pois, senão ganhar em se desembaraçar da chaga de seus parasitas, e foram os seus inimigos que disso se encarregaram. Quanto à Doutrina propriamente dita, é de notar que quase sempre ficou fora de debate, embora seja a parte principal, a alma da causa. Seus adversários bem compreenderam que o ridículo não podia atingi-

lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa resvalava sobre a couraça, daí por que o atacaram com a borduna da injúria grosseira e o soco rústico, mas com tão pouco sucesso.

Desde o início o Espiritismo pareceu a certos pobretões, uma fecunda mina a explorar por sua novidade; alguns, menos tocados pela pureza de sua moral do que pelas chances que aí entreviam, puseram-se sob a égide de seu nome, com a esperança de fazer dele um meio. São os que podem ser chamados de *espíritas de circunstância*.

Que teria acontecido a esta Doutrina se ela não tivesse usado toda a sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pululando de todos os lados, fazendo uma aliança sacrílega daquilo que há de mais sagrado: o respeito aos mortos, com a suspeita arte das feiticeiras, adivinhos, cartomantes, videntes, suprindo os Espíritos pela fraude, quando estes não vêm. Logo se teriam visto as manifestações levadas para os palcos, associadas aos truques de escamoteação; gabinetes de consultas espíritas anunciados publicamente e revendidos, como agências de emprego, conforme a importância da clientela, como se a faculdade mediúnica pudesse transmitir-se à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a Doutrina ter-se-ia tornado solidária com esses abusos; diremos mais: cúmplice. Então a crítica teria feito um belo jogo, porque, com todo o direito, poderia ter atacado a Doutrina que, por sua tolerância, houvera assumido a responsabilidade do ridículo e, por conseqüência, a justa reprovação lançada sobre os abusos; talvez ela tivesse levado mais de um século para erguer-se desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo e, ainda menos, seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação e estejam aptos para o considerarem como uma coisa santa e respeitável.

Estigmatizando a exploração, como temos feito, temos certeza de haver preservado a Doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque caminhava para o seu descrédito; por isto mesmo, ela lhes teria apresentado um lado vulnerável, ao passo que eles se detiveram ante a pureza de seus princípios. Não ignoramos que contra nós suscitamos a animosidade dos exploradores e que nos afastamos de seus partidários. Mas, que importa? Nosso dever é resguardar os interesses da Doutrina, e não os deles, e esse dever nós cumpriremos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era pouca coisa lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo um charlatanismo estimulado, muitas vezes suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo, porquanto, depois de ter fracassado pelos argumentos, bem compreendiam que o que lhes poderia ser mais fatal era o ridículo. Por isso, o mais seguro meio seria fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de o desacreditar na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos e nos secundaram em nossos esforços reagindo por seu lado contra as tendências que ameaçavam desenvolver-se. Não serão alguns casos de manifestações, supondo-os reais, dados como espetáculo, como chamariz à minoria, que darão verdadeiros prosélitos ao Espiritismo, porque, em tais condições, eles autorizam a suspeita. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que, se os Espíritos realmente se comunicam, não será para servirem de comparsas ou de cúmplices a tanto por sessão; por isso riem deles; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e estão cem vezes com a razão. Para uma pessoa que seja levada ao Espiritismo por essa via, sempre supondo um fato real, haverá cem que se afastarão, sem dele quererem ouvir falar mais. Outra será a impressão nos meios onde nada de equívoco pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa-fé e do desinteresse, onde a notória

honorabilidade das pessoas impõe respeito. Se daí não se sai convencido, pelo menos não se leva a idéia de uma charlatanice.

Assim, o Espiritismo nada tem a ganhar, e só poderia perder, apoiando-se na exploração, enquanto os exploradores é que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo a tal ou qual fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que conquistar por sua moralidade. É por aí que triunfou e triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está no seu caráter moral, e é o que não lhe poderão tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas na qual ainda terá grandes lutas a sustentar; é preciso, pois, que seja forte por si mesmo e, para ser forte, deve ser respeitado. Cabe aos seus adeptos dedicados fazê-lo respeitar, inicialmente pregando-o pela palavra e pelo exemplo; depois, desaprovando, em nome da Doutrina, tudo quanto pudesse prejudicar a consideração de que deve ser rodeado. É assim que poderá afrontar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

Um Caso de Loucura Causada pelo Medo do Diabo

Numa cidadezinha da antiga Borgonha, que nos abstemos de citar, mas que poderíamos fazê-lo, caso necessário, existe um pobre velho que a fé espírita sustenta em sua miséria, vivendo penosamente da venda ambulante de quinquilharias pelas localidades vizinhas. É um homem bom, compassivo, prestando serviços sempre que se oferece ocasião, e certamente acima de sua posição pela elevação de seus pensamentos. O Espiritismo lhe deu a fé em Deus e na imortalidade, a coragem e a resignação.

Um dia, num de seus giros, encontrou uma jovem viúva, mãe de várias crianças que, após a morte do marido, a quem

adorava, perdida de desespero e vendo-se sem recursos, perdeu a razão completamente. Atraído pela simpatia para essa grande dor, procurou ver essa infeliz mulher, a fim de julgar se o seu estado era irremediável. A miséria em que a encontrou redobrou sua compaixão; mas, como também fosse pobre, só lhe podia dar consolo.

"Eu a vi várias vezes", disse ele a um de nossos colegas da Sociedade de Paris, que o conhecia e tinha ido vê-lo; "um dia eu lhe disse, em tom de persuasão, que aquele que ela lamentava não estava perdido para sempre; que estava perto dela, embora não o visse, e que eu podia, se ela quisesse, fazê-la conversar com ele. A estas palavras, seu rosto pareceu alegrar-se; um raio de esperança brilhou em seus olhos apagados." – "Não me enganareis?" perguntou ela; "Ah! se isto pudesse ser verdade!"

"Sendo bom médium escrevente, obtive na sessão uma curta comunicação de seu marido, que lhe causou doce satisfação. Vim vê-la várias vezes, e de cada vez seu marido conversava com ela por meu intermédio; ela o interrogava e ele respondia de maneira a não lhe deixar qualquer dúvida sobre a sua presença, porque lhe falava de coisas que eu mesmo ignorava; encorajava-a, exortava-a à resignação e lhe garantia que um dia iriam encontrar-se.

"Pouco a pouco, sob o império dessa doce emoção e desses pensamentos consoladores, a calma voltou à sua alma, a razão lhe voltava a olhos vistos e, ao cabo de alguns meses, estava completamente curada e pôde entregar-se ao trabalho, que devia alimentá-la e aos filhos.

"Essa cura fez grande sensação entre os camponeses do vilarejo. Assim, tudo ia bem; agradeci a Deus por me haver permitido arrancar essa infeliz da opressão do desespero; também agradeci aos Espíritos bons por sua assistência, pois todo o mundo

sabia que essa cura tinha sido produzida pelo Espiritismo, com o que eu me regozijava. Mas eu tinha o cuidado de lhes dizer que nisso nada havia de sobrenatural, explicando-lhes o melhor que podia os princípios da sublime Doutrina, que dá tanta consolação e já fez tão grande número de pessoas felizes.

"Esta cura inesperada inquietou vivamente o padre do lugar; ele visitou a viúva, que tinha abandonado completamente, desde a sua moléstia. Dela ficou sabendo como e por quem ela e os filhos foram curados; que agora tinha a certeza de não estar separada do marido; que a alegria que sentia, a confiança que isto lhe dava na bondade de Deus, a fé de que estava animada tinham sido a principal causa de seu restabelecimento.

"Ai! todo o bem no qual eu pusera tanta perseverança em produzir ia ser destruído; o cura fez vir a infeliz viúva à paróquia; começou por lançar a dúvida em sua alma; depois fez que ela acreditasse que era um demônio, que eu não operava senão em seu nome, que ela agora estava em seu poder; e agiu tão bem que a pobre mulher, que ainda carecia dos maiores cuidados, fragilizada por tantas emoções, recaiu num estado pior do que da primeira vez. Hoje por toda parte só vê diabos, demônios e o inferno. Sua loucura é completa e devem conduzi-la a um hospício de alienados."

O que havia causado a primeira loucura daquela mulher? O desespero. O que lhe havia restituído a razão? As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno. Este fato dispensa qualquer comentário. Como se vê, o clero fez mal em pretender, como tem feito em muitos escritos e sermões, que o Espiritismo leva à loucura, quando, com justiça, se lhe pode devolver o argumento. Aliás, aí estão as estatísticas oficiais para provar que a exaltação das idéias religiosas entra em parte notável

nos casos de loucura. Antes de lançar a pedra em alguém, seria prudente ver se ela não poderá cair sobre si mesmo.

Que impressão esse fato deve produzir na população daquele vilarejo? Certamente não será em favor da causa sustentada pelo Sr. cura, porque o resultado material está sob os olhos. Se ele pensa em recrutar partidários pela crença no diabo, engana-se redondamente, e é triste ver a Igreja fazer dessa crença uma pedra angular da fé. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, 27.)

Um Espírito que Julga Sonhar

Várias vezes têm sido vistos Espíritos que ainda se julgam vivos, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como seu corpo material. Eis um deles, numa posição pouco comum: não se julgando morto, tem consciência de sua intangibilidade; mas, como em vida era profundamente materialista, em crença e em gênero de vida, imagina que sonha, e tudo quanto lhe foi dito não pôde arrancá-lo do erro, tão persuadido está de que tudo acaba com o corpo. Era um homem de muito espírito, escritor distinto, que designaremos pelo nome de *Luís*. Fazia parte do grupo de notabilidades que, em dezembro último, partiu para o mundo dos Espíritos. Há alguns anos veio à nossa casa, onde testemunhou diversos casos de mediunidade; aí viu principalmente um sonâmbulo, que lhe deu evidentes provas de lucidez, em coisas que lhe eram inteiramente pessoais, mas nem por isto se convenceu da existência de um princípio espiritual.

Numa sessão do grupo do Sr. Desliens, em 22 de dezembro, ele veio espontaneamente comunicar-se por um dos médiuns, o Sr. Leymarie, sem que ninguém tivesse pensado nele. Tinha morrido há oito dias. Eis o que fez escrever:

"Que sonho singular!... sinto-me arrastado por um turbilhão, cuja direção não compreendo... Alguns amigos, que julgava mortos, convidaram-me para um passeio, e eis-nos arrastados. Para onde vamos? Olha!... estranha brincadeira! Para um grupo espírita!... Ah! que farsa engraçada, ver essa boa gente conscienciosamente reunida!... Conheço uma dessas figuras... Onde a vi? Não sei... (Era o Sr. Desliens, que se achava na sessão acima mencionada.) Talvez em casa desse bravo Allan Kardec, que uma vez quis provar-me que eu tinha uma alma, fazendo-me apalpar a imortalidade. Mas, em vão apelaram aos Espíritos, às almas: tudo falhou; como nesses jantares mal preparados, nenhum prato servido prestava. Entretanto, eu não desconfiava da boa-fé do sumo-sacerdote; julgo-o um homem honesto, mas um orgulhoso papalvo da assim chamada erraticidade.

"Eu vos ouvi, senhores e senhoras, e vos apresento meus respeitosos cumprimentos. Escreveis, ao que me parece, e vossas mãos ágeis sem dúvida vão transcrever o pensamento dos invisíveis!... espetáculo inocente!... sonho insensato este meu! Eis um que escreve o que digo a mim mesmo... Mas absolutamente não sois divertidos, nem também meus amigos, que têm semblantes compassivos como os vossos. (Os Espíritos dos que haviam morrido antes dele, e que ele julga ver em sonho.)

"Ah! certamente é uma estranha mania deste valente povo francês! Tiraram-lhe de uma vez a instrução, a fé, o direito, a liberdade de pensar e escrever, e esse bravo povo se atira em devaneios, em sonhos. Dorme acordado este país das Gálias e é maravilhoso vê-lo agir!

"Entretanto, ei-los em busca de um problema insolúvel, condenado pela Ciência, pelos pensadores, pelos trabalhadores!... falta-lhes instrução... A ignorância é a lei de Loiola largamente aplicada... têm diante de si todas as liberdades; podem atingir todos os abusos, destruí-los, enfim tornar-se seu senhor, senhor viril, econômico, sério, legal, etc., e, como crianças pequenas, falta-lhes a

religião, um papa, um cura, a primeira comunhão, o batismo, um guia para tudo e para sempre. Faltam chocalhos a essas crianças grandes, e os grupos espíritas ou espiritualistas lhas dão.

"Ah! se realmente houvesse um grão de verdade em vossas elucubrações! mas haveria, para o materialista, matéria para o suicídio!... Olhai! eu vivi largamente; desprezei a carne, revoltei-a; ri dos deveres de família, de amizade. Apaixonado, usei e abusei de todas as volúpias, e isto com a convicção de que obedecia às atrações da matéria, única lei verdadeira em vossa Terra, e isto eu repetirei ao meu despertar, com a mesma fúria, o mesmo ardor, a mesma habilidade. Tomarei a um amigo, a um vizinho, sua mulher, sua filha ou sua pupila, pouco importa, desde que, estando mergulhado nas delícias da matéria, eu renda homenagem a essa divindade, senhora de todas as ações humanas.

"Mas, e se me tivesse enganado?... se tivesse deixado passar a verdade?... se, realmente, houvesse outras vidas anteriores e existências sucessivas após a morte?... se o Espírito fosse uma personalidade viva, eterna, progressiva, rindo da morte, retemperando-se no que chamamos provação?... então haveria um Deus de justiça e de bondade?... eu seria um miserável... e a escola materialista, culpada do crime de lesa-nação, teria tentado decapitar a verdade, a razão!... eu seria, ou antes, nós seríamos profundos celerados, refinados pretensamente liberais!... Oh! então se estivésseis com a verdade, eu daria um tiro nos miolos ao despertar, tão certo quanto me chamo..."

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito vem manifestar-se novamente, não pela escrita, mas pela palavra, servindo-se do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Falou durante uma hora, e foi uma das cenas mais curiosas, porque o médium assumiu a sua pose, os gestos, a voz, a linguagem, a ponto de ser facilmente reconhecido pelos que o tinham visto. A conversa foi recolhida com cuidado e

fielmente reproduzida, mas sua extensão não nos permite publicá-la. Aliás, não foi senão o desenvolvimento de sua tese; a todas as objeções e perguntas que lhe foram feitas, pretendeu tudo explicar pelo estado de sonho e, naturalmente, perdeu-se num labirinto de sofismas. Ele próprio lembrou os principais episódios da sessão a que aludira na sua comunicação escrita, e disse:

"Eu bem tinha razão de dizer que tudo havia falhado. Olhai, eis a prova. Eu tinha feito esta pergunta: Há um Deus? Pois bem! todos os vossos pretensos Espíritos responderam afirmativamente. Vedes que estavam ao lado da verdade e não a conhecem mais do que vós." Uma pergunta, entretanto, o embaraçou muito, por isso procurou constantes subterfúgios para dela se esquivar. Foi esta: "O corpo pelo qual nos falais não é o vosso, porque é magro e o vosso era gordo. Onde está o vosso verdadeiro corpo? Não está aqui, pois não estais em vossa casa. Quando se sonha, está-se em seu leito. Ide, pois, ver em vosso leito se o vosso corpo lá está e dizei-nos como podeis estar aqui sem o vosso corpo?"

Perdendo a paciência por estas reiteradas perguntas, às quais apenas respondia pelas palavras: "Efeitos bizarros dos sonhos", acabou dizendo: "Bem vejo que queríeis despertar-me. Deixai-me." Desde então crê sonhar sempre.

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a seguinte comunicação:

Eis aqui uma substituição de pessoa, um disfarce. O Espírito recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inação, isto é, a contemplação do que se passa. Está na posição de um homem, que momentaneamente empresta a sua residência e assiste às diversas cenas que aí são representadas com o auxílio de seus móveis. Se preferir gozar da liberdade, ele o pode, a menos que não tenha interesse em ficar como espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade desse fenômeno, quando sabeis que o Espírito pode retirar-se com o seu perispírito para mais ou menos longe de seu envoltório corporal. Quando o fato acontece sem que nenhum Espírito o aproveite para tomar o lugar, há catalepsia. Quando um Espírito deseja aí entrar para agir e tomar por um instante sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e dá o movimento à máquina. Mas os movimentos, a voz, não são os mesmos, porque os fluidos perispirituais não mais afetam o sistema nervoso da mesma maneira que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; para isto, seria preciso a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela nem mesmo pode ser de longa duração, uma vez que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a formação deste, nele não tem raízes; não tendo sido modelado por esse corpo, não é adequado ao funcionamento dos órgãos; o Espírito intruso aí não está numa posição normal; é incomodado em seus movimentos, razão por que deixa essa vestimenta de empréstimo, desde que dela não mais necessite.

Quanto à posição particular do Espírito em questão, não veio voluntariamente ao corpo de que se serviu para falar; a ele foi atraído pelo próprio Espírito Morin, que quis tirar prazer de seu embaraço; o outro, porque cedeu ao secreto desejo de se mostrar, ainda e sempre, como céptico e zombador, aproveitou a ocasião que lhe era oferecida. O papel um tanto ridículo que representou, por assim dizer malgrado seu, servindo-se de sofismas para explicar sua posição, é uma espécie de humilhação, cujo amargor sentirá ao despertar, e que lhe será proveitoso.

Observação – O despertar desse Espírito não poderá deixar de provocar observações instrutivas. Como se viu, em vida era um tipo de materialista sensualista; jamais teria aceitado o

Espiritismo. Os homens dessa categoria buscam as consolações da vida nos prazeres materiais; não são da escola de Büchner pelo estudo; mas porque esta doutrina liberta do constrangimento imposto pela espiritualidade, ela deve, em sua opinião, estar certa. Para eles, o Espiritismo não é um benefício, mas um constrangimento; não há provas que possam triunfar de sua obstinação; repelem-nas, menos por convicção do que por medo de que sejam verdadeiras.

Um Espírito que se Julga Proprietário

Em casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, desde algum tempo vinham bater à porta, mas, quando iam abrir, não encontravam ninguém. Os toques de campainha eram dados com força e como que por alguém que estivesse resolvido a entrar. Tendo sido tomadas todas as precauções para assegurar-se de que o fato não se devia nem a uma causa acidental, nem à malevolência, concluiu-se que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão o dono da casa pediu ao visitante invisível que se desse a conhecer e dissesse o que desejava. Eis as duas comunicações que deu:

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868)

Agradeço-vos, senhor, o amável convite para tomar a palavra, e já que me encorajais, vencerei minha timidez para vos externar francamente o meu desejo.

Inicialmente, devo dizer que nem sempre fui rico. Nasci pobre e, se venci, devo-o apenas a mim. Não vos direi, como tantos outros, que cheguei a Paris de tamancos; é uma velha lengalenga que não pega mais; mas eu tinha o ardor e o espírito do especulador por excelência. Quando menino, se eu emprestava três bolas de

bilhar, tinham que me devolver quatro. Negociava com tudo o que tinha e ficava feliz ao ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; eu era fraco; outros, mais fortes, apoderavam-se de meus ganhos e eu tinha que recomeçar tudo. Mas eu era perseverante.

Pouco a pouco deixei a infância; minhas idéias cresceram. Menino, tinha explorado meus camaradas; moço, explorava os companheiros de oficina. Fazia corridas; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meu trabalho e minha amizade. "Ele é bem complacente, mas não se lhe deve falar em dar." He! he! é assim que se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje, que gastam tudo o que possuem no jogo e no café! arruínam-se e se endividam, de alto a baixo da escala. Eu deixava que os outros corressem como loucos, às cambalhotas; eu andava lentamente, com prudência; por isso cheguei ao porto e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha mulher e filhos; ela, um tanto coquete, os outros, gastadores. Pensava que com a idade tudo isto desaparecesse; mas não. Entretanto, eu os mantive por muito tempo em rédea curta. Mas um dia adoeci. Chamaram o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi os sentidos...

Quando recobrei a razão, tudo ia às mil maravilhas! Minha mulher recebia visitas; meus filhos tinham carruagens, cavalos, domésticos, mordomos, que sei eu! todo um exército voraz que se atirou sobre o meu pobre patrimônio, tão penosamente adquirido, para o esbanjar.

Entretanto, logo percebi que a desordem estava organizada; não gastavam senão as rendas, mas gastavam largamente. Eram bastante ricos; não precisavam mais capitalizar, como o bom velho; era preciso gozar, e não entesourar... E eu ficava boquiaberto, sem saber o que dizer, porque, se erguia a voz,

não era ouvido; fingiam não me ver. Sou uma nulidade; os criados ainda não me enxotaram, embora o meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos apartamentos; mas não me prestam atenção. Sento-me, levanto-me, esbarro nos visitantes, detenho os criados; parece que nada sentem. Contudo, tenho vigor, espero que o possais testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; sem dúvida querem que eu enlouqueça, para se livrarem de mim.

Tal era minha situação, quando vim visitar uma de minhas casas. Velho hábito que ainda conservo, embora não seja mais o dono; mas vi construir tudo. Foram os meus escudos que pagaram tudo; e eu gosto dessas casas, cuja renda enriquece meus filhos ingratos.

Assim, cá eu estava em visita, quando soube que espíritas aqui se reuniam. Isto me interessou. Inquiri-me sobre o Espiritismo e soube que os espíritas pretendiam explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, não me desgostaria se recebesse, a respeito, o conselho dos Espíritos. Nem sou um incrédulo, nem um curioso; tenho vontade de ver e crer, ser esclarecido e, se me reconduzirdes à posição de governar tudo em minha casa, palavra de proprietário, não subirei o vosso aluguel enquanto viver.

II

(Paris, 29 de dezembro de 1868)

Dizeis que estou morto? Mas pensais bem no que dizeis?... Pretendeis que meus filhos não me vêem, nem me escutam; mas vós me vedes e me escutais, já que entrais em conversação comigo? já que abris a porta quando toco? já que interrogais e eu respondo?... Escutai, vejo o que há: sois menos fortes do que eu pensava, e como os vossos Espíritos nada podem dizer, quereis confundir-me, fazendo-me duvidar de minha razão...

Tomais-me por uma criança? Se eu tivesse morrido, seria um Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum e ainda não me pusestes em contato com eles.

Há, contudo, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? Por acaso quereis trair-me? Dizem que os espíritas são loucos; pensais, talvez, em dizer aos meus filhos que me ocupo de Espiritismo, dando-lhes, assim, meios de me interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Mal acabei de pensar e minhas idéias já estão no papel... Tudo isto não está claro!... O que é certo é que vejo, falo, respiro, ando, subo escadas e, graças a Deus, percebo claramente que é no quinto andar que habitais... Não é caridoso brincar assim com as penas dos outros. Sofro; não posso mais e pretendem fazer-me crer que não tenho mais corpo?... Creio que sinto bem a minha asma!... Quanto aos que me disseram que não era senão o Espiritismo, pois bem! são pessoas como vós, minhas conhecidas, que eu tinha perdido de vista e que encontrei desde a minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, não existo mais; absolutamente!... Mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas sim... palavra que estou louco... Falei a pessoas que julgava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Por Deus! Eu assisti aos enterros; fiz negócios com os herdeiros!... É realmente estranho!... E elas falam! Andam... conversam!... sentem o seu reumatismo!... falam da chuva e do bom tempo... tomam do meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! Eu não estou morto! Não se morre assim, sem se dar conta... Ainda estive no cemitério, justamente no fim de minha doença... era um parente... meu filho estava de luto... minha mulher lá não estava, mas chorava... Eu o acompanhei, pobre querido... Mas, quem era,

então?... Na verdade não sei... Que perturbação estranha me agita!... Seria eu?... Mas não; pois se eu acompanhava o corpo, não podia estar no caixão... Estar lá, e lá no fundo!... e, contudo!... como tudo isto é estranho!... que labirinto confuso!... Não me digais nada; quero procurar só; vós me perturbais... Deixai-me; eu voltarei... Decididamente, parece que sou um fantasma!... Oh! que coisa singular!

Observação – Esse Espírito está na mesma situação que o precedente, no sentido de que um e outro ainda se julgam neste mundo; mas há entre eles esta diferença: um se julga de posse de seu corpo carnal, ao passo que o outro tem consciência de seu estado espiritual, mas imagina que sonha. Este último está, sem sombra de dúvida, mais próximo da verdade e, contudo, será o último a reconhecer o seu erro. É verdade que o ex-proprietário estava muito apegado aos bens materiais, mas a sua avareza e os hábitos de economia um pouco sórdida provam que não levava uma vida sensual. Além disso, não é incrédulo por natureza; não repele a espiritualidade. Luís, ao contrário, a teme; o que ele lamenta não é a ausência da fortuna que gastava em vida, mas os prazeres que tal esbanjamento lhe proporcionava. Não podendo admitir que sobrevive ao seu corpo, crê sonhar; compraz-se nessa idéia, na esperança de voltar à vida mundana; nela se agarra por todos os sofismas que sua imaginação pode lhe sugerir. Permanecerá, pois, nesse estado, já que o *quer*, até que a evidência venha abrir-lhe os olhos. Qual deles sofrerá mais ao despertar? A resposta é fácil: um só se surpreenderá levemente, enquanto o outro ficará apavorado.

Visão de Pergolesi

Contaram muitas vezes, e todos conhecem o estranho relato da morte de Mozart, cujo *Réquiem* tão célebre foi a última e incontestável obra-prima. A dar crédito a uma tradição napolitana

antiga e respeitável, muito tempo antes de Mozart, fatos não menos misteriosos e não menos interessantes teriam precedido, se não levado à morte prematura de um grande mestre: Pergolesi.

Ouvi essa tradição da própria boca de um velho camponês de Nápoles, essa terra das artes e das recordações; ele a recebera de seus avós, e em seu culto ao ilustre mestre, do qual falava, tinha o cuidado de nada alterar em seu relato.

Eu o imitarei e vos direi fielmente o que ele me contou.

Disse-me ele: "Conheceis a cidadezinha de *Casoria*, a poucos quilômetros de Nápoles. Foi lá que em 1704 Pergolesi veio à luz.

"Desde a mais tenra idade revelou-se o artista do futuro. Como sua mãe, como fazem todas as nossas, cantarolava junto dele as lendas rimadas de nossa terra, para adormecer *il bambino*, ou, segundo a ingênua expressão de nossas amas-de-leite napolitanas, a fim de chamar para junto do berço os anjinhos do sono (*angelini del sonno*), diz-se que o menino, ao invés de fechar os olhos, os arregalava, fixos e brilhantes; suas mãozinhas se agitavam e pareciam aplaudir; aos gritos alegres que escapavam de seu peito ofegante, dir-se-ia que essa alma, apenas desabrochada, já estremecia aos primeiros ecos de uma arte que um dia deveria cativá-la por inteiro.

"Aos oito anos, Nápoles o admirava como um prodígio, e durante mais de vinte anos a Europa inteira aplaudiu o seu talento e suas obras. Ele fez a arte musical dar um passo imenso; lançou, por assim dizer, o gérmen de uma era nova, que logo deveria produzir os mestres que se chamam Mozart, Méhul, Beethoven, Haydn e outros; numa palavra, a glória cobria a sua fronte com a mais brilhante auréola.

"E, contudo, dir-se-ia que sobre essa fronte errava uma nuvem de melancolia, fazendo-a curvar-se para a terra. De vez em quando o olhar profundo do artista se elevava para o céu, como se aí buscasse alguma coisa, um pensamento, uma inspiração.

"Quando o interrogavam, respondia que uma vaga aspiração enchia sua alma, que no fundo de si mesmo ouvia como que os ecos incertos de um canto do céu, que o arrebatava e o elevava, mas não podia captá-lo e que, semelhante a um pássaro cujas asas, por demais fracas, não podem, à sua vontade, elevá-lo no espaço, caía na terra, sem ter podido seguir essa suave inspiração.

"Nesse combate, pouco a pouco a alma se esgotava; na mais bela idade da vida, pois então tinha apenas trinta e dois anos, Pergolesi parecia já ter sido tocado pelo dedo da morte. Seu gênio fecundo parecia ter-se tornado estéril, sua saúde definhava dia a dia; em vão seus amigos lhe procuravam a causa e ele próprio era incapaz de a descobrir.

"Foi nesse estado penoso e estranho que ele passou o inverno de 1735 a 1736.

"Sabeis com que piedade aqui celebramos, ainda em nossos dias, a despeito da debilidade da fé, o tocante aniversário da morte do Cristo; a semana em que a Igreja o relembra a seus filhos é bem realmente, para nós, uma *semana santa*. Assim, reportando-vos à época de fé em que vivia Pergolesi, podeis pensar com que fervor o povo acorria em massa às igrejas, para meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário.

"Na sexta-feira santa Pergolesi acompanhou a multidão. Aproximando-se do templo, parecia-lhe que uma calma, há muito desconhecida para ele, se fazia em sua alma e, quando transpôs o portal, sentiu-se como que envolto por uma nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo nada mais viu; profundo silêncio se fez em seu redor; depois, ante os seus olhos admirados,

e em meio à nuvem, na qual até então lhe parecia ter sido levado, viu desenharem-se os traços puros e divinos de uma virgem, inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos nas teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de vozes melodiosas, que insensivelmente dele se aproximava. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encantamento, mas não lhe era desconhecida; parecia-lhe que esse canto era aquele do qual não tinha podido perceber senão vagos ecos; essas vozes eram bem aquelas que, desde longos meses, lançavam perturbação em sua alma e agora lhe traziam uma felicidade sem limite. Sim, esse canto, essas vozes eram bem o sonho que ele tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que inutilmente havia procurado por tanto tempo.

"Mas, enquanto sua alma, arrebatada no êxtase, bebia a longos sorvos as harmonias simples e celestes desse concerto angélico, sua mão, como que movida por força misteriosa, agitava-se no espaço e parecia traçar, mau grado seu, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava.

"Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolesi viu, ao abrir os olhos, escrito por sua mão, no mármore do templo, esse canto de sublime simplicidade, que o devia imortalizar, o *Stabat Mater*, que desde esse dia todo o mundo cristão repete e admira.

"O artista ergueu-se, saiu do templo, calmo, feliz e não mais inquieto e agitado. Mas nesse dia uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista; ela ouvira o canto dos anjos, o concerto dos céus. As vozes humanas e os concertos terrestres já não lhe podiam bastar. Essa sede ardente, impulso de um grande gênio, acabou por esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que aos trinta e três anos, na exaltação, na febre, ou melhor, no *amor sobrenatural* de sua arte, Pergolesi encontrou a morte."

Tal é a narração de meu napolitano. Como eu disse, não passa de uma tradição. Não defendo a sua autenticidade e a História talvez não a confirme em todos os pontos, mas é muito tocante para que não nos deleitemos com o seu relato.

Ernest Le Nordez
Petit Moniteur de 12 de dezembro de 1868

Bibliografia

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DAS CEVENAS

Por Eug. Bonnemère[5]

A guerra empreendida por Luís XIV contra os calvinistas, ou Tremedores das Cevenas, é, sem sombra de dúvida, um dos mais tristes e mais emocionantes episódios da história da França. Talvez ela seja menos notável do ponto de vista puramente militar, ao repetir as atrocidades muito comuns nas guerras de religião, do que pelos inumeráveis casos de sonambulismo espontâneo, êxtase, dupla vista, previsões e outros fenômenos do mesmo gênero, que se produziram durante todo o curso dessa cruzada infeliz. Esses fatos, que então eram considerados sobrenaturais, sustentavam a coragem dos calvinistas, acossados nas montanhas, como feras, ao mesmo tempo que os faziam considerar como possessos do diabo, por uns, e como iluminados, por outros. Tendo sido uma das causas que provocaram e alimentaram a perseguição, representam um papel principal e não acessório. Mas, como os historiadores poderiam apreciá-los, quando então lhes faltavam todos os elementos necessários para se esclarecerem quanto à natureza de sua realidade? Não puderam senão desnaturá-los e apresentá-los sob uma luz falsa.

5 1 vol. in-12, 3 fr. 50; pelo correio: 4 fr. Paris, Décembre-Alonnier, lib.

Só os novos conhecimentos fornecidos pelo magnetismo e o Espiritismo poderiam projetar luz sobre a questão. Ora, como não se pode falar com verdade sobre o que não se compreende, ou do que se tem interesse em dissimular, esses conhecimentos eram tão necessários para que se fizesse um trabalho completo sobre o assunto, e isento de preconceitos, quanto o eram a Geologia e a Astronomia para comentar o Gênesis.

Demonstrando a verdadeira causa desses fenômenos, provando que não saem da ordem natural, esses conhecimentos lhes devolveram seu verdadeiro caráter. Dão, assim, a chave dos fenômenos do mesmo gênero que se produziram em muitas outras circunstâncias, e permitem separar o possível do exagero, da lenda.

Juntando ao talento de escritor e aos conhecimentos de historiador, um estudo sério e prático do Espiritismo e do magnetismo, o Sr. Bonnemère encontra-se nas melhores condições para tratar com conhecimento de causa e com imparcialidade o objetivo que empreendeu. A idéia espírita contribuiu uma vez mais para as obras de fantasia, mas é a primeira vez que o Espiritismo figura *nominalmente* e como elemento de controle numa obra histórica séria. É assim que, pouco a pouco, ele toma sua posição no mundo, e que se realizam as previsões dos Espíritos.

A obra do Sr. Bonnemère só aparecerá de 5 a 10 de fevereiro, mas como algumas provas nos foram mostradas, delas extraímos as passagens seguintes, que temos a satisfação de poder reproduzir por antecipação. Todavia, suprimimos as notas indicativas das peças de apoio. Acrescentaremos que ela se distingue das obras sobre o mesmo assunto por documentos novos, que ainda não tinham sido publicados na França, de modo que pode ser considerada como a mais completa.

Assim, ela se recomenda por mais de um título à atenção dos nossos leitores, que a poderão julgar pelos fragmentos abaixo:

"O mundo jamais viu nada de semelhante a esta guerra das Cevenas. Meu Deus! os homens e os demônios juntaram suas forças; os corpos e os Espíritos entraram em luta e, de maneira muito diversa da do Antigo Testamento, os profetas guiavam aos combates os guerreiros, que pareciam, eles próprios, deslumbrados além das condições ordinárias da vida.

"Os cépticos e os zombadores acham mais fácil negar; a Ciência, confundida, teme comprometer-se, desvia os olhos e recusa pronunciar-se. Mas, como não há fatos históricos mais incontestáveis do que estes, nem que tenham sido atestados por tão grande número de testemunhas, a zombaria, a mera negação não podem ser admitidas por mais tempo. Foi diante do sério povo inglês que juridicamente se recolheram os depoimentos, pelas mais solenes formas, ditados por protestantes refugiados, e foram publicadas em Londres, em 1707, quando a lembrança de todas essas coisas ainda estava viva em todas as memórias e os desmentidos as poderiam ter esmagado sob o seu número, caso fossem falsas.

"Queremos falar do *Teatro sagrado das Cevenas, ou Relato das diversas maravilhas novamente operadas nesta parte do Languedoc*, do qual vamos fazer largas citações.

"Os estranhos fenômenos que aí se acham referidos não buscavam, para se produzirem, nem a sombra, nem o mistério; manifestavam-se diante dos intendentes, dos generais, dos bispos, como diante dos ignorantes e dos pobres de espírito. Era testemunha quem quisesse e tivesse podido estudá-los, caso o desejasse.

"Vi nesse gênero, escrevia Villars a Chamillard, em 25 de setembro de 1704, coisas em que jamais teria acreditado, se não se tivessem passado sob os meus olhos: uma cidade inteira, cujas mulheres todas pareciam possuídas do diabo. Tremiam e

profetizavam publicamente nas ruas. Mandei prender vinte das piores, uma das quais teve a ousadia de tremer e profetizar em minha frente. Prendi-a para exemplo e mandei recolher as outras nos hospitais.

"Tais procedimentos eram comuns na época de Luís XIV, e mandar prender uma pobre mulher porque uma força desconhecida a constrangia a dizer diante de um marechal de França coisas que não lhe agradavam, era uma maneira de agir que a ninguém revoltava, tanto era simples e natural e estava nos hábitos do tempo. Hoje, é preciso ter coragem para enfrentar a dificuldade e lhe buscar soluções menos brutais e mais probantes.

"Não acreditamos no maravilhoso, nem nos milagres. Vamos, então, explicar naturalmente, o melhor que pudermos, esse grave problema histórico que, até hoje, ficou sem solução. Vamos fazê-lo ajudando-nos com as luzes que o magnetismo e o Espiritismo hoje põem à nossa disposição, sem pretender impor essas crenças a ninguém.

"É lamentável que não possamos consagrar senão algumas linhas àquilo que, compreende-se, exigiria um volume de desenvolvimentos. Diremos apenas, para tranqüilizar os espíritos tímidos, que isto em nada choca as idéias cristãs; não precisamos de outra prova senão destes dois versículos do Evangelho de São Mateus:

"Quando, pois, vos entregarem nas mãos dos governadores e dos reis, não vos preocupeis como lhes haveis de falar, nem o que direis, porque o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião;

"Porquanto não sois vós que falais, é o Espírito do vosso Pai quem fala em vós. (Mateus, 10:19 e 20.)

"Deixamos aos comentadores o cuidado de decidir qual é, ao certo, esse Espírito de nosso Pai, que, em certos momentos, se substitui ao nosso, fala em nosso lugar e nos inspira. Talvez se possa dizer que toda geração que desaparece é o pai e a mãe da que lhe sucede, e que os melhores entre os que parecem não mais existir, elevando-se rapidamente quando desembaraçados dos entraves do corpo material, vêm ocupar os órgãos daqueles de seus filhos que julgam dignos de lhes servir de intérpretes, e que expiarão caro, um dia, o mau uso que tiverem feito das faculdades preciosas que lhes são delegadas.

"O magnetismo desperta, superexcita e desenvolve em certos sonâmbulos o instinto que a Natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que nossa civilização incompleta abafou em nós, para substituí-lo pelas falsas luzes da Ciência.

"O sonâmbulo natural põe seu sonho em ação, eis tudo. Nada toma dos outros, nada pode por eles.

"O sonâmbulo fluídico, ao contrário, aquele no qual o contato do fluido do magnetizador provoca esse estado bizarro, sente-se imperiosamente atormentado pelo desejo de aliviar seus irmãos. Vê o mal, ou vem indicar-lhe o remédio.

"O sonâmbulo inspirado, que por vezes pode ser, ao mesmo tempo, fluídico, é o mais ricamente dotado, e nele a inspiração se mantém nas esferas elevadas, quando ela se manifesta espontaneamente. Só ele é um revelador; só nele reside o progresso, porque só ele é o eco, o instrumento dócil de um Espírito diferente do seu, e mais adiantado.

"O fluido é um ímã que atrai os mortos bem-amados para os que ficam. Desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que partiram primeiro, e que lhes são simpáticos. Estes, por seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida melhor, julgam melhor e conhecem melhor essas

naturezas primitivas, honestas, passivas, que podem servir-lhes de intermediárias na ordem dos fatos que julgam útil revelar-lhes.

"No século passado eram chamados extáticos. Hoje são *médiuns*.

"O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se põe em comunicação com um outro, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber os pensamentos dos que viveram e a escrevê-los, seja por um impulso mecânico inconsciente imprimido à mão, seja pela transmissão direta à inteligência dos médiuns.

"Se, por algum momento, se quiser conceder alguma crença a estas idéias, compreender-se-á facilmente que as almas indignadas desses mártires, que o grande rei imolava às centenas todos os dias, tenham vindo proteger os seres queridos, dos quais haviam sido violentamente separadas, os tenham sustentado, guiado, consolado em meio às suas duras provações, inspirado por seu espírito, e que lhes tenham anunciado previamente – o que aconteceu muitas vezes – os perigos que os ameaçavam."

"Só um pequeno número era verdadeiramente inspirado. O desprendimento fluídico que deles saía, como de certos seres superiores e privilegiados, agia sobre essa multidão profundamente perturbada que os cercava, mas sem poder desenvolver na maior parte deles, outra coisa senão os fenômenos grosseiros e largamente falíveis da alucinação. Inspirados e alucinados, todos tinham a pretensão de profetizar, mas estes últimos emitiam uma porção de erros, em meio dos quais não se podia mais discernir as verdades que o Espírito realmente soprava aos primeiros. Essa massa de alucinados por sua vez reagia sobre os inspirados e lançava a perturbação no meio de suas manifestações...

"Diz o abade Pluquet que eram necessários auxílios extraordinários e prodígios, para sustentarem a fé dos restos dispersos do protestantismo. Eles explodiram de todos os lados entre os reformados, durante os quatro primeiros anos que se seguiram à revogação do Edito de Nantes. Ouviram-se nos ares, nas cercanias dos lugares onde outrora existiram templos, vozes tão perfeitamente semelhantes aos cantos dos salmos, tal como os protestantes os cantam, que não podiam ser tomados por outra coisa. Essa melodia era celeste e essas vozes angélicas cantavam os salmos conforme a versão de Clément Marot e Théodore de Bèze. Essas vozes foram ouvidas no Béarn, nas Cevenas, em Vassy, etc. Ministros fugitivos foram escoltados por essa divina salmodia e até a trombeta só os abandonou depois de haverem transposto as fronteiras do reino. Jurieu reuniu com cuidado as testemunhas dessas maravilhas e daí concluiu que 'Deus, tendo feito bocas no meio dos ares, era uma censura indireta que a Providência fazia aos protestantes da França por se terem calado muito facilmente.' Ousou predizer que em 1689 o calvinismo seria restabelecido na França...

"O Espírito do Senhor estará convosco, havia dito Jurieu; falará pela boca das crianças e das mulheres, em vez de vos abandonar."

"Era mais que o necessário para que os protestantes perseguidos se comovessem em ver as mulheres e as crianças se pondo a profetizar.

"Um homem mantinha em sua casa, numa vidraria oculta no topo da montanha de Peyrat, no Dauphiné, uma verdadeira escola de profecia. Era um velho gentil-homem, chamado Du Serre, nascido na aldeia de Dieu-le-Fit. Aqui as origens são um pouco obscuras. Diz-se que tinha sido iniciado em Genebra, nas práticas de uma arte misteriosa, cujo segredo era transmitido a um pequeno número de pessoas. Reunindo em casa

alguns rapazes e moças, cuja natureza impressionável e nervosa por certo tinha observado, submetia-os previamente a jejuns austeros; agia poderosamente sobre sua imaginação, estendia as mãos para eles, como que para lhes impor o Espírito de Deus, soprava sobre suas frontes e os fazia cair como inanimados à sua frente, olhos fechados, adormecidos, os membros rígidos pela catalepsia, insensíveis à dor, não vendo, não ouvindo mais nada do que se passava ao seu redor, embora parecessem escutar vozes interiores, que lhes falavam, e vissem espetáculos esplêndidos, cujas maravilhas contavam. Porque, nesse estado bizarro, falavam, escreviam; depois, voltando ao estado ordinário, não se lembravam mais de nada do que tinham feito, do que tinham dito, do que tinham escrito.

"Eis o que conta Brueys desses 'pequenos profetas adormecidos', como os chama. Aí encontramos os processos, hoje bem conhecidos, do magnetismo, e quem o quiser poderá, em muitas circunstâncias, reproduzir os *milagres* do velho gentil-homem vidreiro...

"Em 1701 houve uma nova explosão de profetas. Choviam do céu, brotavam da terra e, das montanhas do Lozère até a costa do Mediterrâneo, eram contados aos milhares. Os católicos haviam tomado os filhos dos calvinistas: Deus se serviu dos filhos para protestar contra essa prodigiosa iniqüidade. O governo do grande rei só conhecia a violência. Prendiam em massa, ao acaso, esses *profetas-mirins;* açoitavam impiedosamente os menores, queimavam a planta dos pés dos maiores. Nada se fez, e havia mais de trezentos deles nas prisões de Uzès, quando a faculdade de Montpellier recebeu ordem de se transportar àquela cidade, para examinar o seu estado. Após maduras reflexões, a douta faculdade os declarou 'atingidos de fanatismo.'

"Esta bela solução da ciência oficial, que ainda hoje não poderia dizer muito mais sobre a questão, não pôs termo a essa

onda transbordante de inspirações. Então Bâville publicou um decreto (setembro de 1701) para tornar os pais responsáveis pelo *fanatismo* de seus filhos.

"Puseram soldados à vontade em casa de todos quantos não haviam podido desviar seus filhos desse perigoso ofício e os condenaram a penas arbitrárias. Por isto mesmo, tudo repercutia os lamentos e clamores desses pais infortunados. A violência foi levada tão longe que, para dela se livrarem, houve várias pessoas que denunciaram os próprios filhos, ou os entregaram aos intendentes e aos magistrados, dizendo-lhes: 'Ei-los; nós nos desobrigamos deles; vós mesmos fazei-os perder, se possível, a vontade de profetizar.'

"Vãos esforços! Acorrentavam, torturavam o corpo, mas o Espírito permanecia livre e os profetas se multiplicavam. Em novembro, retiraram mais de duzentos das Cevenas 'que condenaram a servir ao rei, uns nos seus exércitos, outros nas galeras.' (Corte de Gébelin). Houve execuções capitais, que não pouparam nem mesmo as mulheres. Em Montpellier enforcaram uma profetisa do Vivarais, porque lhe saía sangue dos olhos e do nariz, que ela chamava lágrimas de sangue e chorava os infortúnios de seus correligionários, os crimes de Roma e dos papistas...

"Uma surda irritação, uma onda de cólera há muito contida rebentava em todos os peitos ao cabo desses vinte anos de intoleráveis iniqüidades. A paciência das vítimas não esgotava o furor dos carrascos. Pensou-se, enfim, em repelir a força pela força...

"Era, sem dúvida, diz Brueys, um espetáculo deveras extraordinário e muito novo; via-se marchar gente de guerra para ir combater pequenos exércitos de profetas." (Tomo I, página 156.)

"Espetáculo estranho, com efeito, porque os mais perigosos entre esses pequenos profetas se defendiam a pedradas,

refugiados em alturas inacessíveis. Mas na maioria das vezes não tentavam senão defender sua vida. Quando as tropas avançavam para os atacar, marchavam corajosamente contra elas, soltando grandes gritos: 'Tartara! tartara! Para trás, Satã!' Diziam que acreditavam que a palavra *tartara*, como um exorcismo, devia pôr os inimigos em fuga, que eles próprios eram invulneráveis, ou que ressuscitariam ao cabo de três dias, se viessem a sucumbir na refrega. Suas ilusões não foram de longa duração nesses vários pontos e logo opuseram aos católicos armas mais eficazes.

"Em dois confrontos na montanha de Chailaret, não longe de Saint-Genieys, mataram algumas centenas, prenderam um bom número e o resto pareceu dispersar-se. Bâville julgava os cativos, mandava prender alguns e enviava o resto para as galeras; e como nada de tudo isto parecia absolutamente desencorajar os reformados, continuaram a procurar as assembléias no deserto, a degolar sem piedade os que se rendiam, sem que estes pensassem ainda em opor uma séria resistência aos seus algozes. Segundo o depoimento de uma profetisa chamada Isabel Charras, consignado no *Teatro sagrado das Cevenas*, esses infelizes mártires voluntários entregavam-se, previamente advertidos pelas revelações dos extáticos, da sorte que os aguardava. Aí se lê:

"O chamado Jean Héraut, de nossa vizinhança, e, com ele, quatro ou cinco de seus filhos, tinham inspirações. Os dois mais novos tinham, um sete anos, o outro cinco anos e meio, quando receberam o dom; eu os vi muitas vezes em seus êxtases. Um outro vizinho nosso, chamado Marliant, também tinha dois filhos e três filhas no mesmo estado. A mais velha era casada. Estando grávida de cerca de oito meses, foi a uma assembléia, em companhia dos irmãos e das irmãs, levando consigo o filhinho de sete anos. Ali foi massacrada com o dito menino, um dos irmãos e uma das irmãs. O irmão que não foi morto foi ferido, mas se curou, e a mais nova das irmãs foi deixada como morta, debaixo de corpos massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, ainda viva, foi

levada para a casa dos pais, mas morreu dos ferimentos, alguns dias depois. Eu não estava na assembléia, mas vi o espetáculo desses mortos e desses feridos.

"O que há de mais notável é que todos esses mártires tinham sido avisados pelo Espírito do que lhes devia acontecer. Tinham-no dito a seu pai, dele se despedindo e lhe tomando a bênção, na tardinha em que saíram de casa para ir à assembléia, que devia realizar-se na noite seguinte. Quando o pai viu todas esses lamentáveis insucessos, não sucumbiu à sua dor, mas, ao contrário, disse com piedosa resignação: 'O Senhor mos deu, o Senhor mos tirou; bendito seja o nome do Senhor.' Foi do irmão, do genro, dos dois filhos feridos e de toda a família que eu soube que tudo isto tinha sido predito."

Eugène Bonnemère

Allan Kardec

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII MARÇO DE 1869 Nº 3

A Carne é Fraca

ESTUDO PSICOLÓGICO E MORAL[6]

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao moral do que ao físico; outras mais parecem conseqüência do organismo e, por este motivo, nós nos julgamos menos responsáveis; tais são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade, etc.

Está hoje perfeitamente reconhecido, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas tem a *bossa* da música porque seu Espírito é músico. (*Revista* de julho de 1860 e abril de 1862.)

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. Assim, o Espírito é o artífice de seu próprio corpo, que, a bem dizer, modela, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas

6 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

tendências. Assim sendo, a perfeição do corpo nas raças adiantadas seria o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa a sua ferramenta à medida que aumentam as suas faculdades. (*A Gênese segundo o Espiritismo*, cap. XI, "Gênese espiritual".)

Por uma conseqüência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente vir a saliva ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de um prato apetitoso. Não é o alimento que superexcita o órgão do paladar, pois não há contato; é o Espírito, cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, enquanto a vista daquele prato nada produz sobre outro Espírito. Dá-se o mesmo em todas as cobiças, em todos os desejos provocados pela vista. A diversidade das emoções não pode explicar-se, numa porção de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito. Tal a razão pela qual uma pessoa sensível chora facilmente; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo modelou-se sob esta disposição normal do Espírito, como se modelou sob a do Espírito glutão.

Seguindo esta ordem de idéias, compreende-se que um Espírito irascível deve levar ao temperamento bilioso; donde se segue que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas que é bilioso porque é colérico. Dá-se o mesmo com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em conformidade com o seu caráter, ao passo que, se for ativo e enérgico, dará ao seu sangue, aos seus nervos, qualidades completamente diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente que, muitas vezes, se vêem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe fez*

subir o sangue, não é assim tão desprovida de sentido quanto se podia crer. Ora, o que pôde alterar o sangue, senão as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sensível sobretudo nas grandes dores, nas grandes alegrias, nos grandes pavores, cuja reação pode até causar a morte. Vêem-se pessoas que morrem do medo de morrer. Ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que lhe causa pavor, objeto que, no mais das vezes, não tem qualquer realidade? Diz-se que é o efeito da imaginação; seja; mas o que é a imaginação, senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, pois, então, não se explicaria por que esses músculos e esses nervos nem sempre têm imaginação; por que não a têm após a morte; por que o que nuns causa um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

Seja qual for a sutileza que se use para explicar os fenômenos morais exclusivamente pelas propriedades da matéria, cai-se inevitavelmente num impasse, no fundo do qual se percebe, com toda a evidência, e como única posição possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não passa de um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Assim como o músico afina o seu piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para pô-lo no diapasão de suas disposições morais.

É realmente curioso ver o materialismo falar incessantemente da necessidade de resgatar a dignidade do homem, quando se esforça por reduzi-lo a um pedaço de carne, que apodrece e desaparece sem deixar qualquer vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando o transforma num mecanismo, agindo como um autômato, sem responsabilidade por seus atos.

Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta. Ora, para o maior número, o primeiro, o principal móvel da crença no niilismo, é o pavor que causa essa responsabilidade, *fora da lei humana*, e à qual se crê escapar, tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definido; não era senão um medo vago, fundado, é preciso reconhecer, em crenças nem sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstra como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma conseqüência natural da espiritualidade do ser. Eis por que certas pessoas têm medo do Espiritismo, que as perturbaria em sua quietude, erguendo à sua frente o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual conduz o Espiritismo pela força das coisas.

Conforme as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro, etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que nem tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser *pensante* e *voluntarioso*. É o Espírito que dá à

carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito modela um corpo, que não é mais um tirano para as suas aspirações à espiritualidade de seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, pois, inteira; mas, diz a razão que as conseqüências desta responsabilidade devem estar na razão do desenvolvimento intelectual do espírito; quanto mais esclarecido, menos desculpável, porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal, comendo o seu semelhante, é, sem contradita, menos culpável do que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei ainda encontra sua aplicação na Medicina e dá a razão do insucesso desta em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; se não se consegue mudar as disposições morais do Espírito, o pensamento se modificará por si mesmo, sob o império de uma vontade diferente ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada, em vez de ser contrariada. Se possível, dai coragem ao poltrão, e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo; dá-se o mesmo em outras disposições.

Mas, perguntarão, pode o médico do corpo fazer-se médico da alma? Está em suas atribuições fazer-se moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, em certos limites; é mesmo um dever, que um bom médico jamais negligencia, desde o instante que vê no estado de alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde

do corpo. O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, conforme as circunstâncias. Deste ponto de vista, sua ação é forçosamente circunscrita, porquanto, além de não exercer sobre o seu doente senão um ascendente moral, em certa idade é difícil uma transformação do caráter. É, pois, à educação, e sobretudo à primeira educação, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando, desde o berço, a educação for dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seus germes, as imperfeições morais, como faz com as imperfeições físicas, o médico não mais encontrará, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência muitas vezes é impotente.

Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril, enquanto não se levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a Ciência. Quando esta levar em consideração a ação desse princípio, verá se abrirem à sua frente horizontes inteiramente novos. É à demonstração desta verdade que conduz o Espiritismo.

Apóstolos do Espiritismo na Espanha

Ciudad-Real, fevereiro de 1869.

Ao Sr. Allan Kardec.

Caro Senhor,

Os espíritas que compõem o círculo da cidade de Andújar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

Ínfimos pelo talento, grandes pela fé, propomo-nos sustentar a Doutrina Espírita, tanto pela imprensa, como pela

palavra, tanto em público como em particular, porque é a mesma que Jesus pregou, quando veio à Terra para a redenção da Humanidade.

A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do Evangelho não seja mais truncado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, necessita hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.

Lutaremos sós ou em conjunto, com os que professam nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada aos que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso grupo era composto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pablo Medina, Luís Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depois de haver espalhado a semente em Andújar, estamos hoje em diversas cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Seguindo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita. Desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, pedimos que nos concedais a permissão. Além disso, ficaríamos muito contentes com a vossa benévola cooperação e, para tal fim, pomos à vossa disposição as colunas do nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, rogamos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris.

E vós, caro senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

Manuel Gonzalez Soriano

Em muitas ocasiões já dissemos que a Espanha contava numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos. Aqui, não é mais devotamento, é abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que marcha para o combate, dizendo: Custe-me o que custar, cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar: é o devotamento daquele que põe o interesse de todos acima do interesse pessoal.

Que teria sucedido às grandes idéias que fizeram avançar o mundo, se só tivessem encontrado defensores egoístas, devotados em palavras enquanto nada tivessem a temer e a perder, mas se dobrando ante um olhar de ameaça e o medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias têm tido os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande idéia regeneradora; apenas surge; ainda não está completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos muitas vezes ignorados, não buscando a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, nem por isso são menos meritórios, porque moralmente mais desinteressados.

Contudo, em todas as causas, os devotamentos em plena luz são necessários, porque eletrizam as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também seus grandes defensores que, afrontando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, empunharão sua bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; apoiá-lo-ão com a autoridade de seu nome e de seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que, por prudência, se tenham mantido afastados.

Nossos irmãos da Espanha abrem a marcha; cingem os rins e se preparam para a luta. Que recebam os nossos cumprimentos e os de seus irmãos em crença de todos os países, porque entre os espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros, aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento, por terem sido os primeiros a pagar com suas pessoas e contribuído para o soerguimento do edifício.

Significa dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viagem para ir pregar pelo mundo a toda a gente? Não, certamente; em qualquer lugar onde se esteja pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar o melhor partido de sua posição, pondo ao serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a cada um.

A dispersão desses senhores não se deveu à sua vontade. Reunidos, inicialmente, pela natureza de suas funções, estas os chamaram a vários pontos da Espanha. Longe de desanimarem por esse isolamento, compreenderam que, ficando unidos por pensamento e ação, poderiam fincar a bandeira em vários centros, e que assim sua separação redundaria em proveito da vulgarização da idéia.

Assim se deu num regimento francês, onde um certo número de oficiais tinha formado grupos, dos mais sérios e mais bem organizados que vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento a toda prova, seu objetivo era, primeiramente, instruir-se a fundo nos princípios da Doutrina e, depois, exercitar-se na palavra, impondo-se a obrigação de tratar, cada um por sua vez, uma questão, para se familiarizarem na controvérsia. Fora de seu círculo pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer a propagação a qualquer preço, a tornavam mais proveitosa. Deslocado o

regimento, se espalharam por várias cidades; assim o grupo se dispersou materialmente, mas, sempre unido em intenções, prossegue sua obra em pontos diferentes.

O Espiritismo em Toda Parte

EXTRATO DOS JORNAIS INGLESES

Um dos nossos correspondentes de Londres nos transmite a seguinte notícia:

"O jornal inglês *The Builder* (O Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático e retidão de seus julgamentos, tratou casualmente, várias vezes seguidas, de questões relativas ao Espiritismo. Nesses artigos ele cuida das manifestações da atualidade, fazendo o autor uma apreciação do seu ponto de vista.

"O Espiritismo também foi abordado em algumas das últimas notícias da *Revista Antropológica* de Londres; aí se declara que *o fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, está muito bem provado para ser posto em dúvida.* Aí se fala do invólucro corporal do homem como de uma grosseira vestimenta apropriada ao seu estado atual, que se considera como o mais baixo escalão do reino hominal; esse reino, embora o coroamento da animalidade do planeta, não passa de um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deve revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

"Ainda não é, acrescenta o nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espírita francesa, mas dela se aproxima muito, e me pareceu interessante como indício do movimento das idéias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhes falta direção; flutua-se à aventura nesse mundo novo que se abre perante a Humanidade, e não é de admirar que nele a gente se

perca por falta de um guia. Não é de duvidar que, se as obras da Doutrina fossem traduzidas para o inglês, congregariam numerosos partidários, fixando as idéias ainda incertas."

A. Blackwell [7]

CHARLES FOURIER

Numa obra intitulada: *Charles Fourier*, *sua vida e suas obras*, por Pellarin, encontra-se uma carta de Fourier ao Sr. Muiron, datada de 3 de dezembro de 1826, pela qual prevê os futuros fenômenos do Espiritismo.

Está assim concebida:

"Parece que os Srs. C. e P. renunciaram ao seu trabalho sobre o magnetismo. Eu apostaria que eles não fazem valer o argumento fundamental: é que, *se tudo está ligado no Universo, deve existir meios de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste;* quero dizer: comunicação de faculdades, participação temporária e acidental das faculdades dos ultramundanos ou defuntos, e não comunicação com eles. Esta participação não pode dar-se em vigília, mas somente num estado misto, como o sono ou outro. Os magnetizadores encontraram esse estado? Ignoro-o, mas, em princípio, sei que deve existir."

Fourier escrevia isto em 1826, a propósito dos fenômenos sonambúlicos; não podia ter qualquer idéia dos meios de comunicação direta, descobertos vinte e cinco anos mais tarde, e não concebia a sua possibilidade senão em estado de desprendimento, que de certo modo aproximasse os dois mundos; mas nem por isso deixava de ter a convicção do fato principal, o da existência dessas relações.

7 **N. do T.:** Trata-se de Anna Blackwell, primeira tradutora para o inglês de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Sua crença sobre um outro ponto capital, o da reencarnação na Terra, é ainda mais precisa quando diz: *Um mal rico poderá voltar para mendigar à porta do castelo do qual foi proprietário.* É o princípio da expiação terrestre nas existências sucessivas, em tudo semelhante ao que ensina o Espiritismo, conforme os exemplos fornecidos por essas mesmas relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Graças a tais relações, esse princípio de justiça, que não existia no pensamento de Fourier senão no estado de teoria ou de probabilidade, tornou-se uma verdade patente.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA

A passagem seguinte é extraída de uma nova obra intitulada: *Cartas a meu irmão sobre as minhas crenças religiosas*, por Math. Briancourt.[8]

"Creio num só Deus todo-poderoso, justo e bom, tendo por corpo a luz, por membros a totalidade dos astros ordenados em séries hierárquicas. – Creio que Deus atribui a todos os seus membros, grandes e pequenos, uma função a cumprir no desenvolvimento da vida universal que é a sua vida, reservando a inteligência para aqueles membros que a ele se associam no governo do mundo. – Creio que os seres inteligentes do último grau, as humanidades, têm por tarefa a gestação dos astros que habitam e sobre os quais têm missão de fazer reinarem a ordem, a paz e a justiça. – Creio que as criaturas preenchem suas funções satisfazendo suas necessidades, que Deus proporciona exatamente às exigências das funções; e como, em sua bondade, liga o prazer à satisfação das necessidades, creio que toda criatura, realizando sua tarefa, é tão feliz quanto comporta a sua natureza, e que os seus sofrimentos são tanto mais vivos quanto mais se afastam da realização dessa tarefa. – Creio que a Humanidade terrestre em breve terá adquirido os conhecimentos e o material que lhe são

8 1 vol. in-18. Librairie des sciences sociales.

indispensáveis para cumprir sua alta função e que, em conseqüência, o dia da felicidade geral aqui não tardará muito a surgir. – Creio que a inteligência dos seres racionais dispõe de dois corpos: um formado de substâncias visíveis aos nossos olhos; outro de matérias mais sutis e invisíveis chamadas aromas. – *Creio que, com a morte de seu corpo visível, esses seres continuam a viver num mundo aromal, onde encontram a remuneração exata de suas obras boas ou más; em seguida, após um tempo mais ou menos longo retomam um corpo material para o abandonar ainda à decomposição, e assim por diante*. – Creio que as inteligências que crescem cumprindo exatamente as suas funções vão animar seres cada vez mais elevados na divina hierarquia, até que entrem, no fim dos tempos, no seio de Deus, de onde saíram, que se unam à sua inteligência e partilhem de sua vida aromal."

Com tal profissão de fé, compreende-se que os fourieristas e espíritas possam dar-se as mãos.

Variedades

SENHORITA DE CHILLY

Lê-se no jornal *Petite Presse* de 11 de fevereiro de 1869:

O Sr. de Chilly, o simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte quase fulminante de sua filha única, está ameaçado por uma nova dor. Sua sobrinha, Srta. Artus, filha do antigo maestro do Ambigu-Comique, está neste momento, por assim dizer, à beira do túmulo. A propósito, o *Figaro relata esta triste e comovente história:*

"Agonizante, a Srta. de Chilly deu um pequeno anel a esta prima, cuja vida está hoje tão cruelmente ameaçada, e lhe disse: – Toma-o, *tu mo restituirás.*

"Teriam estas palavras ferido a imaginação da pobre menina? Eram a expressão desta dupla vista, atribuída à morte? A verdade é que, alguns dias após os funerais da Srta. de Chilly, sua jovem prima ficava doente."

"O que o *Figaro* não diz é que, em seus últimos momentos, a pobre morta, que se agarrava à vida com toda a energia de seus belos dezoito anos, gritava de seu leito de dor à sua prima, que se desfazia em lágrimas num canto do quarto, teatro de sua agonia: – Não, não quero morrer! não quero ir só! virás comigo! eu te espero! eu te espero! não te casarás!

"Que espetáculo e que angústias para essa infortunada Srta. Artus, cujos esponsais se preparavam no momento mesmo em que a Srta. de Chilly se acamava para não mais se erguer!"

Sim, certamente estas palavras são a expressão da *dupla vista atribuída à morte*, e cujos exemplos não são raros. Quantas pessoas tiveram pressentimentos desse gênero antes de morrer! Dir-se-á que representam uma comédia? Que os niilistas expliquem esses fenômenos, se puderem! Se a inteligência não fosse senão uma propriedade da matéria, e devesse extinguir-se com esta, como explicar a recrudescência da atividade dessa mesma inteligência, as faculdades novas, por vezes transcendentes, que muitas vezes se manifestam no momento mesmo em que o organismo se dissolve, em que o último suspiro vai exalar-se? Isto não prova senão que algo sobrevive ao corpo? Já foi dito centenas de vezes: a alma independente se manifesta a cada instante sob mil formas e em condições de tal modo evidentes, que é preciso fechar voluntariamente os olhos para não ver.

APARIÇÃO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE

O fato seguinte é relatado por um jornal de Medicina de Londres e reproduzido pelo *Journal de Rouen*, de 22 de dezembro de 1868:

"Na semana passada o Sr. Samuel W..., um dos principais empregados do Banco, deixou de comparecer a um sarau para o qual tinha sido convidado com a esposa, porque se achava muito indisposto. Chegou em casa com um febrão violento. Procuraram o médico, mas este tinha sido chamado a uma cidade próxima e só voltaria tarde da noite.

"A Sra. Samuel decidiu esperar o médico à cabeceira do marido. Embora vitimado por uma febre ardente, o doente dormia tranqüilamente. Um pouco tranqüilizada e vendo que seu marido não sofria, a Sra. Samuel não lutou contra o sono, e por sua vez adormeceu.

"Pelas três horas, ouviu tocar a campainha da porta principal. Deixou a poltrona precipitadamente, tomou um castiçal e desceu ao salão.

"Lá esperava ver entrar o médico. A porta do salão abriu-se, mas, em vez do doutor, ela viu entrar seu filho Eduardo, um rapaz de doze anos, que estudava num colégio perto de Windsor. Estava muito pálido e tinha a cabeça envolta em larga faixa branca.

– "Esperavas o médico para o papai, não? perguntou ele abraçando a mãe. Mas papai está melhor; não é nada mesmo; amanhã se levantará. Sou eu que preciso de um bom médico. Trata de chamá-lo imediatamente, porque o do colégio não entende muito da coisa...

"Tomada de medo, a Sra. Samuel teve forças para tocar a sineta. Chegou a camareira. Encontrou a patroa no meio do salão, imóvel, com o castiçal na mão. O ruído de sua voz despertou a Sra. Samuel. Ela tinha sido joguete de uma visão, de um sonho, chamemos como quisermos. Lembrava-se de tudo e repetiu à camareira o que tinha julgado ouvir. Depois exclamou chorando: 'Deve ter acontecido uma desgraça a meu filho!'

"Chegou o médico tão esperado. Examinou o Sr. Samuel. A febre quase tinha desaparecido; garantiu que não passava de uma febre nervosa, que seguia o seu curso e acabava em algumas horas.

"Depois destas palavras tranqüilizadoras, a mãe narrou ao médico o que lhe havia acontecido uma hora antes. O profissional – por incredulidade ou talvez por vontade de ir repousar – aconselhou a Sra. Samuel a não dar importância a esses fantasmas. Contudo, teve que ceder às rogativas, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor. Ao romper do sol chegaram ao colégio. A Sra. Samuel pediu notícias de seu filho; responderam que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe apertou-se; o doutor ficou pensativo.

"Em suma, visitaram o menino. Este havia sofrido um grande ferimento na fronte, brincando no jardim. Tinham-lhe prestado os primeiros socorros e, embora mal feito o curativo, a ferida nada tinha de perigosa.

"Eis o fato em todos os seus detalhes; nós o obtivemos de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho, deve sempre ser considerado como um fato ordinário."

Como se vê, a idéia da dupla vista ganha terreno. Ela se acredita fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc., tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos e se implanta sob todas as formas, pelos próprios cuidados dos que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou efeito da dupla vista? A Sra. Samuel dormia e, ao despertar, lembra-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificada quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão muito real. Há, ao mesmo tempo, dupla

vista, ou visão espiritual, porque é bem certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu o seu filho. De um lado e de outro houve desprendimento da alma; foi a alma da mãe que foi para o filho, ou a do filho que veio para a mãe? As circunstâncias tornam este último caso mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto o filho na enfermaria.

Alguém que não conhece o Espiritismo senão muito superficialmente, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntava como é que o filho, que estava em seu leito, pudera apresentar-se à mãe com as suas roupas. "Concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desprendimento da alma; mas não compreenderia que objetos puramente materiais, como roupas, tenham a propriedade de transportar para longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade."

Respondemos-lhe que as roupas, tanto quanto o corpo material do jovem ficaram em seu lugar. Após breve explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O Espírito do jovem apresentou-se em casa de sua mãe com seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desígnio premeditado de vestir-se com suas roupas, sem ter feito este raciocínio: "Minhas roupas de pano ali estão; não posso vesti-las; é preciso, pois, que eu fabrique roupas fluídicas que terão a sua aparência", bastou-lhe pensar em sua roupa habitual, na que teria usado nas circunstâncias ordinárias, para que esse pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa mesma roupa. Pela mesma razão teria podido apresentar-se com a roupa de dormir, se tal tivesse sido o seu pensamento. Para ele essa aparência se tornara uma espécie de realidade; tinha apenas uma imperfeita consciência de seu estado fluídico e, assim como certos Espíritos ainda se julgam neste mundo, ele julgava vir à casa da mãe em carne e osso, pois a beija como de costume.

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, muitas vezes inconscientes. A roupa, os sinais particulares, os ferimentos, os defeitos do corpo, os objetos que usa, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.

– Mas, então, diz o nosso nobre interlocutor, é toda uma ordem de idéias novas; há nisso todo um mundo, e esse mundo está em nosso meio; muitas coisas se explicam; as relações entre os vivos e os mortos se compreendem. – Sem a menor dúvida; e é ao conhecimento desse mundo, que nos interessa por tantos motivos, que conduz o Espiritismo. Esse mundo se revela por uma imensidade de fatos, que são desprezados por não se compreender a sua causa.

UM TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS

"No Estado do Maine, nos Estados Unidos, uma senhora pleiteava a nulidade de um testamento de sua mãe. Dizia que, membro de uma sociedade espírita, sua mãe escrevera suas últimas vontades sob o ditado de uma mesa girante.

"O juiz declarou que a lei não proibia consultas às mesas girantes, e as cláusulas do testamento foram mantidas."

Ainda não chegamos a tanto na Europa. Por isso, o jornal francês que relata o fato o fez preceder desta exclamação: *São fortes esses americanos!* Entenda-se: *São bobos!*

Pense o que pensar o autor desta reflexão crítica, esses americanos poderão, sobre certos pontos, servir de exemplo à velha Europa, quando esta ainda se arrasta por tanto tempo na rotina dos velhos preconceitos. O movimento progressivo da Humanidade partiu do Oriente e pouco a pouco se propagou para o Ocidente; já teria transposto o Atlântico e plantado sua bandeira no novo continente, deixando a Europa na retaguarda, como a

Europa deixou a Índia? É uma lei e o ciclo do progresso já teria dado várias vezes a volta ao mundo? O fato seguinte poderia fazê-lo supor.

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS

Escrevem de Yankton, cidade de Dakota (Estados Unidos) que a Assembléia Legislativa desse território acaba de adotar, por grande maioria, um projeto de lei do Sr. Enos Stutsman, que concede às mulheres o direito de sufrágio e de elegibilidade. (*Siècle* do dia 15 de janeiro de 1869.)

Quarta-feira, 29 de julho, a Sra. Alexandrine Bris prestou, perante a Faculdade de Ciências de Paris, um exame de bacharelado em ciências; foi recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu felicitações por parte do presidente, ratificadas por aclamações de toda a assistência.

O *Temps* assegura que a Sra. Bris deve inscrever-se na Faculdade de Medicina, visando o doutorado. (*Grande Moniteur* do dia 6 de agosto de 1868.)

Disseram-nos que a Sra. Bris é americana. Conhecemos duas senhoritas de Nova Iorque, irmãs da Srta. B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que têm diploma de doutor e exercem a Medicina exclusivamente para mulheres e crianças. Ainda não chegamos a este ponto.

MISS NICHOL, MÉDIUM DE TRANSPORTE

Nestes últimos dias, o Hotel dos Dois Mundos, da rua d'Antin, foi teatro das sessões sobrenaturais dadas pela célebre *médium* Nichol, apenas em presença de alguns iniciados.

A Sra. Nichol vai a Roma submeter ao exame do Santo Padre a sua faculdade extraordinária, que consiste em fazer cair

chuvas de flores. – É o que se chama um *médium de transporte*. (Jornal *Paris*, 15 de janeiro de 1869.)

A Sra. Nichol é de Londres, onde goza de certa reputação como médium. Assistimos a algumas de suas experiências, numa sessão íntima, há mais de um ano, e confessamos que nos deixaram muito a desejar. É verdade que somos sofrivelmente céptico em relação a certas manifestações, e um tanto exigente quanto às condições em que se produzem, não que ponhamos em dúvida a boa-fé dessa senhora: dizemos apenas que o que *vimos* não nos pareceu capaz de convencer os incrédulos.

Desejamos-lhe boa-sorte junto ao Santo Padre; por certo ela não terá dificuldade em convencê-lo da realidade dos fenômenos que hoje são abertamente confessados pelo clero. (Vide a obra intitulada: *Os Espíritos e suas relações com o mundo visível*, pelo abade Triboulet.)[9] Mas duvidamos muito que ela consiga que reconhecem oficialmente que não são obras do diabo.

Roma é uma terra malsã para os médiuns que não fazem milagres segundo a Igreja. Lembra-se que em 1864 o Sr. Home, que ia a Roma, não para exercer a sua faculdade, mas unicamente para estudar escultura, viu-se forçado a ceder à injunção que lhe foi feita de deixar a cidade em vinte e quatro horas. (*Revista* de fevereiro de 1864.)

As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Maurício

As últimas notícias que recebemos da Ilha Maurício constatam que o estado dessa infeliz região segue exatamente as fases anunciadas. (*Revista* de julho de 1867 e novembro de 1868.)

9 1 vol. in-8; 5 fr.

Além disso contêm um fato notável, que forneceu assunto para uma importante instrução na Sociedade de Paris.

"Os calores do verão, diz o nosso correspondente, trouxeram a terrível febre, mais freqüente, mais tenaz do que nunca. Minha casa tornou-se uma espécie de hospital e passo o tempo a me cuidar e a tratar do próximo. A mortalidade não é muito grande, é verdade, mas, depois de horríveis sofrimentos que nos causam cada acesso, experimentamos uma perturbação geral, que desenvolve em nós novas doenças: as faculdades se alteram pouco a pouco; os sentidos, sobretudo a audição e a visão, são particularmente afetados. Entretanto, nossos Espíritos bons, perfeitamente concordes em suas comunicações com as vossas, nos anunciam o próximo fim da epidemia, mais a ruína e a decadência dos ricos, o que, aliás, já começa.

"Aproveito o pouco tempo disponível para vos dar os detalhes que prometi, sobre os fenômenos de que a minha casa tem sido teatro. As pessoas às quais ela pertencia antes de mim, despreocupadas e negligentes, conforme o uso da região, a tinham quase deixado cair em ruína, de modo que fui obrigado a fazer grandes reparações. O jardim, transformado em capoeira, estava cheio dessas grandes árvores da Índia, chamadas *multiplicantes*, cujas raízes, saídas do alto dos galhos, descem até o solo, onde se implantam, ora formando troncos enormes, superpondo-se uns aos outros, ora galerias bastante extensas.

"Essas árvores têm reputação bastante má nesta região, onde passam por ser assombradas pelos Espíritos maus. Sem consideração por seus supostos habitantes misteriosos, e como absolutamente não eram do meu gosto e atulhavam inutilmente o jardim, mandei derrubá-las. Desde esse momento se nos tornou quase impossível ter um dia de repouso na casa. Seria preciso ser realmente espírita para continuar a habitá-la. A cada instante ouvíamos batidas por todos os lados, portas se abrindo e se

fechando, móveis se mexendo, suspiros, palavras confusas; muitas vezes ouviam-se pisadas nos quartos vazios. Os operários que reparavam a casa foram perturbados muitas vezes por esses ruídos estranhos, mas, como era durante o dia, não se apavoravam muito, pois as manifestações são muito freqüentes na região. Por mais que fizéssemos preces, evocássemos esses Espíritos e os doutrinássemos, eles só respondiam por injúrias e ameaças e não cessavam sua algazarra.

"Nesta época tínhamos uma reunião por semana. Mas não podeis imaginar todas as traquinadas que nos foram feitas para perturbar e interromper nossas sessões; ora as comunicações eram interceptadas, ora os médiuns experimentavam sofrimentos que os forçavam à inação.

"Parece que os clientes habituais da casa eram muito numerosos e muito maus para serem moralizados, pois não lhes pudemos vencer a resistência, vendo-nos obrigados a cessar as reuniões, já que nada mais obtínhamos. Só um nos quis escutar e se recomendar às nossas preces. Era um pobre português, chamado Guilherme, que se supunha vítima das criaturas com as quais tinha cometido não sei que maldade, e que o retinham lá, dizia ele, para sua punição. Tomei informações e soube que, efetivamente, um marinheiro português com esse nome tinha sido um dos locatários da casa, e que havia morrido.

"A febre chegou; os ruídos tornaram-se menos freqüentes, mas não cessaram; aliás, acabamos por nos habituar. Ainda nos reuníamos, mas a doença impediu que as sessões prosseguissem normalmente. Cuidei para que fossem feitas tanto quanto possível no jardim, pois notamos que na casa as boas comunicações são mais difíceis de obter e que nesses dias somos bastante atormentados, sobretudo à noite."

A questão dos lugares assombrados é um fato comprovado; os barulhos e perturbações são coisas conhecidas. Mas certas árvores terão um poder atrativo particular? Na circunstância de que se trata, existe uma relação qualquer entre a destruição dessas árvores e os fenômenos que se seguiram imediatamente? A crença popular teria aqui alguma realidade? É o que a instrução abaixo parece dar uma explicação lógica, até mais ampla confirmação.

(Sociedade de Paris, 19 de fevereiro de 1869)

Todas as lendas, sejam quais forem, por mais ridículas e pouco fundamentadas que sejam, repousam numa base real, numa verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. Diz-se que certas plantas são boas para expulsar os Espíritos maus; outras podem provocar a possessão; certos arbustos são mais particularmente assombrados; tudo isto é verdadeiro, isoladamente. Um *fato* ocorreu, uma manifestação especial justificou esse dito, e a massa supersticiosa apressou-se em generalizá-lo. É a história de um homem que põe um ovo. A coisa corre em *segredo* de boca em boca e se amplifica até tomar as proporções de uma lei incontestável, e essa lei que não existe é aceita em razão das aspirações para o desconhecido, para o *extranatural* da generalidade dos homens.

As "multiplicantes" foram, sobretudo em Maurício, e são ainda, pontos de referência para as reuniões da noite; a gente se encosta a um tronco, respira o ar à sua volta e se abriga sob sua folhagem.

Ora, ao desencarnarem, sobretudo quando estão em certa inferioridade, os homens conservam seus hábitos materiais; freqüentam os lugares de que gostavam quando encarnados, aí se reúnem e aí permanecem. Eis por que há lugares mais particularmente assombrados; aí não vêm os primeiros Espíritos que chegam, mas os Espíritos que os freqüentaram em vida. As

"multiplicantes" não são, pois, mais propícias à habitação dos Espíritos inferiores do que qualquer outro abrigo. O costume as designa aos fantasmas de Maurício, como certos castelos, certas clareiras das florestas alemãs, certos lagos são assombrados mais particularmente pelos Espíritos, na Europa.

Se se perturbam esses Espíritos, ainda inteiramente materiais, e que, na sua maioria, se julgam vivos, eles se irritam e tendem a vingar-se e a implicar com os que os privaram de seu abrigo; daí as manifestações de que essa senhora e tantos outros tiveram que se queixar.

Em geral, sendo a população mauriciana inferior, do ponto de vista moral, a desencarnação não pode fazer do espaço senão um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda marcados por todos os seus hábitos terrenos, e que continuam, não obstante Espíritos, a viver como se fossem homens. Privam da tranqüilidade e do sono os que os privam de sua habitação predileta, e eis tudo. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem a ver com isso; é simplesmente uma questão de bem-estar. Desalojam-nos e eles se vingam. Materiais por essência, vingam-se materialmente, batendo nas paredes, lamentando-se, manifestando seu descontentamento sob todas as formas.

Que os mauricianos se depurem e progridam e voltarão ao espaço com tendências de outra natureza, e as "multiplicantes" perderão a faculdade de abrigar os fantasmas.

Clélie Duplantier

Conferência Sobre o Espiritismo

Sob o título de: *O Espiritismo perante a Ciência*, uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, tinha sido anunciada para

o dia 30 de janeiro último, na sala do Boulevard des Capucines. Em que sentido devia falar o orador? É o que todo o mundo ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-professo* de todas as partes da questão. Todavia, o orador fez completa abstração da parte mais essencial, a que constitui, a bem dizer, o Espiritismo: a parte filosófica e moral, sem a qual seguramente o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855 já se cansavam das mesas girantes; certamente se a isto se tivesse limitado o Espiritismo, há muito tempo não se falaria mais dele; sua rápida propagação data do momento em que nele se viu algo de sério e de útil, em que se entreviu um objetivo humanitário.

O orador limitou-se, pois, ao exame de alguns fenômenos materiais, porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos, tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita. Ora, anunciar que se vai tratar de uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas conseqüências e deter-se em alguns pontos superficiais, é absolutamente como se, sob o nome de *Curso de Literatura*, um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard se tivesse dito: "Para que falar da doutrina filosófica? Já que essa doutrina se apóia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que tal intervenção não existe, todo o resto desmoronará." Quantos, antes do Sr. Chevillard, se gabaram de haver desferido o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviava sem piedade todos os espíritas para o hospício de Charenton e que, dois anos mais tarde, ele próprio morria numa casa de alienados! Contudo, a despeito de todos esses fanfarrões, ferindo a torto e a direito, e que pareciam não ter senão que falar para o reduzir a pó, o Espiritismo viveu, cresceu e vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca!

Eis um fato que tem o seu valor. Quando uma idéia resiste a tantos ataques, é que existe alguma coisa a mais.

Não se viram outrora cientistas se esforçando para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E sem ir tão longe, esse século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a fazer seria a coletânea dos erros oficiais da Ciência. Isto é simplesmente para chegar a esta conclusão: quando uma coisa é verdadeira, marcha a despeito de tudo, malgrado a opinião contrária dos sábios. Ora, se o Espiritismo marchou, apesar dos argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratava sem-cerimônia todos os espíritas de charlatães e escroques. Deve-se render justiça ao Sr. Chevillard, que só os censura por se enganarem quanto à causa. Aliás, os epítetos indecorosos, além de nada provarem, sempre denotam falta de civilidade, e ficariam muito deslocados num auditório onde, necessariamente, deveriam encontrar-se muitos espíritas. O púlpito evangélico é menos escrupuloso; aí se diz muitas vezes: "Fugi dos espíritas como da peste e persegui-os", o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, já que o temem e desde que não se dão tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos; ao contrário, admite-os, pois os constatou. Apenas os explica à sua maneira. Ao menos traz um argumento novo em favor de sua tese? Pode-se julgar por isto:

"Cada homem, diz ele, possui uma quantidade maior ou menor de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se desprende sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; penetra a mesa e esta se move; as pancadas

na mesa não passam de descargas elétricas, provocadas pela concentração do pensamento." Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, em pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou nele não acreditam? Superabundância de eletricidade, que se desprende espontaneamente e produz descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. – E quando o médium obtém, pela tiptologia ou pela escritura, coisas que ele ignora? Sempre se sabe alguma coisa, e se não for o pensamento do médium, poderá ser o dos outros.

E quando o médium escreve, inconscientemente, coisas que lhe são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Deste fato, assim como de muitos outros, ele não cogita. Entretanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema. Se um único fato escapar à explicação, é que esta é falsa ou incompleta. Ora, de quantos fatos esta é impotente para dar a solução! Desejaríamos muito saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos relatados acima concernentes à Srta. de Chilly, a aparição do jovem Eduardo Samuel, todos os incidentes do que se passou na Ilha Maurício. Como explicaria, pelo desprendimento da eletricidade, a escrita em pessoas que não sabem escrever? pelo reflexo do pensamento o caso daquela criada que escreveu, diante de toda uma comunidade: Eu roubo a minha patroa?

Em suma, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que já é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que tem sido dito, desde quinze anos, sob

todas as formas, sem que a idéia tenha prevalecido. Será ele mais feliz do que os seus antecessores? É o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver a que expedientes recorrem os que querem explicar tudo sem os Espíritos! Em vez de irem direto ao que se apresenta diante deles na mais simples das formas, vão procurar causas tão confusas, tão complicadas, que só são inteligíveis para eles. Deveriam ao menos, para completar sua teoria, dizer em que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens após a morte, pois isto interessa a todo o mundo, e provar como é que esses Espíritos não podem manifestar-se aos vivos. É o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles o podem fazer.

Mas tudo isto é necessário. É preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua impotência. Aliás, há um fato notório: é que toda essa repercussão dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o puseram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais violentos foram os ataques, mais ele progrediu. Não seria necessário a todas as grandes idéias o batismo da perseguição, fosse ainda o da zombaria? E por que ele não o sofreu? A razão é muito simples: é porque, fazendo-o dizer o contrário do que diz, apresentando-o completamente diverso do que ele é, corcunda quando é ereto, só terá a ganhar num exame sério e consciencioso, e os que o quiseram ferir sempre feriram no lado da verdade. (Vide a *Revista* de fevereiro de 1869: *O poder do ridículo*.)

Ora, quanto mais negras forem as cores sob as quais o apresentam, mais excitarão a curiosidade. O partido que se bateu em dizer que é o diabo, fez-lhe muito bem, porquanto, entre os que ainda não tinham tido oportunidade de ver o diabo, muitos ficaram bem à vontade sabendo como ele é, e não o acharam tão negro quanto o haviam pintado. Dizei que numa praça de Paris há um monstro horrível, que vai empestar toda a cidade, e todo mundo

correrá para vê-lo. Não se viram autores mandar publicar nos jornais críticas contra suas próprias obras, unicamente para que delas falassem? Tal foi o resultado das diatribes furibundas contra o Espiritismo; provocaram o desejo de conhecê-lo e serviram-no mais do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer propaganda em seu proveito; aí está a experiência para o provar. Deste ponto de vista, devemos nos felicitar pela conferência do Sr. Chevillard. Mas, apressemo-nos em dizer, em louvor ao orador, que ele se cingiu a uma polêmica honesta, leal e de bom-gosto. Emitiu a sua opinião: é direito seu e, embora não seja a nossa, não temos por que nos queixar. Mais tarde, sem a menor dúvida, quando chegar o momento oportuno, o Espiritismo também terá os seus oradores simpáticos. Apenas lhes recomendaremos que não caiam no erro dos adversários, isto é, que estudem a questão a fundo, a fim de só falarem com conhecimento de causa.

Dissertações Espíritas

A MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES

Continuação – Vide o número de janeiro

(Paris – Grupo Desliens, 5 de janeiro de 1869 – Médium: Sr. Desliens)

Senhores, tendes razão de me lembrar minha promessa, porque o tempo, que passa tão rapidamente no mundo do espaço, tem minutos eternos para aquele que o sofre sob o aperto da prova! Há alguns dias, algumas semanas, eu contava como vós; cada dia acrescentava toda uma série de vicissitudes àquelas outras já suportadas, e a taça ia-se enchendo lentamente.

Ah! não sabeis quanto uma reputação de grande homem é pesada para suportar! Não desejeis a glória; não sejais

conhecidos: sede úteis. A popularidade tem os seus espinhos e, por mais de uma vez, vi-me ferido pelas carícias demasiado brutais da multidão.

Hoje, a fumaça do incenso não mais me inebria. Pairo sobre as mesquinharias, e é um horizonte sem limites que se estende diante da minha insaciável curiosidade. Por isso, as horas caem aos borbotões na ampulheta secular, e procuro sempre, sempre estudo sem jamais contar o tempo decorrido.

Sim, eu vos prometi. Mas, quem pode gabar-se de cumprir uma promessa, quando os elementos necessários para cumpri-la pertencem ao futuro? O poderoso do mundo, ainda sob o sopro da adulação dos cortesãos, pôde ter querido enfrentar o problema corpo a corpo; mas não era mais de uma luta fratricida que se tratava aqui; não havia mais aplausos, ruidosas aclamações para me encorajar e escapar de minha fraqueza. Era, e ainda é, um trabalho sobre-humano a que me atirei; é contra ele que luto sempre e, se espero triunfar, contudo não posso dissimular o meu esgotamento. Estou vencido... em apuros!... Repouso antes de explorar de novo; mas, se hoje não vos posso falar do que será o futuro, talvez possa apreciar o presente: ser crítico, depois de ter sido criticado. Vós me julgais e não me aprovareis senão se eu for justo, o que tentarei fazer, evitando os personalismos.

Por que, então, tantos músicos e tão poucos artistas? tantos compositores e tão poucas verdades musicais? Ai! é que não há, como se pensa, imaginação que a arte possa criar; não há outro mestre e outro criador senão a verdade. Sem ela não há nada, ou só há uma arte de contrabando, de ouropéis, de contrafação. O pintor pode dar a ilusão de mostrar branco onde não pôs senão uma mistura de cores sem nome; as oposições de matizes criam uma aparência e foi assim, por exemplo, que Horace Vernet pôde fazer parecer de um branco brilhante um magnífico cavalo baio.

Mas a nota só tem um som. O encadeamento dos sons não produz uma harmonia, uma verdade senão quando as ondas sonoras se fazem o eco de uma outra verdade. Para ser músico, já não basta alinhar notas sobre um pentagrama, de maneira a conservar a justeza das relações musicais; assim só se consegue produzir ruídos agradáveis; mas é o sentimento que nasce sob a pena do verdadeiro artista, é ele que canta, chora, ri... Assobia na folhagem com o vento tempestuoso; salta com a vaga espumante; ruge com o tigre furioso!... Mas, para dar alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso que ele próprio tenha experimentado esses diferentes sentimentos, dores, alegria, cólera!

É com o sorriso nos lábios e a incredulidade no coração que personificais um mártir cristão? Será um céptico do amor que fará um Romeu, uma Julieta? Será um estróina despreocupado que criaria a Margarida de *Fausto?* Não! É preciso inteira paixão àquele que faz vibrar a paixão!... E eis por que, quando se denigrem tantas folhas, as obras são tão raras e as verdades excepcionais: é que não se crê, é que a alma não vibra. O som que se ouve é o do ouro que tilinta, do vinho que crepita!... A inspiração é a mulher que exibe uma beleza falsa; e, como não se possui senão defeitos e virtudes falsas, só se produz um verniz, uma maquilagem musical. Arranhai a superfície e logo encontrareis a pedra.

Rossini

(17 de janeiro de 1869 – Médium: Sr. Nivard)

O silêncio que guardei sobre a questão que me dirigiu o mestre da Doutrina Espírita foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil tema, recolher-me, lembrar-me e condensar os elementos que estavam em minha mão. Eu não tinha que estudar música, tinha apenas que classificar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de dar uma idéia de minha concepção sobre a harmonia. Esse trabalho, que não fiz sem

dificuldade, está terminado, e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.

A harmonia é difícil de definir. Muitas vezes confundem-na com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas, e das vibrações dos instrumentos reprodutores desse arranjo. Mas a harmonia não é isto, como a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: ela não é tangível. Aqui o efeito é superior à causa. Assim com a harmonia. Ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à sua causa: a causa é brutal e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma é apta a perceber a harmonia fora de todo concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz fora de todo concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que possui a alma; quanto mais desenvolvido esse sentido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, isto é, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; nós as possuímos em razão dos esforços feitos para adquiri-las. Se comparo a luz e a harmonia, é para me fazer compreender melhor e, também, porque essas duas sublimes satisfações da alma são filhas de Deus e, por conseguinte, irmãs.

A harmonia do espaço é tão complexa, tem tantos graus que eu conheço, e muitos mais ainda, que me são ocultos no éter infinito, que aquele que estiver colocado num certo nível de percepções, é como que tomado de admiração ao contemplar essas harmonias diversas, que, se fossem reunidas, constituiriam a mais insuportável cacofonia; ao passo que, ao contrário, percebidas separadamente, constituem a harmonia particular a cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores;

levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, deslumbra um Espírito de percepções grosseiras; e quando ao Espírito inferior é dado deleitar-se nas delícias das harmonias superiores, é tomado pelo êxtase e a prece o penetra; o encantamento o arrasta às esferas elevadas do mundo moral; vive uma vida superior à sua e desejaria continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia deixa de o penetrar, desperta, ou, se se quiser, adormece. Em todo o caso, volta à realidade de sua situação, e nos lamentos que deixa escapar por ter descido, se exala uma prece ao Eterno, pedindo forças para subir. Para ele é um grande motivo de emulação.

Não tentarei dar a explicação dos efeitos musicais que produz o Espírito agindo sobre o éter. O que é certo é que o Espírito produz os sons que quer, e não pode querer o que não sabe. Ora, aquele que compreende muito, que tem a harmonia em si, que dela está saturado, que goza, ele próprio, o seu sentido íntimo, esse nada impalpável, essa abstração que é a concepção da harmonia, age quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e quer. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último traz em si a bem dizer se concretiza; exala-se doce e suave como o perfume da violeta, ou ruge como a tempestade, ou rebenta como o raio, ou se lamenta como a brisa; é rápida como o relâmpago, ou lenta como a nuvem; é entrecortada como o soluço, ou uniforme como a relva; é desordenada como uma catarata, ou calma como um lago; murmura como um regato ou estrondeia como uma torrente. Ora tem a agreste aspereza das montanhas, ora o frescor de um oásis; é sucessivamente triste e melancólica como a noite, jovial e alegre como o dia; é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; é desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a Natureza. Quando ela chega a este último termo, confunde-se com a prece, glorifica a Deus e leva ao deslumbramento aquele mesmo que a produz ou a concebe.

Oh! comparação! comparação! Por que se é obrigado a empregar-te? Por que se dobrar às tuas necessidades degradantes e tomar, à natureza tangível, imagens grosseiras para fazer conceber a sublime harmonia na qual se deleita o Espírito? E ainda, malgrado as comparações, não se pode dar a compreender essa abstração, que é um sentimento quando ela é causa, e uma sensação quando se torna um efeito?

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que se quitou intelectualmente; um e outro gozam constantemente da propriedade inalienável que conquistaram. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência aos que ignoram, experimenta a felicidade de ensinar, porque sabe que torna felizes aqueles a quem instrui; o Espírito que faz ressoar no éter os acordes da harmonia que nele existe, experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o ouvem.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito; a primeira o deslumbra, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em suas plenitudes, elas se confundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as contendes! Descei às nossas trevas e clareai nossa marcha; mostrai-nos o caminho que tomastes, a fim de que sigamos as vossas pegadas!

E quando penso que esses Espíritos, cuja existência posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confusa, pensando na grandeza de Deus e na felicidade infinita que goza em si mesmo, pelo só fato de sua pureza infinita, pois tudo quanto a criatura adquire não é senão uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a deslumbrar pela suavidade, a resplender pela virtude, que deve então produzir a fonte eterna e infinita de onde foi tirada? Se o Espírito, ser criado, chega a haurir

em sua pureza tanta felicidade, que idéia se deve fazer da que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na grosseira linguagem chamada música; concretiza sua idéia e a escreve. O Espírito aprende a forma e toma o instrumento que lhe deve permitir exprimir a idéia. O ar posto em atividade pelo instrumento leva-a ao ouvido, que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi impotente para exprimir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma língua suficiente; por sua vez o executante não compreendeu toda a idéia escrita, e o instrumento indócil de que se serve não lhe permite traduzir tudo quanto compreendeu. O ouvido é ferido pelo ar grosseiro que o cerca, e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia nascida na alma do maestro. A idéia do maestro era o seu sentimento íntimo; embora corrompida pelos agentes de instrumentação e de percepção, produz, no entanto, sensações nos que escutam a sua tradução; essas sensações são a harmonia. A música as produziu: são efeitos desta última. A música é posta a serviço do sentimento para produzir a sensação. No compositor o sentimento é a harmonia; no ouvinte a sensação também é harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida por outro. A música é o *médium* da harmonia; ela a recebe e a dá, como o refletor é o *médium* da luz, como tu és o *médium* dos Espíritos. Ela a torna mais ou menos corrompida, conforme seja mais ou menos bem executada, como o refletor envia melhor ou pior luz, conforme seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium exprime mais ou menos os pensamentos do Espírito, conforme seja mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia está bem compreendida em sua significação, que se sabe que é concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a do espaço.

Entre vós, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós tudo é sutil: vós tendes o ar, nós temos o éter; tendes o órgão que obstrui e vela; em nós a percepção é direta e nada a vela. Entre vós, o autor é traduzido; entre nós, fala sem intermediário e na linguagem que exprime todas as concepções. E, contudo, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da Lua tem a mesma fonte que a do Sol; assim como a luz da Lua é o reflexo da luz do Sol, a harmonia da Terra não passa de reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Não se a compreende senão quando se a possui, e não se a possui senão quando se a adquiriu. O homem que é jovial não pode explicar sua alegria; o que é medroso não pode explicar seu medo. Podem dizer os fatos que provocam esses sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos ficam inexplicados. O fato que causa a alegria em um nada produzirá sobre outro; o objeto que ocasiona o medo produzirá a coragem de outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; isto não se dá em física, mas se dá em metafísica. Isto sucede porque o sentimento é propriedade da alma, e as almas diferem entre si em sensibilidade, em impressionabilidade, em liberdade. A música, que é a causa secundária da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. É que o primeiro está em condição de receber a impressão produzida pela harmonia e o segundo num estado contrário; escuta o ar que vibra, mas não compreende a idéia que ele lhe traz. Este chega ao aborrecimento e adormece, aquele ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta para sentir; desprende-se mais facilmente e a harmonia a ajuda a se desprender; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde se deve concluir que a música é essencialmente moralizadora, pois que leva a harmonia às almas e a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência geralmente é ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Tal sentimento existe num certo grau, mas se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que é privado desse sentimento a ele é trazido gradativamente; também acaba por se deixar penetrar e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por um instante, os grosseiros prazeres, que prefere à divina harmonia.

E agora, se se considerar que a harmonia sai do conceito do Espírito, deduzir-se-á que, se a música exerce uma influência feliz sobre a alma, a alma, que a concebe, também exerce sua influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão do bem, do belo, do grande, e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais encouraçadas e de comovê-las. Se o compositor estiver terra-a-terra, como expressará a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua indolência. Elas serão ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas e ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem, e os perverterão, em vez de os melhorar.

Moralizando os homens, o Espiritismo exerce, assim, uma grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes, fazendo ouvir suas composições.

Rirão menos, chorarão mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a feiúra à beleza e o cômico à grandeza.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo terá preparado para receber facilmente a harmonia, ouvindo música

séria, sentirão um verdadeiro encanto; desdenharão a música frívola e licenciosa, que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem deixados pelo belo e pelo bom, desaparecerão os compositores dessa ordem, porque, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que se corrompem.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como não seria assim? Seu advento mudará a arte, depurando-a. Sua fonte é divina, sua força a conduzirá por toda parte onde houver homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas lhe pedirão suas inspirações, e ele lhas fornecerá, porque é rico, porque é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, em nova existência, virá continuar a arte que considera como a primeira de todas; o Espiritismo será o seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO

(Paris – Grupo Desliens, 16 de fevereiro de 1869)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abarca a Humanidade inteira, como uma rede à qual ninguém pode escapar. Cada um, estando em contato diário, saiba-o ou não, queira-o ou se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Não fui, não sou ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual vulgarmente se deu o nome de *voz da consciência*, cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num ou noutro sentido e, muitas vezes, simultaneamente, o bem puro, absoluto; acomodações com o interesse; o mal em toda a sua nudez. – O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu apelo, e ele escolhe; mas escolhe entre essas diversas inspirações e o seu

próprio sentimento. – Os inspiradores são amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou eventuais, interesseiros ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas, como os conselhos dos amigos da Terra, seus conselhos são ouvidos ou rejeitados; por vezes provocam um resultado contrário ao que se espera; muitas vezes não produzem qualquer efeito. – Que concluir daí? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, mas que obedece livremente à sua própria vontade, modificada por avisos que, no estado normal, jamais podem ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos mínimos detalhes de sua existência, e quando se trata de trabalhos que ele veio realizar mais especialmente, de provas decisivas que deve suportar, ou de obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não se fazem mais somente e apenas conselheiras, mas atraem o Espírito para certos assuntos, provocam certos estudos e colaboram na obra, fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. Aqui é uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, só um pode e deve assiná-la, porque só um a fez e é o seu responsável!

Afinal de contas, o que é uma obra, seja qual for? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. O homem nada faz, tudo descobre. É preciso não confundir esses dois termos. Inventar, no seu verdadeiro sentido, é tornar evidente uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas posto em germe no berço do Universo. Aquele que inventa levanta uma das pontas do véu que oculta a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, rebuscar no fundo das inteligências, pedir a um a Mecânica, a outro a Geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a

um outro, ainda, as leis históricas e, do todo, fazer algo novo, interessante, inimaginável.

Aquele que foi explorar os recantos das bibliotecas, que ouviu falarem os mestres, que perscrutou a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Religião, da antiguidade mais remota até os nossos dias, é o médium da Arte, da História, da Filosofia e da Religião? É o médium dos tempos passados, quando por sua vez escreve? Não, porque não conta pelos outros, mas ensinou os outros a contar e enriquece os seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. – Por muito tempo o músico ouviu a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la para o mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não: compõe e escreve; escutou o Espírito que lhe veio cantar as melodias do céu; ouviu o Espírito que clamou a paixão ao seu ouvido; ouviu gemerem a virgem e a mãe, deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça do filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança e numerosos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, cada um por sua vez cantou a sua partitura ao seu lado. Ele as escutou, as estudou, no mundo e na inspiração, e de um e outro fez as suas obras. Mas não era médium, como não é médium o médico que ouve os doentes contando o que sofrem, e que dá um nome às suas doenças. – A mediunidade teve suas horas num como no outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória, o que fez, o fez apenas à custa dos estudos colhidos dos homens e dos Espíritos.

Sendo assim, é-se médium de todos; é-se médium da Natureza, médium da verdade e médium muito imperfeito, porque muitas vezes a mediunidade aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que é irreconhecível e desconhecida.

Halévy

Allan Kardec

Errata

Número de fevereiro de 1869, página 63, linha 32, lede: *eles opuseram aos católicos armas...*

Mesmo número, página 64, linhas 16 e seguintes, lede: *e a mais nova das irmãs foi deixada como morta, debaixo de corpos massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, ainda viva, foi levada para a casa do pai, mas morreu dos ferimentos alguns dias depois.*[10]

10 **N. do T.:** As páginas e linhas indicadas correspondem ao original francês. As correções apontadas por Allan Kardec foram feitas nos devidos lugares desta versão.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII ABRIL DE 1869 Nº 4

Aviso Muito Importante

A partir de 1º de abril o escritório de assinaturas e de expedição da ***Revista Espírita*** se transfere para a sede da ***Livraria Espírita***, Rua de Lille, nº 7.

A partir da mesma data, o escritório da redação e o domicílio pessoal do Sr. Allan Kardec ficam à *Avenida e Villa Ségur*, nº 39, atrás dos Inválidos.

A Sociedade Espírita de Paris provisoriamente fará suas sessões no local da Livraria, Rua de Lille, nº 7.

Livraria Espírita

Há algum tempo havíamos anunciado o projeto de publicação de um catálogo racional das obras que interessam ao Espiritismo, e era intenção juntá-lo, como suplemento, a um dos números da *Revista*. Nesse ínterim, tendo sido concebido e executado, por uma sociedade de espíritas, o projeto da criação de

uma casa especial para as obras desse gênero, nós lhe demos o nosso trabalho, que foi concluído à vista de sua nova finalidade.

Tendo conhecido a incontestável utilidade dessa fundação e a solidez das bases sobre as quais ela está apoiada, não hesitamos em lhe dar nosso apoio moral.

Eis em que termos ela está anunciada, no topo do catálogo que remetemos aos nossos assinantes com o presente número:

"O interesse que se liga cada vez mais aos estudos psicológicos em geral, e, em particular, o desenvolvimento que as idéias espíritas têm tomado de alguns anos para cá, fizeram sentir a utilidade de uma casa especial para a concentração dos documentos concernentes a essas matérias. Fora das obras fundamentais da Doutrina Espírita, existe um grande número de livros, tanto antigos quanto modernos, úteis ao complemento desses estudos, e que são ignorados, ou sobre os quais faltam informações necessárias para obtê-los. É visando preencher esta lacuna que a *Livraria Espírita* foi fundada.

"A *Livraria Espírita* não é uma empresa comercial; foi criada por uma sociedade de espíritas, tendo em vista os interesses da Doutrina, e que renunciam, pelo contrato que os ligam, a toda especulação pessoal.

"É administrada por um gerente, simples mandatário, e todos os lucros constatados pelos balanços anuais serão por ele lançados na Caixa Geral do Espiritismo.

"Essa caixa é provisoriamente administrada pelo gerente da *Livraria*, sob a supervisão da Sociedade fundadora. Em conseqüência, receberá os fundos de qualquer procedência, destinados para tal finalidade, terá uma contabilidade exata e

operará a sua movimentação até quando as circunstâncias determinarem o seu emprego."

Profissão de Fé Espírita Americana

Reproduzimos conforme o *Salut* de Nova Orléans, a declaração de princípios aprovada na quinta *convenção nacional*, ou assembléia dos delegados dos espíritas das diversas partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças sobre essas matérias, entre o que se chama a escola americana e a escola européia, é algo de grande importância, como cada um poderá convencer-se.

Declaração de princípios

O espiritualismo nos ensina:

1. – Que o homem tem uma natureza espiritual, tanto quanto uma natureza corporal; ou, antes, que o homem verdadeiro é um Espírito, tendo uma forma orgânica, composta de materiais sublimados, que representa uma estrutura correspondente à do corpo material.

2. – Que o homem, como Espírito, é imortal. Tendo reconhecido que sobrevive a essa mudança chamada morte, pode-se racionalmente supor que sobreviva a todas as vicissitudes futuras.

3. – Que há um mundo ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, tanto objetivas quanto subjetivas.

4. – Que o processo da morte física não transforma, de nenhum modo essencial, a constituição mental ou o caráter moral daquele que a experimenta, pois se assim não fosse, sua identidade seria destruída.

5. – Que a felicidade ou a infelicidade, tanto no estado espiritual quanto neste, não depende de um decreto arbitrário ou de uma lei especial, mas, antes, do caráter, das aspirações e do grau de harmonia ou conformidade do indivíduo com a lei divina e universal.

6. – Segue-se que a experiência e os conhecimentos adquiridos desde esta vida se tornam as bases sobre as quais começa a vida nova.

7. – Visto como o crescimento, sob certos aspectos, é a lei do ser humano na vida presente, e considerando que aquilo que se chama a morte não é, na realidade, senão o nascimento para uma outra condição de existência, que conserva todas as vantagens ganhas na experiência desta vida, daí se pode inferir que o crescimento, o desenvolvimento, a expansão ou a progressão são o destino infinito do espírito humano.

8. – Que o mundo espiritual não está afastado de nós, mas está perto, rodeia-nos ou está entremeado ao nosso presente estado de existência e, conseqüentemente, estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. – Que, desde que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. – Que, desde que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos que das circunstâncias exteriores, há tantas gradações para cada um quantas as nuances de caracteres, gravitando cada indivíduo em seu próprio lugar, por uma lei natural de afinidade. Pode-se dividi-los em sete graus gerais ou esferas; mas estas devem compreender as variedades indefinidas, ou uma "infinidade de moradas",

correspondentes aos caracteres diversos dos indivíduos, desfrutando cada ser de tanta felicidade quanto lhe permite o seu caráter.

11. – Que as comunicações do mundo dos Espíritos, quer sejam recebidas por impressão mental, por inspiração ou por qualquer outra maneira, não são, necessariamente, verdades infalíveis, mas, ao contrário, se ressentem inevitavelmente das imperfeições da inteligência das quais emanam e das vias pelas quais chegam; e que, além disso, são susceptíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas.

12. – Segue-se que nenhuma comunicação inspirada, no tempo presente ou no passado (sejam quais forem as pretensões que possam, ou tenham podido ser apresentadas quanto à fonte), tem uma autoridade mais ampla que a de representar a verdade à consciência individual, sendo esta última o padrão final a que se devem referir, para o julgamento de todos os ensinamentos inspirados ou espirituais.

13. – Que a inspiração, ou a influência das idéias e das sugestões, vindas do mundo espiritual, não é um milagre dos tempos passados, mas um fato perpétuo, o método constante da economia divina para a elevação da raça humana.

14. – Que todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram ou que se intrometeram nos negócios dos homens no passado, eram simplesmente Espíritos humanos desencarnados, em diversos graus de progressão.

15. – Que todos os milagres autênticos (assim chamados) dos tempos passados, tais como a ressurreição dos que estavam mortos em aparência, a cura das moléstias pela imposição das mãos, ou outros meios igualmente simples, o contato inofensivo com venenos, o movimento de objetos materiais sem concurso visível, etc., etc., foram produzidos em harmonia com as

leis universais e, por conseguinte, podem repetir-se em todos os tempos, sob condições favoráveis.

16. – Que as causas de todo fenômeno – as fontes da vida, da inteligência e do amor – devem ser pesquisadas no domínio interior e espiritual, e não no domínio exterior e material.

17. – Que o encadeamento das causas tende inevitavelmente a remontar e a avançar para um Espírito infinito, que não só é um *princípio formador* (a sabedoria), mas *uma fonte de afeição* (o amor) – assim sustentando a dupla relação do parentesco, do pai e da mãe, de todas as inteligências finitas que, não obstante, são unidas por laços filiais.

18. – Que o homem, na condição de filho desse pai infinito, é sua mais alta representação nesta esfera de seres, sendo o homem perfeito a mais completa personificação da "*plenitude do Pai*" que podemos contemplar, e que cada homem, em virtude desse parentesco, é, ou tem em seus refolhos íntimos, um germe de divindade, uma porção incorruptível da essência divina, que o leva constantemente ao bem, e que, com o tempo, dominará todas as imperfeições inerentes à condição rudimentar ou terrestre, e triunfará sobre todo o mal.

19. – Que o mal é a falta mais ou menos grande da harmonia com esse princípio íntimo ou divino; e, contudo, quer o princípio se chame Cristianismo, Espiritualismo, Religião, Filosofia; quer se reconheça o "Espírito Santo", a Bíblia ou a inspiração espiritual e celeste, tudo quanto ajuda o homem a submeter à sua natureza interna o que em si há de mais exterior, e a torná-lo harmonioso com ela, é um meio de triunfar sobre o mal.

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos. Se não é a da totalidade, ao menos é a da maioria. Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país, do que o

Espiritismo na Europa. Ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e tiraram-se conclusões. Lá, como aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas dos fenômenos, como efeito, chegou-se aos Espíritos como causa, pela observação. Eis uma circunstância capital, que os detratores se obstinam em não levar em conta. Porque trazem consigo, com o pensamento, o desejo mesmo de não encontrar os Espíritos, imaginam que os espíritas deveriam ter tomado seu ponto de partida na idéia preconcebida dos Espíritos, e que a imaginação os faz ver em todo lugar. Como é, então, que tantas pessoas que neles não acreditavam se renderam à evidência? Há milhares de exemplos, na América como aqui. Muitos, ao contrário, passaram pela hipótese que o Sr. Chevillard julga ter inventado, e a ela não renunciaram senão depois de haverem reconhecido a sua impotência para tudo explicar. Ainda uma vez, não se chegou à afirmação dos Espíritos senão depois de haver experimentado todas as outras soluções.

Já foi possível notar as relações e as diferenças existentes entre as duas escolas, e para os que não se contentam com palavras vãs, mas vão ao fundo das idéias, a diferença se reduz a bem pouca coisa. Não se tendo copiado estas duas escolas, tal coincidência é um fato deveras notável. Assim, eis milhões de pessoas nos dois lados do Atlântico que observam um fenômeno e chegam ao mesmo resultado. É verdade que o Sr. Chevillard ainda não tinha passado por lá para apor o seu veto e dizer àqueles milhões de indivíduos, entre os quais há bom número que não passa por tolos: "Enganastes-vos; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos e vou dar ao mundo a sua solução definitiva."

Para tornar a comparação mais fácil, vamos tomar a profissão americana, artigo por artigo, e comparar o que diz, sobre cada uma das proposições aí formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, e que também está desenvolvida em outras obras fundamentais.

Encontrar-se-á um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo:*

1. – O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, no qual residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e do qual o corpo não é senão um envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não passa de um acessório temporário.

Quer durante a vida carnal, quer depois de a ter deixado, o Espírito é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.

2. – O Espírito é imortal; só o corpo é perecível.

3. – Desprendidos do corpo carnal, os Espíritos constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos rodeia e em cujo meio vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, eles próprios fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluidos e das criações fluídicas).

4. – A morte do corpo em nada modifica a natureza do Espírito, que conserva as aptidões intelectuais e morais adquiridas durante a vida terrena.

5. – O Espírito traz em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade; é feliz ou desgraçado em razão do grau de sua depuração moral; sofre as suas próprias imperfeições, cujas conseqüências naturais suporta, sem que a punição resulte de uma condenação especial ou individual.

A infelicidade do homem na Terra provém da inobservância das leis divinas. Quando conformar seus atos e suas instituições sociais a essas leis, será tão feliz quanto o comporte a sua natureza corporal.

6. – Nada do que o homem adquire durante a vida terrena em conhecimentos e em perfeições morais para ele é perdido; ele é, na vida futura, aquilo que realizou na vida presente.

7. – O progresso é a lei universal, em virtude da qual o Espírito progride indefinidamente.

8. – Os Espíritos estão em meio de nós; rodeiam-nos, vêem-nos, escutam-nos e participam, em certa medida, das ações dos homens.

9. – Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, são encontrados em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de perversidade que existem na Terra.

10. – Segundo a crença vulgar, o céu e o inferno são lugares circunscritos de recompensas e punições. Segundo o Espiritismo, trazendo os Espíritos em si mesmos os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, são felizes ou infelizes em qualquer parte onde se encontrem; as palavras céu e inferno não passam de figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, tantos graus entre os Espíritos quantas as nuanças nas aptidões intelectuais e morais. Todavia, se se considerarem os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, que se podem subdividir ao infinito, sem que essa classificação nada tenha de absoluta. (*O Livro dos Espíritos*; 2ª Parte, cap. I, nº 100 – "Escala Espírita".)

À medida que os Espíritos avançam em perfeição, habitam mundos cada vez mais adiantados fisicamente e moralmente. Por certo é o que entendia Jesus por estas palavras: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)

11. – Os Espíritos podem manifestar-se aos homens, de diversas maneiras: pela inspiração, pela palavra, pela vista, pela escrita, etc.

É um erro crer que os Espíritos têm a ciência infusa; seu saber, no espaço como na Terra, está subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, sobre certas coisas, sabem menos que os homens. Suas comunicações estão em relação com os seus conhecimentos e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, além disso, ser alterado pelo meio que ele atravessa para se manifestar.

Aos que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, já que não sabem mais que os homens, responde-se, inicialmente, que servem para provar que os Espíritos existem e, por conseguinte, a imortalidade da alma; em segundo lugar, para nos ensinar onde se acham, o que são, o que fazem, e em que condições se é feliz ou desgraçado na vida futura; em terceiro lugar, para destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas após a morte, coisas estas que não seriam sabidas sem as comunicações com o mundo invisível.

12. – As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais, que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, desprezar seu próprio julgamento e seu livre-arbítrio. Seria dar prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo quanto vem dos Espíritos; eles dizem o que sabem. Cabe a nós submeter os seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão.

13. – Sendo as manifestações a conseqüência do incessante contato dos Espíritos e dos homens, elas existiram em todos os tempos; estão na ordem das leis da Natureza e nada têm de miraculoso, seja qual for a forma sob a qual se apresentam. Pondo em contato o mundo material e o mundo espiritual, essas manifestações tendem a elevar o homem, provando-lhe que a Terra não é para ele nem o começo, nem o fim de todas as coisas, e que ele tem outros destinos.

14. – Os seres designados sob o nome de anjos ou de demônios não são criações especiais, distintas da Humanidade. Os anjos são Espíritos saídos da Humanidade e chegados à perfeição; os demônios são Espíritos ainda imperfeitos, mas que melhorarão.

Seria contrário à justiça e à bondade de Deus ter este criado seres perpetuamente votados ao mal, incapazes de voltar ao bem, e outros, privilegiados, isentos de todo trabalho para chegar à perfeição e à felicidade.

Segundo o Espiritismo, Deus não tem favores nem privilégios para nenhuma de suas criaturas; todos os Espíritos têm um mesmo ponto de partida e a mesma estrada a percorrer, para chegar, pelo trabalho, à perfeição e à felicidade. Uns chegaram: são os anjos ou Espíritos puros; os outros ainda estão na retaguarda: são os Espíritos imperfeitos. (Vide *A Gênese*, capítulos sobre os Anjos e os Demônios.)

15. – O Espiritismo não admite os milagres, no sentido teológico da palavra, visto como, segundo ele, nada se realiza fora das leis da Natureza. Certos fatos, supondo-os autênticos, só foram reputados miraculosos porque se ignoravam as suas causas naturais. O caráter do milagre é ser excepcional e insólito; quando um fato se reproduz espontaneamente ou facultativamente, é que está submetido a uma lei, e desde então já não é um milagre. Os fenômenos de dupla vista, de aparições, de presciência, de curas

pela imposição das mãos, e todos os efeitos designados sob o nome de manifestações físicas estão neste caso. (Vide, para o desenvolvimento completo desta questão, a segunda parte de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.)

16. – Todas as faculdades intelectuais e morais têm sua fonte no princípio espiritual, e não no princípio material.

17. – Depurando-se, o Espírito do homem tende a aproximar-se da Divindade, princípio e fim de todas as coisas.

18. – A alma humana, emanação divina, traz em si o germe ou princípio do bem, que é o seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade na Terra.

19. – Tudo o que tende a elevar o homem, a desprender sua alma das constrições da matéria, quer sob a forma filosófica, quer sob a religiosa, é um elemento de progresso que o aproxima do bem, ajudando-o a vencer os seus maus instintos.

Todas as religiões conduzem a esse objetivo, por meios mais ou menos eficazes e racionais, conforme o grau de adiantamento dos homens, para a prática dos quais elas foram feitas.

Em que, então, o Espiritismo americano difere do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo?* Questão pueril de palavras, sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados a coisa é vista de um ponto de vista muito elevado para se prender a semelhante futilidade. Talvez ainda difiram em alguns pontos de forma e de detalhes, muito insignificantes, e que se devem mais aos meios e aos costumes de cada país, do que ao fundo da Doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos cada vez mais avançados. A única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências na Terra, até que o Espírito aqui tenha atingido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporta este globo, após o que o deixa para outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo com a idéia principal, não diferem senão quanto a um dos modos de aplicação. Poderá estar aí uma causa de antagonismo entre gente que persegue um grande objetivo humanitário?

Aliás, o princípio da reencarnação na Terra não é peculiar ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Poder-se-ia fazer uma lista interminável de escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin e a Sra. Beecher-Stove, autora de *A Cabana do Pai Tomás*.

Assim, nem somos o seu criador, nem o seu inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma imensidade de problemas psicológicos e morais, até agora inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir essa questão, para cujo desenvolvimento remetemos o leitor à introdução de *O Livro dos Espíritos*, e ao capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. De duas, uma: esse princípio é verdadeiro, ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei e, como toda lei da Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se haviam oposto à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem dia a dia, e é do nosso conhecimento que já encontra numerosas simpatias naquele país. Aliás, o programa acima, dele não fala. Se não é proclamado, não é contestado. Pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente, como conseqüência inevitável de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes é o oceano, através do qual podem perfeitamente dar-se as mãos.

O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina; ali se encontram, como se pode ser convencido, idéias muito justas e de alto alcance, mas sem ligação. É a opinião de todos os americanos que tivemos ocasião de ver, e é confirmado por um relato feito numa das convenções realizadas em Cleveland, em 1867, de onde extraímos as seguintes passagens:

"Na opinião de vossa comissão, o que hoje se chama Espiritualismo é um caos onde a verdade mais pura está incessantemente misturada aos erros mais grosseiros. Uma das coisas que mais servirão para o adiantamento da nova filosofia será o hábito de empregar bons métodos de observação. Recomendamos aos nossos irmãos e irmãs uma atenção levada ao escrúpulo em toda esta parte do Espiritualismo. Também os aconselhamos a desconfiarem das aparências e a nem sempre tomarem por um estado extático, ou por uma agitação oriunda do mundo espiritual, disposições de alma que podem ter sua origem na desordem dos órgãos, e em particular nas moléstias dos nervos e do fígado, ou em qualquer outra excitação completamente independente da ação dos Espíritos.

"Cada um dos membros da comissão já teve uma experiência muito longa desses fenômenos; já há dez ou quinze

anos, todos tínhamos sido testemunhas de fatos cuja origem extraterrestre não podia ser posta em dúvida, e que se impunham à razão. Mas todos estávamos igualmente convencidos de que uma grande parte do que se dá à multidão como manifestações espiritualistas são muito simplesmente passes de magia mais ou menos bem executados por falsários que disto se servem para explorar a credulidade pública.

"As observações que acabamos de fazer a respeito das habilidades qualificadas de manifestações, se aplicam por inteiro a todos os supostos médiuns, que se recusam a fazer suas experiências em qualquer lugar que não seja um quarto escuro: os Davenport, Fays, Eddies, Ferrrises, Church, Srta. Vanwie e outros, que pretendem fazer coisas materialmente impossíveis, e se deixam passar como instrumentos dos Espíritos, sem trazerem a menor prova em apoio às suas operações. Depois de uma atenta investigação da matéria, estamos na obrigação de declarar que a obscuridade não é uma condição indispensável à produção dos fenômenos; que ela é reclamada como tal apenas pelos velhacos, e que não tem outra utilidade senão favorecer suas trapaças. Em conseqüência, aconselhamos as pessoas que se ocupam de Espiritualismo, a que renunciem à evocação dos Espíritos no escuro.

"Criticando uma prática que pode ser substituída sem esforço por modos de experimentação infinitamente mais probantes, não pretendemos infligir uma censura aos médiuns que o fazem de boa-fé, mas denunciar à opinião pública os charlatães que exploram uma coisa digna de todo o respeito. Queremos defender os verdadeiros médiuns e livrar a nossa gloriosa causa das imposturas que a desonram.

"Cremos nas manifestações físicas; elas são indispensáveis ao progresso do Espiritismo. São provas simples e claras que ferem, de início, aqueles a quem não cegam os preconceitos; são um ponto de partida para chegar à compreensão

das manifestações de ordem mais elevada, o caminho que conduziu a maior parte dos espiritualistas americanos do ateísmo ou da dúvida ao conhecimento da imortalidade da alma. (Extraído do *New-York Herald*, de 10 de setembro de 1867.)

As Conferências do Sr. Chevillard

APRECIADAS PELO JORNAL *PARIS*

(Vide a *Revista Espírita* de março de 1869)

Lê-se no jornal *Paris*, de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

"Ainda está na lembrança o alvoroço causado há alguns anos no mundo, pelo fenômeno das mesas girantes.

"Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada*, nem círculo que não tivesse os seus *Espíritos familiares;* marcava-se dia para fazer a mesa girar, como hoje se marca encontro para uma *festa surpresa*. Por um instante a curiosidade pública – atiçada pelo clero a amedrontar as almas timoratas pelo espectro *abominável* de Satã – não conheceu limites e as mesas estalavam, sacudiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

"Pouco a pouco a febre cedeu, fez-se silêncio, a moda encontrou outros *divertimentos*, quem sabe? talvez *os quadros vivos*.

"Mas, afastando-se, a multidão deixava imóveis alguns cabeças-duras, apesar de tudo presos a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia, correndo de um a outro. Os solitários da véspera se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais desses grupos esparsos senão uma só família, marchando, sob a

divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

"Parece que a esta hora o exército conta bastantes soldados aguerridos para que lhes dêem as honras do combate. E o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução* ***definitiva*** *do problema espírita*, não hesitou em prosseguir o seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo*.

"Por outro lado, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos *inovadores em Medicina*, ameaça bater dentro em pouco as teorias espíritas. Por certo os crentes responderão – os Espíritos não podem encontrar melhor ocasião para se afirmar. – É, pois, um despertar, uma luta que se trava.

"Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. Contam-se por milhões, sem falar dos que crêem *e não se gabam*. O exército recruta todos os dias novos adeptos. Que há de admirável? Não são cada vez mais numerosos os que choram e pedem às comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

"A discussão sobre este assunto parece que deve ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

"O Sr. Chevillard é generoso; não nega os fatos; – afirma a boa-fé dos médiuns com os quais foi posto em contato; não sente qualquer embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos de que fala. Aposta que os espíritas jamais se encontraram em semelhante festa, e eles não deixarão de tirar partido de tais concessões, – se podem opor ao Sr. Chevillard outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

"Não nos cabe responder, mas apenas liberar desse conjunto de fatos algumas leis magnéticas que compõem a teoria

do conferencista. 'As vibrações da mesa, diz ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos.' Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabelece a solução *definitiva* do problema espírita. 'Todo fato espírita, acrescenta ele mais adiante, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente.'

"Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que 'a idéia da ação voluntária mecânica se transmite pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação na qualidade de órgão ligado pelo fluido ao ser que quer, seja a ligação por contato, seja a distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque não o executa por um esforço muscular.'

"Esses três exemplos são suficientes para indicar uma teoria, que, aliás, não temos que discutir, e sobre a qual talvez tenhamos que voltar mais tarde; mas, lembrando-nos de uma lição do Sr. E. Caro, na Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Terá ele perguntado, logo de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática – que não podem ser julgadas senão por dedução – a pesquisa das causas primeiras não é incompatível com as fórmulas da Ciência?

"O Espiritismo deixa larga margem à liberdade de raciocínio para poder depender da Ciência propriamente dita. Os fatos que se constatam, sem dúvida maravilhosos, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

"A causa, digam o que disserem os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses

fenômenos estranhos, e os crentes ficam reduzidos a fazer votos para que, mais cedo ou mais tarde, uma circunstância fortuita rompa o véu que oculta aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostra radioso o deus desconhecido."

Pagès de Noyez

Demos a nossa apreciação sobre o alcance das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como dissemos, nada tem de novo, não importa como pense o autor. Que tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é direito seu; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a pretensão de dar, só ele, a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele é dado a última palavra dos segredos da Natureza, e que, depois dele, nada mais há para ver, nada mais para descobrir. Qual o sábio que alguma vez pronunciou o *nec plus ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas nem sempre é correto proclamar muito alto.

Aliás, não vimos nenhum espírita inquietar-se com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que ele continue a sua aplicação até os últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que lhe possam opor; quereríamos, sobretudo, vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

– Em que se tornam os Espíritos dos homens após a morte?

– Em virtude de que lei esses mesmos Espíritos, que agitavam a matéria durante a vida do corpo, *não podem mais* agitá-la depois da morte e manifestar-se aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria e sobrevive ao corpo, deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que ele

obedece à vontade do Espírito. Desde que admita que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, os lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e, assim, obedecem ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderiam obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre os que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1º A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2º O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3º A intervenção dos demônios; 4º A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desprendidos da matéria, com o mundo corporal.

Desde a origem do Espiritismo essas quatro proposições têm sido preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de valor incontestável. Assim, não faltou a luz da discussão. Como é que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos tenha encontrado mais simpatias? que só ele prevaleceu e é hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo? que todos os argumentos de seus adversários, após mais de quinze anos, não puderam triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma questão interessante a resolver.

A Criança Elétrica

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

O vilarejo de Saint-Urbain, nos confins do Loire e do Ardèche, está em polvorosa. Escrevem-nos que ali se passam coisas estranhas. Uns as imputam ao diabo, outros aí vêem o dedo de Deus, marcando com o selo da predestinação uma de suas criaturas privilegiadas.

Eis em poucas palavras, diz o *Memorial de la Loire*, de que se trata:

"Há cerca de quinze dias nasceu nesta aldeia uma criança que, desde a sua entrada no mundo, tem manifestado as mais admiráveis virtudes, os sábios diriam as mais singulares propriedades. Apenas batizada, tornou-se impalpável e intangível! Intangível, não como a sensitiva, mas à maneira de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. E, depois, é luminosa! De suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes, que a fazem assemelhar-se a uma lucíola.

"À medida que o bebê se desenvolve e se fortifica, esses curiosos fenômenos se acentuam com mais energia e intensidade. Até se produzem novos. Conta-se, por exemplo, que em certos dias, quando se aproxima das mãos e dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, como uma colher, uma faca, uma xícara, mesmo um prato, esses utensílios são tomados de um frêmito e de uma vibração sutis, que nada pode explicar.

"É particularmente à tardinha e à noite que esses fatos extraordinários se acentuam, tanto em estado de sono, quanto em vigília. Por vezes, então – e aqui raia ao prodígio – o berço parece encher-se de uma claridade esbranquiçada, semelhante a essas belas fosforescências que tomam as águas do mar na esteira dos navios, e que a Ciência ainda não explicou perfeitamente.

"E, contudo, o menino não parece absolutamente incomodado com as manifestações de que sua minúscula pessoa é misterioso teatro. Mama, dorme, passa muito bem e nem é menos chorão nem mais impaciente que os seus semelhantes. Tem dois irmãozinhos de quatro e cinco anos, que nasceram e vivem à maneira dos mais vulgares pequerruchos.

"Acrescente-se que os pais, simples agricultores, o marido com quase quarenta anos e a mulher chegando aos trinta, são os esposos menos elétricos e menos luminosos do mundo. Só brilham por sua honestidade e o cuidado com que criam a pequena família.

"Chamaram o cura da comuna vizinha, que declarou, após longo exame, não compreender absolutamente nada disso; depois o cirurgião, que apalpou, tornou a apalpar, virou, revirou, ascultou e percutiu o paciente, sem querer pronunciar-se claramente, mas que prepara um douto relatório à Academia, do qual se falará no mundo médico.

"Um astucioso da região, e os há em toda parte, farejando aí uma boa especulaçãozinha, propôs alugar a criança à razão de 200 fr. por mês, para mostrá-la nas feiras. É um belo negócio para os pais. Mas, naturalmente o pai e a mãe querem acompanhar um filho tão precioso – a 2 francos por dia – e esta condição ainda impede a conclusão do negócio.

"O correspondente que nos dá esses estranhos detalhes nos certifica, sobre a sua honra, que são a mais exata verdade e que teve o cuidado de mandar subscrever sua carta pelos quatro maiores proprietários da região."

Certamente nenhum espírita verá neste fato algo de sobrenatural nem miraculoso. É um fenômeno puramente físico, uma variante, quanto à forma, do que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, como o peixe-elétrico e o gimnoto, têm propriedades análogas.

Eis a instrução dada a respeito por um dos guias instrutores da Sociedade de Paris:

"Como temos dito freqüentemente, os mais singulares fenômenos se multiplicam dia a dia, para atrair a atenção da

Ciência. O menino em questão é, pois, um instrumento, mas não foi escolhido para esse efeito senão em virtude da situação criada em seu passado. Por mais excêntrico que seja, em aparência, um fenômeno qualquer, produzido num encarnado, tem sempre como causa imediata a situação inteligente e moral desse encarnado e uma relação com seus antecedentes, já que todas as existências são solidárias. Sem dúvida é um assunto de estudo para os que o testemunham, mas secundariamente. É, sobretudo, para aquele que dele é objeto, uma provação ou uma expiação. Há, pois, o fato material, que é da alçada da Ciência, e a causa moral, que pertence ao Espiritismo.

"Mas, objetareis, como semelhante estado pode ser uma provação para uma criança dessa idade? Para a criança, não, seguramente, mas para o Espírito, que não tem idade, a provação é certa.

"Achando-se, como encarnado, numa situação excepcional, cercado de uma auréola física, que não passa de uma máscara, mas que deveria passar aos olhos de certa gente por um sinal de santidade ou de predestinação, desprendido durante o sono, o Espírito se orgulha da impressão que produz. Era um taumaturgo de uma espécie particular, que passou sua última existência a representar uma santa personagem, em meio aos prodígios que se tinha exercitado a realizar, e que quis continuar seu papel nesta existência. Para atrair o respeito e a veneração, quis nascer, como criança, em condições excepcionais. Se viver, será um falso profeta do futuro, e não será o único.

"Quanto ao fenômeno em si, é certo que terá pouca duração. A Ciência deve, pois, apressar-se, se o quiser estudar *de visu;* mas nada fará, temerosa de encontrar dificuldades embaraçosas. Contentar-se-á em considerar o menino como um peixe-elétrico humano."

Dr. Morel Lavallée

Um Cura Médium Curador

Um dos nossos assinantes do Departamento dos Hautes-Alpes escreve-nos o seguinte:

"Desde algum tempo se fala muito, no vale do Queyras, de um vigário que, sem estudos médicos, cura uma multidão de pessoas de várias afecções. Há muito tempo que age assim, e dizem que augustas personagens o consultaram, quando era chefe de outra paróquia nos Basses-Alpes. Suas curas tinham dado que falar, e dizem que, por punição, fora enviado como cura a La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piemonte. Lá continuou a ser útil à Humanidade, aliviando e curando, como no passado.

"Para os espíritas isto nada tem de admirável. Se vos falo do caso é porque no vale do Queyras, como alhures, ele faz muito barulho. Como todos os médiuns curadores sérios, nunca aceita nada. Segundo me disseram, S. M. a imperatriz herdeira da Rússia lhe teria oferecido várias notas de banco, que ele recusou, rogando que as pusesse na caixa de esmolas, caso as quisesse dar para sua Igreja.

"Um outro indivíduo colocou um dia, disfarçadamente, uma moeda de vinte francos entre os seus papéis; quando ele o percebeu, fê-lo voltar, sob pretexto de novas indicações a lhe dar, e lhe devolveu o seu dinheiro.

"Uma porção de pessoas fala dessas curas *de visu;* outras não acreditam. Sei do fato através de pessoas que são as menos convenientes.

"Tinham denunciado o cura por exercício ilegal da Medicina; dois policiais se apresentaram em sua casa para levá-lo à autoridade. Ele lhes disse: 'Eu vos seguirei; mas, um instante, por favor, porque não comi. Almoçai comigo e me vigiareis.' Durante a refeição, ele disse a um dos policiais: – 'Estais doente. – Doente?

agora nem tanto; há três meses, nada digo. – Pois bem! sei o que tendes; e, se quiserdes, posso curar-vos já, se fizerdes o que eu disser.' Negociaram e a proposta foi aceita.

"O cura mandou suspender o policial pelos pés, de modo que suas mãos tocassem a terra e o sustentassem; colocou sob sua cabeça uma tigela de leite quente e lhe administrou o que se chama uma fumigação de leite. Ao cabo de alguns minutos, uma cobrinha, dizem uns, um grande verme, segundo outros, cai na tigela. Reconhecido, o policial pôs a cobra numa garrafa e conduziu o cura ao magistrado, ao qual explicou o seu caso, após o que o cura foi posto em liberdade.

"Eu teria desejado muito ver esse cura, acrescenta o nosso correspondente, mas a neve de nossas montanhas torna os caminhos muito difíceis nesta estação; sou obrigado a me contentar com as informações que vos transmito. A conclusão de tudo isto é que esta faculdade se desenvolve e os exemplos se multiplicam. Na comuna que vos cito, e em nosso vale, isto produz um grande efeito. Como sempre, uns dizem: *Charlatão;* outros, *demônio;* outros ainda, *feiticeiro*. Mas os fatos aí estão, e não pude perder a ocasião para dizer a minha maneira de pensar, explicando que os fatos desse gênero nada têm de sobrenatural, nem de diabólico, como se têm visto milhares de exemplos, desde os tempos mais remotos, e que é um modo de manifestação do poder de Deus, sem que haja derrogação de suas leis eternas."

Variedades

OS MILAGRES DO BOIS-d'HAINE

O *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, em seu número de 1º de março de 1869, dá conta de um fenômeno bizarro, tornado objeto de curiosidade pública no burgo de Bois-d'Haine, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos, que todas as sextas-

feiras, de 1:30 às 4:30, cai num estado de êxtase cataléptico; nesse estado fica deitada, braços estendidos, um pé sobre o outro, na posição de Jesus na cruz.

A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por vários médicos. Durante a crise, cinco chagas se abrem nos mesmos lugares onde se localizavam as do Cristo, e deixam gotejar sangue verdadeiro. Depois da crise, o sangue pára de correr, as chagas se fecham e são cicatrizadas em vinte e quatro horas. Durante os acessos, diz o Dr. Beaucourt, autor do artigo, o reverendo padre Serafim, presente às sessões, graças ao ascendente que tem sobre a doente, tem o poder de despertá-la de seu êxtase. Acrescenta: "Todo homem que não for ateu deve, para ser lógico, admitir que aquele que estabeleceu as leis admiráveis, tanto físicas quanto fisiológicas que regem a Natureza, também pode, à vontade, suspender ou mudar momentaneamente uma ou várias dessas leis."

Como se vê, é um milagre em todas as suas regras, e uma repetição do das *estigmatizadas*. Como os milagres, segundo a Igreja, não são da alçada do Espiritismo, julgamos supérfluo levar mais longe a pesquisa das causas do fenômeno, e isto tanto mais quanto outro jornal disse, depois, que o bispo da diocese tinha interditado toda exibição.

O Despertar do Sr. Luís

No número precedente publicamos o relato do estado singular de um Espírito que julgava sonhar. Enfim despertou, e o anunciou espontaneamente, na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Decididamente, senhores, malgrado meu, é preciso que eu abra os olhos e os ouvidos; é preciso que escute e veja. Por mais

que negue e declare que sois maníacos, muito corajosos, mas muito inclinados aos devaneios, às ilusões, é preciso, confesso, apesar dos meus ditos, que finalmente eu saiba que não sonho mais. Acerca disto, estou certo, completamente certo. Venho à vossa casa todas as sextas-feiras, dias de reunião e, de tanto ouvir repetir, quis saber se esse famoso sonho se prolongaria indefinidamente. O amigo Jobard se encarregou de me edificar a respeito, e isto com provas sólidas.

Não pertenço mais à Terra; estou morto; vi o luto dos meus, o pesar dos amigos, o contentamento de alguns invejosos e agora venho ver-vos. Meu corpo não me seguiu; está mesmo lá, no seu recanto, no meio do esterco humano; e, com ou sem apelo, hoje venho a vós, não mais com despeito, mas com o desejo e a convicção de me esclarecer. Discirno perfeitamente; vejo o que fui; percorro com Jobard distâncias imensas: então vivo; concebo, combino, possuo minha vontade e meu livre-arbítrio: assim, nem tudo morre. Não éramos, pois, uma agregação inteligente de moléculas e todas as salmodias sobre a inteligência da matéria não passavam de frases vazias e sem consistência.

Ah! crede, senhores, se meus olhos se abrem, se entrevejo uma verdade nova, não é sem sofrimentos, sem revoltas, sem retornos amargos!

É, pois, muito verdadeiro! O Espírito permanece! Fluido inteligente, pode, sem a matéria, viver sua vida própria, etérea, segundo a vossa expressão: semimaterial. Por vezes, entretanto, eu me pergunto se o sonho fantástico que eu tinha há mais de um mês não continua com peripécias novas, inauditas; mas o raciocínio frio, impassível de Jobard força-me a mão e, quando resisto, ele ri e se deleita em me confundir; todo contente, cumula-me de epigramas e ditos alegres! Por mais que eu me rebele e me revolte, é preciso obedecer à verdade.

O Desnoyers da Terra, o autor de *Jean-Paul Choppard* ainda está vivo e seu pensamento ardente abarca outros horizontes. Outrora ele era liberal e terra-a-terra, ao passo que agora aborda e abraça problemas desconhecidos, maravilhosos; e, diante dessas novas apreciações, senhores, tende a bondade de me perdoar as expressões um tanto levianas, porque, se eu não tinha razão completamente, bem poderíeis estar um pouco errados.

Desejo refletir, reconhecer-me definitivamente, e se o resultado de minhas pesquisas sérias me conduzir às vossas idéias, hei de esperar, mas já não será para me dar um tiro nos miolos.

Até outra vez, senhores.

Luís Desnoyers

O mesmo Espírito deu espontaneamente a comunicação seguinte, a propósito da morte de Lamartine.

(Sociedade de Paris, 5 de março de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Sim, senhores, nós morremos mais ou menos esquecidos; pobres seres, vivemos confiantes nos órgãos que transmitem os nossos pensamentos. Queremos a vida com suas exuberâncias, fazemos uma multidão de projetos. Neste mundo a nossa passagem pode ter tido a sua repercussão e, chegada a última hora, todos esses ruídos, todo esse barulhinho, nossa soberba, nosso egoísmo, nosso labor, tudo é engolido na massa. É uma gota d'água no oceano humano.

Lamartine era um grande e nobre espírito, cavalheiresco, entusiasta, um verdadeiro mestre na acepção da palavra, um diamante puro, bem lapidado; era belo, grande; tinha o olhar, tinha o gesto do predestinado; sabia pensar, escrever; sabia falar; era um inspirado, um transformador!... Poeta, mudou o impulso da literatura, emprestando-lhe suas asas prodigiosas;

homem, governou um povo, uma revolução, e suas mãos se retiraram puras do contato com o poder.

Ninguém mais que ele foi amado, estimado, bendito, adorado; e quando vieram os cabelos brancos, quando o desânimo tomou o belo velho, o lutador dos grandes dias, não lhe perdoaram mais um instante de desfalecimento. A própria França estava desfalecida e esbofeteou o poeta, o grande homem; quis menoscabá-lo, esse lutador de duas revoluções, e o esquecimento, repito, parecia enterrar essa grande e magnânima figura! Ele está morto e bem morto, pois o acolhi no além-túmulo, com todos os que o tinham apreciado e estimado, malgrado o ostracismo, do qual a juventude das escolas fazia uma arma contra ele.

Estava transfigurado, sim, senhores, pela dor de ter visto os que o tinham tanto amado recusar-lhe o devotamento que, no entanto, ele nunca soube recusar em outros tempos, enquanto os vencedores lhe estendiam as mãos. O poeta havia se tornado filósofo, e esse pensador amadurecia sua alma dolorida para a grande prova. Via melhor; pressentia tudo, tudo o que esperais, senhores, e tudo o que eu não esperava.

Mais que ele, sou um vencido; vencido pela morte, vencido em vida pela necessidade, esse inimigo inacessível que nos importuna como um corrosivo; e muito mais vencido hoje, porque venho inclinar-me ante a verdade.

Ah! se para a França hoje reluz uma grande verdade; se a França de 89, se a mãe de tantos gênios desaparecidos recomeça a sentir que um de seus mais caros filhos, o bom, o nobre Lamartine desapareceu, hoje sinto que para ele nada está morto; sua lembrança está em toda parte; as ondas sonoras de tantas lembranças comovem o mundo. Ele era imortal entre vós, mas muito mais ainda entre nós, onde está realmente transfigurado. Seu Espírito resplandece, e Deus pode receber o grande desconhecido.

De agora em diante Lamartine pode abarcar os mais vastos horizontes e cantar os hinos grandiosos que o seu grande coração havia sonhado. Pode preparar o vosso futuro, meus amigos, e acelerar conosco as etapas humanitárias. Mais que nunca poderá ver desenvolver-se em vós esse ardente amor pela instrução, pelo progresso, pela liberdade e pela associação, que são os elementos do futuro. A França é uma iniciadora; ela sabe o que pode; quererá, ousará, quando sua juba poderosa tiver sacudido o formigueiro que vive a expensas de sua virilidade e de sua grandeza.

Poderei eu, como ele, ganhar minha auréola e tornar-me resplandecente de felicidade, ver-me regenerar por vossa crença, cuja grandeza hoje compreendo? Para vós Deus me marcou como uma ovelha desgarrada; obrigado, senhores. Ao contato dos mortos tão lamentados, sinto-me viver e em breve direi convosco na mesma prece: A morte é a glória; a morte é a vida.

Luís Desnoyers

Observação – Uma senhora, membro da Sociedade, que conhecia particularmente o Sr. Lamartine, e tinha assistido aos seus últimos momentos, acabava de dizer que, depois de sua morte, sua fisionomia se havia literalmente transfigurado, que não tinha mais a decrepitude da velhice. É a essa circunstância que o Espírito aludia.

Dissertações Espíritas

LAMARTINE

(Sociedade Espírita de Paris, 14 de março de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Um amigo, um grande poeta, escrevia-me em dolorosa circunstância: "Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas presente; perdeste a mulher, mas não a alma! Caro amigo, vivamos nos mortos!" Pensamento consolador, salutar, que reconforta na

luta e faz pensar incessantemente nesta sucessão ascendente da matéria, nesta unidade na concepção de tudo o que é, neste maravilhoso e incomparável obreiro que, para a continuidade do progresso, liga o Espírito a esta matéria, espiritualizada, por sua vez, pela presença do elemento superior.

Não, minha bem-amada, não perdi tua alma, que vivia gloriosa, cintilante de todas as claridades do mundo invisível. Minha vida é um protesto vivo contra o flagelo ameaçador do cepticismo, sob suas múltiplas formas. Ninguém, mais que eu, afirmou energicamente a personalidade divina e acreditou na personalidade humana, defendendo a liberdade. Se o pensamento do infinito estava desenvolvido em mim, se a presença divina palpita em páginas entusiastas, é que eu devia abrir minha trilha; é que eu vivia da presença de Deus, e essa fonte, jorrando incessantemente, sempre me fez crer no bem, no belo, na retidão, no devotamento, na honra do indivíduo e, mais ainda, na honra da nação, essa individualidade condensada. É que minha companheira era uma natureza de escol, forte e terna. Junto dela compreendi a natureza da alma e suas íntimas relações com a estátua de carne, essa maravilha! Por isso, meus estudos eram espiritualizados, por conseguinte fecundos e rápidos, voltando-se incessantemente para as formas do belo e a paixão das letras. Casei a Ciência ao pensamento, a fim de que a Filosofia, em mim, pudesse servir-se desses dois preciosos instrumentos poéticos.

Às vezes minha forma era abstrata e não estava ao alcance de todos; mas os pensadores sérios a adotaram; todos os grandes espíritos de minha época me abriram suas fileiras. A ortodoxia católica me olhava como uma ovelha fugindo do rebanho do pastor romano, sobretudo quando, levado pelos acontecimentos, partilhei a responsabilidade de uma revolução gloriosa.

Arrastado um momento pelas aspirações populares, por esse poderoso sopro de idéias comprimidas, eu não era mais o

homem das grandes situações; tinha terminado minha caminhada, e, para mim soavam, no relógio do tempo, as horas de lassidão e de desânimo. Vi o meu calvário, e enquanto Lamartine o subia penosamente, os filhos desta França tão amada lhe cuspiam no rosto, sem respeito por seus cabelos brancos, o ultraje, o desafio, a injúria.

Prova solene, senhores, na qual a alma se retempera e se corrige, porque o esquecimento é a morte, e a morte na Terra é o comércio com Deus, esse dispensador judicioso de todas as forças!

Morri como cristão; tinha nascido na Igreja, parto antes dela! Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar pelas planícies etéreas, onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desdobrava majestosamente, gloriosamente. Compreendi o pensamento de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo, que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparavam-me para o desligamento, para a partida. A transição não foi penosa; como o pólen de uma flor, meu Espírito, levado por um turbilhão, encontrou a planta irmã. Como vós, eu a chamo erraticidade; e, para me fazer amar esta irmã desejada, minha mãe, minha esposa bem-amada, uma multidão de amigos e de invisíveis me cercavam como uma auréola luminosa. Mergulhado nesse fluido benfazejo, meu Espírito se serenava, como o corpo desse viajor do deserto que, após longa viagem sob um céu de chumbo e de fogo, encontrava um banho generoso para o corpo, uma fonte límpida e fresca para a sua sede ardente.

Alegrias inefáveis do céu sem limites, concertos de todas as harmonias, moléculas que repercutem os acordes da ciência divina, calor vivificante de suas impressões sem nome que

a língua humana não poderia decifrar, bem-estar novo, renascimento, completa elasticidade, elétrica profundeza das certezas, similitude das leis, calma cheia de grandeza, esferas que encerram as humanidades, oh! sede bem-vindas, emoções previstas, aumentadas indefinidamente de radiações do infinito!

Permutai vossas idéias, espíritas, que acreditais em nós. Estudai nas fontes sempre novas do nosso ensino; firmai-vos, e que cada membro da família seja um apóstolo que fale, marche e aja com vontade, com a certeza de que não dais nada ao desconhecido. Sabei muito para que vossa inteligência se eleve. A ciência humana, reunida à ciência dos vossos auxiliares invisíveis, mas luminosos, vos fará senhores do futuro. Expulsareis a sombra para vir a nós, isto é, à luz, a Deus.

Alphonse de Lamartine

CHARLES FOURIER

Um discípulo de Charles Fourier, que também é espírita, ultimamente nos dirigiu uma evocação com o pedido de solicitar uma resposta, se fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Como ambas nos pareceram instrutivas, transcrevemo-las a seguir.

(Paris – Grupo Desliens, 9 de março de 1869)

"Irmão Fourier,

"Do alto da esfera ultramundana, se teu Espírito pode me ver e me ouvir, eu te peço comunicar-te comigo, a fim de me fortaleceres na convicção que tua admirável teoria dos quatro movimentos fez nascer em mim sobre a lei da harmonia universal, ou de me desenganares, se tiveste a infelicidade, tu mesmo, de te enganares. – A ti, cujo gênio incomparável parece ter levantado a cortina que ocultava a Natureza, e cujo Espírito deve ser mais

lúcido ainda do que o era no mundo material, eu te peço que me digas se reconheces, no mundo dos Espíritos, como na Terra, a existência de perturbação da ordem natural estabelecida por Deus, em nossa organização social; se as atrações passionais são realmente a alavanca de que Deus se serve para conduzir o homem ao seu verdadeiro destino; se a analogia é um meio seguro para descobrir a verdade.

"Peço-te que também me digas o que pensas das sociedades cooperativas que germinam de todos os lados na superfície do nosso globo. Se teu Espírito pode ler no pensamento do homem sincero, tu deves saber que a dúvida o torna infeliz; eis por que te suplico, de tua morada de além-túmulo, a gentileza de fazer tudo quanto dependa de ti para me convencer.

"Recebe, irmão nosso, a segurança do respeito que devo à tua memória e de minha maior veneração."

J. G.

Resposta – É uma pergunta muito grave, caro irmão em crença, perguntar a um homem se ele se enganou, quando um certo número de anos se passou desde que ele expôs o sistema que melhor satisfazia às suas aspirações para o desconhecido! Enganei-me?... Quem não se enganou quando quis levantar, apenas com as próprias forças, o véu que lhe ocultava o fogo sagrado! Prometeu fez homens com esse fogo, mas a lei do progresso condenou esses homens às lutas físicas e morais. Eu fiz um sistema, destinado, como todos os sistemas, a viver um tempo, depois se transformar, associar-se a novos elementos mais verdadeiros. Vede, há idéias como homens. Desde que nasceram, não morrem: transformam-se. Grosseiras a princípio, envoltas na ganga da linguagem, encontram sucessivamente artífices que as talham e as vão polindo cada vez mais, até que o calhau informe se tenha tornado o diamante de vivo brilho, a pedra preciosa por excelência.

"Busquei conscienciosamente e achei muito. Apoiando-me nos princípios adquiridos, fiz avançar alguns passos o pensamento inteligente e regenerador. O que descobri era verdadeiro em princípio; falseei-o, ao querer aplicá-lo. Quis criar a série, estabelecer harmonias; mas essas séries, essas harmonias não precisavam de criador; existiam desde o começo; eu não podia senão perturbá-las, querendo estabelecê-las sobre as pequenas bases de minha concepção, quando Deus lhes havia dado o Universo por gigantesco laboratório.

"Meu mais sério título, e o que ignoram e talvez mais desdenhem, é ter partilhado com Jean Reynaud, Ballanche, Joseph de Maistre e muitos outros, o pressentimento da verdade; é ter sonhado com essa regeneração humana pela provação, essa sucessão de existências reparadoras, essa comunicação do mundo livre e do mundo encadeado à matéria, que tendes a felicidade de tocar com o dedo. Tínhamos previsto e realizais o nosso sonho. Eis os nossos maiores títulos de glória, os únicos que, por minha parte, estimo e dos que mais me lembro.

"Dizeis que duvidais, meu amigo! tanto melhor; porque aquele que duvida verdadeiramente, procura; e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e se não depender senão de mim pôr a convicção em vossas mãos, contai com o meu concurso devotado. Mas escutai um conselho de amigo, que pus em prática em minha vida e com o qual sempre me dei bem: 'Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, buscai a sua aplicação individual. Quereis a verdade? Buscai-a em vós mesmos e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova lá estão. Que aquele que queira saber se examine, e encontrará'."

Ch. Fourier

Bibliografia

HÁ UMA VIDA FUTURA?

Opiniões diversas sobre este assunto, colhidas e ordenadas por um Fantasma[11]

Para o maior número, não oferecendo dúvida a vida futura, uma demonstração se torna de certo modo supérflua, porque é mais ou menos como se se quisesse provar que o Sol se levanta todas as manhãs. Entretanto, como há cegos que não vêem o Sol se levantar, é bom saber como se lhes pode provar; ora, é a tarefa que empreendeu o Fantasma, autor deste livro. Este Fantasma é um ilustre engenheiro, que conhecemos de nome, por outras obras filosóficas que trazem o seu nome; mas, como não quis associá-lo ao nome por que era conhecido, não nos julgamos no direito de cometer uma indiscrição, embora saibamos perfeitamente que ele não faz nenhum mistério de suas crenças.

Este livro prova, uma vez mais, que a Ciência não conduz fatalmente ao materialismo, e que um matemático pode ser um firme crente em Deus, na alma, na vida futura em todas as suas conseqüências.

Não é uma simples profissão de fé, mas uma demonstração digna de um matemático, por sua lógica cerrada e irresistível. Também não é uma dissertação árida e dogmática, mas uma polêmica orientada sob a forma de conversação familiar, na qual os prós e os contras são imparcialmente discutidos.

Conta o autor que, assistindo ao enterro de um de seus amigos, pôs-se a conversar em caminho com vários convidados. A circunstâncias e as peripécias da cerimônia levaram a conversa para a sorte do homem após a morte. Inicialmente ela se travou com um niilista, ao qual ele se propôs demonstrar a realidade da vida futura

11 1 vol. in-12; 3 fr.

por argumentos encadeados com uma arte admirável e, sem o chocar ou ferir, conduzi-lo naturalmente às suas idéias.

Junto ao túmulo são pronunciados dois discursos num sentido diametralmente oposto sobre a questão do futuro, e produzem impressões diferentes. De volta, os novos interlocutores se juntam aos dois primeiros; acordam reunir-se em casa de um deles, e lá se trava uma polêmica séria, na qual as diversas opiniões fazem valer as razões sobre as quais se apóiam.

Este livro, cuja leitura é atraente, tem todo o encanto de uma história, e toda a profundeza de uma tese filosófica. Adiantaremos que, entre os princípios que preconiza, não encontramos um só em contradição com a Doutrina Espírita, na qual o autor deve ter-se inspirado.

A necessidade da reencarnação para o progresso, sua evidência, sua concordância com a justiça de Deus, a expiação e a reparação pelo reencontro dos que se prejudicaram numa precedente existência, aí são demonstradas com uma clareza surpreendente. Vários exemplos citados provam que o esquecimento do passado, na vida de relação, é um benefício da Providência, e que esse esquecimento momentâneo não impede tirar proveito da experiência do passado, visto que a alma se recorda nos momentos de desprendimento.

Eis, em poucas palavras, um dos fatos contados por um dos interlocutores e que, segundo ele, lhe é pessoal:

Era aprendiz numa grande fábrica; por sua conduta, inteligência e caráter, granjeou a estima e a amizade do patrão que, em conseqüência, o torna sócio de sua casa. Vários fatos, dos quais então não se dava conta, provam nele a percepção e a intuição das coisas durante o sono; essa faculdade até lhe serviu para prevenir um acidente que poderia ter conseqüências desastrosas para a fábrica.

A filha do patrão, encantadora menina de oito anos, lhe testemunhava afeição e se divertia com ele; mas, cada vez que ela se aproximava, ele sentia um frio glacial e uma repulsa instintiva; seu contato lhe fazia mal. Pouco a pouco, no entanto, tal sentimento se abrandou, depois se apagou. Mais tarde a desposou. Ela era boa, afetuosa, previdente e a união era muito feliz.

Uma noite ele teve um sonho horrível. Via-se na sua precedente encarnação; sua mulher se havia conduzido de maneira indigna e tinha sido a causa de sua morte, mas, coisa estranha! ele não podia dissociar a idéia dessa mulher da sua atual esposa; parecia-lhe que era a mesma pessoa. Perturbado por essa visão ao despertar, ficou triste; pressionado pela mulher para lhe dizer a causa, decidiu-se a contar o seu pesadelo. "É singular, disse ela, tive um sonho semelhante, e eu é que era a culpada." As circunstâncias fazem que ambos reconheçam não estarem unidos pela primeira vez; o marido explica a repulsa que tinha pela esposa, quando esta era menina; a mulher redobra de cuidados para apagar o passado; mas já está perdoada, porque a reparação se deu e o enlace continua a ser próspero.

Daí a conclusão: que esses dois seres se encontravam novamente unidos, um para reparar, o outro para perdoar; que se tivessem tido a lembrança do passado, teriam fugido um do outro e perdido o benefício, um o da reparação, o outro o do perdão.

Para dar uma idéia exata do interesse deste livro, seria preciso citá-lo quase por inteiro. Limitar-nos-emos à passagem seguinte:

"Perguntais se creio na vida futura, dizia um velho general; se cremos, nós, soldados! E como quereis que não seja assim, a menos que sejamos um tríplice animal? Em que quereis que pensemos na véspera de um combate, de um assalto, que tudo prenuncia que deve ser mortífero?... Depois de ter dito adeus, em

pensamento, aos seres queridos, que estamos ameaçados de deixar, voltamos irresistivelmente aos ensinos maternos, que nos mostraram uma vida futura, na qual os seres simpáticos se reencontram. Colhemos nessas lembranças um redobramento de coragem, que nos faz afrontar os maiores perigos, conforme o nosso temperamento, com calma ou com uma certa exaltação e, mais vezes, ainda, com um entusiasmo, uma alegria, que são os traços característicos do exército francês.

"Afinal de contas, nós somos descendentes desses bravos gauleses, cuja crença na vida futura era tão grande, que tomavam emprestadas vastas somas de dinheiro para reembolsar numa outra existência. Vou mais longe: estou persuadido de que somos sempre os filhos da velha Gália que, entre a época de César e a nossa, atravessaram grande número de existências, em cada uma das quais tomaram um grau mais elevado nas falanges terrenas."

Este livro será lido com proveito pelos mais firmes crentes, porque aí colherão novos argumentos para refutar seus adversários.

A ALMA

SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

Por Dyonis[12]

Este livro tende para o mesmo objetivo que o precedente: a demonstração da alma, da vida futura, da pluralidade das existências, mas sob uma forma mais didática, mais científica, embora sempre clara e inteligível para todo o mundo. A refutação do materialismo, particularmente das doutrinas de Büchner e de Maleschott, aí ocupa largo espaço, e não é a parte menos interessante nem a menos instrutiva, pela irresistível lógica dos

12 1 vol. in-12, 3 fr. 50.

argumentos. A doutrina desses dois escritores de incontestável talento, e que pretendem explicar todos os fenômenos morais só pelas forças da matéria, teve larga repercussão na Alemanha e, em conseqüência, na França; naturalmente, foi aclamada com entusiasmo pelos materialistas, felizes de aí encontrarem sanção às suas idéias; recrutou partidários sobretudo entre a juventude das escolas, que nelas se apóiam para se libertarem, em nome da aparente legalidade de uma filosofia, do freio imposto pela crença em Deus e na imortalidade.

O autor se empenha em reduzir ao seu justo valor os sofismas sobre os quais se apóia essa filosofia; demonstra as desastrosas conseqüências que ela teria para a sociedade, se algum dia viesse a prevalecer, e sua incompatibilidade com toda doutrina moral. Embora ela quase não seja conhecida por certa gente, uma refutação de certo modo popular é muito útil, a fim de premunir os que se pudessem deixar seduzir pelos argumentos especiosos que ela invoca. Estamos persuadidos de que, entre as pessoas que a preconizam, algumas recuariam, se tivessem compreendido todo o seu alcance.

Mesmo que fosse apenas deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios estímulos, porque é um campeão enérgico para a causa do espiritualismo, que é também a do Espiritismo, ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas a isso não se limita a tarefa que ele se impôs; ele encara a questão da alma de maneira larga e completa; é um dos que admitem o seu progresso indefinido, através da animalidade, da Humanidade e além da Humanidade. Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições um tanto arriscadas, mas que é bom trazer à baila, a fim de que sejam amadurecidas pela discussão.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita justificar a nossa apreciação por algumas citações; limitar-nos-emos

à seguinte passagem, e a dizer que os que lerem este livro não perderão o seu tempo.

"Se examinarmos os seres que se sucederam nos períodos geológicos, notamos que há progresso nos indivíduos dotados sucessivamente de vida, e que o último a chegar, o homem, é uma prova irrecusável desse desenvolvimento moral, pelo dom da inteligência transmissível que o foi primeiro a receber, e o único de todos os animais.

"Esta perfectibilidade da alma, oposta à imperfectibilidade da matéria, nos leva a pensar que a alma humana não é a primeira expressão da alma, mas apenas a sua última expressão até aqui. Em outros termos, que a alma progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternadamente pelas plantas, os animálculos, os animais e o homem, para se elevar ainda, por meio de criações de uma ordem superior, que os nossos sentidos imperfeitos não nos permitem compreender, mas que a lógica dos fatos nos leva a admitir. A lei do progresso, que seguimos nos desenvolvimentos físicos dos animais sucessivos, existiria, pois, igualmente e principalmente, em seu desenvolvimento moral."

Sociedades e Jornais Espíritas no Estrangeiro

A abundância de matérias nos obriga a adiar para o próximo número o relatório de duas sociedades espíritas, constituída em bases sérias, por estatutos impressos, mui sabiamente concebidos: um em Sevilha, na Espanha; a outra em Florença, na Itália.

Falaremos, igualmente, de dois novos jornais espíritas, que nos limitaremos a anunciar a seguir.

El Espiritismo (O Espiritismo) – 12 páginas in-4º, saindo duas vezes por mês, desde 1º de março, em *Sevilha*, calle de Genova, 51. – Preço por trimestre: Sevilha, 5 reais; províncias, 6 r.; estrangeiro, 10 r.

Il Veggente (O Vidente) – Jornal magnético-espírita hebdomadário; quatro páginas in-4º; publicado em Florença, via Pietra Piana, 40. – Preço: 4 fr. 50 c. por ano; por seis meses, 2 fr. 50 c.

Errata

Número de março de 1869, página 93, linha 31, em vez de: *concerto do* Espírito, lede: *conceito do Espírito*.[13]

Allan Kardec

Este foi o último fascículo da *Revista Espírita* que veio a lume sob a responsabilidade de Allan Kardec. A partir do mês de maio de 1869, essa tarefa ficou a cargo de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista*.

13 **N. do T.:** A página e a linha indicadas são as do original francês. Procedemos às correções apontadas por Allan Kardec no devido lugar desta versão.

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII MAIO DE 1869 Nº 5

AOS ASSINANTES DA *REVISTA*

Biografia do Sr. Allan Kardec[14]

É ainda sob o golpe da dor profunda que nos causou a prematura partida do venerável fundador da Doutrina Espírita, que nos abalançamos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos esmagariam, se não contássemos com o auxílio eficaz dos Espíritos bons e com a indulgência dos nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se de possuir o espírito de método e organização de que se mostram iluminados todos os trabalhos do mestre? Só a sua pujante inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, triturá-los e transformá-los, para os espalhar em seguida, como orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer compreendido numa linguagem simples e elevada, ao mesmo

14 **N. do T.:** Transcrita em *Obras Póstumas*, logo após o índice.

tempo, tão distanciada do estilo familiar quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até agora bastar a tudo. Entretanto, o cotidiano alargamento de suas relações e o contínuo desenvolvimento do Espiritismo lhe faziam sentir a necessidade de reunir em torno de si alguns auxiliares inteligentes e preparava simultaneamente a nova organização da Doutrina e de seus labores, quando nos deixou, para ir, num mundo melhor, receber a sanção da missão que desempenhara e coletar elementos para uma nova obra de devotamento e sacrifício.

Era sozinho!... Chamar-nos-emos *legião* e, por muito fracos e inexperientes que sejamos, nutrimos a convicção íntima de que nos conservaremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de incontestável evidência, nos consagrarmos a executar, tanto quanto nos seja possível e de acordo com as necessidades do momento, os projetos que ele pretendia realizar no futuro.

Enquanto nos mantivermos nas suas pegadas e todos os de boa vontade se unirem, num esforço comum pelo progresso e pela regeneração intelectual e moral da Humanidade, conosco estará o Espírito do grande filósofo a nos secundar com a sua influência poderosa, dado lhe seja possível suprir à nossa insuficiência e nos possamos mostrar dignos do seu concurso, dedicando-nos à obra com a mesma abnegação e a mesma sinceridade que ele, embora sem tanta ciência e inteligência.

Em sua bandeira, inscrevera o mestre estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos acordemente com os seus anseios, tolerantes e solidários e não temamos seguir-lhe o exemplo, reconsiderando, quantas vezes forem precisas, os princípios ainda controvertidos. Apelemos ao concurso e às luzes de todos. Tentemos avançar, antes com

segurança e certeza, do que com rapidez, e não ficarão infrutíferos os nossos esforços se, como estamos persuadidos, e seremos os primeiros a dar disso exemplo, cada um cuidar de cumprir o seu dever, pondo de lado todas as questões pessoais, a fim de contribuir para o bem geral.

Sob auspícios mais favoráveis não poderíamos entrar na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que dando a conhecer aos nossos leitores, num rápido escorço, o que foi, durante toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos vindouros com a auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (*Hippolyte Léon Denizard Rivail)* não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos quatorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e livres-pensadores.

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a idéia

de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduziu para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e, o que é muito característico, as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em o concurso de 1831, lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: *Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?*

De 1835 a 1840, fundou, em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho.

Preocupado sempre em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da história de França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que celebrizaram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para melhoramento da Instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de Aritmética*, segundo o método de

Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824)[15]; *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos Exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia*, que professava no *Liceu Polimático; Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona,* seguidos de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse o pseudônimo Allan Kardec, já ele se ilustrara, como se vê, por meio de trabalhos de natureza muito diferente, porém tendo todos, como objetivo, esclarecer as massas e prendê-las melhor às respectivas famílias e países.

"Pelo ano de 1855[16], posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento haveria de lançar luz sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

"Suas obras principais sobre esta matéria são: *O Livro dos Espíritos*, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição

15 **N. do T.:** Embora no original francês conste o ano de 1829, o correto é como está grafado acima (1824).

16 **N. do T.:** Foi em 1855, e não em 1850, como consta no original, que Allan Kardec ouviu pela primeira vez, através de seu amigo, o Sr. Carlotti, a explicação de que os fenômenos das mesas girantes se deviam à intervenção de Espíritos desencarnados. (*Obras Póstumas*, 2ª parte, "A minha primeira iniciação no Espiritismo".)

apareceu a 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, concernente à parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou a Justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); *A Gênese, os milagres e as predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo, observou os fatos e de suas observações deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

"Demonstrando que os fatos erroneamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os incluiu na ordem dos fenômenos da Natureza, destruindo assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

"Durante os primeiros anos em que se tratou de fenômenos espíritas, estes constituíram antes objeto de curiosidade, do que de meditações sérias. *O Livro dos Espíritos* fez que o assunto fosse considerado sob aspecto muito diverso. Abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e começou-se a atentar na doutrina, que abrange todas as questões de interesse para a Humanidade.

"Data do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção dos homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em

poucos anos, aquelas idéias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais idéias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

"Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, poucas ensanchas oferece à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina e que deriva do precedente é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por *Jean Reynaud, Charles Fourier*, *Eugène Sue* e outros. Conservara-se, todavia, em estado de hipótese e de sistema, enquanto o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que nesse princípio reside um dos atributos essenciais da Humanidade. Dele promana a explicação de todas as aparentes anomalias da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais, facultando ao homem saber donde vem, para onde vai, para que fim se acha na Terra e por que aí sofre.

"As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e a da Humanidade, pela ação dos homens dos tempos idos e que revivem, depois de terem progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores. Essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal, as próprias leis da Natureza e não mais uma simples teoria.

"Em vez do postulado: *Fora da Igreja não há salvação*, que alimenta a separação e a animosidade entre as diferentes seitas religiosas e que há feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem como divisa: *Fora da Caridade não há salvação*, isto é, a igualdade entre os homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

"Em vez da *fé cega*, que anula a liberdade de pensar, ele diz: *Fé inabalável só o é a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio."* (*O Evangelho segundo o Espiritismo*.)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a *bainha*.

O corpo se lhe entorpecia e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava, enquanto este último, cada vez mais

vivo, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual não podia a matéria resistir eternamente. Acabou sendo vencida: rompeu-se o aneurisma e Allan Kardec caiu fulminado. Um homem houve de menos na Terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século; um grande Espírito fora retemperar-se no Infinito, onde de todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

"A morte, dizia, faz pouco tempo, redobra os seus golpes nas fileiras ilustres!... A quem virá ela agora libertar?"

Ele foi, como tantos outros, recobrar-se no Espaço, procurar elementos novos para restaurar o seu organismo gasto por uma vida de incessantes labores. Partiu com os que serão os fanais da nova geração, para voltar em breve com eles a continuar e acabar a obra deixada em dedicadas mãos.

O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os tíbios. Vê agora e sabe tudo o que ainda há pouco previa! Já não está sujeito às incertezas, nem aos desfalecimentos e nos fará partilhar da sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo a meta, apontando-nos o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que o tornou aureolado nos anais literários.

Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado.

Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o farol de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditosas prometidas à Humanidade regenerada.

Discursos Pronunciados Junto ao Túmulo

EM NOME DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

Pelo Vice-Presidente, Sr. Levent

Senhores,

Em nome da Sociedade Espírita de Paris, da qual tenho a honra de ser Vice-Presidente, venho exprimir seu pesar pela perda cruel que acaba de sofrer, na pessoa de seu venerado mestre, Sr. Allan Kardec, morto subitamente anteontem, quarta-feira, nos escritórios da *Revista*.

A vós, senhores, que todas as sextas-feiras vos reuníeis na seda da Sociedade, não preciso lembrar essa fisionomia ao mesmo tempo benevolente e austera, esse tato perfeito, essa justeza de apreciação, essa lógica superior e incomparável que nos parecia inspirada.

A vós, que todos os dias da semana partilháveis dos trabalhos do mestre, não retraçarei seus labores contínuos, sua correspondência com as quatro partes do mundo, que lhe enviavam documentos sérios, logo classificados *em sua memória* e preciosamente recolhidos para serem submetidos ao cadinho de sua alta razão, e formar, depois de um trabalho escrupuloso de

elaboração, os elementos dessas obras preciosas que todos conheceis.

Ah! se, como a nós, vos fosse dado ver esta massa de materiais acumulados no gabinete de trabalho desse infatigável pensador; se, conosco, tivésseis penetrado no santuário de suas meditações, veríeis esses manuscritos, uns quase terminados, outros em curso de execução, outros, enfim, apenas esboçados, espalhados aqui e ali, e que parecem dizer: Onde está, pois, o nosso mestre, tão madrugador no trabalho?

Ah! mais do que nunca, também exclamaríeis, com inflexões tão pesarosas de amargura que seriam quase ímpias: Precisaria Deus ter chamado o homem, que ainda podia fazer tanto bem? a inteligência tão cheia de seiva, o farol, enfim, que nos tirou das trevas e nos fez entrever esse novo mundo, mais vasto e admirável do que o que imortalizou o gênio de Cristóvão Colombo? Ele apenas começara a fazer a descrição desse mundo, cujas leis fluídicas e espirituais já pressentíamos.

Mas, tranqüilizai-vos, senhores, por este pensamento tantas vezes demonstrado e lembrado pelo nosso presidente: "Nada é inútil em a Natureza, tudo tem sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem-feito."

Não nos assemelhemos a esses meninos indóceis que, não compreendendo as decisões dos pais, se permitem criticá-los e por vezes mesmo censurá-los.

Sim, senhores, disto tenho a mais profunda convicção e vo-lo exprimo abertamente: a partida do nosso caro e venerado mestre era necessária!

Aliás, não seríamos ingratos e egoístas se, não pensando senão no bem que ele nos fazia, esquecêssemos o direito que ele adquirira, de ir repousar um pouco na pátria celestial, onde

tantos amigos, tantas almas de escol o esperavam e vieram recebê-lo, após uma ausência, que também para eles parecia bem longa?

Oh! sim, há alegria, há grande festa no Alto, e essa festa, essa alegria, só se iguala à tristeza e ao luto causados por sua partida entre nós, pobres exilados, cujo tempo ainda não chegou! Sim, o mestre havia realizado a sua missão! Cabe a nós continuar a sua obra, com o auxílio dos documentos que ele nos deixou, e daqueles, ainda mais preciosos, que o futuro nos reserva. A tarefa será fácil, ficai certos, se cada um de nós ousar afirmar-se corajosamente; se cada um de nós tiver compreendido que a luz que recebeu deve ser propagada e comunicada aos seus irmãos; se cada um de nós, enfim, tiver a memória do coração para o nosso lamentado presidente e souber compreender o plano de organização que levou o último selo de sua obra.

Continuaremos, pois, o teu trabalho, caro mestre, sob teu eflúvio benfazejo e inspirador. Recebe aqui a nossa promessa formal. É o melhor sinal de afeição que podemos te dar.

Em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, não te dizemos adeus, mas *até logo, até breve!*

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Pelo Sr. C. Flammarion[17]

Depois que o Sr. Vice-Presidente da Sociedade, junto à tumba do mestre, proferiu a prece pelos mortos e, em nome da Sociedade, testemunhou os sentimentos de pesar que acompanham o Sr. Allan Kardec à sua partida desta vida, o Sr. Camille Flammarion pronunciou o discurso que vamos reproduzir em parte. De pé, numa elevação de onde dominava a assembléia, o Sr. Flammarion pôde ser ouvido por todos, afirmando publicamente a

17 **N. do T.:** Este discurso também se acha transcrito em *Obras Póstumas*, logo após a *Biografia de Allan Kardec.*

realidade dos fatos espíritas, seu interesse geral na Ciência e sua importância futura. Esse discurso não é apenas um esboço do caráter do Sr. Allan Kardec e do papel de seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas, ainda e sobretudo, uma exposição da situação atual das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade.

Falta-nos espaço para dar *in extenso* o discurso do Sr. Flammarion. Eis o que se liga diretamente ao Sr. Allan Kardec e ao Espiritismo, considerado em si mesmo. (O discurso inteiro será publicado em brochura).

"Senhores,

"Aceitando com deferência o convite simpático dos amigos do pensador laborioso cujo corpo terreno jaz agora aos nossos pés, vem-me à mente um dia sombrio do mês de dezembro de 1865, em que pronunciei palavras de supremo adeus junto à tumba do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier, que, como editor, foi colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Também ele morreu subitamente, como se o céu houvesse querido poupar a esses dois Espíritos íntegros o embaraço fisiológico de sair desta vida por via diferente da comumente seguida. A mesma reflexão se aplica à morte do nosso ex-colega Jobard, de Bruxelas.

"Hoje, maior ainda é a minha tarefa, porquanto eu desejara figurar à mente dos que me ouvem e à dos milhões de criaturas que na Europa inteira e no Novo Mundo se têm ocupado com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas; – eu quisera, digo, poder figurar-lhes o interesse científico e o porvir filosófico do estudo desses fenômenos, ao qual se hão consagrado, como ninguém ignora, homens eminentes dentre os

nossos contemporâneos. Estimaria fazer-lhes entrever os horizontes desconhecidos que a mente humana verá rasgar-se diante de si, à medida que ela ampliar o conhecimento positivo das forças naturais que em torno de nós atuam; mostrar-lhes que essas comprovações constituem o mais eficaz antídoto para a lepra do ateísmo, de que parece atacada, principalmente, a nossa época de transição; dar, enfim, aqui, testemunho público do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, *chamando a atenção e provocando discussões* sobre fatos que até então pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

"Seria, com efeito, um ato importante firmar aqui, junto deste túmulo eloqüente, que o metódico exame dos fenômenos erroneamente qualificados de sobrenaturais, longe de renovar o espírito de superstição e de enfraquecer a energia da razão, ao contrário, afasta os erros e as ilusões da ignorância e *serve melhor ao progresso*, do que as negações ilegítimas dos que não querem dar-se ao trabalho de ver.

"Mas, este não é lugar apropriado a estabelecer uma arena às discussões desrespeitosas. Deixemos apenas que das nossas mentes desçam, sobre a face impassível do homem ora estendido diante de nós, testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que lhe permaneçam ao derredor em seu túmulo, qual embalsamamento do coração! E, pois que sabemos que sua alma eterna sobrevive a estes despojos mortais, do mesmo modo que a eles preexistiu; pois que sabemos que laços indestrutíveis unem o nosso mundo visível ao mundo invisível; pois que esta alma existe hoje tão bem como há três dias e que não é impossível se ache atualmente na minha presença. Digamos-lhe que não quisemos se desvanecesse a sua imagem terrena encerrada no sepulcro, sem unanimemente rendermos homenagem a seus trabalhos e à sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrena, tão útil e tão dignamente preenchida.

"Traçarei, primeiro, num esboço rápido, as linhas principais da sua carreira literária.

"Morto na idade de 65 anos, Allan Kardec consagrara a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da mocidade. Quando, pelo ano de 1850, as manifestações, novas na aparência, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis começaram a prender a atenção pública, determinando mesmo, nos de imaginação aventureira, uma espécie de febre, devida à novidade de tais experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus singulares efeitos, acompanhou com a maior paciência e clarividência judiciosa as experimentações e as tentativas numerosas que então se faziam em Paris.

"Recolheu e pôs em ordem os resultados conseguidos dessa longa observação e com eles compôs o corpo de doutrina que publicou em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos sabeis que êxito alcançou essa obra, na França e no estrangeiro. Havendo atingido a 16ª edição, tem espalhado em todas as classes esse corpo de doutrina elementar que, na sua essência, não é absolutamente novo, porquanto a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, em nossa própria Gália, ensinavam os seus princípios fundamentais, mas que agora reveste uma forma de verdadeira atualidade, por corresponder aos fenômenos.

"Depois dessa primeira obra apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo experimental*; – *O que é o Espiritismo*, ou resumo sob a forma de perguntas e respostas; – *O Evangelho segundo o Espiritismo;* – *O Céu e o Inferno;* – *A Gênese*. A morte o surpreendeu no momento em que, com a sua infatigável atividade, trabalhava noutra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

"Pela *Revista Espírita* e pela Sociedade de Paris, cujo presidente ele era, se constituíra, de certo modo, o centro a que tudo ia ter, o traço de união de todos os experimentadores. Faz alguns meses, sentindo próximo o seu fim, preparou as condições de vitalidade de tais estudos para depois de sua morte e instituiu a Comissão Central que lhe sucede.

"Suscitou rivalidades; fez escola de feição um pouco pessoal, havendo ainda alguns dissídios entre os "espiritualistas" e os "espíritas". Doravante, senhores (tal, pelo menos, o voto que formulam os amigos da verdade), devemos unir-nos todos por uma solidariedade fraterna, pelos mesmos esforços em prol da elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal do verdadeiro e do bem.

"Quantos corações foram consolados, de início, por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram enxutas! Quantas consciências abertas aos raios da beleza espiritual! Nem todos são felizes aqui na Terra. Muitas afeições foram destruídas! Muitas almas foram adormecidas no cepticismo. Não será nada ter trazido ao espiritualismo tantos seres que vacilavam na dúvida e que não mais amavam a vida física, nem a intelectual?

"Allan Kardec era o que eu denominarei simplesmente "o bom-senso encarnado." Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Não era essa uma qualidade somenos, na ordem de coisas com que nos ocupamos. Era, ao contrário, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular, nem lançar pelo mundo suas raízes imensas. A maioria dos que se têm dado a estes estudos lembram-se de que na mocidade, ou em certas circunstâncias, foram testemunhas de manifestações inexplicadas. Poucas são as famílias que não contem na sua história provas desta natureza. O ponto de

partida era aplicar-lhes a razão firme do simples bom-senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo.

"Conforme o próprio organizador deste estudo demorado e difícil previra, esta doutrina, até então filosófica, tem que entrar agora num período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais a princípio não se insistia, hão de tornar-se objeto da crítica experimental, sem a qual nenhuma constatação séria é possível. Esse método experimental, a que devemos a glória dos progressos modernos e as maravilhas da eletricidade e do vapor, deve colher os fenômenos de ordem ainda misteriosa a que assistimos para os dissecar, medir e definir.

"Porque, meus Senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o abecê. Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o Universo, e o próprio Deus, feito outrora à imagem do homem, a moderna Metafísica não o pode considerar senão como *um espírito na Natureza*. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, *são de ordem natural* e devem ser severamente submetidas à verificação da experiência. Não há mais milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que conseqüências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

"Doravante, o mundo é regido pela ciência e, Senhores, não virá fora de propósito, neste discurso fúnebre, assinalar-lhe a obra atual e as induções novas que ela nos patenteia, precisamente do ponto de vista das nossas pesquisas."

Aqui o Sr. Flammarion entra na parte científica de seu discurso. Expõe o estado atual da Astronomia e da Física, desenvolvendo particularmente as descobertas relativas à análise recente do *espectro* solar. Resulta dessas descobertas que não vemos quase nada do que se passa à nossa volta na Natureza. Os raios

caloríficos, que evaporam a água, formam as nuvens, causam os ventos, as correntes, organizam a vida do globo, são *invisíveis* para a nossa retina. Os raios químicos que regem os movimentos das plantas e as transformações químicas do mundo inorgânico são igualmente *invisíveis*. A ciência contemporânea autoriza, pois, os pontos de vista revelados pelo Espiritismo e, por sua vez, nos abre um mundo invisível real, cujo conhecimento só pode esclarecer-nos quanto ao modo de produção dos fenômenos espíritas.

Em seguida o jovem astrônomo apresentou o quadro das metamorfoses, do qual resulta que a existência e a imortalidade da alma se revelam pelas mesmas leis da vida. Não podemos aqui entrar nessa exposição, mas aconselhamos vivamente os nossos irmãos em doutrina a lerem e estudarem na íntegra o discurso do Sr. Flammarion.[18]

Após sua exposição científica, assim termina o autor:

"Que os que têm a vista restringida pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos seus sarcasmos ou anátemas! Colocamos mais alto as nossas contemplações!... Foste o primeiro, oh! mestre e amigo! foste o primeiro a dar, desde o princípio da minha carreira astronômica, testemunho de viva simpatia às minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes, pois, tomando do livro sobre a *Pluralidade dos mundos habitados*, o puseste imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhavas. Muito amiúde conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa; agora, oh! alma, sabes, por visão direta, em que consiste

18 O discurso pronunciado pelo Sr. Flammarion junto ao túmulo do Sr. Allan Kardec acaba de ser impresso. Forma uma brochura de 24 páginas, no formato de *O Livro dos Espíritos*. Preço: na *Livraria Espírita*, 50 centavos franco; para o receber, basta enviar esta soma em selos postais; por dúzia, 4 fr. 75 franco.

a vida espiritual a que voltaremos e que esquecemos durante a existência na Terra.

"Voltaste a esse mundo donde viemos e colhes o fruto de teus estudos terrestres. Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais se abrirem, não mais ouvida será a tua palavra... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse mesmo último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado.

"É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro nesse cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza.

"Até à vista, meu caro Allan Kardec, até à vista!"

EM NOME DOS ESPÍRITAS DOS CENTROS DISTANTES

Pelo Sr. Alexandre Delanne

Mui caro Mestre,

Tantas vezes tive ocasião, nas minhas numerosas viagens, de ser junto a vós o intérprete dos sentimentos fraternos e reconhecidos de nossos irmãos da França e do estrangeiro, que julgaria faltar a um dever sagrado se, em nome deles, eu não viesse neste momento vos testemunhar o seu pesar.

Eu não serei, ai! senão um eco bem fraco para vos descrever a felicidade daquelas almas tocadas pela fé espírita, que se

abrigaram sob a bandeira de consolação e de esperança que tão corajosamente implantastes entre nós.

Muitos dentre eles certamente desempenhariam, melhor que eu, essa tarefa do coração.

Como a distância e o tempo não lhes permitem estar aqui, ouso fazê-lo, conhecedor que sou da vossa benevolência habitual a meu respeito e a de nossos bons irmãos que represento.

Recebei, pois, caro mestre, em nome de todos, a expressão dos pesares sinceros e profundos que a vossa partida precipitada da Terra vai fazer nascer por todos os lados.

Conheceis, melhor que ninguém, a natureza humana; sabeis que ela precisa de amparo. Ide, pois, até eles, derramar ainda esperança em seus corações.

Provai-lhes, por vossos sábios conselhos e vossa lógica poderosa, que não os abandonais e que a obra a que vos dedicastes tão generosamente não perecerá, e *nem poderia perecer*, porque está assentada nas bases inabaláveis da fé raciocinada.

Pioneiro emérito, soubestes coordenar a pura Filosofia dos Espíritos e pô-la ao alcance de todas as inteligências, desde as mais humildes, que elevastes, até as mais eruditas, que vieram até vós e que hoje se contam modestamente em nossas fileiras.

Obrigado, nobre coração, pelo zelo e pela perseverança que pusestes em nos instruir.

Obrigado por vossas vigílias e vossos labores, pela fé vigorosa que em nós inculcastes.

Obrigado pela felicidade presente que desfrutamos, e pela felicidade futura, cuja certeza nos destes, quando nós, como vós, tivermos entrado na grande pátria dos Espíritos.

Obrigado ainda pelas lágrimas que enxugastes, pelos desesperos que acalmastes e pela esperança que fizestes brotar nas almas abatidas e desalentadas.

Obrigado! mil vezes obrigado, em nome de todos os nossos confrades da França e do estrangeiro! Até breve.

EM NOME DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS

Pelo Sr. E. Muller

Caros aflitos,

Falo por último junto a esta fossa aberta, que contém os despojos mortais daquele que, entre nós se chamava Allan Kardec.

Falo em nome de sua viúva, daquela que foi sua companheira fiel e ditosa, durante trinta e sete anos de uma felicidade sem nuvens e sem mesclas, daquela que compartilhou de suas crenças e de seus trabalhos, bem como de suas vicissitudes e alegrias; que, hoje só, se orgulha da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do sublime desinteresse de seu esposo. É ela que nos dá a todos o exemplo de coragem, de tolerância, de perdão das injúrias e do dever cumprido escrupulosamente.

Falo também em nome de todos os amigos, presentes ou ausentes, que seguiram passo a passo a carreira laboriosa que Allan Kardec sempre percorreu honradamente; daqueles que querem honrar sua memória, lembrando alguns traços de sua vida.

Primeiramente quero dizer-vos por que seu envoltório mortal foi para aqui conduzido diretamente, sem pompa e sem outras preces senão as vossas! Precisaria de preces aquele cuja vida inteira não foi senão um longo ato de piedade, de amor a Deus e à Humanidade? Não bastaria que todos pudessem unir-se a nós nesta ação comum, que afirma a nossa estima e a nossa afeição?

A tolerância absoluta era a regra de Allan Kardec. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: israelitas, maometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; de todas as classes: ricos, pobres, sábios, livres-pensadores, artistas e operários, etc... Todos puderam vir aqui, graças a esta medida que não compromete nenhuma consciência e que será um bom exemplo.

Mas, ao lado desta tolerância que nos reúne, devo citar uma intolerância, que admiro? Fá-lo-ei, porque, aos olhos de todos, ela deve legitimar esse título de mestre, que muitos dentre nós lhe atribuímos. Essa intolerância é um dos caracteres mais salientes de sua nobre existência. Ele tinha horror à preguiça e à ociosidade; e este grande trabalhador morreu de pé, após um labor imenso, que acabou ultrapassando as forças de seus órgãos, mas não as do seu espírito e do seu coração.

Educado na Suíça, naquela escola patriótica em que se respira um ar livre e vivificante, ocupava seus lazeres, desde a idade de quatorze anos, a dar aulas aos seus camaradas que sabiam menos que ele.

Vindo para Paris, e sabendo falar alemão tão bem quanto francês, traduziu para a Alemanha os livros da França que mais lhe tocavam o coração. Escolheu Fénelon para o tornar conhecido, e essa escolha denota a natureza benévola e elevada do tradutor. Depois, entregou-se à educação. Sua vocação era instruir. Seus sucessos foram grandes e as obras que publicou, gramática, aritmética e outras, tornaram popular o seu verdadeiro nome, o de *Rivail*.

Não satisfeito em utilizar suas notáveis faculdades numa profissão que lhe assegurava uma tranqüila comodidade, quis que aproveitassem os seus conhecimentos aqueles que não podiam pagar, e foi um dos primeiros a organizar, nesta época de sua vida, cursos gratuitos, ministrados na rua de Sèvres, nº 35, nos quais ensinava Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc.

É que havia tocado em todas as ciências e, tendo-as bem aprofundado, sabia transmitir aos outros o que ele mesmo conhecia, talento raro e sempre apreciado.

Para este sábio dedicado, o trabalho parecia o elemento mesmo da vida. Por isso, mais que ninguém, não podia suportar a idéia da morte tal qual então a apresentavam, tendo como resultado um eterno sofrimento ou uma felicidade egoísta e eterna, mas sem utilidade, nem para os outros nem para si mesmo.

Era como predestinado, bem o vedes, para espalhar e vulgarizar esta admirável filosofia que nos faz esperar o trabalho no além-túmulo e o progresso indefinido de nossa individualidade, que se conserva melhorando-se.

Soube tirar dos fatos, considerados ridículos e vulgares, admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de trabalho e de solidariedade, semelhante ao verso de um poeta que ele amava:

Transformar o chumbo vil em ouro puro.

Sob o esforço de seu pensamento tudo se transformava e engrandecia, aos raios de seu coração ardente; sob sua pena tudo se precisava e se cristalizava, a bem dizer, em frases de deslumbrante clareza.

Tomava para seus livros esta admirável epígrafe: *Fora da caridade não há salvação*, cuja aparente intolerância ressalta a tolerância absoluta.

Transformava as velhas fórmulas e, sem negar a feliz influência da fé, da esperança e da caridade, arvorava uma nova bandeira, ante a qual todos os pensadores podem e devem inclinar-se, porque esse estandarte do futuro leva escritas estas três palavras:

Razão, Trabalho e Solidariedade.

É em nome desta mesma razão que ele colocou tão alto, em nome de sua viúva, em nome de seus amigos que eu vos digo a todos que não mais olheis esta fossa aberta. É para mais alto que devemos erguer os olhos, para encontrar aquele que acaba de nos deixar! Para conter esse coração tão devotado e tão bom, essa inteligência de escol, esse espírito tão fecundo, essa individualidade tão poderosa, bem o vedes vós mesmos, medindo-a com os olhos, esta fossa seria demasiado pequena, e nenhuma seria bastante grande.

Coragem, pois! e saibamos honrar o filósofo e o amigo, praticando suas máximas e trabalhando, cada um no limite de suas forças, para propagar aquelas que nos encantaram e convenceram.

Revista da Imprensa

A maioria dos jornais noticiou a morte do Sr. Allan Kardec, e alguns deles, ao simples relato dos fatos, acrescentaram comentários sobre o seu caráter e os seus trabalhos, que não caberiam aqui. Quando podia refutar vitoriosamente certas diatribes malsãs e mentirosas, o Sr. Allan Kardec sempre desdenhou fazer algo, considerando o silêncio como a mais nobre e a melhor das respostas. A este respeito seguiremos seu exemplo, lembrando-nos, aliás, de que só se tem inveja das grandes personalidades e só se atacam as grandes obras, cuja vitalidade pode produzir sombra.

Mas, se os gracejos sem consistência não nos inquietaram, ficamos, ao contrário, profundamente tocados pela justiça feita em certo número de órgãos da imprensa à memória de nosso saudoso presidente. Pedimos-lhes que recebam aqui, em

nome da família e dos espíritas do mundo inteiro, os testemunhos de nossa profunda gratidão.

Por falta de espaço, publicamos apenas dois desses artigos característicos, que provarão exuberantemente aos nossos leitores haver na Literatura e na Ciência homens que sabem, quando as circunstâncias o exigem, empunhar bem alto e corajosamente a bandeira que os reúne, numa ascensão comum para o progresso e a solidariedade universais.

JORNAL *PARIS*

(3 de abril de 1869)

"Aquele que, por tanto tempo, figurou no mundo científico sob o pseudônimo de Allan Kardec, tinha por nome Rivail e faleceu aos 65 anos.

"Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio daquela sala de sessões que ele presidia há tantos anos; vimo-lo com o semblante calmo, como se extinguem os que a morte não surpreende, e que, tranqüilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, deixam como que um reflexo da pureza de sua alma no corpo que abandonam à matéria.

"Resignados pela fé numa vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, numerosos discípulos vieram olhar pela última vez esse lábios descorados que, ainda ontem, lhes falavam a linguagem da Terra. Mas já tinham a consolação de além-túmulo; o Espírito Allan Kardec viera dizer como tinha sido o seu desprendimento, quais as suas impressões primeiras, quais de seus predecessores na morte tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se 'o estilo é o homem', os que conheceram Allan Kardec vivo só podiam comover-se com a autenticidade dessa comunicação espírita.

"A morte de Allan Kardec é notável por uma estranha coincidência. A Sociedade formada por esse grande vulgarizador do Espiritismo acabava de chegar ao fim. O local abandonado, os móveis desaparecidos, nada mais restava de um passado que devia renascer em bases novas. Ao fim da última sessão, o presidente tinha feito suas despedidas; cumprida a sua missão, ele se retirava da luta cotidiana para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens – valentes! – deviam continuar a obra e, fortes de sua virilidade, impor a verdade pela convicção.

"Que adianta contar os detalhes da morte? Que importa a maneira pela qual o instrumento se quebrou, e por que consagrar uma linha a esses restos agora integrados no imenso movimento das moléculas? Allan Kardec morreu na sua hora. Com ele fechou-se o prólogo de uma religião vivaz que, irradiando cada dia, logo terá iluminado a Humanidade. Ninguém melhor que Allan Kardec poderia levar a bom termo esta obra de propaganda, à qual fora preciso sacrificar as longas vigílias que nutrem o espírito, a paciência que educa com o tempo, a abnegação que afronta a estultícia do presente, para só ver a radiação do futuro.

"Por suas obras, Allan Kardec terá fundado o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome, estimado como o de um homem de bem, desde muito tempo é divulgado pelos que crêem e pelos que temem. É difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos.

"O Espiritismo destrói muitos abusos; – também reergue muitas consciências entristecidas, dando-lhes a convicção da prova e a consolação do futuro.

"Hoje os espíritas choram o amigo que os deixa, porque o nosso entendimento, demasiado material, por assim dizer, não pode dobrar-se a essa idéia da *passagem*; mas, pago o primeiro

tributo à inferioridade do nosso organismo, o pensador ergue a cabeça para esse mundo invisível que sente existir além do túmulo e estende a mão ao amigo que se foi, convencido de que seu Espírito nos protege sempre.

"O presidente da Sociedade de Paris morreu, mas o número dos adeptos cresce dia a dia, e os valentes, cujo respeito pelo mestre os deixava em segundo plano, não hesitarão em afirmar-se, para o bem da grande causa.

"Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso, um grande fato para a Humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo o vazio imenso que o materialismo havia cavado aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança.

Pagès de Noyez

UNIÃO MAGNÉTICA

(10 de abril de 1869)

"Ainda uma morte, e uma morte que provocará um grande vazio nas fileiras dos adeptos do Espiritismo.

"Todos os jornais consagraram um artigo especial à memória desse homem que soube fazer-se um nome e sobressair-se entre as celebridades contemporâneas.

"As relações estreitas que, em nossa opinião, existem muito certamente entre os fenômenos espíritas e magnéticos, impõe-nos o dever de recordar com simpatia um homem cujas crenças são partilhadas por certo número de nossos colegas e assinantes, e que havia tentado fazer passar por ciência uma doutrina da qual ele era, de certo modo, a viva personificação.

A. Bauche

Nova Constituição da Sociedade de Paris

Em face das dificuldades surgidas com a morte do Sr. Allan Kardec, e para não deixar em suspenso os graves interesses que ele sempre soube salvaguardar, com tanta prudência quanto sabedoria, a Sociedade de Paris foi levada, no mais curto prazo, a se constituir de maneira regular e estável, tanto para as providências junto às autoridades, quanto para tranqüilizar os espíritos timoratos sobre as conseqüências do acontecimento imprevisto que, repentinamente, feriu toda a grande família espírita.

Não duvidamos de que os nossos leitores nos agradecerão por lhes darmos, a respeito, os mais precisos detalhes. É por isso que nos apressamos a lhes dar a conhecer as decisões da Sociedade, condensadas nos discursos do Sr. Levent, vice-presidente da antiga Comissão, e do novo presidente, Sr. Malet, que reproduzimos integralmente.

(Sociedade de Paris, 9 de abril de 1869)

Tomando a palavra em nome da Comissão, o Sr. Levent se exprime nestes termos:

"*Senhores*,

"É ainda sob a dolorosa impressão que a todos nos causou a inesperada libertação do nosso saudoso presidente, que hoje inauguramos o novo local de nossas reuniões hebdomadárias.

"Antes de retomar os nossos estudos habituais, paguemos ao nosso venerado mestre um justo tributo de reconhecimento pelo zelo infatigável que dedicava a estes trabalhos, pelo desinteresse absoluto, pela completa abnegação de si mesmo, pela perseverança de que sempre deu exemplo na direção desta Sociedade, por ele presidida desde a sua fundação.

"Esperemos que tão nobre exemplo não seja perdido; que tantos trabalhos não fiquem estéreis e que a obra do mestre seja continuada; numa palavra, que ele não tenha semeado em terra ingrata.

"Vossa Comissão é de opinião que, para obter este resultado tão desejado, duas coisas importantes são indispensáveis: 1º a mais completa união entre todos os societários; 2º o respeito ao programa novo que o nosso saudoso presidente, na sua solicitude esclarecida e em sua lúcida previsão, tinha preparado há alguns meses e publicado na *Revista* de dezembro último.

"Peçamos todos ao soberano Mestre que permita a esse grande Espírito, que acaba de entrar na pátria celestial, nos ajudar com suas luzes e continuar a presidir espiritualmente esta Sociedade, que é sua obra pessoal e que tanto estimava.

"Caro e venerado mestre, que estais aqui presente, embora invisível para nós, recebei de todos os vossos discípulos, que quase todos foram vossos amigos, esse singelo testemunho de seu reconhecimento e de sua afeição, que se estendem, não o duvideis, à corajosa companheira de vossa existência terrestre. Ela ficou entre nós muito triste, muito solitária, mas consolada, quase feliz, pela certeza de vossa felicidade atual.

" – Senhores, diante da perda irreparável que acaba de sofrer a Sociedade, a Comissão, cujos poderes regulares cessaram a 1º de abril, julgou por bem continuar suas funções.

"Desde o primeiro deste mês a Comissão já se reuniu duas vezes, a fim de deliberar imediatamente e não deixar um só instante a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sem direção legal, aceita e reconhecida.

"Reconheceis, senhores, como a vossa diretoria, que havia essa necessidade absoluta.

"As providências a tomar junto à administração, a fim de a prevenir da mudança de presidente e da sede da Sociedade;

"As relações de nossa Sociedade Parisiense com as outras Sociedades estrangeiras, todas já informadas do falecimento do Sr. Allan Kardec e que, na sua maioria, já nos manifestaram seu sincero pesar;

"A correspondência tão numerosa, cuja resposta é indispensável; enfim, muitas outras razões sérias, que são melhor pressentidas do que explicadas;

"Todos esses motivos levaram a vossa Comissão atual a vos apresentar uma lista de sete nomes que devem compor a nova diretoria para o ano de 1869-1870, e que seriam: os Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur.

"Como notareis, senhores, a maioria dos membros da antiga diretoria faz parte desta nova lista.

"Por unanimidade vossa Comissão designou para presidente o Sr. Malet, cujos títulos para esta nova posição são numerosos e perfeitamente justificados.

"O Sr. Malet reúne todas as grandes qualidades necessárias para assegurar à Sociedade uma direção firme e sábia. – Vossa diretoria é mesmo de opinião que seria o caso de agradecer ao Sr. Malet por se haver dignado aceitar esta função, que está longe de ser uma sinecura, sobretudo agora.

"Por isso, é com confiança que vos pedimos aceiteis esta proposta e voteis esta lista por aclamação.

"Fora dos motivos expostos acima, uma outra razão, grave e séria, determinou vossa diretoria atual a vos apresentar esta proposição.

"É seu grande desejo, que também partilhareis, esperamos, o de nos aproximarmos cada vez mais do plano de organização concebido pelo Sr. Allan Kardec, e que ele vos deveria propor este ano, no momento de renovação da diretoria.

"O Sr. Allan Kardec não deveria aceitar senão a presidência honorária, e sabíamos que sua intenção era vos apresentar o Sr. Malet como candidato à presidência. Somos felizes por realizar o desejo daquele que todos lamentamos.

"Em conseqüência, senhores, em nome de vossa antiga diretoria, que tenho a honra de representar, eu vos peço que aceiteis a seguinte proposição:

"São nomeados membros da diretoria para o ano 1869-1870: os Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, sob a presidência do Sr. Malet."

Levent
Vice-Presidente

Aceita a proposição e ratificada por aclamação unânime, o Sr. vice-presidente deu posse imediatamente ao Sr. Malet como presidente da Sociedade.

Discurso de Posse do Novo Presidente

(Sessão de 9 de abril de 1869)

Senhoras, Senhores,

Antes de tomar posse desta cadeira, onde desde tantos anos tivestes a felicidade de ver e ouvir esse eminente filósofo, a quem cada um de nós deve a luz e a tranqüilidade da alma, permiti que aquele que chamastes a presidir as vossas reuniões venha dizer algumas palavras quanto à marcha que pretende seguir e o espírito com o qual pretende dirigir os vossos trabalhos.

Gostaria de o fazer com esse tom e essa simplicidade que são a expressão das convicções profundas! Gostaria de o fazer, mas, sob o império de uma emoção que não posso dominar, e que vos é fácil compreender, sinto que não o poderia, se não chamasse em meu auxílio as poucas linhas que vou ler.

É que, com efeito, senhores, quando apenas há algumas semanas eu solicitava o favor de entrar em vossas fileiras, como membro livre da Sociedade de estudos Espíritas de Paris, estava longe de pensar que um dia fosse chamado para presidir as suas sessões, e muito mais longe ainda de pensar que a partida imprevista do nosso caro e venerado mestre me chamasse a dirigir, com o vosso concurso, essas interessantes sessões, onde cada dia se elucidam as mais árduas e as mais complexas questões.

Mas, como acaba de dizer o nosso vice-presidente, e me limito a vo-lo repetir, é como membro da Comissão e simples delegado anual, designado por vossa escolha, que aceitei essa difícil função, em conformidade, aliás, com as regras prescritas pela organização nova, que nos deixou nosso mestre.

Com efeito, senhores, qual de nós ousaria suceder sozinho a uma tão grande personalidade como a que encheu o mundo com os seus altos e consoladores estudos, ensinando ao homem de onde ele vem, por que está na Terra e para onde vai depois? Quem seria bastante orgulhoso para se julgar à altura de sua lógica, de sua energia e de sua profunda erudição, quando ele mesmo, esmagado por um trabalho sempre crescente, havia reconhecido que uma comissão de seis trabalhadores sérios e dedicados que, sem dúvida, deveria ser dobrada em futuro próximo, não seria bastante numerosa para fazer face aos desenvolvimentos dos estudos da Doutrina?

Sim, senhores, se correspondi ao desejo que me manifestastes, é porque os atos devem estar sempre em relação

com as palavras. Eu havia prometido meu concurso enérgico, quando me admitistes entre vós, e por mais difícil que seja o momento, não recusei o mandato que me oferecestes, por mais fracas que sejam minhas forças, persuadido de que elas serão ajudadas vigorosamente por nossa Comissão, por todos vós, meus irmãos em crença e, enfim, por nossos Espíritos protetores, em cujo número hoje se acha o nosso caro e afeiçoado presidente.

Nosso dever, a missão de todos nós, senhores, de agora em diante é seguir o sulco traçado pelo mestre, quero dizer, aprofundá-lo, alargá-lo mais, mais do que estendê-lo ao longe, até a hora em que um novo enviado, esclarecedor do futuro, venha plantar novas balizas e traçar uma nova etapa! Realizemos a nossa tarefa e, por mais modesta que ela possa parecer a alguns espíritos ardentes ou, talvez, muito impacientes, o seu campo é bastante vasto para que cada um de nós possa dizer, ao terminar sua jornada: *"Um repouso feliz me espera, pois eu era do número daqueles que trabalharam na vinha do Senhor."*

Mas, para alcançar tal objetivo, o esforço deve estar na razão direta de sua grandeza. Pesquisadores infatigáveis da verdade, aceitemos a luz, venha de onde vier, sem, contudo, lhe dar direito de cidadania antes de a ter analisado em todos os seus elementos e observado nos múltiplos efeitos de sua irradiação. Abramos, pois, as nossas fileiras a todos os investigadores de boa vontade, desejosos de se convencerem, ainda mesmo que a sua rota tenha sido diferente da nossa, até este momento, e contanto que eles aceitem as leis fundamentais de nossa filosofia.

Rejubilemo-nos no momento em que o Espiritismo, fundado em bases inabaláveis, entra em nova fase, para chamar a atenção dessa nova geração, à qual o estudo da Ciência cabe por partilha, quer ela sonde as profundezas desconhecidas do oceano celeste, quer perscrute essas miríades de mundos revelados pelo microscópio, quer, enfim, que ela peça aos fenômenos do

magnetismo o segredo que conduz à descoberta das admiráveis leis harmônicas do Criador, das quais uma única encerra todas: *a lei de Amor*.

Também não repilamos, senhores, esses pioneiros que com tanto desdém são chamados materialistas. – Ficai certos de que alguns desses pesquisadores, satisfazendo à lei comum do erro, sentem sua consciência revoltar-se ao perscrutar a matéria para aí procurar esse princípio vital que só de Deus emana.

Sim, lamentemos seus esforços infrutíferos e abramos-lhes também as nossas fileiras, porque não os poderíamos confundir com os *soberbos*, enceguecidos pelo erro e pelo sofisma! Oh! para estes sigamos o preceito do filósofo de Nazaré: "*Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos"*, e passemos.

Mostremo-nos, pois, sempre verdadeiros e sinceros espíritas, por nosso espírito de tolerância, nosso amor por nossos irmãos, com os quais devemos partilhar esse pão da vida com que nos alimentou nosso caro mestre, *apanhando essas espigas caídas de feixes incompreendidos!...*

Semeemos, propaguemos e semeemos ainda, mesmo nos terrenos ressecados pelo sopro do cepticismo, porque se alguns grãos lançados ao vento da incredulidade vierem germinar em algum sulco escondido e cavado pela dor, seu rendimento será o cêntuplo do trabalho.

Sobretudo não percamos nosso tempo, nem nossas forças, em responder aos ataques de que possamos ser objeto, porque o homem que arroteia deve esperar ser ferido pelos espinhos que arranca.

– Não respondamos mais a esses timoratos do livre-pensamento, que fingem ver no Espiritismo uma religião, um

engenho destruidor das coisas estabelecidas, quando, ao contrário, esta doutrina reúne num feixe único todos os membros esparsos da grande família humana, que a intolerância de uns e a imobilidade de outros dispersou e deserdou de toda crença.

Mas, se de um lado, devemos apelar a todos os trabalhadores devotados, se a Ciência pode e nos deve ser de grande valia para explicar o que o vulgo chama *milagre*, jamais esqueçamos que o objetivo essencial e final de nossa Doutrina consiste no estudo das leis psicológicas e morais, leis que compreendem a fraternidade, a solidariedade entre todos os seres, lei única, lei universal que rege igualmente a ordem moral e a ordem material.

– É esta bandeira, senhores, que manteremos alta e firme, aconteça o que acontecer, e ante a qual deverão inclinar-se todas as outras considerações.

É animado por tais pensamentos que vossa Comissão deve prosseguir a obra do mestre, porque foram eles que o conduziram à descoberta desta magnífica estrela, de brilho muito diferente, de poder bem diverso para a felicidade da Humanidade, do que todas aquelas cujo conjunto deslumbra os nossos olhos.

– Sigamos escrupulosamente o plano da vasta e sábia organização deixada pelo mestre, última expressão de seu gênio, e na qual ele compara, com tanta felicidade, as sociedades espíritas a observatórios, cujos estudos devem ser ligados entre si e religados ao grupo central de Paris, mas deixando a cada um a livre direção de suas observações particulares.

De pé e à obra, pois, espíritas das cinco partes do mundo! À obra também, espiritualistas, biologistas, magnetistas e vós todos, enfim, homens de Ciência, pesquisadores sedentos da verdade, reunidos por este pensamento comum: *fora da* ***verdade*** *não*

há salvação, digno eco desta divisa dos espíritas: *fora da* ***caridade*** *não há salvação*.

Nestas condições, mas só nestas condições, pelo menos é a nossa profunda convicção, não só o Espiritismo não ficará estacionário, mas crescerá rapidamente, guiado sempre por seu antigo piloto, muito mais poderoso, muito mais clarividente ainda do que o era na Terra, e onde sua digna companheira dele recebeu a missão de secundar seus pontos de vista generosos e benevolentes para o futuro da Doutrina.

Perdão, senhores, por me haver alongado; entretanto, muito teria ainda a vos dizer... mas me apresso, compreendendo vossa impaciência em querer ouvir aquele que será sempre o nosso digno e venerado presidente. Ele está aqui, em meio a uma cerrada falange de Espíritos simpáticos e protetores; mas era dever daquele a quem a vossa escolha confiou a difícil tarefa de presidir aos vossos trabalhos e à direção de vossas sessões, dar-vos a conhecer as suas intenções, partilhadas pela Comissão Central e, assim o espera, pela maioria dos espíritas.

E. Malet

Caixa Geral do Espiritismo

DECISÃO DA SENHORA ALLAN KARDEC

Desejando, com todas as suas possibilidades, e segundo as necessidades do momento, contribuir para a realização dos planos para o futuro, feitos por seu marido, a Sra. Allan Kardec, única proprietária legal das obras e da *Revista*, deseja, por devotamento à Doutrina:

1º – Doar anualmente à Caixa Geral do Espiritismo o excedente dos lucros provenientes da venda dos livros espíritas e

das assinaturas da *Revista*, bem como das operações da Livraria Espírita, mas com a condição expressa de que ninguém, a título de membro da Comissão Central ou outra, tenha o direito de imiscuir-se neste negócio industrial, e que os recebimentos, sejam quais forem, sejam recolhidos sem observação, já que ela pretende tudo gerir pessoalmente, programar as reimpressões das obras, as publicações novas, regular a seu critério os emolumentos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, numa palavra, todos os gastos gerais;

2º – A *Revista* está aberta à publicação dos artigos que a Comissão Central julgar úteis à causa do Espiritismo, mas com a condição expressa de serem previamente sancionados pela proprietária e pelo comitê de redação, sucedendo o mesmo com todas as publicações, sejam quais forem;

3º – A Caixa Geral do Espiritismo é confiada a um tesoureiro, encarregado da gerência dos fundos, sob a supervisão da Comissão Diretora. Até que sejam utilizados, esses fundos serão empregados na aquisição de bens imóveis para fazer frente a todas as eventualidades. Anualmente o tesoureiro fará uma detalhada prestação de contas da situação da Caixa, que será publicada na *Revista.*

Comunicadas estas decisões à Sociedade de Paris, na sessão de 16 de abril, foi a Sra. Allan Kardec objeto de unânimes felicitações.

Este nobre exemplo de desinteresse e de devotamento será, não temos dúvida, apreciado e compreendido por todos aqueles cujo concurso ativo e incessante é conquistado pela filosofia regeneradora por excelência.

Correspondência

Carta do Sr. Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen

Rouen, 14 de abril de 1869.

Sr. Presidente,

Senhores membros da Comissão Diretora da

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Sentimo-nos felizes, Senhores, e vos felicitamos calorosamente pela presteza com que a vossa Comissão se constituiu sobre as bases indicadas por nosso venerado mestre.

Estávamos bem longe de esperar pelo golpe fulminante que tão cruelmente veio ferir a Sociedade de Paris e o Espiritismo inteiro; mas, se nos primeiros momentos, chocados pelo estupor e dolorosamente comovidos, curvamos a fronte para a terra onde repousam os restos mortais do Sr. Allan Kardec, hoje devemos erguê-la e agir, porque se a sua tarefa terminou, a nossa começa e nos impõe sérios deveres e uma grave responsabilidade.

No momento em que o sábio coordenador da filosofia espírita acaba de depor nas mãos do Todo-Poderoso o mandato do qual se havia encarregado tão digna e corajosamente, cabe a nós, seus legatários naturais, manter alta e firme a bandeira na qual ele gravou, em caracteres indestrutíveis, ensinos que encontram eco em todos os corações bem-dotados.

Devemos todos nos reunir à Comissão Central, sediada em Paris, que para nós representa o mestre desaparecido, e é o que acontecerá, senhores, se, como estamos persuadidos, vos dedicardes a seguir o caminho que ele nos traçou.

Mas, bem entendido, para se realizar em tempo oportuno os projetos que ele indicava na *Revista* de dezembro último, e que, de certo modo, poderíamos considerar como seu testamento; para criar a Caixa Geral do Espiritismo, necessitais do concurso moral e material de todos. Todos devem, pois, no limite de suas forças, trazer sua pedra ao edifício. Tal é, pelo menos, o sentimento da Sociedade Espírita de Rouen, que vos pede a sua inscrição por mil francos, persuadida que está de que não poderia honrar melhor a memória do mestre do que executando, conforme os planos que ele nos deixou, aquilo que ele próprio teria realizado, se Deus, nos seus secretos desígnios, não houvesse decidido de outra maneira.

Aceitai, senhores, com as nossas saudações fraternas, a segurança do nosso inalterável devotamento à causa do Espiritismo.

Pelos membros da Sociedade Espírita de Rouen,
A. Guilbert – *Presidente*

Dissertações Espíritas

Não nos permitindo a abundância de matérias publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas as que foram dadas por ele próprio, reunimos numa única comunicação os ensinamentos de interesse geral, obtidos através de diversos médiuns.

(Sociedade de Paris, abril de 1869)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e pelas verdades expressas com tanta eloqüência sobre os meus restos mortais? Não podeis duvidar: eu estava presente e profundamente feliz, sensibilizado pela comunhão de pensamento que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (O Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado, como o fizestes. Vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria e esse ato de independência vos será contado duplamente; nada perdestes por dizer o que as vossas convicções e a Ciência vos impõem. Assim agindo, podeis ser discutido, mas sereis honrado merecidamente.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris*, que começa um ato de justiça pelo artigo de um bravo e digno coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Sr. Delanne, Sr. E. Muller, recebei a expressão dos meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que hoje apertais afetuosamente a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizais; como espírita eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, ao menos eu lhe dei tudo quanto as forças humanas me permitiram lhe desse. É como colaborador enérgico e convicto, como campeão, de todos os instantes, da grande doutrina deste século, que a amo, e me sentiria infeliz se a visse perecer, caso isto fosse possível.

Ouvi com sentimento de profunda satisfação o meu amigo, o vosso novo e digno presidente, vos dizer: "Ajamos de acordo; vamos despertar os ecos, que há muito tempo não mais ressoam; vamos reavivar aqueles que ecoam! Que não seja Paris, que não seja a França o teatro de vossa ação; vamos a toda parte! Demos à Humanidade inteira o maná que lhe falta; demos-lhe o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que conhece tão pouco!"

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está certo. Tendes o desejo sincero de marchar com firmeza pelo sulco traçado; ainda está certo. Mas, não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade que age por espasmos não é mais vontade: é o capricho no bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, é a verdadeira vontade, inquebrantável em sua ação, frutuosa em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças: elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da idéia que vos une, pois ela é indestrutível. Pode-se ativar ou retardar o seu desenvolvimento, mas é impossível detê-la.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! se conhecêsseis todo o poder desta alavanca! Foi essa alavanca que levou Arquimedes a dizer que com ela levantaria o mundo! Vós o levantareis, meus amigos, e esta transformação esplêndida, que será efetuada por vós em proveito de todos, marcará um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois, e esperança. Esperança!... esse facho que os vossos infelizes irmãos não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não o afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, vos ouçam, vos olhem! Quando tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Então, meus amigos, meus irmãos, como eu seria feliz ao ver que os meus esforços não foram inúteis e que o próprio Deus abençoou a nossa obra! Nesse dia haverá no céu uma grande alegria, um grande êxtase! A Humanidade estará livre do jugo

terrível das paixões que a acorrentam e oprimem com um peso esmagador. Então não mais haverá na Terra o mal, nem o sofrimento, nem a dor; porquanto os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciantes vêm da alma. O resto não passa do leve roçar de um espinho sobre as vestes!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, todos os homens, reconhecendo-se, dirão: "Somos irmãos" e só terão no coração um mesmo amor, na boca uma só palavra, nos lábios um só murmúrio: Deus!

Allan Kardec

Aviso

O catálogo de obras da *Livraria Espírita* será enviado a *todas as pessoas* que o pedirem, mediante a remessa de dez centavos em selos postais.

Aos Nossos Correspondentes

A morte do Sr. Allan Kardec foi, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, ocasião para numerosos testemunhos de simpatia para com a Sra. Allan Kardec, e de garantia de adesão aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Na impossibilidade material de responder a todos, rogamos que recebam, aqui, a expressão dos sentimentos de reconhecimento da Sra. Allan Kardec.

Persuadida de que não se poderiam realizar melhor os desejos daquele que todos lamentamos, senão nos unindo num entendimento comum para a propagação de nossos princípios, a

Sociedade de Paris sente-se feliz, nas dolorosas circunstâncias em que nos encontramos, em poder contar com o concurso ativo e eficaz de todos. Verá com viva satisfação o estabelecimento de relações regulares entre ela e os vários centros da província e do estrangeiro.

Aviso Muito Importante

Lembramos aos senhores assinantes que desde 1º de abril último o escritório de assinaturas e expedição da *Revista Espírita* foi transferido para a sede da *Livraria Espírita*, 7, rua de Lille.

Para tudo o que concerne a assinaturas, compra de obras, expedições, as pessoas que não moram em Paris devem enviar um vale postal ou uma ordem para o *Sr. Bittard, gerente da livraria*. Não se concedem descontos para os subscritores.

Todos os documentos, a correspondência, os relatos de manifestações que possam interessar ao Espiritismo e aos espíritas, deverão ser dirigidos ao Sr. Malet, presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, 7, rua de Lille.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII JUNHO DE 1869 Nº 6

Aos Assinantes da *Revista*

Até hoje a *Revista Espírita* foi essencialmente obra e criação do Sr. Allan Kardec, como aliás todas as obras doutrinárias que ele publicou.

Quando a morte o surpreendeu, a multiplicidade de suas ocupações e a nova fase em que entrava o Espiritismo o faziam desejar a companhia de alguns colaboradores convictos, a fim de que, sob sua direção, executassem trabalhos aos quais já não podia bastar-se sozinho.

Procuraremos não nos afastar da via que ele nos traçou; mas, pareceu-nos de nosso dever consagrar aos trabalhos do mestre, sob o título de *Obras Póstumas*, algumas páginas que ele guardou para si, se tivesse permanecido corporalmente entre nós. A abundância de documentos acumulados em seu gabinete de trabalho nos permitirá, durante muitos anos, publicar em cada número, além das instruções que ele houver por bem nos dar como

Espírito, um desses interessantes artigos, que sabia tão bem tornar compreensíveis a todos.

Estamos persuadidos de satisfazer assim aos desejos de todos aqueles que a filosofia espírita reuniu em nossas fileiras, e que souberam apreciar no autor de *O Livro dos Espíritos*, o homem de bem, o trabalhador infatigável e devotado, o espírita convicto, aplicando-se na vida privada a pôr em prática os princípios que ensinava em suas obras.

O Caminho da Vida[19]

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva

19 **N. do T.:** *Obras Póstumas*, 1ª parte.

de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante idéia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, sendo a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima de existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea e de relação, e a ausência, aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o vôo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com

o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as conseqüências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação pode ajudar a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma:

Suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário, um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal, depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe depara, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. É qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: "Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu derredor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse! Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho,

como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpô-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os passos em falso que dei."

Diz-lhe então um ancião: – "Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa."

– Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

– Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui. Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesses passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida. Ademais, procurando safar-te dos tropeços, contribuíste para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que

gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

– Meu pai, responde o viajor, numa das florestas, encontrei um homem que disse: "Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi."

– Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para lá se dirigem. Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vês que caminham com passo lento e semblante jovial; vê aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que eles experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corpóreas, em que ela trabalha pelo seu adiantamento, ao mesmo tempo que na obra geral. O caminheiro que chega ao fim e que volta para ajudar os que vêm atrasados figura os anjos guardiães, os missionários de Deus, que se sentem venturosos em vê-lo, como, também, no desdobrarem suas atividades para fazer o bem e obedecer ao supremo Senhor.

Allan Kardec

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de fevereiro de 1868)

Por certo os nossos leitores se lembram de haver lido, no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo, interessante sob mais de um ponto de vista. Hoje publicamos a sua continuação, deixando ao Espírito que o inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões e reservando-nos para analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos estes documentos ao exame de todos os espíritas sérios e ficaremos reconhecidos aos que houverem por bem nos transmitir a sua apreciação, ou as instruções de que poderão ser objeto, da parte dos Espíritos. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo e, nessa condição, apressa-se em acolher todos os elementos capazes de esclarecer a marcha de nossos trabalhos, deixando ao controle universal, apoiado pelos conhecimentos adquiridos, o cuidado de julgar em última instância.

III

OS FLUÍDICOS

Chama-se *Fluido* a esse nada e a esse tudo não analisável, por meio do qual o mundo espiritual se põe em comunicação com o mundo material, e que mantém o nosso físico em harmonia, quer consigo mesmo, quer com o que está fora dele.

Embora nos envolva e nos cerque, e vivamos nele e por ele, é na alma que se une e se condensa. É não só esta porção de nossa alma que nos põe em ação, nos dirige e nos guia, mas, ainda, por assim dizer, a alma geral que plana sobre todos nós; é o laço misterioso e indispensável que estabelece a unidade em nós mesmos e fora de nós; e se vier a partir-se momentaneamente, é então que se manifesta essa modificação imensa a que chamamos morte.

O fluido é, pois, a própria vida: é o movimento, a energia, a coragem, o progresso; é o bem e o mal. É esta força que, por sua vez, parece animar, pelo sopro de sua vontade, quer a charrua benfeitora que fertiliza a terra e faz de nós os alimentadores do gênero humano, quer o fuzil maldito que a despovoa e nos transforma em assassinos de nossos irmãos.

O fluido facilita, entre o Espírito do inspirador e o inspirado, relações que, sem ele, seriam impossíveis.

Os alucinados são nervosos, mas não fluídicos, no sentido de que deles nada se desprende. É esta falta de desprendimento, este excesso ou esta falta de fluido, esta ruptura violenta do seu equilíbrio que os exalta até a loucura, ou, pelo menos, até a divagação momentânea, e faz desfilar à sua frente fantasmas imaginários, ou que se ligam mais ou menos ao pensamento dominante, que, excitando as fibras cerebrais, faz entrar em revolta a quintessência do fluido circulante, muito cheio

dessa noção impressionável que incessantemente tende a se desprender.

Se morrer um louco ou um alucinado, e se fizermos a autópsia do seu cadáver, tudo parecerá são na sua natureza física; nada será descoberto de particular em seu cérebro. Entretanto, será possível observar mais comumente uma ligeira lesão do coração, pois a parte moral atingida exerce poderosa influencia material sobre este órgão.

Pois bem! essas desordens que o escalpelo não descobre, que o dedo não toca, que o olho não vê, existem no fluido, que a Ciência, sempre muito materialista, nega para não ter que o estudar.

Para ser uma força, o vapor não necessitava que Salomon de Caus ou Papin adivinhassem o seu emprego, assim como, para existir, a eletricidade não tinha esperado que Galvani viesse conceder-lhe foros de cidadania no meio dos sábios oficiais. O fluido não se mostra mais cerimonioso para com as suas doutas sentenças. A eletricidade e o vapor, que são apenas de ontem, já revolucionaram o mundo material. Afirmando a realidade do fluido, o Espiritismo modificará ainda muito mais profundamente o mundo intelectual e moral.

Não só o fluido existe, mas é duplo; apresenta-se sob dois aspectos diversos, ou, pelo menos, suas manifestações são de duas ordens muito diferentes.

Há o fluido latente, que cada um possui e que, mau grado nosso, põe em movimento toda a máquina. Ele está em nós, sem que disso tenhamos consciência, porque não o sentimos, e as naturezas linfáticas vivem sem suspeitar que ele existe.

Depois, há os fluidos circulantes que estão em perpétua ação e em constante ebulição nas organizações nervosas e

impressionáveis. Quando não servem senão para nos pôr em intensa atividade, deixamo-los agir ao acaso, e eles só excitam a nossa preocupação quando, por falta de equilíbrio ou por uma causa qualquer, sua ação se traduz por ataques de nervos ou outras desordens aparentes, cuja causa devemos procurar.

Acontece muito freqüentemente que, quando a crise nervosa é acalmada, e depois do abatimento que se segue, um fluido se desprende de certos sensitivos e lhes permite exercer uma ação curativa sobre outros seres mais fracos e atingidos por um mal contrário ao seu. Basta um simples toque na parte sofredora para os aliviar. É uma espécie de magnetismo circulante, momentâneo, inconsciente, porque a ação fluídica se produz imediatamente ou não se produz absolutamente.

Quando os inspirados são fluídicos de nascimento, gozam no mais alto grau desta faculdade curativa. Mas é uma rara exceção.

Ordinariamente o estado fluídico se desenvolve durante a puberdade, nesse momento transitório em que ainda não se é forte, mas que se o será para suportar a luta da vida.

Viram-se certos seres tornar-se fluídicos durante alguns anos, mesmo alguns meses, e deixar de o ser quando retomaram sua situação normal e regular.

Por vezes mesmo, e notadamente nas mulheres, esse estado se manifesta na hora crítica em que a fraqueza começa a se fazer sentir.

Algumas vezes acontece que crianças são dotadas desse estado em idade ainda bem tenra. Um secreto instinto nos atrai para elas. Dir-se-ia que uma auréola de pureza se irradia em torno dessas cabeças louras de querubins. Ainda tão próximas de Deus,

estão sãs de corpo, de coração e de alma; irradiam saúde e sua vista, sua presença, seu contato serenam inteiramente o nosso corpo.

Senti-vos bem em beijá-las e sois felizes embalando-as em vossos braços. Há nelas algo mais que o encanto que se prende às doces carícias da criança, há um eflúvio que acalma as vossas agitações, vos rejuvenesce e vos restabelece a harmonia momentaneamente comprometida. Senti-vos atraído para esta e não para aquela. Não sabeis o porquê: é que a primeira vos proporciona um bem-estar que não sentiríeis junto de qualquer outra.

Qual de nós não procurou, muitas vezes durante muito tempo e sem o encontrar, ai! o ser que nos deve aliviar! Entretanto ele existe, assim como o remédio que nos deve curar.

Procuremos sem desanimar e o descobriremos. Batamos e abrir-nos-ão. Por mais doentes que estejamos, há, no entanto, em algum lugar, uma alma que responderá à nossa alma. Fracos, ela soerguerá a nossa força; fortes, abrandará as nossas asperezas. Com ela nos completaremos, e ambos esperam por ela para fazer o bem.

As naturezas fortemente constituídas exercem uma ação magnética sobre os caracteres mais fracos. Para magnetizar proveitosamente é necessário um grande esforço de vontade concentrada, conseqüentemente um desprendimento de nós mesmos; e esse desprendimento não pode ter uma ação curativa enquanto não juntar uma força poderosa à fraqueza que combatemos, e que faz sofrer aquele que magnetizamos.

Só raramente os magnetizadores podem ser magnetizados por outros. Parece que esse esforço da vontade que eles têm de realizar cava uma espécie de reservatório, no qual se acumula o fluido, em estado latente, que derrama seu excesso sobre os demais; mas não sobra mais lugar para receber algo dos outros.

A intuição é a radiação do fluido que, desprendendo-se daquele sobre o qual queremos agir, vem despertar o nosso e o faz derramar-se sobre o ser que queremos aliviar. Desse choque de dois agentes contrários sai uma centelha; ela esclarece o nosso Espírito e nos mostra o que convém fazer para atingir o objetivo. É a caridade posta em ação. Agindo esse fluido, sempre pronto a despertar ao primeiro apelo do sofrimento, é encontrado sobretudo nas almas sensíveis e ternas, mais preocupadas com o bem alheio do que com o seu próprio bem.

Existem certos médicos nos quais esse desprendimento fluídico se opera mesmo sem que eles o percebam, e que receberam de Deus o dom de curar com mais segurança os que sofrem.

Enfim, há naturezas realmente fluídicas, cujo excesso exige um desprendimento contínuo, sob pena de reagirem contra elas próprias. A ação que exercem sobre os que lhes são simpáticos é sempre salutar, mas pode tornar-se funesta para os que lhes são antipáticos.

É entre estas que se encontram os sensitivos que, na obscuridade, percebem clarões ódicos que se desprendem de certos corpos, enquanto outros nada vêem.

Os fluídicos e os sensitivos são os mais sujeitos aos sentimentos instintivos de simpatia ou de antipatia, em presença daqueles cujo contato ou simples vista lhes faz experimentar o bem ou o mal.

Certas crianças exercem uma pressão física ou moral sobre seus irmãos ou seus camaradas. É o fluido em desprendimento que envolve estes últimos e os domina.

Cada um de nós exerce sobre outrem um poder atrativo ou repulsivo, mas em graus diversos, porque a Natureza é múltipla e infinita em suas combinações.

Quem não sentiu o efeito de um simples aperto de mão, que restabelece o equilíbrio do ser ou nele destrói esse equilíbrio? que nos une à pessoa que nos cumprimenta ou dela nos afasta? que nós dá uma sensação de bem-estar ou de sofrimento?

Quem não sentiu o frio ou o calor de um beijo?

Quem não sentiu esse frêmito interior que abala todo o nosso ser, no momento em que somos postos em contato com outro, e que nos leva a dizer: É um amigo!... ou, então: É um inimigo?

As pessoas cujas mãos são frias e úmidas são de compleição fraca; de sensibilidade pouco desenvolvida, não dão fluido e necessitam que se lhos prodigalize.

Habitualmente os inspirados gozam do privilégio de poder socorrer, por um fluido que deles se desprende, aqueles que necessitam. Mas, raramente desfrutam de boa saúde e neles o equilíbrio e a harmonia reinam raramente.

Têm muito fluido ou não o têm suficiente, e quase só no momento da inspiração se acham em completa harmonia. Mas, então, não sentem os benefícios, porque outra individualidade está unida à sua e os abandona momentaneamente, depois que deram o que tinham como reserva.

Os curadores do campo, os feiticeiros, os que fazem desaparecer as entorses, geralmente são fluídicos. Seu poder é real; eles o exercem sem saber como. Mas seria engano crer que possam agir igualmente sobre todo o mundo. É preciso que o fluido que deles se desprende esteja em harmonia com o da pessoa que o deve absorver, senão se produz um efeito contrário. Daí vem o mal muito real que por vezes se sente após uma visita a um desses pretensos feiticeiros.

Não há remédios nem fluidos cuja ação seja universal. Toda ação é modificada pela natureza daquele que a recebe. É preciso que a centelha fira com precisão, sem o que haverá choque e agravação do mal que se pretende aliviar.

O magnetismo sofre a mesma lei e não pode ser mais eficaz em todos os casos.

Os sensitivos e os fluídicos são as naturezas mais generosas, as que melhor sentem todas essas mil ninharias que compõem o ser humano em sua parte moral, física e intelectual. Mas são também os mais infelizes, porque se dão mais aos outros do que recebem.

Os maiores fluídicos geralmente têm mais desgosto de sua personalidade. Pensam nos outros e jamais em si mesmos. Isto também se deve, talvez, a uma espécie de intuição secreta; sentem que sem essa liberação de seu excesso, que derramam sobre os outros, não poderiam ter repouso.

Lamentemos os fluídicos e os sensitivos. A vida para eles tem mais dores que alegrias; não passa de um contínuo sofrimento.

Mas, ao mesmo tempo, admiremo-los, porque são bons, generosos e dotados de caridade humanitária. Deles se desprende uma força para aliviar os seus irmãos, e é por serem mais completamente *tudo para todos*, que são tão pouco para si mesmos.

E talvez o seu adiantamento seja mais rápido e maior num outro mundo, porque passaram por este aplicando-se apenas em fazer o bem aos outros.

Por vezes, depois de um grande desprendimento, o fluídico sofre e chega a um extremo grau de fraqueza, até o momento em que entra de novo na posse de sua força. Quando

uma pessoa sofre, ele não calcula e vai até ela. O coração o arrasta vitoriosamente, adivinha quem puder! Não é mais um homem detido por frias conveniências; é uma alma que desperta ao primeiro grito de sofrimento, e que não se lembra mais senão depois que o alívio chegou!

IV

OS SONÂMBULOS

O sonambulismo, que pode ser dividido em três categorias, não se refere diretamente a nenhuma das três fases que acabamos de descrever.

1º – O sonâmbulo natural muito raramente será um bom magnetizador. Pode não ser acessível à inspiração, nem ao fluido forçado e concentrado num só ponto pela sua vontade. Outras vezes seu estado anuncia uma predisposição favorável à recepção de um impulso.

O sonambulismo natural é o sonho posto em ação. O pensamento segue seu curso durante o sono dos órgãos. Esta é ainda uma prova de que algo vive em nós além da matéria, de que pensamos e vivemos durante o sono a vida ativa do Espírito, embora tenhamos por algum tempo todas as aparências do aniquilamento.

A vida ativa continua, pois, no sonâmbulo; apenas muda de forma, tomando a de um sonho. O espírito agita a matéria, pois os órgãos físicos são postos em ação por uma força enérgica, cuja lembrança o indivíduo perdeu ao despertar.

Estando o verdadeiro inspirado impregnado de uma força poderosa e desconhecida, tem algo do sonâmbulo natural, no sentido de obedecer a um impulso que lhe é estranho, deixando de o sentir logo que volta ao seu estado natural.

O sonâmbulo age sob a simples inspiração que emana dele; está concentrado num só objeto, razão por que, em todos os atos que então realiza, parece muito superior a si mesmo. Se o despertam, ele se perturba, grita como num pesadelo e essa brusca transição não é isenta de perigo para ele.

Esse estado bizarro não afeta nem fatiga os órgãos. Esses seres passam muito bem, porque, enquanto agem, o ser físico dorme, repousa, e só a imaginação trabalha.

2º – No inspirado, pode-se dizer que há sempre uma grande soma de repouso físico. Marcado por outra individualidade, seu corpo não participa da ação que realiza e seu próprio Espírito, de certo modo dormita, desde que o forçaram a assimilar os pensamentos de outro, dos quais a seguir perde até os mais ligeiros traços, à medida que desperta para a vida ordinária.

Nas naturezas dóceis (e nem todos os sonâmbulos o são), esse trabalho de concentração, de *posse* do ser, é feito sem luta, razão por que esses pensamentos lhes são dados de maneira mais particular, precisamente porque não interrompem o repouso naqueles a quem são trazidos.

Por vezes os sonâmbulos são confundidos com os inspirados, porque há semelhança nos resultados.

Uns e outros prescrevem remédios. Mas só o inspirado é um revelador; é nele próprio que reside o progresso, pois só ele é o eco, o instrumento passivo de um Espírito diferente do seu, e mais adiantado.

O magnetismo desperta no sonâmbulo, superexcita e desenvolve o instinto que a natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que a civilização incompleta em que nos debatemos abafou em nós para o substituir pelos falsos lampejos da Ciência.

Os inspirados não precisam absolutamente do socorro do fluido magnético. Vivem pacíficos, em nada pensam. De repente uma palavra, inicialmente obscura e indistinta, é murmurada ao seu ouvido; essa palavra os penetra; toma sentido, cresce, alarga-se, torna-se um pensamento; outras se grupam em redor; depois, chegada à maturidade a elaboração íntima, uma força irresistível os domina e, quer pela palavra, quer pela escrita, é preciso que expulsem a verdade que os obceca.

Eles estão de tal modo impregnados por seu objeto, de tal forma possuídos que, durante essas horas de elaboração ou de diversão, não são mais acessíveis aos sofrimentos do corpo, pois não mais o sentem e já não têm consciência de si, e porque, enfim, neles vive um outro ser em seu lugar.

Pouco a pouco, à medida que o sopro inspirador os abandona, a dor retorna; eles voltam à posse de si mesmos, vivem por sua própria vontade, subordinada às suas percepções pessoais, e da aparição extinta não resta mais senão uma espécie de vazio no cérebro, conforme a expressão consagrada, mas vazio que, na realidade, existe no organismo inteiro.

Muitas vezes o inspirado se acha inconscientemente impregnado, desde muito tempo, pelo Espírito de outrem. Mau grado seu, tem instantes de recolhimento forçado; sabe e é capaz de concentrar melhor as idéias, parecendo viver a vida comum e trocar com os outros os pensamentos ordinários. Mas suas distrações são mais freqüentes, mesmo que seu Espírito ainda não esteja concentrado numa coisa do que noutra. Flutua no vazio; deixa-se embalar por uma espécie de entorpecimento, que é o começo da infusão de comunicações, ainda no primeiro trabalho de transmissão.

Por si mesmo, o magnetismo não dá inspiração: no máximo a provoca e a torna mais fácil. O fluido é como um ímã, que atrai os mortos bem-amados para os que ficaram. Desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que já partiram e que lhes são similares. Estes, por seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida mais completa e melhor, julgam melhor e melhor conhecem os que lhes podem servir de intermediários, numa ordem de fatos que julgam útil revelar-nos.

É assim que esses seres mais adiantados muitas vezes descobrem, naquele que escolheram, disposições que ele mesmo desconhecia. Desenvolvem-no neste sentido, apesar dos obstáculos opostos pelos preconceitos do meio social ou pelas prevenções da família, sabendo que a Natureza preparou o terreno para receber a semente que eles querem espalhar.

Eis um médico que ficou medíocre porque considerações mais fortes que a sua vontade lhe impuseram uma vocação factícia: a inspiração jamais fará dele um revelador em Medicina. Jamais o Espírito virá lhe comunicar as coisas ligadas à profissão que o constrangeram a exercer, mas as relacionadas com as faculdades naturais que, à sua chegada na Terra, lhe foram atribuídas para que as desenvolvesse pelo trabalho, e que ficaram em estado latente. Aí estava a obra que ele devia realizar. O Espírito o pôs no caminho e lhe fez compreender sua verdadeira missão.

O magnetismo, enquanto inspiração, nada pode em favor desta criatura fatalmente desviada. Apenas, como há desacordo entre as tendências que lhe imprimem os seus fluidos e as funções que as circunstâncias o condenaram a exercer, está descontente, infeliz; sofre e, deste ponto de vista, o magnetismo pode, por um momento, vir acalmar os pesares que experimenta em presença de seu futuro despedaçado.

É, pois, erroneamente que em geral se crê, no mundo, que para ser inspirado é preciso ser magnetizado. Ainda uma vez, o magnetismo não dá a inspiração; faz circular o fluido e nos põe em equilíbrio, eis tudo. Ademais, é incontestável que desenvolve o poder de concentração.

Os sonâmbulos mais impressionantes, os que espalham luzes novas ao seu redor, são, ao mesmo tempo, inspirados; contudo, não se deve crer que o sejam igualmente em todas as horas.

3º – Os sonâmbulos geralmente são mais fluídicos do que inspirados. Concebe-se, então, a oportunidade da ação magnética. O toque, quer do magnetizador, quer de uma coisa que lhe pertenceu, pode dar-lhe esse poder de concentração provocada e previamente aumentada pelos passes magnéticos. Junto à predisposição sonambúlica, o magnetismo desenvolve a segunda vista e produz resultados extraordinários, sobretudo do ponto de vista das consultas médicas.

O sonâmbulo está de tal modo concentrado pelo desejo de curar a pessoa cujo fluido está em relação com o seu, que lê no seu ser interior.

Se alia a esta disposição a de ser inspirado, coisa extremamente rara, é então que se torna completa. Vê o mal; indicam-lhe o remédio!

Os Espíritos que vêm impregnar o inspirado não são seres sobrenaturais. Viveram em nosso mundo; vivem num outro, eis tudo. Pouco importa a forma física que revestem; sua alma, seu sopro é idêntico ao nosso, porque a lei que rege o Universo é una e imutável.

Sendo o fluido o princípio da vida, a animação, e tendo a nossa alma, graças a fluidos diferentes, atrações e, por conseguinte, destinos múltiplos e diversos; se, pela ação magnética, se desvia de sua espontaneidade o poder de concentração sobre o pensamento que nos deve ser transmitido, o Espírito não pode exercer mais sua ação, conservar sobre nós sua mesma força, sua vontade intacta para nos fazer escrever ou ler em alta voz, para o mundo que necessita, aquilo que veio trazer-nos.

Também os médicos que dirigem os sonâmbulos devem evitar, tanto quanto possível, magnetizá-los, sob pena de substituírem a verdadeira inspiração por uma simples transmissão de seu próprio pensamento.

Os sonâmbulos, tanto quanto os inspirados ou os fluídicos, não podem agir sobre todos os seus irmãos encarnados. Cada um não tem poder senão sobre um pequeno número. Mas todos, em suma, aí encontrarão sua parte, quando não mais se tiver horror a essas forças generosas que se desprendem de nós em graus mais ou menos intensos.

Para os sonâmbulos fluídicos, o emprego do magnetismo é útil por exercer sobre eles sua influência de concentração. Apenas há nesse estado, ainda mais do que em qualquer outro, uma força de atração ou de repulsão, contra a qual jamais se deve lutar.

Os mais ricamente dotados são acessíveis a antipatias muito extremas para que as possam abafar. Experimentam-nas, assim como as inspiram. Suas prescrições, nesses casos, raramente são boas. Mas, ordinariamente dotados de uma grande força moral, ao mesmo tempo que de excessiva benevolência, adquirem grande poder de moderação sobre si mesmos, e, se nem sempre lhes é permitido fazer o bem, pelo menos jamais farão o mal.

Eugène Bonnemère

Pedra Tumular do Sr. Allan Kardec

Na reunião da Sociedade de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Sr. Allan Kardec, os espíritas presentes, membros da Sociedade e outros, emitiram a opinião unânime de que um monumento, testemunha da simpatia e do reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador de nossa filosofia. Um grande número de nossos adeptos da província e do estrangeiro se associou a este pensamento. Mas o exame dessa proposição teve necessariamente de ser retardado, porque convinha, primeiro, verificar se o Sr. Allan Kardec havia feito disposições a tal respeito e quais eram essas disposições.

Tudo bem examinado, nada mais se opondo ao estudo da questão, a comissão, depois de madura reflexão, deteve-se, salvo modificação, numa decisão que, permitindo satisfazer ao anseio legítimo dos espíritas, lhe parece melhor harmonizar-se com o caráter bem conhecido do nosso saudoso presidente.

É bem evidente para nós, como para todos os que o conheceram, que o Sr. Allan Kardec, como Espírito, não se interessa de modo algum por uma manifestação deste gênero, mas aqui o homem se apaga diante do chefe da Doutrina, pois é a dignidade, direi mais, o dever dos que ele consolou e esclareceu, que se consagre por um monumento imperecível o lugar onde repousam os seus restos mortais.

Seja qual for o nome pela qual ela foi designada, é fora de dúvida para todos os que estudaram um pouco a questão e para os nossos próprios adversários, que a Doutrina Espírita existiu por toda a antiguidade, e isto é muito natural, já que repousa nas leis da Natureza, tão antigas quanto o mundo; mas também é bastante evidente que, de todas as crenças antigas, é ainda o druidismo praticado pelos nossos antepassados, os gauleses, a que mais se

aproxima de nossa filosofia atual. Por isso, foi nos monumentos funerários que cobrem o solo da antiga Bretanha que a comissão reconheceu a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que se tratava de simbolizar.

O homem era a simplicidade encarnada; e se a Doutrina é, ela própria, simples como tudo quanto é verdadeiro, é tão indestrutível quanto as leis eternas sobre as quais repousa.

O monumento se comporia pois, de duas pedras eretas de granito bruto, encimadas por uma terceira, repousando um pouco obliquamente sobre as duas primeiras, numa palavra, *de um dólmen*. Na face inferior da pedra superior seria gravado simplesmente o nome de Allan Kardec, com esta epígrafe: *Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

Esta proposição, acolhida por sinais unânimes de assentimento dos membros da Sociedade de Paris, nos pareceu que devia ser levada ao conhecimento dos nossos leitores. Não sendo o monumento apenas a representação dos sentimentos da Sociedade de Paris, mas dos espíritas em geral, cada um devia ser posto em condições de apreciá-lo e para ele concorrer.

Museu do Espiritismo

Nos planos do futuro que o Sr. Allan Kardec publicou na *Revista* de dezembro, e cuja execução a sua partida imprevista necessariamente retardará, encontra-se o parágrafo seguinte:

"Às atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

"1º.....

"2º – Um museu onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo devotamento que tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.

"O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que só esperam um local conveniente; verdadeiras obras-primas, especialmente executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou a Doutrina. É a inauguração da arte espírita, por um homem que alia à fé sincera o talento dos grandes mestres. Em tempo hábil faremos a sua descrição detalhada."

(*Revista* de dezembro de 1868)

Estes oito quadros compreendem: o *retrato alegórico do Sr. Allan Kardec*; o *Retrato do autor*; três cenas espíritas da vida de Joana d'Arc, assim designadas: *Joana na fonte, Joana ferida* e *Joana sobre a sua fogueira*; o *Auto-de-fé de João Huss*; um quadro simbólico das *Três Revelações* e a *Aparição de Jesus entre os apóstolos*, *após sua morte corporal*.

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na *Revista*, tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que cada um pudesse render homenagem ao seu talento e à firmeza de suas convicções. Se nada fez, foi porque aquele que é conhecido pela maioria de vós, por um sentimento de modéstia que facilmente compreendeis, desejava guardar o incógnito e só ser conhecido depois de sua morte.

Hoje as circunstâncias mudaram; o Sr. Allan Kardec não está mais entre nós e, se devemos esforçar-nos para executar os seus desígnios, tanto quanto o possamos, devemos também,

sempre que nos for possível, resguardar a nossa responsabilidade e fazer frente às eventualidades que acontecimentos imprevistos ou *manobras malévolas* possam fazer surgir.

É com esta intenção, senhores, que a Sra. Allan Kardec me encarrega de vos fazer saber que seis dos quadros acima designados, postos nas mãos de seu marido, atualmente estão com ela, e que os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da Caixa Geral e, conseqüentemente, mantido sob a direção da Comissão Central, encarregada dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

Até aqui os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não permitiram que os quadros fossem vistos. De agora em diante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los na residência particular da Sra. Allan Kardec, às quartas-feiras, das duas às quatro horas.

Os dois outros quadros ainda estão em mãos do autor, que certamente todos já reconhecestes. É, com efeito, o Sr. Monvoisin, que, haurindo nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar da idade avançada, concorrer para o desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma nova era para a pintura e se pondo à frente dos que, no futuro, ilustrarão a arte espírita.

Nada mais diremos a respeito. O Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto como artista de talento quanto como espírita devotado, e tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras dos que bem tiverem merecido do Espiritismo.

(Extrato da ata da sessão de 7 de maio de 1869)

Variedades

OS MILAGRES DE BOIS-D'HAINE

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de abril de 1869)

Sob esse título publicamos no número precedente a análise de um artigo do *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, dando conta de um fenômeno singular que excitava no mais alto grau a curiosidade pública em Bois d'Haine (Bélgica). Como se recordam, tratava-se de uma jovem de 18 anos, chamada Louise Lateau, que, todas as sextas-feiras, de uma hora e meia às quatro e meia, caía em estado de êxtase cataléptico.

Durante a crise ela reproduz, pela posição dos membros, a crucificação de Jesus, abrindo-se as cinco chagas nos lugares precisos onde se localizavam as do Cristo.

Diversos médicos examinaram atentamente esse curioso fenômeno, do qual, aliás, encontram-se vários exemplos nos anais da Medicina. Um deles, o Dr. Huguet, enviou ao *Petit Moniteur* a carta seguinte, que reproduzimos sem comentários, apenas acrescentando que partilhamos sem reservas a opinião do Dr. Huguet sobre as causas prováveis dessas manifestações.

"A explicação dos curiosos fenômenos observados em Louise Lateau e relatados em vosso estimável jornal (o *Petit Moniteur universel du soir*, de sábado, 10 de abril de 1869), necessita do conhecimento completo do componente humano.

"Todos esses elementos, como mui judiciosamente fazeis observar, são devidos à imaginação.

"Mas, o que se deve entender por isto, senão a faculdade de reter impressões imaginadas com o auxílio da memória?

"Como se recebem as impressões, e como, recebidas estas, explicar a representação fisiológica da crucificação?

"Eis, senhor, as explicações que tomo a liberdade de vos submeter.

"A substância humana é uma unidade ternária, composta de três elementos ou, melhor, de três modalidades substanciais: o espírito, o fluido nervoso e a matéria organizada; ou, se se quiser, de duas manifestações fenomenais solidárias: a alma e o corpo.

"O corpo é uma agregação séria e harmoniosamente disposta dos elementos do globo.

"O fluido nervoso é a ação em comum de todas as forças cósmicas e da força vital, recebida com a existência.

"Essas forças, elevadas ao mais alto grau, constituem a alma humana, que é da mesma natureza que todas as outras almas do mundo.

"Esta análise sucinta do homem, assim apresentada, busquemos explicar os fatos.

"Um estudo sério da catalepsia e do êxtase nos confirmou nesta teoria e nos permitiu emitir as seguintes proposições:

"1º – A alma humana, espalhada em toda a economia, tem sua maior tensão no cérebro, ponto de chegada das impressões de toda sorte e ponto de partida de todos os movimentos ordenados.

"2º – O fluido nervoso, resultado da organização de todas as forças cósmicas e nativas reunidas, é a alavanca de que se

serve a alma para estabelecer suas relações com os órgãos e com o mundo exterior.

"3º – A matéria é o estojo, a célula múltipla e engrandecida, que se molda sobre a forma fluídica determinada e especificada pela natureza mesma do homem.

"4º – Os órgãos não passam de mediadores entre as forças orgânicas e as do meio ambiente.

"5º – Os órgãos estão sob a influência da alma, que os pode modificar de diversas maneiras, segundo seus diversos estados, por intermédio do sistema nervoso.

"6º – A alma é móvel, pode ir e vir, conduzir-se com mais ou menos força sobre tal ou qual ponto da economia, conforme as circunstâncias e a necessidade.

"As migrações da alma em seu corpo determinam as migrações do fluido nervoso, que, por sua vez, determinam as do sangue.

"Ora, quando a alma da jovem Lateau estava em consonância similar, por sua fé, com a paixão do Cristo imaginada em seu sentimento, essa alma se lançava, por irradiação similar, sobre todos os pontos de seu corpo que, em sua memória, correspondiam aos do corpo do Cristo, por onde o sangue havia saído.

"O fluido nervoso, ministro fiel da alma, seguia a direção de seu guia, e o sangue, carregado de um dinamismo da mesma natureza que o do fluido nervoso, tomava a mesma direção.

"Havia, pois:

"a) – Arrastamento do fluido nervoso pela radiação expansiva, centrífuga e especializada da alma;

"b) – Arrastamento do sangue pela radiação similar, centrífuga e especializada do fluido nervoso.

"7º – A alma, o fluido nervoso e o sangue então se põem em marcha consecutivamente a um fato de imaginação, tornando-se o ponto de partida de sua expansão centrífuga.

"Do mesmo modo se explicam a postura em cruz do corpo e de suas diversas atitudes.

"Abordemos agora os fatos contraditórios relativos à experiência do crucifixo de madeira ou de cobre e da chave.

"Para nós, a catalepsia é, seja qual for a sua causa, uma retração das forças vitais para os centros, assim como o êxtase é uma expansão dessas mesmas forças longe desses centros.

"Quando se punha um crucifixo na mão da jovem, esta centralizava suas forças para reter uma sensação afetiva em relação com sua fé, com seu amor pelo Cristo.

"Retiradas as forças para os centros, os membros não tinham mais a flexibilidade que lhes davam as forças no estado de expansão centrífuga; daí a catalepsia ou enrijecimento dos membros.

"Quando se substituía a cruz por outro objeto menos simbólico da idéia cristã, as forças voltavam aos membros e a flexibilidade retornava.

"Os fatos relativos à torção dos braços têm a mesma explicação.

"Quanto às infrutíferas tentativas de despertar por meio de gritos, pela movimentação dos braços, por agulhas perfurando a pele, ou pondo-se amoníaco sob o nariz, não passa de fisiologia experimental relativa às sensações.

"A insensibilidade se deve a uma solução de continuidade mais ou menos pronunciada, mais ou menos durável entre os centros perceptivos e os órgãos do corpo impressionados: solução de continuidade devida a uma exagerada retração centrípeta das forças vitais, ou a uma dispersão centrífuga muito forte dessas forças.

"Eis, senhor, a explicação racional desses fatos estranhos. Ela será, espero, acolhida favoravelmente por vós e por todos os que buscam compreender o jogo da vida nos fenômenos transcendentes da biologia.

"Todavia, há um fato notável, que se deve admirar, e é por ele que terminarei esta bem longa comunicação. Quero falar do funcionamento da memória, malgrado o estado de insensibilidade absoluta resultante da catalepsia, do êxtase e da presumível abolição, por isto mesmo, de todas as faculdades mentais.

"Eis, creio, a única explicação possível deste fenômeno estranho. Há casos, na verdade muito raros, e o que nos ocupa está neste número, em que o exercício de certas faculdades persiste, a despeito da catalepsia, sobretudo quando se trata de vivas impressões recebidas. Ora, aqui, o drama da cruz tinha, sem qualquer dúvida, produzido uma impressão de tal modo profunda sobre a alma da jovem, que esta impressão havia sobrevivido à perda da sensibilidade."

***Dr. H. Huguet*, d.m.p.**

(*Petit Moniteur universel du soir*, 13 de abril de 1869)

Dissertações Espíritas

O EXEMPLO É O MAIS PODEROSO AGENTE DE PROPAGAÇÃO

(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril, 1869)

Venho esta noite, meus amigos, falar-vos por alguns instantes. Na última sessão não respondi; estava ocupado alhures. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que podeis supor e os instrumentos de nossos pensamentos nem sempre estão disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar quanto à marcha que deveis seguir perante o público, com o objetivo de fazer progredir a obra a que devotei a minha vida corporal, e cujo aperfeiçoamento acompanho na erraticidade.

O que vos recomendo principalmente e antes de tudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para com os incrédulos.

Quando vedes um cego na rua, o primeiro sentimento que se impõe é a compaixão. Que assim seja, também, para com os vossos irmãos cujos olhos estão velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os, em vez de os censurar. Mostrai, por vossa doçura, a vossa resignação em suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, vantagens e alegrias que Deus vos envia; mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade também superior: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda sorte são meios poderosos de introduzir a luz por toda parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo na caridade, a doçura e o amor.

Agradeço à Sociedade por ajudar os verdadeiros infortunados que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, sois todos irmãos na mais santa acepção do termo. Pedindo que vos ameis uns aos outros, não faço senão lembrar a divina palavra daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe à Terra pela primeira vez o gérmen da igualdade. Segui a sua lei: ela é a vossa; nada fiz do que tornar mais palpáveis alguns de seus ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o pirilampo reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o pirilampo brilha na Terra, nas trevas. Tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia e a mais singular abnegação reinem no seio da Comissão. Espero que ela saiba cumprir com honra, fidelidade e consciência o mandato que lhe é confiado.

Ah! quando todos os homens compreenderem o que encerram as palavras amor e caridade, não mais haverá na Terra soldados e inimigos; só haverá irmãos; não mais haverá olhares irritados e selvagens; só haverá frontes inclinadas para Deus!

Até logo, caros amigos, e ainda obrigado, em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

Allan Kardec

Poesias Espíritas

A NOVA ERA

(Paris, 16 de abril de 1869 – Médium: Sr. X.)

Eu vos falo esta noite em versos, e a linguagem
Provavelmente vai vos espantar, senhores;

Linguagem da era antiga e dos deuses mensagem,
E os versos são talvez pouco merecedores.

Mas um dia virá da Musa entristecida
Que, em luz, os corações em breve aplaudirão
Acentos fraternais de uma lira sentida,
Dos dedos a vibrar de jovem alma então.

Tão logo se ouvirá a elevar-se da Terra
Num misterioso brado, um hino colossal
Cobrindo, com seu eco, um ribombar que encerra
Explosão de canhões a serviço do mal.

Esse brado há de ser: progresso, luz, amor!
Todos os homens, pois, enfim, se dando as mãos,
Sob a santa bandeira estarão; e em fervor,
Da liberdade a senda acharão como irmãos.

Graças, Deus! Liberdade! a um pai, a outra filha,
Porém ambos mortais; vos haveis libertado
Pobre família, então, do mal que a dor a encilha,
À Humanidade em pranto, ao coração magoado.

Esperança mostrais, enfim, ao proletário,
Porém lhe defendendo ante a revolução.
Vós fazeis triunfar o dogma igualitário
Pela bondade, o amor e pela abnegação.

Um só é o estandarte, e santa é-lhe a divisa.
Liberdade com amor, ação, fraternidade!
Que esses termos leais vibrem a fé precisa
Tocando o coração de toda a Humanidade!

Eis o ensino que agora eu vos posso ofertar
Por meu médium querido, ao dirigir-lhe a mão.
Se em versos eu lhe falo, ele me vá perdoar!
Contra ninguém versejo, é um versejar de irmão.

A. de Musset

MARAVILHAS DO MUNDO INVISÍVEL

Se Musset já falou, eu me calar não quero,
E solitária a voz em não deixá-la, espero,
Muda entre vós ficar.
Se esta noite eu tiver meu corpo, sob flores,
Meu Espírito terno, há de vir com louvores
A todos vos saudar.

Amigos meus, bom dia: eu volto à vida, e a aurora
Parece aos olhos meus, bem mais brilhante agora
Que um dia multicor;
E, para lá da tumba, ardente é a centelha.
O belo véu do azul, entreabrindo-se, espelha
Pleno de luz e amor.

É muito belo o céu! Bem doce é a pátria fida
Que este Espírito viu, e amou, terra querida,
Onde sua asa até
Em tomando seu vôo, um santo pensamento
Atravessado foi de um raio de momento,
Vivo clarão da fé.

O que há além da tumba eu direi qualquer dia,
Onde, se não se crê, toda esperança esfria,
A alma pode entrever,
Quando tem, como vós, uma chama divina
O peito brilha em luz se a virtude o domina
Qual espelho a esplender.

Sem dúvida, sabeis, que todo esse luzeiro
Está na alma que crê; e que indica o roteiro
Ao Espírito em dor,
Que perscruta no céu, cada astro, cada estrela,
Buscando para si um bom guia, uma vela,
Um benfazejo amor.

A. de Lamartine

Notas Bibliográficas

NOVAS HISTÓRIAS PARA AS MINHAS BOAS AMIGUINHAS[20]

(Pela Srta. Sophie Gras de Haut-Castel, de dez anos de idade)

Sob esse título acaba de aparecer, na livraria Dentu, uma obra que, à primeira vista, não parece ligar-se diretamente aos nossos estudos. Mas se compreenderá facilmente o interesse que esta coletânea de histórias infantis poderá ter para nós, ao se tomar conhecimento desta nota do editor: – *O volume que se vai ler é textualmente obra de uma menina, que o compôs desde os oito anos e meio até dez anos e meio."*

O primeiro sentimento que nasce no espírito do leitor é certamente o de dúvida. Abrindo as primeiras páginas, um sorriso de incredulidade se estampa em seus lábios; pergunta-se quem pôde tornar-se cego a ponto de publicar as elucubrações incoerentes de um cérebro infantil. Mas o espírito crítico se desvanece, e a atenção e a curiosidade despertam ao descobrir interesse nestas historietas, situações verossímeis, uma conclusão lógica, caracteres bem desenvolvidos, uma moralidade.

A senhorita Sophie Gras não é, aliás, uma principiante; há um par de anos publicou sua primeira obra, sob o título de: *Contos para as minhas amiguinhas*. É, como esta última, inteiramente obra de uma menina de oito anos e meio que, numa idade em que quase só se pensa em brincar e folgar, dá curso às composições nascidas de sua ardente imaginação.

Sem dúvida se encontram reminiscências de leituras nestas obras infantis, mas, além disso, sentem-se as idéias pessoais, a observação, aliadas a uma instrução notavelmente desenvolvida. A Srta. Sophie Gras certamente conhece todos os grandes fatos da História de seu país; as dificuldades de Gramática, de Aritmética e de

20 Paris, 1869, 1 vol in-18 – Preço: 3 fr. 30 *franco*.

Geometria são um brinquedo para ela. Deve ter estudado com proveito a Botânica e a Geologia, porque a fauna e a flora dos diversos países que descreve lhe são perfeitamente conhecidas. Algumas citações tomadas ao acaso provarão, melhor do que tudo quanto poderemos dizer, o atrativo deste livro.

Em cada página encontram-se quadros como este:

"Com um sopro ofegante, a velha vovó avivou os carvões quase apagados que dormiam debaixo da cinza. Fez um pouco de fogo com os restos de sarmentos, que eram as únicas provisões do inverno, e pôs alguns carvões nas braseiras de barro. Pendurou a lâmpada de ferro num caniço, reaqueceu a caminha de suas netas e se pôs a cantar uma velha balada gaélica para as adormecer, enquanto fiava na roda para lhes fazer um vestido.

"A cabana era enfeitada com velhas imagens de santos, pregadas às paredes de taipa. Alguns utensílios de cozinha, assim como uma grossa mesa de carvalho, formavam todo o mobiliário, e uma simples cruz de madeira pendia de um prego."

"Ou ainda as descrições:

"Em seu declínio o Sol espalha mais que alguns raios de ouro, que se extinguem no meio das nuvens róseas. Penetra fracamente através da folhagem transparente, onde deixa uma cor verde suave; dispersa o resto de seu brilho sobre as folhas dos loureiros-rosa, cujos matizes atenuam, enquanto o astro da noite deixa lentamente seu sono prolongado."

Página 18: "No dia seguinte, ao romper da aurora, Delfina levantou-se, tomou seu pacotinho debaixo do braço e uma cesta com provisões. – Fechou sua casa e partiu brincando. Adeus, rochedos, regatos, bosques e fontes, que tantas vezes me distraístes com o vosso suave murmúrio; adeus, claras águas que eu bebia...

"...Acabando de surgir, o Sol marchava majestosamente e fazia brilharem as flores de todas as cores. Estas, molhadas por um suave orvalho, exalavam os mais doces perfumes. Aproximava-se o inverno, mas a manhã era radiosa e gotas d'água pendiam das árvores, que erguiam os ramos, vergados ao peso de seus frutos."

Página 36: "A Sra. de Rozan, que havia ficado num cárcere infecto, onde dificilmente penetravam os raios de um dia pálido e sem brilho, estava deslumbrada pela claridade do Sol... Ela ouvia, borbulhando a seu lado, regatos espumantes, cujos murmúrios escutava com volúpia. Considerava o lírio branco das águas, onde tremia uma gota de orvalho, e seus botões torcidos, prestes a se abrirem. – "Tua morada, ó Delfina, dizia ela, é mais encantadora do que era o meu palácio."

Páginas 55-56: "Nenhum ruído se ouvia, a não ser o crepitar das chamas, cujas faíscas apareciam como tochas sinistras em meio à noite. Logo redobrou a violência do incêndio. Turbilhões de chamas entremeadas de fumo negro e vermelho elevavam-se nos ares. – As velhas bananeiras e os teixos seculares caíam com estalos horríveis. – Os pios lamentosos das pombas, gemendo nos arvoredos da savana, retiniam ao longe como o som dos sinos que se lamentam."

Página 77: "As bordas da torrente eram esmaltadas de flores perfumadas, que formavam uma miscelânea de todas as cores sobre o tapete verde das ervas. A filha da primavera, a amável violeta, emblema da simplicidade, crescia abundante naquele lugar onde a mão do homem jamais a havia colhido."

Página 101: Não longe dali havia um prado cheio de ervas-toiras, de silenes, de violetas e de amarantos; algumas tílias quase mortas, de folhas amarelas, surgiam de longe em longe, dispostas sem simetria. Milhares de pássaros adejavam sobre os ramos floridos, cantando suas árias mais harmoniosas; as árvores

estavam carregadas de frutos e seus ramos musgosos, rompendo-se sob o peso à menor tempestade, faziam ouvir surdos estalos. Naquele jardim, imagem do paraíso terrestre, cercado por uma floresta negra, não se sentia nem infelicidade, nem os remorsos da alma; tudo ali era encantador e pacífico; *ali se era puro*... Que faltava àquele lugar, que a Divina Providência se esmerou em ornar com todas as belezas da Natureza?"

Página 286: "Margarida tinha escolhido duas de suas amigas, em cujo número estava Ethéréda, para marchar atrás dela e levar a sua coroa. Estas duas meninas, que lhe serviam de acompanhantes, eram gentis como deusas; teríeis tomado cada uma delas por Vênus criança, mas acrescentando que seu rosto tinha a suavidade e a bondade das virgens cristãs. Eram dois botões de rosa antes de abrir."

Gostaríamos de citar tudo e demonstrar à saciedade a poesia ingênua, o conhecimento real dos sentimentos que se afirmam, em cada página, em meio a reflexões infantis, como os lampejos de um gênio que ainda se ignora, mas que transparece malgrado os obstáculos que lhe opõe um instrumento cerebral incompletamente desenvolvido.

Supondo que a memória represente aqui um certo papel, o fato não é menos admirável e importante, por suas conseqüências psicológicas. Forçosamente chama a atenção para fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as idéias de pluralidade de existências, que dia após dia adquire mais autoridade, chega-se a não lhe encontrar a solução racional, senão no princípio da reencarnação.

Esta criança *adquiriu* numa existência anterior, e seu organismo, extremamente maleável, lhe permite extravasar em

obras literárias seus variados conhecimentos e assimilar as formas atuais. Os exemplos desse gênero não são raros, tal qual foi Mozart criança, como compositor; tal qual Jean-Baptiste Rey, que morreu como grão-mestre da capela imperial. Apenas com nove anos, cantava, com os pés no orvalho e a cabeça ao sol, precisamente perto da cidade de Lauzerte, no vale do Quercy, onde nasceu e reside a nossa heroína. Era uma alma no exílio, que se lembrava das melodias da pátria ausente e se tornava o seu eco. A expressão e a justeza de seu canto chocaram um estranho, que o acaso havia trazido àquele lugar. Levou-o consigo a Toulouse, fê-lo entrar na escola de música de Saint-Sernin, de onde o menino, feito homem, saiu para ir dirigir, na orquestra da ópera, as obras-primas de Gluck, Grétry, Sacchini, Salieri e Paesiello. Tal foi, também, a Sra. Clélie Duplantier, um dos nossos mais notáveis Espíritos instrutores, que, desde a idade de oito anos e meio, traduzia fluentemente o hebraico e ensinava latim e grego a seus irmãos e primos, mais velhos que ela própria.

Deve-se concluir que as crianças que só aprendem à força de estudos perseverantes foram ignorantes ou sem meios em sua existência precedente? Não, por certo; a faculdade de lembrar-se é inerente ao desprendimento mais ou menos fácil da alma e que, em algumas individualidades, é levado aos mais extremos limites. Existe nalguns uma espécie de vista retrospectiva, que lhes lembra o passado, ao passo que para outras, que não a possuem, o passado não deixa qualquer traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual a gente se lembra mais ou menos exatamente, ou que por vezes nos esquecemos completamente.

Vários jornais dão conta das obras da Srta. Sophie Gras; além disso, o *Salut public*, de Lyon, fazendo os elogios merecidos à inteligência precoce da autora, acrescenta o seguinte:

"Sou tentado a dedicar o início de minha conversa aos amadores de fenômenos, fenômenos morais e intelectuais, bem entendido, porquanto, na ordem física, nada é penoso para ver, em minha opinião, como essas derrogações vivas das leis da Natureza...

..."A família da Srta. Sophie Gras, que desfruta uma grande fortuna e alta consideração em Quercy, não premeditou esse sistema de educação; ela não interviu, mas ainda não é muito? Esta menina prodigiosa nada conheceu das alegrias infantis e desflora, numa pressa prematura, as da adolescência, etc., etc..."

Partilhamos completamente da opinião do redator do *Salut* public, no que concerne às monstruosidades físicas. A gente é penosamente afetada à vista de certas exibições desse gênero; mas serão mesmo derrogações das leis da Natureza? Ao contrário, não seria mais lógico ver, como ensina o Espiritismo, uma aplicação de leis universais ainda imperfeitamente conhecidas e uma demonstração da natureza oposta, mas tão concludente quanto a primeira, da pluralidade das existências?

Quanto ao perigo de deixar a Srta. Sophie Gras entregue às suas inspirações, somos de opinião que tal não existe. O perigo seria refrear essa necessidade de expansão que a domina. Seria tão imprudente forçar a concentração das inteligências que assim se afirmam, quanto acumular no espírito de certos *pequenos prodígios* conhecimentos que se revelam por um gesto, músicos ruins que agradam numa primeira audição, mas que causam fadiga rapidamente; talvez inteligências notáveis, mas que se estiolam e se abastardam numa temperatura de estufa, para a qual não nasceram.

As vocações naturais, conseqüências de aquisições anteriores, são irresistíveis; combatê-las é querer quebrar as individualidades que as possuem. Deixemos, pois, governar-se pela inspiração os Espíritos que, como a Srta. Gras, *chegaram* passando pela fileira comum das encarnações sucessivas.

A DOUTRINA DA VIDA ETERNA DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO ENSINADA HÁ QUARENTA ANOS POR UM DOS MAIS ILUSTRES SÁBIOS DO NOSSO SÉCULO

Temos o prazer de anunciar aos nossos irmãos em doutrina que a tradução francesa de uma obra muito interessante de *Sir* Humphry Davy, pelo Sr. Camille Flammarion, já está no prelo e será publicada dentro de um mês.

Sir Humphry Davy, o célebre químico ao qual se deve a fecunda *teoria da química moderna*, que substituiu a de Lavoisier, a descoberta do *cloro*, a do *iodo*, a decomposição da água pela eletricidade, a lâmpada dos mineiros, etc., *Sir* Humphry Davy, o sábio professor do Instituto Real de Londres, presidente da Sociedade Real da Inglaterra, membro do Instituto de França – e maior ainda por seus imensos trabalhos científicos do que por seus títulos – escreveu, antes de 1830, um livro que o próprio Cuvier qualificou de *sublime*, mas que é quase completamente desconhecido na França, e que tem por título: *"The Last Days of a Philosopher",* ou seja, *"Os Últimos Dias de um Filósofo."*

Esta obra começa por uma visão no Coliseu de Roma. O autor, solitário em meio às ruínas, é transportado por um Espírito, que escuta sem o ver, ao mundo de Saturno e em seguida aos cometas. O Espírito lhe expõe que as almas foram criadas na origem dos tempos, livres e independentes; que seu destino é progredir sempre; que reencarnam em diferentes mundos; que nossa vida atual é uma vida de provas, etc.; numa palavra, as verdades que atualmente constituem a base da doutrina filosófica do Espiritismo.

Diversas questões de Ciência, de História, de Filosofia e de Religião compõem, ao mesmo tempo, esta obra admirável.

O Sr. Camille Flammarion tinha empreendido a sua tradução há dois anos, e sabemos que o Sr. Allan Kardec pressionava o jovem astrônomo para a terminar.

Quisemos dar a conhecer esta boa-nova, antes mesmo da publicação da obra. Em nosso próximo número esperamos poder anunciar definitivamente essa publicação, já impressa pela metade (em formato popular), e ao mesmo tempo fazer uma sinopse desta interessante tradução.

Aviso Importantíssimo

Lembramos aos senhores assinantes que, para tudo o que concerne às assinaturas, compras de obras, expedições, mudança de endereços, as pessoas que não moram em Paris deverão dirigir-se ao *Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille.*

Errata[21]

Número de maio de 1869, página 145, linha 19, em vez de: *et certain*, leia-se: *éternel*. Mesma página, linha 31, em vez de: *tout se pressait*, lede: *tout se précisait*.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*

21 **N. do T.:** As emendas apontadas por Kardec já foram feitas nos lugares correspondentes da tradução brasileira.

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII JULHO DE 1869 Nº 7

O Egoísmo e o Orgulho

SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E OS MEIOS DE DESTRUÍ-LOS

(OBRAS PÓSTUMAS)

É bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo.

O egoísmo se origina do orgulho. A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.

O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porquanto Deus nada pode ter feito de inútil. Ele não criou o mal; o homem é quem o produz, abusando dos dons de Deus, em virtude do seu livre-arbítrio. Contido em justos limites, aquele sentimento é bom em si mesmo. A exageração é o que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece com todas as paixões que o homem freqüentemente desvia do seu objetivo providencial. Ele não foi criado egoísta, nem orgulhoso por Deus, que o criou simples e ignorante; o homem é que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe outorgou para sua conservação.

Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si.

Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, ruirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes dêem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo.

Essa a chaga sobre a qual deve concentrar-se toda a atenção dos que desejem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto subsistir semelhante obstáculo, eles verão paralisados todos os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como também por uma força ativa que trabalhará incessantemente no sentido de destruir a obra que empreendam, por isso que toda idéia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais.

Impossível, dir-se-á, destruir o orgulho e o egoísmo, porque são vícios inerentes à espécie humana. Se fosse assim, houvéramos de desesperar de todo o progresso moral; entretanto, desde que se considere o homem nas diferentes épocas transcorridas, não há negar que evidente progresso se efetuou. Ora, se ele progrediu, ainda naturalmente progredirá. Por outro lado, não se encontrará homem nenhum sem orgulho, nem egoísmo? Não se vêem, ao contrário, criaturas de índole generosa, em quem parecem inatos os sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação? O número delas, positivamente, é menor do que o dos egoístas; se assim não fosse, não seriam estes últimos os fautores da lei. Há muito mais criaturas dessas do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosas, é porque o orgulho se põe em evidência, ao passo que a virtude modesta se conserva na obscuridade.

Se, portanto, o orgulho e o egoísmo se contassem entre as condições necessárias da Humanidade, como a da alimentação para sustento da vida, não haveria exceções. O ponto essencial, pois, é conseguir que a exceção passe a constituir regra; para isso, trata-se, antes de tudo, de destruir as causas que produzem e entretêm o mal.

Dessas causas, a principal reside evidentemente na idéia falsa que o homem faz da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Por não saber donde vem, ele se crê mais do que é; e não sabendo para onde vai, concentra na vida terrena todo o seu

pensar; acha-a tão agradável, quanto possível; anseia por todas as satisfações, por todos os gozos; essa a razão por que atropela sem escrúpulo o seu semelhante, se este lhe opõe alguma dificuldade. Mas, para isso, é preciso que ele predomine; a igualdade daria, a outros, direitos que ele só quer para si; a fraternidade lhe imporia sacrifícios em detrimento do seu bem-estar; a liberdade também ele só a quer para si e somente a concede aos outros quando não lhe fira de modo algum as prerrogativas. Alimentando todos as mesmas pretensões, têm resultado os perpétuos conflitos que os levam a pagar bem caro os raros gozos que logram obter.

Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver, como a do indivíduo que apenas por poucas horas haja de permanecer numa habitação má e que sabe que, ao sair, terá outra, magnífica, para o resto de seus dias.

A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, se apaga, para ele, ante o esplendor do futuro infinito que se lhe desdobra às vistas. A conseqüência natural e lógica dessa certeza é sacrificar o homem um presente fugidio a um porvir duradouro, ao passo que antes ele tudo sacrificava ao presente. Tomando por objetivo a vida futura, pouco lhe importa estar um pouco mais ou um pouco menos nesta outra; os interesses mundanos passam a ser o acessório, em vez de ser o principal; ele trabalha no presente com o fito de assegurar a sua posição no futuro, tanto mais quando sabe em que condições poderá ser feliz.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhe obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se lançar os olhos para o alto, para uma felicidade a que ninguém pode obstar, interesse nenhum se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e o egoísmo se lhe torna carente de objeto. Todavia, restará o estimulante do orgulho.

A causa do orgulho está na crença, em que o homem se firma, da sua superioridade individual. Ainda aí se faz sentir a influência da concentração dos pensamentos sobre a vida corpórea. Naquele que nada vê adiante de si, atrás de si, nem acima de si, o sentimento de personalidade sobrepuja e o orgulho fica sem contrapeso.

A incredulidade não só carece de meios para combater o orgulho, como o estimula e lhe dá razão, negando a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo apenas crê em si mesmo; é, pois, natural que tenha orgulho. Enquanto que, nos golpes que o atingem, unicamente vê uma obra do acaso e se ergue para combatê-la, aquele que tem fé percebe a mão de Deus e se submete. Crer em Deus e na vida futura é, conseguintemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idéia exata do presente.

Para que o orgulhoso deixe de crer na sua superioridade, cumpre se lhe prove que ele não é mais do que os outros e que estes são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica; que estas verdades ressaltam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não crê em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os esforços que empreguem; que ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus

inferiores da evolução; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário.

Se levar em conta unicamente a vida planetária, ele vê apenas as desigualdades sociais do momento, que são as que o impressionam; se, porém, deitar os olhos sobre o conjunto da vida do Espírito, sobre o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o de chegada, aquelas desigualdades se somem e ele reconhece que Deus nenhuma vantagem concedeu a qualquer de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu parte igual a todos e não aplanou o caminho mais para uns do que para outros; que o que se apresenta menos adiantado do que ele na Terra pode tomar-lhe a dianteira, se trabalhar mais do que ele por aperfeiçoar-se; reconhecerá, finalmente, que, nenhum chegando ao termo senão por seus esforços, o princípio da *igualdade* é um princípio de justiça e uma lei da Natureza, perante a qual cai o orgulho do privilégio.

Provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer por expiação, quer por provação, a reencarnação ensina que, naquele a quem tratamos com desdém, pode estar um que foi nosso superior ou nosso igual noutra existência, um amigo ou um parente. Se o soubesse, o que com ele se defronta o trataria com atenções, mas, nesse caso, nenhum mérito teria; por outro lado, se soubesse que o seu amigo atual foi seu inimigo, seu servo ou seu *escravo*, sem dúvida o repeliria. Ora, não quis Deus que fosse assim, pelo que lançou um véu sobre o passado. Deste modo, o homem é levado a ver em todos, irmãos seus e seus iguais, donde uma base natural para a *fraternidade;* sabendo que pode ser tratado como haja tratado os outros, a *caridade* se lhe torna um dever e uma necessidade fundados na própria Natureza.

Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho.

Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente, não a fé cega, que foge à luz, restringe as idéias e, em conseqüência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a claridade e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra de onde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as idéias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro.

Uma vez que haja entrado decisivamente por esse caminho, já não tendo o que os incite, o egoísmo e o orgulho se extinguirão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o influxo da caridade e da fraternidade bem compreendidas.

Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, fora impossível: nada se opera bruscamente em a Natureza; jamais a saúde volta de súbito a um enfermo; entre a enfermidade e a saúde, há sempre a convalescença. Não pode o homem mudar instantaneamente o seu ponto de vista e volver da Terra para o céu o olhar; o infinito o confunde e deslumbra; ele precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, facultando um ponto de apoio à moral. Há feito milagres de conversão; é certo que ainda são apenas curas individuais e não raro parciais. O que, porém, ele há produzido com relação a indivíduos constitui penhor do que produzirá um dia sobre as massas. Não lhe é possível arrancar de um só golpe as ervas daninhas. Ele dá a fé e a fé é a boa semente, mas mister se faz que ela tenha tempo de germinar e de frutificar, razão por que nem todos os espíritas já são perfeitos.

Ele tomou o homem em meio da vida, no fogo das paixões, em plena força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, que não será quando o tomar ao nascer, ainda virgem de todas as impressões malsãs; quando a criatura sugar com o leite a caridade e tiver a fraternidade a embalá-lo; quando, enfim, toda uma geração for educada e alimentada com idéias que a razão, desenvolvendo-se, fortalecerá, em vez de falsear? Sob o domínio destas idéias, que se tornarão a fé comum de todos, não mais esbarrando o progresso no egoísmo e no orgulho, as instituições se reformarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, aguardando os do céu.

Allan Kardec

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

IV

OS SONÂMBULOS

(Continuação e fim)

Existe, pois, no sonambulismo, três graus bem distintos.

Primeiro se apresenta o sonâmbulo natural, que pode permanecer sem qualquer ação sobre os outros, embora a isso predisposto pela natureza dos seus fluidos.

Vem em seguida o sonâmbulo inspirado, que nada tem de si mesmo, mas que, de certo modo, é o recipiente por onde passam os pensamentos dos outros. O magnetismo – entendei bem – não lhe dá a inspiração. Mas se, depois de ter sentido o seu efeito, ele cai num estado de prostração que não lhe permite emiti-lo, o magnetismo pode, entretanto, ao restabelecer a circulação fluídica, restaurar-lhe o equilíbrio e devolvê-lo à posse de si mesmo.

Finalmente, temos o sonambulismo fluídico, do qual o poder curativo se desprende espontaneamente, e que pode, como dissemos, ser levado à inspiração pelo emprego do magnetismo. Então, temos o ser chegado ao completo desenvolvimento de suas faculdades.

A utilidade do magnetismo é, pois, imensa. Para começar, é um poderoso agente curativo, principalmente para as afecções nervosas, que só ele pode curar. Depois, nos casos em que

o homem procura destrinçar, através do caos de seus pensamentos, uma forma, uma revelação, que ele não sabe ou é incapaz de descobrir, ele lhe dá um poder de concentração que só os homens de gênios possuem e que lhes permite criar grandes obras, fazer grandes descobertas.

Malbaratamos a nossa inteligência pelos mais diversos assuntos, razão por que tão raramente podemos produzir alguma coisa de durável. O magnetismo nos dá artificialmente e por alguns momentos esta faculdade que nos falta; mas não se deve abusá-la, porque, então, em vez desse poder de concentração que lhe devemos, ele produziria a desordem no jogo dos fluidos e poderia exercer uma ação funesta sobre o organismo.

Se existe realmente atração entre o sonâmbulo e aquele que o consulta, então é quase certo que as prescrições do primeiro serão boas e salutares. Nos casos contrários, só devemos aceitá-las sob muita reserva.

Muitas vezes o sonâmbulo e o consulente sentem-se bem no seu contato recíproco, porque um se beneficia com o excesso de fluidos do outro e os dois são devolvidos à situação normal. Por isso, os fluídicos se ligam de bom grado àqueles que lhes são simpáticos. A ação moral se confunde com a ação física e agem em comum. Em outras vezes, enfim, o magnetizador pode adquirir a doença que pretendia curar.

É necessário então expulsar, por um desprendimento magnético, o fluido que não está em harmonia com o nosso.

Nem sempre o magnetizador consegue curar, porque, ao apoderar-se de um fluido que não lhe pertence e que o faz sofrer, pode transmitir ao paciente uma porção do seu, que está em desacordo com o outro. Mas esses fenômenos raramente se produzem e o magnetismo, sabiamente administrado, quase sempre levará a excelentes resultados.

O fluido é a pilha elétrica que desprende as centelhas destinadas à reconstituição de um estado sadio e regular.

Acontece muitas vezes que os indivíduos predispostos a receber a inspiração pelos fluidos que se desprendem deles mesmos, são sonâmbulos em alguns momentos, quando a ação magnética os domina, e inspirados em outros.

Se impomos a nossa vontade a um sonâmbulo, para obter a cura de pessoas que ele só conhece através de objetos que lhes pertenceram, é necessário, para que haja resultado, que os fluidos se conjuguem e atuem uns sobre os outros.

A mais rica harmonia provém de contrastes e de dissonâncias. Dois fluidos semelhantes se neutralizam: para agirem um sobre o outro deve haver apenas um ponto de contato, e que sejam de naturezas opostas.

Quando alguém é inspirado, é quase sempre por muitas pessoas ao mesmo tempo e sobre assuntos diferentes. Cada um traz o seu contingente à elaboração comum. Se algumas revelações são imediatas e completas, outras se produzem mais lentamente e de maneira contínua, isto é, cada dia, cada hora traz o seu átomo de verdade que lentamente se infunde, antes de amadurecer e poder manifestar-se.

O progresso do globo se realiza pela sucessão das gerações, que herdam conhecimentos que o passado lhes deixa e lhes traz, e que, por seu labor no presente, preparam o advento do futuro.

Quando os Espíritos querem agir, pode acontecer que estejam sujeitos a alguma preocupação, que absorve e torna menos dócil a recepção dos pensamentos que eles transmitem. Muitas vezes, então, a inspiração procede do objeto desejado, antes que

outros Espíritos se apossem do sujeito para lhe ditarem coisas desconhecidas e pouco edificantes.

É assim que, por uma comovente precaução pelo futuro, os remédios são indicados a pessoas amadas quando elas ainda não precisam deles.

De outras vezes, quando o perigo aperta, surge uma palavra, não para impressionar o vosso ouvido, mas para vos penetrar e de algum modo vos invadir. Essa palavra é o nome do remédio, é o desprendimento necessário do vosso espírito que, empolgado pela preocupação ardente de fazer o bem, não se deixaria invadir facilmente por outra ordem de idéias. São os amigos que acorrem em vosso auxílio, trazendo o alívio para vós ou para aqueles por quem vos interessais.

Encontramos no estado espírita ou sonambúlico tantas fases diferentes quantas no estado ordinário. Como vos dissemos, tudo segue uma lei única, imutável, e Deus não permite que o sobrenatural e o miraculoso jamais venham perturbá-la. Quem pode discernir todos os matizes, todos os pensamentos que, num dia, atravessam o cérebro do homem? Os Espíritos vivem como nós; suas tendências, suas aspirações são as nossas; mas, embora estejam bem longe da perfeição, estão mais adiantados e marcham mais rapidamente, livres que estão de todas as mesquinharias da nossa triste existência.

Há, pois, médiuns que são mais freqüentemente e mais completamente inspirados do que outros. Esperemos, recebamos com reconhecimento as revelações que lhes é permitido dar-nos, mas não violentemos essas indiscrições de além-túmulo. Se os que nos inspiram precisam vir, virão; de outro modo, silenciarão.

Jamais abdiquemos da força de nossa razão. Há charlatães que enganam; há entusiastas que se enganam.

O charlatanismo floresce nas épocas e nos países despóticos, quando dizer uma verdade nova é uma temeridade e equivale a um crime. A terra livre da América era mais favorável que outra qualquer aos experimentadores, sempre impulsionados na busca do desconhecido. Por isso os americanos foram os primeiros a compreender as relações deste com o outro mundo e constatar a existência desta cadeia mais fluídica do que misteriosa, que liga os que partem aos que ficam.

O Espiritismo é a lei que rege as relações das almas entre si.

Nos dias malditos da Idade Média, e mesmo em tempos mais próximos de nós, quando a Igreja distribuía parcimoniosamente aos homens a luz de que se atribuía o monopólio, punindo com morte horrível aquele que considerava em erro, era necessário ocultar-se para estudar os segredos da Natureza. Era o tempo dos feiticeiros, dos alquimistas, pobres alucinados muito pouco perigosos, ou homens hábeis que exploravam a credulidade popular; mas, às vezes também eram seres inspirados, fluídicos ou sonâmbulos, grandes luminares da Humanidade, vulgarizadores dos conhecimentos revelados pelos Espíritos evoluídos, aliviando seus irmãos o melhor que podiam, trazendo o seu grão de areia ao lento e laborioso edifício do progresso, e pagando às vezes com a vida a obra providencial que realizavam.

As pitonisas eram sonâmbulas; as cartomantes freqüentemente são extáticas mais ou menos lúcidas que, para chocar as imaginações vulgares, se servem de meios grosseiros que lhes facilitam a tarefa. Mas os homens gostam de ser enganados, mesmo quando buscam a verdade.

Mesmer recorria a uma tina, outros fazem ver o futuro numa garrafa d'água, outros ainda num espelho mágico. A Ciência avança, reconhece-se a inutilidade das encenações, a vacuidade dos

processos materiais. Descobriu-se a existência do fluido, a ação que o homem pode exercer sobre o seu semelhante. Chegou-se à adoção de processo mais simples. Os passes magnéticos são suficientes. Um magnetizador poderoso pode mesmo agir somente pela força da sua vontade, de braços cruzados, para a liberação de seu fluido, que irá alcançar esta ou aquela pessoa em *relação* fluídica com ele.

Porque o magnetismo não age sobre todos indistintamente, nem da mesma maneira sobre todos. Numa reunião numerosa, acontecerá que, ao tentar fazer uma pessoa adormecer, será outra, no ângulo oposto do apartamento, que se apoderará do fluido.

Outros são inspirados ou caem em sonambulismo lúcido, espontaneamente, ou quando querem, ou mesmo quando queriam resistir à influência que os subjugam.

No seu horror instintivo ao materialismo e ao nada, o homem tem sede do maravilhoso, do sobrenatural, de aparições e de evocações. Daí o sucesso da magia no mundo.

Da Índia, seu berço, a magia passou antigamente ao Egito, onde a vemos sustentar lutas contra Moisés, que a inspiração animava de um sopro tão poderoso, mas ainda com algumas intermitências. Israel não atravessou inutilmente a terra dos faraós. Era nesse foco vivificante do Egito que o gênio dos sábios da Grécia ia freqüentemente se reanimar.

As Cruzadas foram buscar entre os árabes o segredo das ciências ocultas, cujo uso propagaram na Itália, na França, na Espanha. Os mouros e os judeus foram os primeiros médicos; consultavam-nos em segredo e queimavam-nos em público. E os doutores de hoje pensam defender a Ciência, zombando nos seus cenáculos e perseguindo nos tribunais esses últimos filhos perdidos dos seus ancestrais comuns.

Mas, muito dentre eles não são, de certo modo, um tanto charlatães? Não há por que repudiar o magnetismo de maneira tão absoluta. Outros o praticam clandestinamente, mas não ousam confessá-lo, temerosos de afugentar a clientela amedrontada. Em todo o caso, bem poucos dos que o negam chegaram a estudá-lo de boa-fé, sem outro móvel que o desejo de esclarecer-se.

Serão os últimos a admiti-lo. Ser-lhes-á difícil ajudarem com as próprias mãos a derrubada dos fundamentos científicos que tanto lhes custaram edificar.

Que terrível revolução quando, ao lado dos que, incontestavelmente, possuem enorme soma de conhecimentos científicos, e que ignoram apenas um – *o de curar os seus semelhantes* – seres simples, os primeiros a chegar, puderam ler, como num livro aberto, nos corpos humanos, sem terem estudado Anatomia, penetrando-os com os olhos como se fossem de vidro e, em vez desses remédios gerais que agem sempre de maneiras diversas e imprevistas, indicarem o agente preciso que se deve empregar, segunda a natureza de cada um? Quantas posições comprometidas, no dia em que o Espiritismo e o magnetismo combinados tiverem substituído, para a maior felicidade de todos, a Medicina tão falível e tão ruinosa das faculdades, por essa medicina familiar, que estará à disposição de quase todos os que a desejarem praticar.

A Quiromancia é uma ciência de observação, em socorro da qual vêm a Frenologia e a Fisiognomonia, auxiliadas pela intuição, disposição fluídica particular e especial. Todo mundo pode observar as proeminências que existem na cabeça, a infinita variedade dos traços, as múltiplas linhas traçadas nas mãos, mas nem todos podem deduzir, com exatidão ou mais ou menos, os seus significados e os seus efeitos no organismo. Mas o fluido que se desprende do consulente, atingindo o que o examina, permite a este último descobrir de maneira mais ou menos acertada os fatos

do passado do outro e até mesmo predizer o que, segundo as probabilidades, deve lhe acontecer no futuro. A simples pressão das mãos ou o toque da cabeça põe o fluídico em vibração, em conseqüência da tensão e da concentração do espírito a que se habituou.

Assim se explicam os casos de revelação, de predição, que, ao se verificarem, causam admiração, encanto e pavor ao mesmo tempo.

Mas, não há nada de maravilhoso, nem de sobrenatural em tudo isto. As nervuras de nossas mãos podem comparar-se às das folhas das plantas. O conjunto, o aspecto, a forma geral, tudo se assemelha e, contudo, nada se parece. Estudai as folhas: talvez descubrais, em sua configuração, se a árvore a que pertencem está mais ou menos conformada para viver muito tempo.

Nossas mãos são como as folhas ligadas à extremidade dos ramos. São elas as nossas extremidades; movem-se, agem, põem-nos em relação com os outros, e é por elas que podemos conhecer o estado geral da saúde. Da mesma maneira que através dos pequenos ramos chega uma seiva mais delicada, assim também pelas mãos do homem, que são uma maravilha entre todas as maravilhas do corpo.

É a ponta do ramo que, flexível e como animada e dirigida por uma inteligência particular, se enrola em torno dos galhos que sustentam sua fragilidade. Assim, as trepadeiras, as clematites, as glicínias e a vinha... É pois na extremidade, tanto dos vegetais quanto do homem, que é dado tocar, que se apresenta a parte mais delicada, mais perfeita.

O tronco tem a força; a seiva e o sangue dão o impulso; as hastes e as mãos são os instrumentos dóceis.

Se a árvore tem folhas delgadas, salpicadas de branco ou de amarelo, caindo aos primeiros ventos do outono, é que está clorótica e podemos prognosticar com segurança que não viverá muito tempo. O homem cujas mãos são pequenas, frias, brancas, exangues, não figurará entre os atletas, nem entre os centenários.

Como uma terra pobre e privada de sucos nutritivos poderia prodigalizar uma seiva abundante, capaz de lançar-se até a extremidade dos ramos para fazê-la crescer e alongar-se incessantemente?

A planta, como o animal, como o homem, toma proporcionalmente às suas energias vitais a sua parte fluídica, que circula por toda parte. Somente a planta e o animal, não tendo de despender de sua força e de sua vontade senão numa ordem de fatos mais restritos, são dotados de um fluido menos poderoso. Fazem sua parte de progresso, mas eles não o fazem sem que a isso sejam provocados.

Ao contrário, o homem tem responsabilidade de direção. Deus o aceita como colaborador na obra sublime da Criação. Deus cria os tipos e reserva ao seu auxiliar o cuidado de descobrir as variedades infinitas, de multiplicá-las, de aperfeiçoá-las sem limites. Ele necessita, pois, de um fluido mais abundante, mais rico, para satisfazer à sua tarefa mais nobre e cumprir a missão providencial que lhe foi reservada.

Essas diferenças entre as linhas das mãos, as nervuras das folhas, são também encontradas nas patas dos animais, e por toda parte, enfim. Apenas no homem e nas criaturas mais avançadas, esses matizes são mais numerosos e mais acentuados. Mas, descendo mesmo até os mais ínfimos, uma observação atenta permitirá descobrir, nos diferentes ramos que terminam cada uma delas, sintomas, prognósticos de caráter e de saúde, que a ativa direção do homem pode modificar para melhor ou pior. É seu direito, é seu dever trabalhar para melhorar todas as coisas

inferiores. A Natureza põe à sua disposição os meios curativos, e ele será insensato e mesmo culpável se não os empregar para prolongar e enobrecer a sua e a vida das demais criaturas, ou pelo menos para dar-lhe o equilíbrio necessário, durante o curso que ela deve seguir.

Há ação e reação dos homens uns sobre os outros, bem como sobre os animais, os vegetais, os minerais e tudo quanto nos rodeia. Por isso, o homem, o animal e a planta não vivem indiferentes junto aos demais seres.

Uma criação jamais ocorre senão quando todas as condições indispensáveis venham favorecê-la. Mas, descuidando desses detalhes essenciais, pretendemos aclimatar os animais sem os vegetais convenientes, sem preparar para estes o terreno que exigem, sem estudar as suas atrações e as suas repulsões, e sem observar se lhes damos vizinhos com os quais estarão em perpétua luta.

Nossos camponeses colocam às vezes um bode em meio aos bois e bezerros. Dizem que é para purificar o ar. Para nós, isto só o empestaria. Mas, uma vez que os animais do estábulo deixam o bode andar livremente ao seu redor, é que um secreto instinto os adverte, talvez, de que o seu cheiro acre é composto de gases que seriam prejudiciais a eles e cujas propriedades o bode modifica.

O meio em que vive e se desenvolve cada criatura influi enormemente sobre o seu caráter, sobre a sua saúde e sobre a parcela de inteligência que lhe é transferida para cumprir o seu destino.

A inteligência do vegetal, como a do animal, manifesta-se sobretudo na obra da reprodução. Muitas vezes o homem a violenta. Estudemos as condições nas quais cada ser deve cumprir o seu destino mais ou menos importante, e as criações

esboçadas que os grandes cataclismos do passado pouparam darão lugar a criações superiores, e muitos dos males que elas engendram desaparecerão com elas.

Tudo se ressente, portanto, pelo toque, por vezes mesmo pela simples aproximação das comoções elétricas e fluídicas, que exercem uma influência salutar ou funesta sobre a atitude geral do indivíduo.

O magnetismo não foi inventado por ninguém; existe desde toda a eternidade! Não se conhecia o seu emprego, como no caso do vapor e da eletricidade, a princípio negados, e que no entanto revolucionaram o mundo após alguns anos de existência. Dar-se-á o mesmo com esse fluido que, mais sutil do que todos os outros, vai atingir livremente, e em aparência um pouco ao acaso, os sexos contrários, as idades extremas, as castas até hoje hostis, para os confundir todos no seio de uma imensa solidariedade.

Com efeito, o fluido é atração, lei única do Universo. É a fonte dos movimentos moral, material e intelectual, a fonte do progresso. Manda a caridade que nos aliviemos mutuamente, já que dispomos do poder e da vontade. Esse fluido comum, que nos liga a todos, a fim de estabelecer entre nós a fraternidade universal, não só nos faculta curar-nos uns aos outros, mas, também, associando-nos aos nossos amigos desaparecidos que, mau grado nosso nos legaram a herança de seus trabalhos, dá-nos os meios de inventar grandes coisas, que concorrerão poderosamente para o progresso de todos e para o bem-estar universal.

Já não nos escondemos por trás das muralhas do nosso egoísmo pessoal para nos sentirmos felizes no nosso isolamento. Queremos que todos estejam satisfeitos ao nosso redor e o sofrimento dos outros provocam nuvens sombrias no azul de nosso belo firmamento.

O entusiasmo foge à solidão para só fazer brilhar a sua potência irresistível entre as multidões eletrizadas. É que o fluido que se desprende de cada um de nós, adicionado, confundido, multiplicado, atritando-se e se chocando em caso de necessidade, por suas próprias discrepâncias faz surgir a harmonia.

O trabalho, o prazer mesmo, tudo aborrece quando estamos sós. Mas, basta chegar um amigo e outros em seguida, e eis que o entusiasmo, que arrasta, pouco a pouco se desenvolve. Que surjam então os grupos rivais, e o júbilo produzirá maravilhas.

A comunicação fluídica, essa quintessência de nosso ser, produz harmonia ao se desprender de nós para envolver aquele que sente a sua falta. Os fortes arrastam os fracos, elevam-nos por um momento até eles e a igualdade reina; ela governa os homens fascinados pelo seu domínio.

A bem dizer, todo o mundo é fluídico, pois que cada um sente impressões, experimenta atrações. Apenas as manifestações são mais ou menos intensas e sua influência se mostra com mais ou menos força. Alguns usam os fluidos para si mesmos, para a sua própria consumação, poderíamos dizer, e somente atuam debilmente sobre os seus semelhantes. Outros, pelo contrário, irradiam a distância e exercem ao seu redor uma pressão enérgica, para o bem ou para o mal.

Há ainda os que, não tendo nenhum poder sobre os outros homens, possuem uma poderosa faculdade de domínio sobre os animais e sobre os vegetais, que se modificam e se aperfeiçoam mais facilmente sob a sua ação inteligente.

Sendo o magnetismo o fluido circulante que cada criatura assimila à sua maneira e em graus diferentes, pode-se ver nele esse imenso encadeamento e essa imensa atração que une e desune, atrai e repele todos os seres criados, fazendo de cada um deles uma pequena unidade que vai, obedecendo à mesma lei, confundir-se na majestosa unidade do Universo.

O magnetismo que, aliás, não passa do processo de que nos servimos para a concentração e a liberação do fluido, é essa associação magnífica de todas as forças criadas. O fluido é o circulante que põe os seres em vibração uns com os outros.

Em certos casos de delírio momentâneo, o toque de uma pessoa simpática, seu beijo, sua palavra bastam para acalmar o doente. Já se viu o doente ser aliviado apenas se entrando em seu quarto, como é possível ver-se a excitação produzir-se quando outra pessoa se aproxima.

É o resultado das atrações ou das repulsões, explicadas pelo jogo dos fluidos entre si.

Diz-se freqüentemente de pessoas que se casam, mas que não se amam: – *Eles se amarão mais tarde!*

Ao contrário, isto é bem pouco provável, porque a atração é livre e não se deixa violentar. Sem dúvida há naturezas pouco fluídicas, para as quais a estima pode suprir o amor; mas as grandes e generosas naturezas não poderiam contentar-se com esses sentimentos tíbios. A indiferença toma então o lugar do amor que falta, e é raro que, apesar de todos os mais belos raciocínios que façam, um ou outro desses esposos em desarmonia não se deixe encantar por outra pessoa. Talvez tenha a força de resistir a esse arrastamento, mas será incuravelmente infeliz.

Fechemos pois os ouvidos a esses falsos ensinamentos, e que as famílias não façam jamais do casamento um negócio, uma questão de tráfico ilegal. Quis Deus que o amor presidisse à perpetuidade da Criação; respeitemos os seus desígnios e não violentemos os fluidos. O homem e a mulher obedecem ao charme, é a lei natural, e quando se tenta resisti-la, paga-se a desobediência com a infelicidade de toda a existência.

Eug. Bonnemère

O Espiritismo em Toda Parte

A literatura contemporânea se impregna cada dia mais das idéias espíritas. Com efeito, nossa Doutrina é uma fonte fecunda para os trabalhos de imaginação; aí os escritores podem haurir descrições poéticas, quadros emocionantes e verossímeis, situações interessantes e completamente novas, que não poderiam fazer surgir do campo limitado e prosaico que lhes oferecem as doutrinas materialistas. Por isso os autores, mesmo materialistas, começam a explorar novos horizontes abertos ao pensamento pelo Espiritismo, tamanha é a necessidade que sentem de falar à alma e poetizar o caráter de seus personagens, se quiserem conquistar o interesse de seus leitores.

Muitas vezes a *Revista* já assinalou romances, novelas, obras teatrais, etc., que exploram os nossos ensinos e caracterizam a reação que começa a operar-se nas idéias. Continuaremos, de vez em quando, a registrar os fatos que entram no quadro do Espiritismo.

O CONDE OTÁVIO

(Lenda do século XIX)

Tal é o título de uma novela publicada no jornal *Liberté*, de 26, 27 e 28 de maio, pelo Sr. Victor Pavé, e que comporta a mais completa acepção das doutrinas espíritas e o detalhe de uma história absolutamente fundada sobre a intervenção dos Espíritos.

Dois seres belos e inteligentes, que não habitam os mesmos lugares e jamais se viram, estão desesperados com a vida e só vêem desordem no mundo e nas inteligências. São grandes demais para as mesquinharias que entrevêem e estão prestes a suicidar-se: um moralmente, o outro efetivamente.

Dois Espíritos que os amam, atualmente desencarnados, mas que lhes foram unidos na Terra pelos laços do

sangue, comprometem-se a salvá-los, agindo por inspiração sobre um encarnado, de que se apossam para operar o encontro e a união desses dois seres e, conseqüentemente, a sua salvação.

O autor, que muito certamente estudou com seriedade as obras espíritas, descreve de maneira interessante e verdadeira o modo de existência e de comunicação dos Espíritos e afirma por fatos o desprendimento e a independência do Espírito encarnado durante o sono do corpo. Julgamos por bem assinalar esta novela, interessante sob mais de um ponto de vista e publicada num grande jornal que se dirige a um número considerável de leitores. Possa o enredo desta breve história, emocionante e bem escrita, lhes inspirar salutares reflexões e os levar a apreciar judiciosa e seriamente os princípios da filosofia espírita.

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Lemos no número 19 do *Lien*, jornal das igrejas reformadas, a seguinte passagem, concernente à pluralidade das existências, reproduzindo-a sem comentários:

"No que respeita à eternidade do Cristo, citam-nos este texto: 'Agora, tu, meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse.' (João, XVII:5); e este: 'Antes que Abrão fosse, eu sou.' (João, VIII:58). Mas, supondo que estas palavras sejam autênticas, não implicam de modo algum a idéia de eternidade absoluta, tal qual a concebe de Deus a nossa consciência, tal qual o próprio Cristo a contempla na Essência divina. Tudo quanto nos é permitido daí deduzir é a preexistência, uma existência anterior àquela que ele desfrutava cá embaixo, em nosso mundo, isto é, em nossa Terra[22]. Portanto, Jesus

22 Sabe-se que, em razão de suas imperfeitas noções astronômicas, os judeus confundiam a formação do Universo com a do nosso planeta, que, segundo eles, era o seu centro, a sua obra-prima; sendo assim, toda existência que dizem ter precedido esta formação, seria, necessariamente, uma existência divina.

não quer dizer outra coisa senão que ele existia antes do mundo do qual fazemos parte. Aos nossos olhos, uma tal pretensão nada tem que não corresponda perfeitamente à natureza eminente e ao caráter único do Cristo, e os trinta a quarenta anos de sua carreira terrena não teriam sido suficientes para que ele realizasse os imensos progressos que notamos em sua pessoa. A hipótese da preexistência em si nada tem que choque a razão; ao contrário, é a única que pode dar conta de uma imensidade de fenômenos psicológicos e morais, cujas explicações em geral são pouco satisfatórias ou absolutamente contraditórias. Nós a admitimos, portanto, mesmo para os seres pessoais de todas as ordens, mas a título de suposição fortemente provável, projetando mais luz do que qualquer outra sobre a nossa situação presente e sobre o nosso eterno futuro. Que Jesus tenha tido consciência de uma vida anterior mergulhando nas mais longínquas profundezas do passado, nós o compreendemos perfeitamente, e é essa lembrança que o separava do comum dos homens e mesmo das almas de escol; mas, ainda uma vez, esta preexistência não é a eternidade absoluta."

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Sob esse título o *Sétifien* de 20 e 27 de maio publica um artigo sobre a vida do Sr. Allan Kardec, do qual reproduzimos alguns extratos, felizes por reconhecermos que, se na imprensa há alguns órgãos sistematicamente hostis aos nossos princípios, outros há que sabem apreciar e honrar os homens de bem, seja qual for a bandeira filosófica a que pertençam.

Aliás, não é a primeira vez que o Sr. Armand Greslez sustenta abertamente as nossas doutrinas, e não podemos deixar de aproveitar a ocasião para lhe testemunhar toda a nossa gratidão.

"Se fosse preciso, diz ele, procurar um emblema, uma personificação da falsidade e da mentira, não se agiria mal tomando a Musa da História; porque se o homem, em geral, tem o amor e o

sentimento do verdadeiro, também é arrastado pelos preconceitos, pelas inclinações e pelos interesses que quase sempre o fazem afastar-se da senda da verdade, quer se trate das coisas ou dos homens.

"Até o momento tem faltado um critério de certo valor às biografias dos falecidos: É o que impede os mortos de declinarem das honras imerecidas ou de repelirem as acusações injustas.

"Não nos surpreendamos, pois, que Allan Kardec não tenha podido escapar desta lei comum. Este destino, mais que outro, ele o experimentou ainda em vida, vítima que foi de odiosas calúnias e de extravagantes e impudentes difamações. Entretanto, há demonstrações reais de respeito de seus contemporâneos e da posteridade, que não poderiam ser contestadas sem que se cometesse injustiça.

"Primeiramente, ele publicou livros sobre uma doutrina que uns acolheram com indiferença, outros com ódio e desprezo; mas ele previu todas essas tribulações, pois lhe tinham sido reveladas previamente. Deste ponto de vista, deu provas de coragem e de abnegação.

"Jamais reivindicou o título de inventor ou de chefe de escola, pois seu papel se limitou a coligir e a centralizar documentos, escritos fora da sua influência e, por vezes, alheios às suas idéias pessoais. Restringiu-se a acompanhar esses documentos com os seus comentários e reflexões, pondo, em seguida, todos os seus cuidados em os vulgarizar. Para esta tarefa árdua e ingrata ele consagrou unicamente, plenamente, inteiramente, quinze anos de sua existência.

"Lutou contra os adversários, mas sempre com sucesso, porque tinha o bom-senso, a lógica, o conhecimento da verdade, aliados à sabedoria, à prudência, à habilidade e ao talento.

"A morte de Allan Kardec deu ensejo a um verdadeiro sucesso para o Espiritismo. Dentre os discursos que foram pronunciados junto ao seu túmulo, figura em primeira linha o de Camille Flammarion, que afirmou altiva e publicamente as verdades desta doutrina, explicando-as pelos dados da mais avançada Ciência.

"Para os que o ignoram, devo dizer que Camille Flammarion é um sábio oficial e um escritor de mérito incontestável, perfeitamente colocado na literatura; é uma autoridade que ninguém ousaria recusar. Declarou-se francamente espírita. Agora não é mais permitido tratar os espíritas de tolos ou de impostores, porquanto seria levantar uma acusação contra um homem de grande valor; hoje seria uma presunção ridícula.

"Por isso, os jornais que habitualmente atacavam o Espiritismo de maneira ridícula ou mordaz, se fecharam num prudente silêncio, já que deviam evitar o duplo escolho da retratação ou de uma crítica tornada perigosa pelo poderoso adversário que queriam combater, por mais indireta que fosse.

"Que seria, pois, se todos os que crêem no Espiritismo se dessem a conhecer? Entre os crentes há pessoas de mérito excepcional e que ocupam as mais elevadas posições sociais. Desde que possam fazê-lo, tais pessoas confessarão suas crenças; então os antiespíritas ficarão envergonhados e escaparão por diversos subterfúgios ao embaraço de sua posição."

Armand Greslez

Variedades

A LIGA DO ENSINO – CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

No dia 19 de junho, sábado, assistimos à primeira assembléia geral realizada pelo Círculo Parisiense da Liga do

Ensino, na sala de conferências do Boulevard des Capucines, sob a presidência do Sr. Jean Macé.

Essa reunião tinha por objetivo especial dar uma constituição oficial ao grupo parisiense, e prestar contas dos trabalhos realizados desde a sua fundação. – Como dizia o Sr. Allan Kardec, falando da Liga do Ensino (*Revista Espírita* de março, abril e agosto de 1867) – nossas simpatias são conquistadas por todas as idéias progressivas, por todas as tentativas que têm por objeto elevar o nível intelectual. Estamos, pois, contentes por termos podido constatar os resultados práticos desta bela instituição, lamentando vivamente que a abundância de matérias nos obrigue a adiar para um próximo número a análise da constituição adotada na sessão a que tivemos a honra de assistir.

Dissertações Espíritas

A REGENERAÇÃO

(MARCHA DO PROGRESSO)

(Paris, 20 de junho de 1869)

Desde longos séculos as humanidades prosseguem uniformemente sua marcha ascendente através do tempo e do espaço. Cada uma delas percorre, etapa por etapa, a rota do progresso, e se diferem pelos meios infinitamente variados que a Providência dispôs em suas mãos, são chamadas a se fundirem todas, a se identificarem na perfeição, já que todas partem da ignorância e da inconsciência de si mesmas para se aproximarem indefinidamente do mesmo fim: Deus; para alcançarem a felicidade suprema pelo conhecimento e pelo amor.

Há universos e mundos, como povos e indivíduos. As transformações físicas da terra, que sustenta o corpo, podem

dividir-se em duas formas, assim como as transformações morais e intelectuais que alargam o espírito e o coração.

A terra se modifica pela cultura, pelo arroteamento e pelos esforços perseverantes dos seus possuidores e interessados; mas, a esse aperfeiçoamento incessante devemos juntar os grandes cataclismos periódicos, que são, para o regulador supremo, o que são a enxada e a charrua para o lavrador.

As humanidades se transformam e progridem pelo estudo perseverante e pela permuta de pensamentos. Instruindo-se e instruindo os outros, as inteligências se enriquecem, mas os cataclismos morais que regeneram o pensamento são necessários para determinar a aceitação de certas verdades.

Assimilam-se sem abalos e progressivamente as conseqüências de verdades aceitas. É preciso um concurso imenso de esforços perseverantes para que se aceitem novos princípios. Marcha-se lentamente e sem fadiga sobre um caminho plano, mas é necessário reunir todas as suas forças para transpor um atalho agreste e destruir os obstáculos que surgem. É então que, para avançar, deve o homem quebrar necessariamente a corrente que o liga ao pelourinho do passado, pelo hábito, pela rotina e pelo preconceito; a não ser assim, o obstáculo fica sempre de pé, e ele girará num círculo sem saída até que tenha compreendido que, para vencer a resistência que obstrui a rota do futuro, não basta quebrar armas envelhecidas e danificadas: é indispensável criar outras.

Destruir um navio que faz água por todos os lados, antes de empreender uma travessia marítima, é medida de prudência, mas será ainda necessário, para realizar a viagem, que se criem novos meios de transporte. Entretanto, eis onde se encontra atualmente certo número de homens de progresso, tanto no mundo moral e filosófico, quanto nos outros mundos do pensamento! Minaram tudo, tudo atacaram! As ruínas se espalham por toda parte, mas eles ainda não compreenderam que sobre tais

ruínas é preciso edificar algo de mais sério que um livre-pensamento e uma independência moral, independentes apenas da moral e da razão. O nada em que se apóiam não é uma palavra muito profunda somente por ser vazia. Assim como Deus já não cria os mundos do nada, o homem não pode criar novas crenças sem bases. Estas bases estão no estudo e na observação dos fatos.

A verdade eterna, como a lei que a consagra, não espera para existir a aceitação dos homens; ela é e governa o Universo, a despeito dos que fecham os olhos para não a ver. A eletricidade existia antes de Galvani e o vapor antes de Papin, como a nova crença e os princípios filosóficos do futuro existiam antes que os publicistas e os filósofos os tivessem consagrado.

Sede pioneiros perseverantes e infatigáveis!... Se vos chamarem de loucos como o fizeram a Salomão de Caus, se vos repelirem como Fulton, marchai sempre, porque o tempo, esse juiz supremo, saberá tirar das trevas os que alimentam o farol que deve, um dia, iluminar a Humanidade inteira.

Na Terra, o passado e o futuro são os dois braços de uma alavanca que tem no presente o seu ponto de apoio. Enquanto a rotina e os preconceitos tiverem curso, o passado estará no apogeu. Quando a luz se faz, a báscula balança, e o passado, que já escurecia, desaparece para dar lugar ao futuro que irradia.

Allan Kardec

A CIÊNCIA E A FILOSOFIA

(Sociedade de Paris, 23 de abril de 1869)

A Ciência é lenta em suas afirmações, mas é segura; por vezes repele a verdade, mas jamais partilha o erro absoluto. Procede com rigor matemático; não admite senão *o que é*, ao passo que a Filosofia admite *tudo o que pode ser*; daí a diferença que se nota entre o objetivo de uma e de outra. A Filosofia chega num primeiro

impulso; a Ciência transpõe penosa e vagarosamente a estrada árida do conhecimento positivo. Mas, Filosofia e Ciência são irmãs; partem da mesma origem para fazerem a mesma carreira e chegarem ao mesmo fim. Sozinha, a Filosofia pode cometer desvios que a razão e a experimentação científica devem reprimir; isolada, a Ciência pode conduzir ao aniquilamento dos sentimentos, caso não seja regenerada pela excelência dos sentimentos do coração e das aspirações aos progressos morais.

Nos períodos originais da elaboração dos mundos, o sofisma domina o homem juntamente com o erro científico. Em seguida os pensadores e os sábios, tomando caminhos diversos, se separam durante as fases consagradas à luta, para se reunirem mais tarde num triunfo comum.

Certamente ainda estais bem longe de ter dado a última palavra sobre todas as coisas; mas chegareis a passos largos a essa época em que a Humanidade avançará para o infinito numa rota única, larga, segura, tolerante e solidária. O homem não será mais uma unidade combatendo para a sua própria glória e procurando engrandecer-se sobre os cadáveres intelectuais de seus contemporâneos. Será um elemento da grande família, uma modalidade fazendo parte de um todo harmonioso, um instrumento racional num concerto sem defeito! Será a era da felicidade por excelência, a era bendita, a era da paz pela fraternidade e do progresso pela união dos esforços inteligentes.

Honra à Filosofia, que sabe aliar-se à Ciência para obter um tal resultado.

Honra aos homens da Ciência que ousam afirmar suas crenças filosóficas e tirar do seu envoltório, para desdobrar aos olhos atônitos do mundo do pensamento, a bandeira sobre a qual inscreveram estas três palavras: *Trabalho, experimentação, certeza.*

Privada da Ciência, a Filosofia se lança no infinito, mas, voando com uma asa só, tomba esgotada das alturas a que aspira. A Ciência sem a Filosofia é uma caolha que não vê bem senão de um lado; não percebe o abismo que se cava sob o seu olho ausente. A Ciência e a Filosofia, unidas num comum impulso para o desconhecido, representam a certeza, a verdade em direção a Deus.

Clélie Duplantier

Notas Bibliográficas[23]

SIR HUMPHRY DAVY – OS ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO

ENTREVISTAS SOBRE AS CIÊNCIAS, A NATUREZA E A ALMA

Obra traduzida do inglês e comentada por Camille Flammarion[24]

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

Como era nosso desejo, podemos anunciar hoje o aparecimento desta tradução tão longamente elaborada. Já fizemos notar no último número da *Revista* que esta obra, escrita nos últimos anos de sua vida por um dos maiores químicos do mundo, expôs ao livre-exame dos pensadores de quarenta anos atrás – 1829 – as teorias sobre as quais hoje se apóia a Doutrina Espírita, isto é, a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências da alma, a reencarnação (na Terra e em outros planetas), a comunicação com os Espíritos através dos sonhos e dos pressentimentos, e até a teoria do *perispírito*.

A tradução do Sr. Flammarion aparece hoje, ao mesmo tempo que a *Revista*. Logo esta obra estará nas mãos de todos os nossos leitores. Aliás, sua leitura será tanto mais instrutiva quanto o autor passa em revista os principais temas da ciência moderna e os

23 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

24 Um vol. in-12. Preço: 3 fr. 50. Paris, 1869, Didier, e na *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

grandes feitos da história da Humanidade, e que o tradutor teve o cuidado de completar por meio de notas sobre os progressos posteriormente realizados pela Ciência. O livro se divide em seis diálogos, que têm por títulos: *a Visão, – a Religião, – o Desconhecido, – a Imortalidade, – a Filosofia da Química,* – e *o Tempo*. Anunciando esta excelente obra, julgamos por bem extrair algumas de suas passagens, que darão uma justa idéia das opiniões filosóficas do ilustre químico inglês.

O primeiro diálogo, *a Visão*, cuja cena se passa no Coliseu de Roma, tem por objeto uma viagem aos planetas, sob a condução de um *Espírito*, que *Sir* Humphry Davy escuta sem o ver. O Espírito faz aparecer o quadro das fases primitivas da Humanidade, e em seguida dirige a seguinte pergunta ao autor:

"Tu vais dizer-me: 'O Espírito é gerado? A alma é criada com o corpo?' Ou isto: 'A faculdade mental é o resultado da matéria organizada e um novo aperfeiçoamento dado à máquina, que provoca o movimento e o pensamento?'

"Depois de ter posto esta pergunta em minha cabeça, como se eu mesmo tivesse tido a intenção de lha dirigir, diz Davy, meu Gênio desconhecido modificou a inflexão de sua voz que, em vez de sua melodiosa doçura, tomou um timbre sonoro e majestoso. Eu vos proclamo, disse-me ele, que nem uma nem outra dessas visões são verdadeiras. Minha intenção é vos revelar os mistérios das naturezas espirituais; mas é de temer que, *velado como sois pelos sentidos corporais*, esses mistérios não vos possam ser compreensíveis.

"As almas são eternas e indivisíveis, mas suas maneiras de ser são tão infinitamente variadas quanto as formas da matéria. Elas nada têm de comum com o espaço e, em suas transições, são independentes do tempo, de sorte que podem passar de uma parte a outra do Universo, por leis completamente estranhas ao

movimento. As almas são seres intelectuais de diversos graus, pertencendo de fato ao Espírito infinito. *Nos sistemas planetários* (de um dos quais depende o globo que habitas) elas se encontram transitoriamente *num estado de provação*, tendendo constantemente e, em geral, gravitando sem cessar *para um modo de existência mais elevado*.

"Se me fosse possível estender tua visão até os destinos das existências individuais, eu te poderia mostrar como *o mesmo Espírito*, que no corpo de Sócrates desenvolveu os fundamentos das virtudes morais e sociais, no corpo do czar Pedro foi dotado do poder supremo, gozando da incomparável felicidade de melhorar um povo grosseiro. Eu te poderia mostrar a mônada espiritual que, com os órgãos de Newton, deixou ver uma inteligência quase sobre-humana, situada *agora* num maior e mais elevado estado de existência planetária, haurindo a luz intelectual de uma fonte mais pura e se aproximando ainda mais do Espírito infinito e divino. Prepara, pois, o teu pensamento e pressentirás ao menos esse estado superior e esplêndido, no qual vivem desde sua morte os seres que já revelaram uma alta inteligência na Terra, e que se elevam em suas transições a naturezas novas e mais celestes."

Aqui, *Sir* Humphry, transportado pelo Espírito através do nosso sistema planetário, faz uma descrição das mais interessantes do espetáculo que se descortina aos seus olhos e, em particular, o mundo de Saturno. – A falta de espaço nos obriga a passar em silêncio. – *Sir* Humphry Davy considerava com admiração o aspecto estranho dos seres que tinha sob os olhos, quando o Espírito replicou:

"Sei quais as reflexões que te agitam. A *analogia* te faz falta aqui e não dispões dos elementos do saber para compreenderes a cena que se desdobra à tua frente. No momento te encontras na condição de uma mosca, cujo olho múltiplo fosse subitamente metamorfoseado num olho semelhante ao do homem,

e és completamente incapaz de pôr o que vês em *relação* com os teus conhecimentos normais anteriores. Pois bem, esses seres que estão diante de ti são os habitantes de Saturno. Eles vivem na atmosfera. Seu grau de sensibilidade e de felicidade intelectual ultrapassa de muito o dos habitantes da Terra. São dotados de numerosos sentidos, de meios de percepção cuja ação és incapaz de apreender. Sua esfera de visão é muito mais extensa que a tua, e seus órgãos do tato são incomparavelmente mais delicados e mais finamente aperfeiçoados. É inútil que eu tente explicar-te a sua organização, pois evidentemente não a poderias conceber; quanto às suas ocupações intelectuais, tentarei dar-te alguma idéia.

"Eles subjugaram, modificaram e aplicaram as forças físicas da Natureza, de maneira análoga à que caracteriza a obra industrial do homem terrestre; mas, gozando de poderes superiores, conseguiram resultados igualmente superiores. Sendo a sua atmosfera muito mais densa que a vossa, e menor o peso específico de seu planeta, eles foram capazes de determinar as leis que pertencem ao sistema solar com muito mais precisão do que vos seria possível dar desse conhecimento; e o primeiro deles que chegasse poderia anunciar-te quais são, nesse mundo, a posição e o aspecto da vossa Lua, com tal precisão que te convencerias de que ele a vê, ao passo que o seu conhecimento não passa do resultado de um cálculo.

"Eles não têm guerras e só ambicionam a grandeza intelectual; não experimentam nenhuma de vossas paixões, senão um grande sentimento de emulação no amor da glória. Se eu pudesse mostrar-te as diversas partes da superfície deste planeta, apreciarias os resultados maravilhosos do poder de que são dotadas essas altas inteligências, e a maneira admirável pela qual puderam aplicar e modificar a matéria.

"Eu te poderia transportar agora para outros planetas e te mostrar seres particulares em cada um deles, oferecendo certas

analogias uns com os outros, mas diferindo essencialmente em suas faculdades características.

"Em Júpiter verias criaturas semelhantes às que acabas de observar em Saturno, mas munidas de meios de locomoção bem diversos. Nos mundos de Marte e de Vênus encontrarias raças cujas formas se aproximam mais das que existem na Terra; mas, em cada parte do sistema planetário, existe um caráter especial a todas as naturezas intelectuais: é o sentido da visão, a faculdade orgânica de receber as impressões da luz.

"Os mais perfeitos sistemas organizados, mesmo nas outras partes do Universo, possuem ainda esta fonte de sensibilidade e de prazer; mas os seus organismos, de uma sutileza inconcebível para vós, são formados de fluidos tão elevados, acima da idéia geral que fazeis da matéria, quanto os gases mais sutis, que teus estudos te mostraram, estão acima dos mais pesados sólidos terrestres.

"O grande Universo é ocupado em toda parte pela *vida;* mas o modo de manifestação dessa vida é infinitamente diversificado, e é preciso que as formas possíveis, em número infinito, sejam revestidas pelas naturezas espirituais antes da consumação de todas as coisas.

"O cometa, desaparecendo nos céus com o seu rastilho luminoso, já se mostrou ao teu olhar. Pois bem! esses mundos singulares são também a morada dos seres vivos, que haurem os elementos e as alegrias de sua existência na diversidade das circunstâncias a que são expostos; atravessam, por assim dizer, o espaço infinito; deleitam-se continuamente ante a visão de mundos e sistemas novos. Imagina, se puderes, a vastidão incomensurável de seus conhecimentos!

"Esses seres, de tal modo grandes e gloriosos, dotados de funções que te são incompreensíveis, outrora pertenceram à

Terra; suas naturezas espirituais, elevadas em diferentes graus da vida planetária, despojaram-se de sua poeira e não levaram consigo senão a pujança intelectual. Habitam atualmente esses astros gloriosos, que se põem em relação com as inúmeras regiões do grande Universo.

"Perguntas-me em espírito se eles têm algum conhecimento ou lembrança de suas transmigrações? Conta-me tuas próprias recordações no seio de tua mãe e te darei minha resposta...

"Aprende, pois, a lei da sabedoria suprema: Nenhum Espírito traz a outro estado de existência hábitos ou qualidades mentais diversas das que estão em relação com a sua nova situação. O saber relativo à Terra também não seria útil a esses seres glorificados, como não o seria a sua poeira terrestre organizada, a qual, em temperatura semelhante, seria reduzida ao seu último átomo. Mesmo na Terra, a borboleta esvoaçante não traz consigo os órgãos ou os apetites da lagarta rasteira da qual surgiu. Todavia, há um sentimento, uma paixão, que a mônada ou essência espiritual conserva sempre em todos os estágios de sua existência, e que nos seres felizes e elevados, aumenta perpetuamente: é o *amor do saber*, esta faculdade intelectual que, em seu último e mais perfeito desenvolvimento, se transforma no amor da sabedoria infinita e na união com Deus. Eis a grande condição do progresso da alma em suas transmigrações na vida eterna.

"Mesmo na vida imperfeita da Terra, esta paixão existe nalgum grau; aumenta com a idade, sobrevive ao aperfeiçoamento das faculdades corporais e, no momento da morte, se conserva no ser consciente. O destino futuro do ser depende da maneira pela qual essa paixão intelectual foi exercida e aumentada durante sua prova terrestre transitória. Se foi mal aplicada, o ser é degradado e continua a pertencer à Terra ou a qualquer sistema inferior, até que seus defeitos sejam corrigidos pelas provas penosas de existências

novas. (*Somos o que fazemos de nós mesmos*). Ao contrário, quando o amor da perfeição intelectual é exercido sobre objetivos nobres, na contemplação e na descoberta das propriedades das formas criadas, quando o Espírito se esforçou por aplicar a seus estudos um fim útil e benfazejo para a Humanidade, bem como ao conhecimento das leis ordenadas pela inteligência suprema, o destino do princípio pensante continua a efetuar-se na ordem ascendente e sobe a um mundo planetário superior."

Eis algumas de suas elevadas concepções sobre a natureza da alma:

"Em última análise, para nós o mundo externo ou material não passa de um amontoado de sensações. Remontando às primeiras lembranças de nossa existência, encontramos um princípio constantemente presente, que se pode chamar *mônada*, ou *eu*, que se associa intimamente com as sensações particulares produzidas pelos nossos órgãos. Esses órgãos estão em relação com sensações de outro gênero e, a bem dizer, os acompanham através das metamorfoses corporais de nossa existência, deixando temporariamente uma linha de sensação que as une todas; mas a *mônada* jamais se ausenta, e não poderíamos assinalar nem começo, nem fim às suas operações. Durante o sono, por vezes se perde o começo e o fim de um sonho, mas nos lembramos do meio. Um sonho não tem a menor relação com outro e, contudo, temos consciência de uma variedade infinita de sonhos que se sucederam, embora na maior parte do tempo não encontremos o seu fio, já que há entre eles diversidades e lacunas aparentes.

"Temos as mesmas analogias para crermos numa infinidade de *existências anteriores*, que entre si devem ter tido misteriosas relações. A existência humana pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que é

composta a vida eterna. Não se pode mais negar que as nossas idéias provêm das sensações devidas aos nossos órgãos, como não se nega a relação que existe entre as verdades matemáticas e as fórmulas que as demonstram. Todavia, por si mesmos esses sinais não são fatos, assim como os órgãos não são o pensamento.

"A história inteira da alma apresenta o quadro de um desenvolvimento efetuado segundo uma certa lei; conservamos apenas a lembrança das mudanças que nos foram úteis. A criança esqueceu o que fazia no seio da mãe; logo não mais se lembrará dos sofrimentos e dos folguedos que constituíram os seus dois primeiros anos. Entretanto, vemos que alguns hábitos desta idade subsistem em nós durante a vida inteira; é com o auxílio dos órgãos materiais que o princípio pensante compõe o tesouro de seus pensamentos e as sensações de modificação com a transformação dos órgãos. Na velhice, o espírito embotado cai numa espécie de sono, donde despertará para uma nova existência."

Não podendo pôr sob os olhos dos nossos leitores senão alguns breves fragmentos desta interessante publicação, terminaremos por uma teoria do perispírito, que se diria extraída das obras espíritas modernas. Eis em que termos se exprime *Sir* Humphry Davy, no diálogo *Imortalidade*, pág. 275 e seguintes:

"Tentar explicar de que maneira o corpo está unido ao pensamento, seria pura perda de tempo. Evidentemente, os nervos e o cérebro aí estão em íntima ligação; mas, em que relação? Eis o que é impossível definir. A julgar pela rapidez e pela variedade infinita dos fenômenos da percepção, parece extremamente provável que há no cérebro e nos nervos uma substância infinitamente mais sutil do que permitiram descobrir a observação e a experiência. Assim, pode-se supor que a união imediata do corpo com a alma, da matéria com o espírito se dá por intermédio de um corpo fluídico invisível, de uma espécie de elemento etéreo inacessível para os nossos sentidos, e que talvez represente para o

calor, para a luz e para eletricidade o que estes representam para o gás. O movimento é produzido mais facilmente pela matéria rarefeita, e todos sabem que agentes imponderáveis, tais como a eletricidade, derrubam as mais fortes construções. Não me parece improvável que alguma coisa do mecanismo refinado e indestrutível da faculdade pensante, adira, mesmo após a morte, ao princípio sensitivo. Porque, malgrado à destruição pela morte dos órgãos materiais, como os nervos e o cérebro, sem dúvida a alma pode conservar, indestrutivelmente, algo dessa natureza mais etérea. Às vezes eu penso que as faculdades chamadas instintivas pertencem a esta natureza requintada. A consciência parece ter uma fonte inacessível e permanecer em relação oculta com uma existência anterior."

Estas as passagens que quisemos assinalar aos nossos leitores. *Sir* Humphry Davy foi um dos grandes apóstolos do progresso. O Espiritismo não poderia ter melhores auxiliares do que no testemunho indireto desses sábios ilustres que, pelo estudo da Natureza, chegaram à descoberta de novas verdades. Tais obras devem fazer parte, merecidamente, da biblioteca do Espiritismo, e devemos ser gratos ao Sr. Camille Flammarion por se ter imposto a tarefa de traduzir e comentar a obra notável de *Sir* Humphry Davy.

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS ESPÍRITAS, ESPECIALMENTE NOS CAMPOS

(Pelo Sr. C...)[25]

É com prazer que saudamos o aparecimento deste livro, porque nos parece fadado a prestar grandes serviços e preencher uma lacuna importante. Como aplicação especial, é um resumo dos mais essenciais princípios que devem presidir à organização dos grupos, para assegurar a sua vitalidade e os habilitar a produzir resultados satisfatórios.

25 Livraria Espírita, 7, rue de Lille. Paris, 1 vol. in-12. Preço: 1 fr.

O Sr. Allan Kardec, a quem o autor, espírita fervoroso e dedicado, havia confiado o seu manuscrito, o tinha em grande conta e se propunha a publicá-lo, simultaneamente com outros trabalhos da mesma natureza, infelizmente interrompidos com a sua morte, mas que, a despeito do atraso, não estão perdidos, esperamos, para os que souberam apreciar a eminente lógica, a clareza e a concisão do autor de *O Livro dos Espíritos*.

O autor consagrou-se particularmente a esclarecer e a tornar útil a propagação do Espiritismo nos campos. A modéstia de suas opiniões não impede que esta obra possa ser de incontestável utilidade, mesmo nas grandes cidades e nos grupos já organizados.

Com efeito, o que falta muitas vezes, não só nos campos, mas, também, a um certo número dos nossos irmãos em crença que habitam as cidades – não devemos temer dizê-lo – é o espírito de organização e de método, sem o qual as melhores intenções se tornam improdutivas. Imagina-se geralmente que, para instruir a si mesmo e fazer prosélitos, é absolutamente necessário que haja médiuns e se obtenham manifestações. É um erro. Podemos mesmo dizer, e isto é resultado da experiência, que, para a maior parte dos que não se prepararam pelo estudo das obras e pelo raciocínio, as manifestações geralmente têm pouco peso; quanto mais extraordinárias, mais encontram oposição, porque se é levado naturalmente a duvidar de algo que não tem uma sanção racional. Cada um o encara do seu ponto de vista, e o cepticismo, de um lado, a ignorância e a superstição de outro, fazem ver as causas sob uma falsa luz, ao passo que uma explicação prévia tem por efeito combater as idéias preconcebidas e demonstrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade dos fenômenos. Compreende-se antes de ter visto e, desde então, a convicção está assegurada em três quartos dos casos. Nem sempre é útil forçar as convicções. Muitas vezes é preferível agir com discrição e deixar à Providência o cuidado de preparar as circunstâncias favoráveis. O número de homens de boa vontade é maior do que se pensa e seu

exemplo, multiplicando-se, produzirá mais efeito do que as palavras.

O Sr. C... examina essas questões com tanta lógica quanto clareza, bem como os meios que devem ser empregados para combater as causas de divisões que podem surgir entre os membros de um mesmo grupo. Por isso, estamos persuadidos de que essas instruções serão fecundas em resultados satisfatórios, se cada um se fixar em lhe assimilar o espírito e a pôr em prática os seus preceitos. Devemos ao autor agradecimentos e felicitações por esta publicação que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os que desejarem cooperar ativamente para o desenvolvimento da filosofia espírita.

À Venda em 1º de junho de 1869

(Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Révélation – Nova edição da brochura *Révélation*, da qual já se venderam mais de dez mil exemplares. – Brochura in-18, 15 c.; vinte exemplares, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c.

O Livro dos Médiuns – Décima primeira edição de *O Livro dos Médiuns* (parte experimental), guia dos médiuns e dos evocadores, contendo a teoria de todos os gêneros de manifestações; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

O Céu e o Inferno – Quarta edição de *O Céu e o Inferno*, ou a justiça divina segundo o Espiritismo, contendo numerosos exemplos sobre a situação dos Espíritos no mundo espiritual e na Terra; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

Observação – A parte doutrinária desta nova edição, inteiramente revista e corrigida por Allan Kardec, sofreu

importantes modificações. Alguns capítulos foram inteiramente refundidos e consideravelmente aumentados.

Lúmen – (No prelo), por C. Flammarion. Este interessante trabalho, cuja primeira parte foi inserida na *Revue du XIX^e^ siècle*, hoje completada por importantes adições, será publicada brevemente em um volume. (*Revista Espírita* de março e maio de 1867.)

Aviso Importante

História de Joana d'Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux. Um vol. in-12. Preço: 3 fr.; *franco*, 3 fr. 30 c.

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que acabamos de descobrir uma centena de volumes desta interessante obra, há muito considerada como inteiramente esgotada. Aqueles assinantes nossos, que em vão procuraram adquiri-la, já poderão obtê-la, dirigindo-se, para tanto, ao Sr. Bittard, gerente da *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII AGOSTO DE 1869 Nº 8

Teoria da Beleza

(*OBRAS PÓSTUMAS*)[26]

Será a beleza coisa convencional e relativa a cada tipo? O que, para certos povos, constitui a beleza, não será, para outros, horrenda fealdade? Os negros se consideram mais belos que os brancos e *vice-versa*. Nesse conflito de gostos, haverá uma beleza absoluta? Em que consiste ela? Somos, realmente, mais belos do que os hotentotes e os cafres? Por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto dos nossos estudos, a eles, no entanto, se prende de modo direto e entende com o futuro mesmo da Humanidade. Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela seguinte passagem de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As Revoluções Inevitáveis no Globo e na Humanidade*, de Charles Richard.[27]

O autor combate a opinião dos que sustentam a degenerescência física do homem, desde os tempos primitivos;

26 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

27 Um vol. in-12, Paris Pagnerre; preço: 2 fr. 50; *franco* 2 fr. 75, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

refuta vitoriosamente a crença na existência de uma primitiva raça de gigantes e empreende provar que, do ponto de vista físico e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se é que não os ultrapassam.

Tratando da beleza das formas, exprime-se ele assim, nas páginas 41 e seguintes:

"Pelo que toca à beleza do rosto, à graça da fisionomia, ao conjunto que constitui a estética do corpo, ainda é mais fácil de comprovar-se a melhoria operada.

"Basta, para isso, que se lance um olhar sobre os tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactas através dos séculos.

"A iconografia de Visconti e o museu do Conde de Clarol são, entre muitas outras, duas fontes donde com facilidade se podem tirar variados elementos para este interessante estudo.

"O que mais solicita a atenção nesse conjunto de figuras é a rudeza dos traços, *a animalidade da expressão, a crueza do olhar*. O observador sente, com involuntário frêmito, que tem diante de si gente que o cortaria em pedaços, para dá-los de comer às suas moréias, como o fazia Polion, rico apreciador de boas iguarias, cidadão de Roma e familiar de Augusto.

"O primeiro Brutus (Lucius Junius), o que mandou cortar a cabeça a seus filhos e assistiu a sangue-frio ao suplício de ambos, assemelha-se a uma fera. Seu perfil sinistro tem da águia e do mocho o que esses dois carniceiros do ar apresentam de mais feroz. Vendo-o, ninguém pode duvidar de que haja merecido a ignominiosa honra que a História lhe conferiu. Assim como matou os dois filhos, também teria estrangulado a própria mãe, pelo mesmo motivo.

"O segundo Brutus (Marcus), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que este mais contava com o seu reconhecimento e o seu amor, lembra, pelos traços, um asno fanático; não mostra, sequer, a beleza sinistra que o artista descobre muitas vezes, essa energia extremada que impele ao crime.

"Cícero, o orador brilhante, escritor espiritual profundo, que deixou tão grande recordação da sua passagem por este mundo, tem um rosto acachapado e vulgar, que certamente tornava muito menos agradável vê-lo, do que ouvi-lo.

"Júlio César, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que deu entrada no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas por ele previamente despachadas para lá, era tão feio como o seu predecessor, mas de outro gênero. Seu rosto magro e ossudo, posto sobre um pescoço comprido e enfeado por um "gogó" saliente, parecia-se mais com um grande Gilles do que com um grande guerreiro.

"Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre Severo, Balbino, não eram apenas feios, mas horrendos. É com dificuldade que, nesse museu dos antigos tipos da nossa espécie, o observador logra descobrir, aqui ou ali, algumas figuras que possam merecer um olhar de simpatia.

"As de Cipião o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábulo, de Antinoo o pequeno de Adriano, são desse reduzido número. Sem serem belos, no sentido moderno da palavra, essas figuras são, entretanto, regulares e de agradável aspecto.

"As mulheres não são melhor tratadas do que os homens e dão ensejo às mesmas notas. Lívia, filha de Augusto, tem o perfil pontudo de uma fuinha; Agripina faz medo e Messalina, como que para desconcertar a Cabanis e Lavater, parece uma

gordanchuda serviçal, mais amante de sopas suculentas, do que de outra coisa.

"Os gregos, é preciso dizê-lo, são, em geral, menos mal talhados que os romanos. As figuras de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem comparar-se aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, o avô longínquo dos nossos Richelieu e dos nossos Lauzun, cujas façanhas galantes, por si sós, enchem a crônica de Atenas, tinha, como Messalina, muito pouco do físico que corresponderia às suas atividades. Ao ver-lhe os traços solenes e a fronte grave, quem quer que seja o tomaria antes por um jurisconsulto agarrado a um texto de lei, do que pelo audacioso conquistador, que foi, de mulheres, que se fazia exilar em Esparta, unicamente para *enganar* o pobre rei Agis e, depois, vangloriar-se de ter sido amante de uma rainha.

"Sem embargo da pequena vantagem que, quanto a esse ponto, se possa conceder aos gregos sobre os romanos, quem se der ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os do nosso tempo, reconhecerá sem esforço que nesse sentido, como em todos os outros, houve progresso. Apenas, convém não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras e que, por conseguinte, os tipos modernos que se hajam de contrapor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões e não nas pocilgas. É que a pobreza, ah! em todos os tempos e sob todos os aspectos, jamais foi bela e não o é, precisamente, para nos envergonhar e forçar-nos a um dia nos libertarmos dela.

"Não quero, pois, dizer, longe disso, que a fealdade haja desaparecido inteiramente das nossas frontes e que a marca divina se acha afinal posta em todas as máscaras que velam uma alma. Longe de mim avançar uma afirmação que muito facilmente poderia ser contestada por toda gente. A minha pretensão se limita a verificar que, num período de dois mil anos, *coisa tão pouca para uma humanidade que tanto tem de viver*, a fisionomia da espécie melhorou de maneira já sensível.

"Creio, além disso, que as mais belas figuras da antiguidade são inferiores às que podemos diariamente admirar em nossas reuniões públicas, em nossas festas e até no trânsito das ruas. Se não fosse o receio de ofender certas modéstias e também o de excitar certos ciúmes, confirmaria a evidência do fato com algumas centenas de exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo.

"Os oradores do passado enchem constantemente a boca com a famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, sem se aperceberem de que essa mesma Vênus passeia todos os domingos pelas avenidas de Arles, em mais de cinqüenta exemplares, e poucas serão as nossas cidades, sobretudo no Sul, que não possuam algumas...

"...Em tudo o que acabamos de dizer, limitamo-nos a comparar o nosso tipo atual com o dos povos que nos precederam de apenas alguns milhares de anos. Se, porém, remontarmos mais longe através das idades, penetrando nas camadas terrestres onde dormem os despojos das primeiras raças que habitaram o nosso globo, a vantagem a nosso favor se tornará de tal modo sensível que qualquer negação a esse propósito se desvanecerá por si mesma.

"Sob aquela influência teológica que deteve Copérnico e Tycho Brahe, que perseguiu Galileu e que, nestes tempos mais próximos, obscureceu por um instante o gênio do próprio Cuvier, a Ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas antediluvianas. A narrativa bíblica, admitida ao pé da letra, no mais estreito sentido, parecia haver dito a última palavra acerca da nossa origem e dos séculos que nos separam dela. Mas, a verdade, impiedosa nos seus acréscimos, acabou rompendo a veste de ferro em que a queriam aprisionar para sempre e pondo a nu formas até então ocultas.

"O homem que vivia, antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes, do urso das cavernas e de outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, numa palavra, por tão longo tempo negado, foi encontrado afinal, ficando fora de dúvida a sua existência. Os recentes trabalhos dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes[28], de Filippi e de Lyell, permitem se apreciem os caracteres físicos desse venerável avô do gênero humano. Ora, a despeito dos contos imaginados pelos poetas sobre a beleza originária; malgrado o respeito que lhe é devido, como chefe antigo da nossa raça, a Ciência é obrigada a atestar que ele era de prodigiosa fealdade.

"Seu ângulo facial não passava de 70°; suas mandíbulas, de considerável volume, eram armadas de dentes longos e salientes; tinha fugidia a fronte e as têmporas achatadas, o nariz esborrachado, largas as narinas. Em resumo, esse venerável pai devia assemelhar-se bem mais a um orangotango, do que aos seus afastados filhos de hoje; a tal ponto que, se não lhe houvessem achado ao lado as achas de sílex que fabricara e, em alguns casos, animais que ainda apresentavam traços das feridas causadas por essas armas informes, fora de duvidar-se do papel que ele desempenhava na nossa filiação terrestre. Não somente sabia fabricar achas de sílex, como também clavas e pontas de dardos, da mesma matéria.

"A galantaria antidiluviana chegava mesmo a confeccionar braceletes e colares de pedrinhas arredondadas para adorno, naqueles tempos longínquos, dos braços e pescoços do sexo encantador, que depois se tornou muito mais exigente, como todos podem testemunhar.

"Não sei o que a respeito pensarão as elegantes dos nossos dias, cujas espáduas cintilam de diamantes; quanto a mim,

28 Vejam-se as duas obras sábias de Boucher de Perthes: *Do homem antediluviano e de suas obras*, brochura in-4, 2 fr. 25, e *Dos utensílios de pedra*, brochura in-8, 1 fr. 50; *franco*, 1 fr. 75. Paris, Livraria Espírita.

confesso-o, não me posso forrar a uma emoção profunda, ao pensar nesse primeiro esforço que o homem, *mal diferenciado do bruto*, fez para agradar à sua companheira, pobre e nua como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual a sua raça há de reinar um dia. Oh! distanciados avós! se já sabíeis amar, com as vossas faces rudimentares, como poderíamos nós duvidar da vossa paternidade, ante esse sinal divino da nossa espécie?

"É, pois, manifesto que aqueles humanos informes são nossos pais, uma vez que nos deixaram traços da sua inteligência e do seu amor, atributos essenciais que nos separam da besta. Podemos, então, examinando-os atentamente, despojados das aluviões que os cobrem, medir, como a compasso, o progresso físico que a nossa espécie realizou, desde o seu aparecimento na Terra. Ora, esse progresso, que, faz pouco, podia ser contestado pelo espírito de sistema e pelos prejuízos de educação, assume tal evidência que não há mais como deixar de o reconhecer e proclamar.

"Alguns milhares de anos podiam permitir dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...

"...Quão jovens e recentes somos em todas as coisas! Ainda ignoramos o nosso lugar e o nosso caminho na imensidade do Universo e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, ainda não puderam ser reconhecidos. Crianças que somos, tenhamos um pouco de paciência e os séculos, aproximando-nos da meta, nos revelarão esplendores que, no seu afastamento, escapam aos nossos olhos apenas entreabertos.

"Mas, desde já, proclamemos em altas vozes, pois que a Ciência no-lo permite, o fato capital e consolador do progresso lento, mas seguro, do nosso tipo físico, rumo a esse ideal que os grandes artistas entreviram, graças às inspirações que o céu lhes envia, revelando-lhes seus segredos. O ideal não é produto ilusório

da imaginação, um sonho fugitivo destinado a dar, de tempos a tempos, compensação às nossas misérias. É um fim assinado por Deus aos nossos aperfeiçoamentos, fim infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer ao nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele."

Destas judiciosas observações, resulta que a forma dos corpos se modificou *em sentido determinado* e segundo uma lei, à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que, quanto mais seus instintos se aproximam da animalidade, tanto mais a forma igualmente dela se aproxima; enfim, que, à medida que os instintos materiais se depuram e dão lugar a sentimentos morais, o envoltório material, que já não se destina à satisfação de necessidades grosseiras, toma formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, de harmonia com a elevação e a delicadeza das idéias. A perfeição da forma é, assim, conseqüência da perfeição do Espírito: donde se pode concluir que o ideal da forma há de ser a que revestem os Espíritos em estado de pureza, a com que sonham os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Diz-se, de há muito, que o semblante é o espelho da alma. Esta verdade, que se tornou axioma, explica o fato vulgar de desaparecerem certas fealdades sob o reflexo das qualidades morais do Espírito e o de, muito amiúde, se preferir uma pessoa feia, dotada de eminentes qualidades, a outra que apenas possui a beleza plástica. É que semelhante fealdade consiste unicamente em irregularidades de forma, mas sem excluir a finura dos traços, necessária à expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede se pode concluir que a beleza real consiste na forma que mais afastada se apresenta da animalidade e que melhor reflete a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. Influindo o moral, como influi, sobre o físico,

que ele apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: 1º que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2º que, à medida que o homem se elevar moralmente, seu envoltório se irá avizinhando do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de um espírito fino.[29]

29 **Nota da Editora:** Na formulação dos princípios que integram o alicerce da Doutrina Espírita, Allan Kardec adotou os critérios da *universalidade* e da *concordância* ao avaliar o ensino dos Espíritos, agindo como árbitro imparcial, sóbrio, que não poupa esforços para escoimar das imperfeições humanas os fundamentos do Espiritismo.
Convencido do caráter progressivo da Doutrina Espírita, bem como da inexorabilidade da "Lei do Progresso" (*O Livro dos Espíritos*, Livro Terceiro, Cap. VIII), o Codificador buscou dotar o Espiritismo de meios eficazes para o seu aperfeiçoamento, capazes de proporcionar o aclaramento e o aprofundamento de questões tratadas apenas de forma sintética nas obras básicas. Para tanto, editou a *Revista Espírita*, publicada sob sua responsabilidade direta até desencarnar, em 1869, quando, então, ela passou a ser administrada pelos seus continuadores.
Visando àquele objetivo, Allan Kardec transformou-a numa espécie de tribuna livre, por meio da qual sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. Funcionando como terreno de ensaio, a *Revista Espírita* lhe permitia discutir alguns princípios, muitos deles sob a forma de esboços mais ou menos desenvolvidos, antes de os admitir como partes constitutivas da Doutrina.
Absolutamente convencido, no entanto, de que assuntos novos não deveriam ser introduzidos levianamente no contexto doutrinário, nem com precipitação, o Codificador evitava publicar matérias que julgava inoportunas ou prematuras, mesmo as instruções dadas pelos Espíritos, sobre pontos ainda não elucidados, esperando o momento adequado para trazê-las ao público geral.
Allan Kardec guardava em sua residência diversos manuscritos, que só vieram à luz após a sua desencarnação. Entre esses escritos havia material fragmentário, ensaios, verdadeiros esboços, aguardando,

Daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes. Mas, também pode ser que, para as gerações futuras, melhoradas, sejamos o que são os hotentotes com relação a nós. E quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, elas não os tomarão pelos de alguma espécie de animais.

Lido que foi na Sociedade de Paris, este artigo se tornou objeto de grande número de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões. Transcreveremos apenas as duas seguintes, por serem as mais desenvolvidas:

(Paris, 4 de fevereiro de 1869 – Médium: Sra. Malet)

Ponderastes com acerto que a fonte primária de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. –

possivelmente, mais ampla revisão, e que não tinham sido publicados pelo Codificador. O artigo "Teoria da Beleza", que compõe esse acervo, esboçado por Kardec, fazia parte, por certo, desse material privado, reservado, ainda sob análise e observação, material que o Codificador julgou conveniente não publicar, seguramente, entre outras razões, por não estar convencido de que retratasse uma verdade.

Todavia, esse acervo foi entregue aos seus continuadores, que houveram por bem reproduzi-lo parcialmente na *Revista Espírita*, a contar do mês de maio de 1869, antes de o publicarem integralmente em volume à parte, sob o título de *Obras Póstumas*, em 1890.

Feitas essas considerações, pode-se concluir que, além de se tratar de simples ensaio, de mero esboço, esse material não chegou a ser submetido ao critério da *universalidade* e da *concordância*. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, "Introdução", item II: Controle universal do ensino dos Espíritos.) É razoável, portanto, admitir-se que o Codificador tenha optado por não os publicar, aguardando o indispensável amadurecimento do assunto e o eventual aprimoramento e correção do texto.

Não obstante, é possível que os seus continuadores, na busca de textos para alimentarem as sucessivas edições da *Revista Espírita*, não se tenham apercebido da profundidade dos critérios adotados por Allan Kardec na publicação de seus trabalhos, a despeito dos nobres propósitos que os norteavam, quais sejam os de dar continuidade ao trabalho encetado pelo Codificador.

Finalmente, ao não lhes dar publicidade, quando encarnado, mais uma vez se patenteia o bom senso, a lógica, o zelo, a prudência e a humildade de Allan Kardec. Assim, é com senso crítico, madureza e serenidade que nos cabe analisar o assunto que acabamos de abordar.

O amor gera a beleza de todas as coisas, sendo, ele próprio, a perfeição. – O Espírito tem por dever adquirir essa perfeição, que é a sua essência e o seu destino. Ele tem que se aproximar, por seu trabalho, da inteligência soberana e da bondade infinita; tem, pois, também que revestir a forma cada vez mais perfeita, que caracteriza os seres perfeitos.

Se, nas vossas sociedades infelizes, no vosso globo ainda mal equilibrado, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda está em começo de desenvolvimento. A conexão entre essas duas belezas é fato certo, lógico e do qual já neste mundo a alma tem a intuição. Com efeito, sabeis todos quão penoso é o aspecto de uma encantadora fisionomia, cujo encanto, porém, o caráter desmente. Se ouvis falar de uma pessoa de mérito comprovado, logo lhe atribuís os mais simpáticos traços e ficais dolorosamente impressionados, quando verificais que a realidade desmente as vossas previsões.

Que concluir daí, senão que, como todas as coisas que o futuro guarda de reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima do seu tipo divino. Não busqueis tirar, da aparente decadência em que se acha a raça mais adiantada deste globo, argumentos contrários a essa afirmação. Sim, é verdade que a espécie parece degenerar, abastardar-se; sobre vós se abatem as enfermidades antes da velhice; mesmo a infância sofre as moléstias que habitualmente só se manifestam noutra idade da vida. É isso, no entanto, simples transição. A vossa época é má; ela acaba e gera: acaba um período doloroso e gera uma época de regeneração física, de adiantamento moral, de progresso intelectual. A nova raça, de que já falei, terá mais faculdades, mais recursos para os serviços do espírito; será maior, mais forte, mais bela. Desde o princípio, por-se-á de harmonia com as riquezas da Criação que a vossa raça, descuidosa e fatigada, desdenha ou ignora. Ter-lhes-eis feito grandes coisas, das quais ela aproveitará, avançando pela estrada das descobertas e

dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril cujo poder desconheceis.

Mais adiantados também em bondade, os vossos descendentes farão desta infeliz terra o que não haveis sabido fazer: um mundo ditoso, onde o pobre não será repelido, nem desprezado, mas socorrido por vastas e liberais instituições. Já desponta a aurora dessas idéias; chega-nos, por momentos, a claridade delas.

Amigos, eis afinal o dia em que a luz brilhará na Terra obscura e miserável, em que a raça será boa e bela, de acordo com o grau de adiantamento que haja alcançado, em que o sinal posto na fronte do homem já não será o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, os Espíritos adiantados virão, em multidões, tomar lugar entre os colonos deste globo; estarão em maioria e tudo lhes cederá ao passo. Far-se-á a renovação e a face do globo será mudada, porquanto essa raça será grande e poderosa e o momento em que ela vier assinalará o começo dos tempos venturosos.

Pamphile

(Paris, 4 de fevereiro de 1869)

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão muito discutível e muito discutida. Para a apreciarmos bem, precisamos estudá-la como amador desinteressado. Aquele que estiver sob o encantamento não pode ter voz no capítulo. Também entra em linha de conta o gosto de cada um, nas apreciações que se fazem.

Belo, realmente belo só é o que o é sempre e para todos; e essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina em seus aspectos incessantemente variados; é Deus em suas obras e nas suas leis! Eis aí a única beleza absoluta. É a harmonia das

harmonias e tem direito ao título de absoluta, porque nada de mais belo se pode conceber.

Quanto ao que se convencionou chamar belo e que é verdadeiramente digno desse título, não deve ser considerado senão como coisa essencialmente relativa, porquanto sempre se pode conceber alguma coisa mais bela, mais perfeita. Somente uma beleza existe e uma única perfeição: Deus. Fora dele, tudo o que adornarmos com esses atributos não passa de pálido reflexo do belo único, de um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da Criação.

Há tantas harmonias, quantos objetos criados, quantas belezas típicas, por conseguinte, determinando o ponto culminante da perfeição que qualquer das subdivisões do elemento animado pode alcançar. – A pedra é bela e bela de modos diversos. – Cada espécie mineral tem suas harmonias e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a maior soma de beleza que a espécie possa alcançar.

A flor tem suas harmonias; também ela pode possuí-las todas ou insuladamente e ser diferentemente bela, mas somente será bela quando as harmonias que concorrem para a sua criação se acharem harmonicamente fusionadas. – Dois tipos de beleza podem produzir, por fusão, um ser híbrido, informe, de aspecto repulsivo. – Há então cacofonia! Todas as vibrações, insuladamente, eram harmônicas, mas a diferença de tonalidade entre elas produziu um desacordo, ao encontrarem-se as ondas vibrantes; *daí o monstro!*

Descendo a escala criada, cada tipo animal dá lugar às mesmas observações e a ferocidade, a manha, até a inveja poderão dar origem a belezas especiais, se estiver sem mistura o princípio que determina a forma. A harmonia, mesmo no mal, produz o

belo. Há o belo satânico e o belo angélico; a beleza enérgica e a beleza resignada.

Cada sentimento, cada feixe de sentimentos, contanto que seja harmônico, produz um particular tipo de beleza, cujos aspectos humanos são todos, não degenerescências, mas esboços. É, pois, certo dizermos, não que somos mais belos, porém que nos aproximamos cada vez mais da beleza real, à medida que nos elevamos para a perfeição.

Todos os tipos se unem harmonicamente no perfeito. Daí o ser este o belo absoluto. – Nós que progredimos possuímos apenas uma beleza relativa, debilitada e combatida pelos elementos desarmônicos da nossa natureza.

Lavater

Allan Kardec

Aos Espíritas

CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE ANÔNIMA SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL E CENTRAL DO ESPIRITISMO[30]

Quando a morte feria tão cruelmente a grande família espírita na pessoa de seu chefe venerado, todos nós perdíamos um guia eminente e devotado, consagrando na prática os princípios tão sábia e solidamente elaborados durante quinze anos de assíduo trabalho. A Sra. Allan Kardec perdia ainda mais, porque era privada inopinadamente do companheiro de toda a sua vida, do amigo

30 O ato da Sociedade, de 3 de julho de 1869, acha-se anexado à declaração feita em 22 do mesmo mês, perante um tabelião de Paris, na qual consta que o capital social de fundação está inteiramente subscrito e liberado.

dedicado a quem devia toda a sua felicidade. Ferida em suas mais caras afeições, por certo nada podia preencher o imenso vazio cavado ao seu lado pela partida do mestre; mas, se havia alguma coisa capaz de fortalecer sua coragem e suavizar as amarguras de sua saudade, era, com toda certeza, as inúmeras e calorosas marcas de simpatia que lhe foram dadas por todos os espíritas, da França e do estrangeiro, e que a tocaram profundamente.

Na impossibilidade material de responder a todos, mais uma vez ela nos encarrega de lhes transmitir aqui a expressão de seu vivo reconhecimento e de toda a sua gratidão.

Os testemunhos de que foi objeto são, para ela, estímulos poderosos e bem doces compensações, e que lhe ajudam a suportar as dificuldades e as fadigas de toda natureza, inseparáveis da pesada tarefa a que se impôs. Ninguém duvida de que, se ela só tivesse dado ouvidos aos seus interesses pessoais, poderia facilmente garantir a sua tranqüilidade e o seu repouso, deixando as coisas seguir por si mesmas e se mantendo à margem; mas, colocando-se de um ponto de vista mais elevado e, aliás, guiada pela certeza de que podia contar com o Sr. Allan Kardec, para continuar a via traçada, a obra moralizadora que foi o objeto de toda a sua solicitude durante os últimos anos de sua vida, ela não hesitou um só instante. Profundamente convicta da verdade dos ensinos espíritas, não poderia, diz ela, melhor empregar o tempo que ainda deve passar na Terra, antes de reunir-se no espaço com o coordenador por excelência da nossa consoladora filosofia, senão assegurando a vitalidade do Espiritismo no futuro.

Aliás, nas circunstâncias atuais, é evidente que lhe cabe, mais do que a qualquer outro, realizar material e moralmente, na medida do possível, os planos do Sr. Allan Kardec, pois só ela dispõe dos elementos indispensáveis para determinar solidamente as suas bases constitutivas.

Aos que se admirassem da aparente lentidão com que foram elaborados os seus planos, lembraríamos que a Sra. Allan Kardec teve que suportar as numerosas formalidades a que dão lugar as sucessões; que devia, assim como seus conselheiros, estudar com cuidado o *espírito* desses planos e se prender especialmente à execução das partes atualmente praticáveis, contando com o futuro para a sua realização integral, à medida que surgissem novas necessidades. Deixamos à apreciação de todos que têm o hábito dos negócios, a atividade real que ela precisou desdobrar para, em meio a dificuldades de toda ordem, elaborar um projeto que o Sr. Allan Kardec tencionava executar ao longo do tempo, com recursos intelectuais que nenhum de nós poderia dispor.

Decidida a agir, a Sra. Allan Kardec apressou-se em comunicar suas idéias a vários espíritas de Paris e da província, escolhidos entre os mais conceituados em Espiritismo, por seus atos e por seus dons, ou que tinham sido designados especialmente pelo Sr. Allan Kardec para o auxiliarem em seu *trabalho quotidiano*, a fim de constituírem a organização primitiva que ele desejara fundar pessoalmente.

É esta decisão, tomada em conjunto com aqueles senhores, que a Sra. Allan Kardec vem hoje tornar pública aos espíritas.

Após madura e séria deliberação, foi decidido que era mais urgente formar uma base de associação comercial, como o único meio legal possível para se conseguir fundar qualquer coisa durável.

Em conseqüência, ela estabeleceu, com o concurso de seis outros espíritas, uma sociedade anônima de capital variável, com duração de 99 anos, em conformidade com as previsões do Sr. Allan Kardec, que há pouco se exprimia a respeito, nos seguintes

termos (*Revista* de dezembro de 1868): "Para dar a esta instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, receber e possuir, ela será constituída, *se for julgado necessário*, por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, prorrogável indefinidamente, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa afastar-se de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação."

"Pág. 390. – A administração pode, no começo, organizar-se em menor escala; o número de membros da comissão poderá ser limitado provisoriamente a cinco ou seis, o pessoal e os gastos administrativos reduzidos ao mínimo possível, salvo para proporcionar o desenvolvimento pelo acréscimo dos recursos e das necessidades da causa."

Se a Sra. Allan Kardec não propôs a um maior número de espíritas a fundação desta Sociedade, foi porque, salvo as razões enunciadas acima, a lei exige formalidades que implicam em deslocamentos e negociações sem número que, certamente, teriam retardado por longo tempo a sua constituição definitiva. Ela está certa de que, mais tarde, inúmeras adesões virão concorrer para a obra. Antes de tudo, era preciso estabelecer um centro de ligação, onde se pudessem reunir os recursos intelectuais e materiais espalhados no mundo inteiro. Estabelecido este centro, cabe aos que lhe compreenderem a urgência, e cujo ativo devotamento aos nossos princípios não pode ser posto em dúvida, assegurar o seu concurso em bases sólidas e indestrutíveis.

Estamos felizes por constatar que, longe dos milhões que teria adquirido com o Espiritismo, como tantas vezes o acusaram, foi com os seus próprios recursos, com o fruto dos seus labores e das suas vigílias, que o Sr. Allan Kardec proveu à maior parte das necessidades materiais de implantação do Espiritismo. A isso consagrou inteiramente o produto de suas obras, que,

certamente, poderia dispor como justa remuneração por seus trabalhos, embora não desviasse nenhuma parcela em seu proveito pessoal. Os que o ajudaram a propagar as suas obras também contribuíram, indiretamente, para o desenvolvimento da Doutrina, já que o seu produto interessa ao Espiritismo, e não a um indivíduo.

Animada dos mesmos sentimentos e querendo concorrer pessoalmente para a obra, a Sra. Allan Kardec virá, por suas últimas disposições, aumentar ainda mais os recursos do fundo comum. Assim, ela terá dado nobremente o exemplo, cumprindo seu dever de espírita devotada e feliz por satisfazer aos desejos daquele cujos trabalhos e dificuldades ela compartilhou.

Com o fito de satisfazer ao legítimo desejo dos nossos leitores, julgamos um dever publicar na *Revista* diversos extratos do ato da Sociedade, visando, sobretudo, a tornar explícitas as cláusulas de interesse geral, de modo a não lhes deixar nenhuma dúvida quanto ao objetivo e à estabilidade da Sociedade.

Objetivo – Denominação – Duração – Sede da Sociedade

A Sociedade Anônima tem por objetivo tornar conhecido o Espiritismo por todos os meios autorizados pelas leis. Tem por base a continuação da *Revista Espírita*, fundada pelo Sr. Allan Kardec, a publicação das obras deste último, aí inclusas as suas obras póstumas e todas as obras que tratam do Espiritismo.

Ela toma a denominação de: *Sociedade Anônima sem fins lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e Central do Espiritismo*.

A duração da Sociedade é fixada em noventa e nove anos, a contar de sua constituição definitiva, que deve ocorrer no corrente mês de agosto.

Atualmente a sede da Sociedade é: 7, rue de Lille.

O fundo social, capital de fundação, é fixado em 40.000 francos. É susceptível de aumento, notadamente pela admissão de novos societários.

Esse capital, inteiramente subscrito a partir de hoje, está dividido em quarenta partes de 1000 francos cada uma.

A lei autoriza o aumento de capital na proporção de 200.000 francos por ano.

Em nenhum caso o fundo social poderá ser diminuído pela retomada total ou parcial das contribuições efetuadas.

Cada parte é indivisível, não reconhecendo a Sociedade senão um proprietário para cada uma delas.

Administração da Sociedade

A Sociedade é administrada por uma comissão de três membros, *no mínimo*, nomeados pela assembléia-geral dos associados e escolhidos entre estes.

Os administradores devem ser proprietários, durante toda a duração de seu mandato, de pelo menos duas cotas partes, oferecidas como garantia de sua gestão e inalienáveis até a apuração final de suas contas.

A comissão é nomeada por seis anos, revogável pela assembléia-geral e reelegível indefinidamente.

Os administradores terão um honorário fixo de 2.400 francos por ano, e uma parte nos benefícios.

Esta parte de benefícios, mais o honorário fixo, jamais devem exceder a 4.000 francos.

Dos comissários-fiscais

Anualmente é nomeada uma comissão de fiscais de *no mínimo* dois membros, entre os associados ou fora destes.

Eles comparecerão à sede social sempre que julgarem conveniente, tomando notas dos livros e dedicando-se ao exame das operações da Sociedade.

Eles convocam a assembléia-geral em caso de urgência. Os recrutados fora da Sociedade têm voz deliberativa, exercendo, numa palavra, a fiscalização e fazendo os contatos determinados por lei com a assembléia-geral.

Das assembléias-gerais

A assembléia-geral regularmente constituída representa todos os associados.

Em julho se realiza uma assembléia-geral ordinária. – Ela delibera soberanamente sobre os interesses da Sociedade.

Conforme os casos, as deliberações são tomadas por unanimidade, ou por dois terços da maioria dos membros presentes.

O presidente e o secretário são escolhidos em cada sessão.

As deliberações são consignadas em atas e devidamente registradas.

A assembléia-geral delibera especialmente sobre os pedidos de admissão de novos associados, sobre as modificações estatutárias, sobre a nomeação ou a exoneração dos administradores e sobre a nomeação dos comissários fiscais.

Estados de situação – Inventário – Benefícios

O ano social começa em 1º de abril e termina em 31 de março.

A cada seis meses os administradores apresentam um resumo da situação ativa e passiva da Sociedade.

No final de cada ano social é feito um inventário, o qual é posto à disposição dos associados.

Sobre os benefícios líquidos, retêm-se:

1º – 1/20 para o fundo de reserva legal;

2º – 3% do fundo social para ser pago a cada parte;

3º – 10% para os administradores assalariados, mas sem que esses 10%, reunidos ao honorário fixo, possam ultrapassar 4.000 francos;

4º – O excedente dos benefícios líquidos retorna ao fundo social.

Fundos de reserva

O fundo de reserva compõe-se:

1º – Da acumulação das somas retidas sobre os benefícios líquidos anuais;

2º – De todos os donativos legalmente feitos à Sociedade, seja a que título for.

Ele é destinado ao reembolso do capital nos casos previstos pelos estatutos.

Quando esses fundos de reserva atingirem a décima parte do fundo social, a retirada dos benefícios líquidos determinados em sua criação poderá deixar de lhe aproveitar e ser aplicado quer no aumento do capital, quer nas despesas no interesse do Espiritismo.

Somente a assembléia-geral poderá regular o emprego dos capitais pertencentes ao fundo de reserva.

Dissolução – Liquidação

Em caso de perda de três quartos do capital, qualquer associado poderá solicitar a dissolução da Sociedade perante os tribunais.

A Sociedade não se dissolverá pela morte, aposentadoria, interdição, falência ou insolvência de um dos associados, continuando a existir de pleno direito entre os demais associados.

Em razão da ocorrência de um uma dessas causas, o capital será reembolsado àqueles a quem por direito pertence alguma coisa, à taxa de 1.000 francos para cada parte, no curso de cinco anos a partir do dia da perda da qualidade de associado, com juro de 5%. Este reembolso será efetuado com os capitais do fundo de reserva.

Nenhum associado poderá retirar-se em vida da Sociedade, a menos que admita um cessionário para a assembléia-geral anual. – A resolução é tomada por unanimidade dos membros presentes.

A duração da Sociedade pode ser prorrogada além do termo de 99 anos.

Tais são os principais artigos dos estatutos da Sociedade. Temos certeza de que o desinteresse absoluto que moveu seus fundadores será apreciado em seu justo valor por todo observador consciencioso. Aliás, é fácil constatar-se, se nos reportarmos à constituição transitória do Espiritismo, publicada pelo Sr. Allan Kardec no número de dezembro de 1868, que a Sociedade deixou-se guiar unicamente e absolutamente pelo *espírito* dessa constituição. Limitou-se ao estritamente necessário, às necessidades urgentes, já que não esqueceu, conforme os preceitos do mestre, que em tudo é preciso pedir conselho às circunstâncias, e que querer apoiar prematuramente certas instituições especiais na Doutrina, seria expor-se a fracassos certos, cuja impressão seria desastrosa e que teriam como resultado provável, se não destruir uma filosofia imperecível, ao menos retardar por longo tempo a sua propagação definitiva.[31] Certamente, em casos semelhantes, os nossos adversários não deixariam de imputar à incapacidade da Doutrina um insucesso que, no entanto, resultaria apenas da imprevidência.

"*Por não saberem esperar, a fim de chegarem no momento exato,* diz o Sr. Allan Kardec (*Revista* de dezembro de 1868), *os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, hão comprometido as melhores causas.*

"Não se pode pedir às coisas senão o que elas podem dar, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em toda a sua pujança. O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; *os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá.*"

31 A questão das instituições espíritas foi especialmente tratada na *Revista* de julho de 1866. A ela enviamos os nossos leitores para maior desenvolvimento.

Como é fácil notar, a base das operações da Sociedade será, antes de tudo, a livraria especialmente fundada com o objetivo de escoimar as obras fundamentais da Doutrina das condições onerosas do comércio ordinário, delas fazendo objeto de publicações populares de baixo custo. Este foi sempre o mais vivo desejo do Sr. Allan Kardec que, a respeito, se expressava nos seguintes termos:

"Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina tenham um preço tão elevado para grande número de leitores, e pensam, com razão, que se fossem feitas edições populares a baixo custo, estariam muito mais espalhadas, com o que ganharia a Doutrina.

"Estamos completamente de acordo; mas, no estado atual das coisas, as condições em que são editadas não permitem que o seja de outro modo. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com o auxílio de uma *nova combinação* que se ligue ao plano geral de organização. Mas essa operação não pode ser realizada senão em vasta escala; só de nossa parte exigiria capitais que não possuímos e cuidados materiais, que os nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. É por isto que a parte comercial propriamente dita foi negligenciada ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, é que as obras fossem feitas e assentadas as bases da Doutrina.

"Aos que perguntaram por que vendíamos nossos livros, em vez de os doar, respondemos que o faríamos se tivéssemos encontrado impressor que no-los imprimisse a troco de nada, negociante que nos fornecesse papel grátis, livreiros que não exigissem nenhuma comissão para se encarregarem de distribuí-los, uma administração dos correios que os transportasse por filantropia, etc. Enquanto esperamos, e como não temos milhões para subvencionar esses encargos, somos obrigados a lhes dar um preço.

"Um dos primeiros cuidados da comissão será ocupar-se das publicações, desde que seja possível, *sem esperar poder fazê-lo com a ajuda da receita;* os fundos destinados a este uso não serão, na realidade, senão um adiantamento, pois que voltarão pela venda das obras, cujo produto retornará ao fundo comum."

As operações necessárias, tendo como objetivo reunir nas mãos da Sociedade Anônima todas as obras fundamentais da Doutrina e, em geral, todas as que podem ser de interesse capital para os estudos espíritas, não tomarão senão um certo tempo, exigindo o remanejamento de fundos relativamente consideráveis. Segundo o desejo do Sr. Allan Kardec, é a esta providência, cuja importância é evidente para todos, que se consagrarão em primeiro lugar os membros fundadores da Sociedade.

Entre as atribuições atualmente praticáveis da Sociedade Anônima, é preciso considerar, igualmente, o cuidado de reunir todos os documentos capazes de interessar aos espíritas, de determinar o movimento progressivo da Doutrina e de continuar com os nossos correspondentes da França e do estrangeiro as relações amigáveis e benévolas que eles entretinham com o centro, relações que, por sua extensão e múltiplo objeto, não podiam mais repousar na cabeça de um indivíduo. – Tal é, ainda, uma das importantes considerações que levaram o Sr. Allan Kardec a substituir uma direção única pela comissão central, uma coletividade inteligente, cujas atribuições seriam definidas de maneira a não dar lugar a arbitrariedades.

"Fica bem entendido, dizia ele a propósito, que aqui se trata de uma autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer.

"Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários,

sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

"Há, igualmente, numa entidade coletiva, uma garantia de estabilidade que não existe, quando tudo recai sobre uma única cabeça. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente; embora perca um ou vários de seus membros, nada periclita.

"Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito a todas as opiniões, que o Espiritismo professa, não pretendemos impor esta organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a se submeter a ela. Nosso objetivo é estabelecer um primeiro laço entre os espíritas, que o desejam desde muito tempo e se lastimam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo ficaria em estado de opinião individual, sem coesão, só pode existir com a condição de se religar a um centro por uma comunhão de vistas e de princípios. Este centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral e na qual a autoridade pessoal se apaga."

Os fundadores da Sociedade anônima estão de tal modo persuadidos de que o Espiritismo não pode nem deve residir numa só personalidade, que, para evitar o perigo de vê-lo servir de trampolim à ambição de um só ou de alguns, e dele fazer um objeto qualquer de especulação pessoal, convidam os espíritas, com veemência, a fazerem abstração dos indivíduos. Nunca seria demais lhes recomendar que enviem suas cartas, seja qual for o seu objeto, à administração da Sociedade Anônima, sem qualquer designação pessoal. A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

Todavia, e para reduzir as diligências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas endereçadas à Sociedade deverão ser dirigidos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a vigilância da comissão de administração da Sociedade.

Aos que se admirarem de ver uma Sociedade fundada com objetivo eminentemente filantrópico e moralizador constituir-se sobre as bases ordinárias das sociedades comerciais, observaremos que, legalmente, não se pode fundar nenhuma sociedade desse tipo sem fins lucrativos. Aliás, por força de um artigo especial relativo às modificações a serem feitas nos estatutos, a Sociedade estará sempre habilitada a marchar com os acontecimentos, a modificar-se e a transformar-se, se as circunstâncias lho permitirem ou se o interesse do Espiritismo nisso vir uma necessidade.

Quanto aos honorários dos administradores, à justa remuneração de seu trabalho, além de pouco elevados para não ensejarem cobiça, estão plenamente e inteiramente justificados pela seguinte passagem da *Revista* de dezembro de 1868:

"São em grande número, como se vê, as atribuições da comissão central, para necessitarem de uma verdadeira administração. Tendo cada um de seus membros funções ativas e assíduas, se apenas a constituíssem homens de boa vontade, os trabalhos seriam prejudicados, porquanto ninguém teria o direito de censurar os negligentes. Para regularidade dos trabalhos e normalidade do expediente, necessário se torna contar com homens de cuja assiduidade se possa estar certo e que não considerem suas funções como simples ato de comprazer. De quanto mais independência eles forem senhores, pelos seus recursos pessoais, tanto menos se deixarão prender por ocupações assíduas; se não dispuserem de tempo, não poderão consagrá-lo àquelas funções. Importa, pois, que sejam retribuídos, assim como

o pessoal administrativo. Com isso a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, do mesmo passo que constituirá um meio a prestar serviços a pessoas que dela necessitem."

As diversas cláusulas concernentes ao reembolso do capital, em caso de aposentadoria ou de morte de um associado, são bastante explícitas, de modo que não nos parece útil comentá-las. Apenas lembraremos que tais reembolsos, por certo bastante excepcionais e efetuando-se sobre o fundo de reserva, jamais poderão diminuir o capital da Sociedade.

Se um associado se retirar voluntariamente, não haverá nenhum prejuízo à integralidade do capital, pois que, nesse caso, o associado deverá admitir um cessionário de suas perdas, que, ao ser admitido, entrará com a soma retirada pelo demissionário. Talvez objetem que haja neste parágrafo uma causa de perigo para a vitalidade da Sociedade, por permitir a pessoas estranhas ao Espiritismo nela introduzir-se, trazendo elementos de perturbação e de desorganização; mas tal perigo foi previsto e afastado, pois a admissão dos cessionários só é decidida na assembléia-geral, e pela unanimidade dos membros presentes.

Como dissemos no início, as providências legais e a necessidade de deslocamento foram as únicas razões que nos obrigaram a limitar o número dos fundadores ao menor número possível.

A Sociedade que, antes de tudo, deseja realizar os desígnios do Sr. Allan Kardec, satisfazendo aos desejos da maioria, ficará feliz com as adesões que obterá e com os associados e comissários-fiscais que encontrará entre os espíritas, conhecidos pelo seu devotamento à causa e por sua participação em sua incessante propagação.

A Sociedade constituiu-se em Paris porque é preciso a toda fundação séria uma sede de operação determinada, mas os

membros que a constituírem e a ela se associarem, evidentemente poderão, à medida que ela se desenvolver, pertencer a todos os centros que reconhecerem a sua autoridade e aceitarem os seus princípios.

Mas, qual será a extensão das operações da Sociedade Anônima? Não poderíamos responder melhor a esta questão do que citando textualmente as reflexões que, a propósito, expendeu o Sr. Allan Kardec:

"Qual será a extensão do círculo de atividades desse centro? É destinado a reger o mundo e a tornar-se o árbitro universal da verdade? Se tivesse essa pretensão, seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isso mesmo que proclama os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repudia a idéia de se erigir em autocracia; desde o começo entraria numa senda fatal.

"O Espiritismo tem princípios que, em razão de se fundarem nas leis da Natureza, e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e certamente tornar-se-ão um dia, os da universalidade dos homens. Todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo em toda parte seja organizado da mesma maneira, que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder, que deverão esperar a luz de um ponto fixo, para o qual deverão fixar o olhar, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra um dia não formem senão uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetidas aos mesmos costumes. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos hábitos, aos caracteres e aos climas de cada uma.

"Assim será com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. Poderão, pois, se formar, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em outros países, sem outro laço além da comunhão de crença e a solidariedade moral, sem subordinação de um ao outro, sem que o da França, por exemplo, tenha a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e reciprocamente."

Finalmente, resta-nos explicar o emprego dos fundos da caixa geral que não fazem parte do capital social e que se compõem dos donativos feitos até hoje com o fito de concorrer à propagação dos princípios do Espiritismo. A Sociedade Anônima não tem dúvida de que realizará o desejo dos doadores, aplicando a quota dessas doações à constituição do fundo de reserva, conformemente aos artigos dos estatutos que determinam seu objetivo.

A esse respeito, para liberar completamente a Sra. Allan Kardec e a Sociedade, cumprimos o dever de publicar a lista das somas recebidas e dos nomes dos subscritores, a fim de que aqueles cujas intenções não tivessem sido bem compreendidas e que desejassem dar outra destinação a seus fundos, possam dirigir suas reclamações à Sociedade.

Estamos contentes pela oportunidade, aqui encontrada, de transmitir os nossos agradecimentos e sinceros cumprimentos a todos os que, material e moralmente, se empenharam pela constituição definitiva do Espiritismo.

Listas das subscrições depositadas na Caixa Geral para a propagação do Espiritismo

1868 – Dezembro	20 – Grupo Mendy, de Nancy	60,00
1869 – Janeiro	7 – D..., de Angers	5,00
	8 – J... e B..., de Paris	10,00
	8 – Ch..., de Paris	20,00
	9 – Guilbert..., de Rouen	1.000,00
	11 – D..., de Toulouse	10,00
	16 – F…, de Saint-Étienne	10,00
	29 – Sra. Al…, de Meschers	20,00
Fevereiro	1º – B…, de Dijon	10,00
	8 – De Th.	2,75
	27 – Hug..., de Guadalupe	50,00
	27 – Os espíritas da ilha de Oléron	50,00
Março	2 – Y..., de Paris,	500,00
	16 – Grupo Fr..., de Poitiers	26,00
	19 – C..., de Toulon	30,00
Abril	16 – X..., de Béthune	2,20
	16 – Cr..., de Paris	100,00
	16 – F..., de Guerche (Cher)	5,00

	16 – Grupo de Saint-Jean-d'Angely ...	20,00
	19 – M..., de Cognac	2,00
	23 – Diversos	1,00
Maio	7 – De V..., ...	20,00
	14 – Sociedade de Constantina	5,00
	22 – D..., de Philippeville	20,00
	28 – Sociedade Espírita de Rouen, presidente, Sr. Guilbert	1.000,00
	29 – Sociedade Espírita de Toulouse ..	224,50
Junho	10 – Grupo Espírita da Paz, de Liège .	20,00
	Total das somas recebidas	3.323,45
	Despesas diveras	3,00
	Em caixa, em 1º de agosto	3.320,45

A esses valores devemos acrescentar o produto da brochura publicada pelo Sr. C... sob o título de: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*, cuja totalidade é destinada pelo autor para aumentar os meios de ação da Sociedade anônima.

Bom número dos nossos irmãos da província e do estrangeiro se desdobrou para concorrer, através de seus donativos, à elevação do monumento fúnebre que o Espiritismo se propõe construir em memória do Sr. Allan Kardec; cumprimos também

um dever de lhes testemunhar a nossa profunda gratidão. Numerosas cartas de adesão à determinação tomada a esse respeito nos foram dirigidas, bem como proposições de modificações de diversas naturezas. Essa correspondência, que constitui objeto de um dossiê especial, será submetida, em tempo oportuno, à apreciação da comissão que será nomeada para tal efeito.[32]

Como se vê, a Sociedade se preocupa principalmente em assegurar a vitalidade do Espiritismo e de o livrar da usurpação do orgulho e da especulação. Reunirá todos os sufrágios? não terá de lutar contra a ambição dos que querem ligar seu nome a uma inovação qualquer? Ninguém pode gabar-se de contentar todo o mundo. O desejo da Sociedade, e esperamos não nos decepcionar, é satisfazer à vontade da maioria, permanecendo na senda traçada.

Quanto aos dissidentes, às críticas, sejam quais forem, dir-lhes-emos, como o Sr. Allan Kardec: "O que vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar de vosso lado? Quem vos proíbe de publicar vossas obras? A publicidade vos está aberta, como a todo o mundo; dai algo de melhor do que existe e ninguém se oporá; sede mais bem apreciados pelo público e ele vos dará a preferência.

"Pelo fato de a Doutrina não se embalar em fatos irrealizáveis para o presente, não significa que se imobilize no presente. Apoiada exclusivamente nas leis da Natureza, não pode variar mais do que essas leis; mas, se uma nova lei se descobrir, a ela se aliará; não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se; assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, seja qual for a ordem a que pertençam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

32 As subscrições para o monumento do Sr. Allan Kardec devem ser dirigidas aos cuidados da Sociedade Anônima, ao Sr. Bittard, 7, rue de Lille.

"A verdade absoluta é eterna e, por isto mesmo, invariável. Mas, quem pode lisonjear-se de a possuir inteiramente? No estado de imperfeição dos nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso amanhã pode ser reconhecido verdadeiro, em conseqüência da descoberta de novas leis; assim é na ordem moral, como na ordem física. É contra esta eventualidade que a Doutrina jamais deve ser pega de surpresa. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será, como temos dito, a garantia de sua perpetuidade e sua unidade será mantida precisamente porque não repousa no princípio da imobilidade. Em vez de ser uma força, a imobilidade se torna uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral; rompe a unidade, porque os que querem ir avante se separam dos que se obstinam em ficar atrás. Mas, seguindo o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e se precaver contra os devaneios das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

"Compreende-se que uma doutrina assentada em tais bases deve ser realmente forte; desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a levar a Doutrina Espírita.

"Aliás, a experiência já justificou esta previsão. Tendo marchado sempre neste caminho desde a sua origem, a Doutrina avançou constantemente, mas sem precipitação, olhando sempre se o terreno onde pisa é sólido e medindo seus passos no estado da opinião. Ela fez como o navegante, que só marca com a sonda à mão e consultando os ventos."

Variedades

O ÓPIO E O HAXIXE

Escrevem de Odessa a um dos nossos assinantes da Rússia, neste momento em Paris:

"Se assistirdes a uma sessão espírita na casa do Sr. Allan Kardec, proponde, eu vos peço, a questão tão interessante sobre os efeitos do ópio e do haxixe. Os Espíritos aí têm uma participação qualquer? Que se passa na alma, cujas faculdades parecem triplicar-se? Supõe-se que se separe quase inteiramente do corpo, desde que basta pensar numa coisa para vê-la aparecer, e sob formas tão distintas que se a tomaria pela realidade. Deve haver aí uma analogia qualquer com a fotografia do pensamento, descrita na *Revista Espírita* de junho de 1868, e em *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XIV. Entretanto, nos sonhos provocados pelo haxixe, por vezes se vêem coisas em que jamais se pensou e, quando se pensa num objeto qualquer, ele vos aparece em proporções exageradas, impossíveis. Pensais numa flor e logo se elevam diante de vós montanhas de flores que passam, desaparecem e reaparecem aos vossos olhos com uma rapidez assustadora, uma beleza e uma vivacidade de cores de que não se pode fazer nenhuma idéia. Pensais numa melodia e ouvis uma orquestra inteira. Lembranças há muito esquecidas vos acorrem à memória como se fossem de ontem.

"Li bastante sobre o haxixe, entre outras a obra de Moreau de Taur. O que mais me agradou foi a descrição que dele dá um sábio médico inglês (o nome me escapa), e que fez experiências consigo mesmo. As que fiz com alguns de meus amigos só foram bem-sucedidas em parte, o que provavelmente se devia à qualidade do haxixe."

Tendo sido lida esta carta na Sociedade de Paris, o Espírito Morel Lavallée fê-la objeto da dissertação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869)

O ópio e o haxixe são anestésicos muito diferentes do éter e do clorofórmio. Enquanto estes últimos, suprimindo momentaneamente a aderência do perispírito ao corpo, provocam

um *desprendimento particular* do Espírito, o haxixe e o ópio condensam os fluidos perispirituais e diminuem a sua flexibilidade, soldando-os, por assim dizer, ao corpo e acorrentando o Espírito ao organismo material. Neste estado, as variadas e numerosas visões que se produzem sob a excitação dos desejos do Espírito, pertencem à ordem dos sonhos puramente materiais. O fumante do ópio adormece para sonhar e sonha como deseja, material e sensualmente. O que vê são panoramas particulares de embriaguez, provocados pela substância que ingeriu. Ele não é livre: está ébrio e, como na embriaguez alcoólica, o pensamento dominante do Espírito, tomando uma forma imutável, distinta, sensível, aparece e varia conforme a fantasia do dorminhoco.

Se a sensação desejada se acha centuplicada no resultado, isto se deve a que o Espírito, não tendo mais a força e a liberdade necessárias para medir e limitar seus meios de ação, age para obter o objeto de seus desejos com uma potência centuplicada, em razão de seu estado anormal. Não sabe mais regular seu modo de ação sobre o fluido perispiritual e sobre o corpo. Daí a diferença de potência entre o efeito produzido e o desejo que o provoca.

Como já se disse, no sonho espiritual o Espírito, destacado do corpo, vai recolher realidades de que muitas vezes não guarda senão uma lembrança confusa. Na embriaguez devida aos elementos opiáceos ele se encerra em sua prisão material, na qual a mentira e a fantasia, materializadas, se dão as mãos.

Desprendimento real, útil, normal, só o é o do Espírito desejoso de avançar na ordem moral e intelectual. Os sonos provocados, sejam quais forem, são sempre entraves à liberdade do Espírito e uma ameaça para a segurança corporal.

O éter e o clorofórmio que, em certos casos, podem provocar o desprendimento espiritual, exercem uma influência particular sobre a natureza das relações corporais. O Espírito

escapa do corpo, é certo, mas nem sempre tem uma noção extremamente clara dos objetos exteriores. Na embriaguez devida ao ópio, tem-se um Espírito sadio encerrado num corpo ébrio e submetido às sensações superexcitadas desse corpo. No desprendimento pelo éter, nós nos defrontamos com um Espírito ébrio perispiritualmente e subtraído à ação corporal. O ópio embriaga o corpo; o éter e o clorofórmio embriagam o perispírito; são dois estados de embriaguez diferentes, cada um entravando, de modo diverso, o livre exercício das faculdades do Espírito.

Dr. Morel Lavallée

Observação – Notável sobre vários pontos de vista, tanto pela clareza e pela concisão do estilo, quanto pela originalidade e novidade das idéias, esta instrução nos parece destinada a tornar conhecida uma questão até aqui pouco estudada.

Se se admite facilmente a embriaguez corporal ou sensual, de que os fatos da vida diária oferecem tão numerosos exemplos, o estudo da embriaguez perispiritual, se é que existe, parece, à primeira vista, subtrair-se às investigações dos pensadores. Algumas reflexões a respeito, simples expressão de nossa opinião pessoal, talvez não sejam despropositadas aqui.

Nenhum espírita duvida de que o homem, em seu estado normal, seja um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. "Se, na existência terrestre, esses três princípios estão constantemente frente a frente, eles devem necessariamente reagir um sobre o outro, e de seu contato resultará a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial." (*Revista Espírita* de 1867: *As três causas principais das doenças*.)

A embriaguez, seja qual for, aliás, a sua causa e sede, é uma doença passageira, uma ruptura momentânea do equilíbrio orgânico e da harmonia geral que lhe é conseqüente. O ser todo

inteiro, momentaneamente privado da razão, aos olhos do observador apresenta o triste espetáculo de uma inteligência sem direção, entregue a todas as inspirações de uma imaginação vagabunda, que não vem mais governar e moderar a vontade e o julgamento. – Seja qual for a natureza da embriaguez, este será sempre, em todos os casos, o seu resultado aparente.

Sob o império da embriaguez, o homem se assemelha a um aparelho telegráfico desorganizado numa de suas partes essenciais, que só transmite despachos incompreensíveis, ou mesmo não transmitirá absolutamente nada, esteja a causa da desordem no aparelho produtor, no receptor ou, enfim, no aparelho de transmissão.

Se agora examinarmos atentamente os fatos, eles não parecem dar razão à nossa teoria? A embriaguez do homem subjugado pelo abuso dos licores alcoólicos não se parece com as desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor, que anima o sistema nervoso? Não é ainda uma *embriaguez especial* a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições? Estamos profundamente convictos de que há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a fluídica ou perispiritual, e a mental. O corpo, o perispírito e o Espírito são três mundos diferentes, associados durante a existência terrestre, e o homem não se conhecerá psicológica e fisiologicamente senão quando consentir em estudar atentamente a natureza desses três princípios e suas relações íntimas.

Repetimos: estas poucas reflexões são pura e simplesmente a expressão de nossa opinião pessoal, que não pretendemos impor a ninguém. É uma teoria particular que parece basear-se nalgumas probabilidades e que nos deixará contentes se as vermos discutidas e controladas pelos nossos leitores. – A verdade não pode ser privilégio de um só, nem de alguns. Ela

emana da discussão esclarecida e da universalidade das observações, únicos critérios dos princípios fundamentais de toda filosofia durável.

Seremos gratos aos espíritas de todos os centros que houverem por bem colocar esta teoria no número das questões a serem estudadas, e nos transmitirem as reflexões e as instruções de que ela poderá ser objeto.

Necrológio

SR. BERBRUGGER, DE ARGEL

Escrevem-nos de Sétif, Argélia:

"Decididamente, de algum tempo para cá a morte não deixa de castigar as nossas glórias nacionais. Quem as substituirá? Não nos inquietemos com isto! o futuro está nas mãos de Deus e a nova geração não será mais privada do que as que a precederam, de elementos capazes de garantir a marcha incessantemente progressiva das humanidades.

"Hoje a nossa capital deplora a perda do Sr. A. Berbrugger, conservador da Biblioteca de Argel, homem tão notável por sua profunda erudição, quanto pela urbanidade e elevação de seu caráter, por sua modéstia e simpatia quanto pela notável retidão de seu julgamento."

O Sr. Berbrugger era, nos últimos treze anos, presidente da Sociedade Histórica Argelina e redator-chefe da *Revista Africana*. Fora de seus eruditos artigos, publicados mensalmente na *Revista Africana*, o Sr. Berbrugger é autor de vários tratados de Arqueologia muito solicitados; quando sucumbiu, acabava de dar uma última demão a uma pequena obra intitulada:

Le Tombeau de la Chrétienne[33], que recomendamos à atenção dos amadores. Além disso, era inspetor-geral dos monumentos históricos e dos museus arqueológicos da Argélia, membro de várias sociedades científicas, etc.

Suas aspirações filosóficas dele tinham feito, desde a origem do Espiritismo, um partidário esclarecido e profundamente convicto dos nossos princípios. Sua situação particular, as funções especiais de que estava investido o obrigaram a não participar de nenhum movimento senão com a mais extrema reserva. Todavia, ele mantinha uma correspondência muito assídua com o Sr. Allan Kardec e, tanto quanto possível, participava da propagação da Doutrina, fazendo chegar ao centro os documentos úteis ao desenvolvimento dos nossos estudos.

Não temos dúvida de que este eminente Espírito, hoje reunido ao do nosso venerado mestre, não terá entrado no mundo espiritual como num país desconhecido, e de que nele goze da felicidade reservada aos homens de bem.

Quando estiver plenamente consciente de sua nova situação, sentir-nos-emos felizes se se dignar a participar de nossos trabalhos e nos comunicar o resultado de seus estudos e observações.

Dissertações Espíritas

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Paris, 11 de março de 1869 – Médium: Sr. D.)

A pergunta seguinte foi feita a propósito de uma antiga comunicação, na qual fora dito que certos Espíritos não tinham tido encarnações carnais, mas somente um corpo perispiritual. É o

33 *Le Tombeau de la Chrétienne* (*O Túmulo da Cristã*), mausoléu dos últimos reis da Mauritânia, por Adrien Berbrugger; 1 vol. in-8, preço: 2 fr. Paris, Challamel.

que se chamava erradamente de *encarnação espiritual*, o que seria um contra-senso, levando-se em conta que a palavra *encarnação* implica a idéia de uma substância carnal. Teria sido mais exato dizer que certos Espíritos nada tinham, a não ser a vida espiritual.

Pergunta – *Há Espíritos que não estejam submetidos à encarnação material? É possível, sem submeter-se às provas da vida ordinária, adquirir certos conhecimentos e chegar à perfeição? Que pensar das comunicações dadas neste sentido?*

Resposta – Não; a encarnação puramente espiritual ou, para falar mais exatamente, a encarnação perispiritual, a existência incorpórea não é suficiente para a conquista de todos os conhecimentos necessários a um certo estado de adiantamento moral e intelectual. Destinando-se os Espíritos, à medida que progridem mais, a participar cada vez mais ativamente no mecanismo da Criação, e devendo dirigir a ação dos elementos materiais, presidir às leis que põem os fluidos em vibração e determinam todos fenômenos naturais, eles não podem chegar a um tal resultado senão pelo conhecimento dessas leis, e não as poderão conhecer e aprender a dirigir sem que, primeiramente, a elas estejam submetidos.

Malgrado a aparência um tanto paradoxal do início, não tenho dúvida de vos provar que é assim mesmo, porque é a verdade, e não uma teoria pessoal.

Antes de mais, estabeleçamos que não é o homem que está submetido às leis físicas, mas sim os elementos físicos que o constituem. Ele as sofre, tanto quanto os ignora, mas os domina e dirige à medida que aprende a conhecê-los. O humilde passageiro de um navio a vapor está sujeito à lei da força que dirige o navio; o mecânico domina e dirige a máquina; retém a força e faz servir as leis que descobriu à realização de suas vontades. Dá-se o mesmo com todas as leis da Natureza. Desconhecidas do homem e contrariadas por ele, elas o golpeiam e ferem; mas, o que ele

descobre, o que adquire se lhe torna submisso. Controla a velocidade das correntes d'água, transforma-as em força e as utiliza em suas máquinas; o vapor o transporta e a eletricidade se torna um órgão de transmissão de seu pensamento.

Mas, como lhe veio a força? De seu contato com essa força; dos sofrimentos e dos benefícios que ela lhe trouxe! Quis diminuir uns e aumentar os outros e, pela experiência e pela observação, cada dia chegar a obter mais esse resultado. Mas, como teria adquirido, se não tivesse o desejo de adquirir? Quem lhe teria incutido esse desejo no coração, senão a necessidade? Que fazeis para não serdes constrangidos e forçados?... A necessidade de saber é a conseqüência da necessidade de gozar; tendes aspirações porque vos falta a felicidade e porque está na natureza de todo ser procurar o bom quando está mal e o melhor quando está bem.

Por que não seria assim com os outros seres? Por que o desejo de trabalhar viria a uns, sem que a necessidade os impelisse, enquanto tantos outros trabalham com tão pouco ardor, mesmo quando o instinto de conservação lho exige? E depois, Deus seria justo e sensato se suscitasse semelhante dilema ao homem? Se a encarnação é inútil, por que ele a teria criado? Se é necessária e justa, como outras criaturas poderiam prescindir dela?... Não; é uma teoria que nada justifica, mas que era útil estabelecer, ainda que fosse para demonstrar a sua impossibilidade. *A verdade só triunfará quando todos os sistemas forem reconhecidos como falsos.*

O Espírito que assim vos falou estava de boa-fé; acreditava no que dizia e, se outros não vos desiludiram, é que não havia chegado o tempo para vos dizerem mais. A verdade vos teria parecido improvável! Hoje vedes melhor, porque os vossos conhecimentos são mais vastos. Amanhã, aquilo que sabeis hoje não passará de minúscula parte dos conhecimentos que tereis adquirido, e assim por toda a eternidade.

Clélie Duplantier

Poesias Espíritas

A ALMA E A GOTA D'ÁGUA

(Médium: Sr. J.)

Pequena gota d'água em nuvens tens passagem,
Sabes qual será teu destino?
Sobre qual leito de folhagem
Virá te oferecer o beijo matutino?
Da planície em que o solo quente,
Qual torrente espumosa ao flanco da colina,
Qual oceano ou fonte algente
Espera, gota d'água,o teu beijo em surdina?
Poderás irisar a sebe colorida?
Na lama irás deixar o teu cântico olor,
Ou dormir, amante querida,
No cálice a rir de uma flor?
.....
.....
Ah! que te deu da vida o acaso em que sorrias,
Seus bens ou dor em que te forres?
Num certo plano de harmonias,
Escrava nasces e assim morres...
Mas a alma, mistério sublime,
Raio vindo do céu para a imortalidade,
A alma se eleva ou se deprime
Ante o sopro da liberdade.

(Espírito batedor de Carcassonne)

Bibliografia

Como já esperávamos, a brochura do Sr. C..., intitulada: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*[34], foi acolhida favoravelmente em toda parte. Seu objetivo e o interesse que o autor soube despertar farão dela uma obra de primeira utilidade,

34 Um vol. in-12; preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

não só para os grupos em vias de formação, mas, também, para os grupos já formados e para os espíritas isoladamente.

Atrasos independentes de nossa vontade, quase sempre inseparáveis das publicações novas, nos obrigaram a adiar a venda desta obra que, realmente, só apareceu no final da primeira quinzena de julho.

Deu-se o mesmo com a notável obra traduzida do inglês e comentada pelo Sr. Camille Flammarion[35]. Hoje estamos em condições de fazer chegar prontamente esses dois volumes aos correspondentes que no-los solicitarem.

Aviso Importante

A partir de 15 de agosto:

Todas as correspondências, seja qual for o seu objetivo, deverão ser dirigidas à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille, sem nenhuma designação pessoal.

A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

Observação – Para reduzir as providências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, especialmente encarregado dos recebimentos, sob a supervisão da comissão de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Redação

A. Desliens – *Secretário-Gerente*

35 *Os Últimos Dias de um Filósofo*; 1 grosso vol. in-12; preço: 3 fr. 50.

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII SETEMBRO DE 1869 Nº 9

Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo

(OBRAS PÓSTUMAS)

É imprescritível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica, como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica tem por demais provado que lhe ignora os mais elementares princípios, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que ele desaprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, apresentando, como regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Também por demais a malignidade há querido torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, nos quais o seu nome foi envolvido casualmente, e disso se aproveita como arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina a culpa de incitar a um ato condenável qualquer, a razão e a eqüidade exigem que se

examine se essa doutrina contém máximas que justifiquem semelhante ato.

Para conhecer-se a parte de responsabilidade que, em dada circunstância, caiba ao Espiritismo, há um meio muito simples: proceder de *boa-fé* a uma perquirição, não entre os adversários, mas na própria fonte, do que ele aprova e do que condena. Isso é tanto mais fácil, quanto ele não tem segredos; seus ensinos são patentes e quem quer que seja pode verificá-los.

Assim, se os livros da Doutrina Espírita condenam explícita e formalmente um ato justamente reprovável; se, ao contrário, só encerram instruções susceptíveis de orientar para o bem, segue-se que não foi neles que um indivíduo culpado de malefícios se inspirou, ainda mesmo que os possua.

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome. Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os mau pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita.

Essa breve nota não tem por objeto refutar todas as falsas alegações que se lançam contra o Espiritismo, nem lhe desenvolver e provar todos os princípios, nem, ainda menos, tentar converter a esses princípios os que professem opiniões contrárias; mas, apenas dizer, em poucas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova.

As crenças que propugna, as tendências que manifesta e o fim a que visa se resumem nas proposições seguintes:

1º – O *elemento espiritual* e o *elemento material* são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, as quais se completam uma a outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios se originam fenômenos que cada um deles, isoladamente, não tem possibilidade de explicar.

À Ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar as leis da matéria.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados.

O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite todas as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última pára: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade.

2º – Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos em que ele intervém estão submetidos a leis e são por isso mesmo tão naturais quanto os que derivam da matéria neutra.

Alguns de tais fenômenos foram reputados *sobrenaturais*, apenas por ignorância das leis que os regem. Em virtude desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter de maravilhoso atribuído a certos fatos, embora lhes reconheça a realidade ou a possibilidade. Não há, para ele, *milagres*, no sentido de derrogação das leis naturais, donde se segue que os espíritas não fazem milagres e que é impróprio o qualificativo de taumaturgos que umas tantas pessoas lhes dão.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? *Como viverá e em que condições?* Numa palavra: donde vem ele e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.

Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou.

Outro fato não menos constante é que, em nenhum país, a sua doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais; em todos os lugares ela se propagou de cima para baixo na escala da sociedade e ainda é nas classes esclarecidas que se acha quase exclusivamente espalhada, constituindo insignificante minoria, no seio de seus adeptos, as pessoas iletradas.

Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurar o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo de notar-se que tudo o que hão tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridicularizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes nenhum prejuízo lhe acarretaram, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham figurado.

Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testificaram a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica.

É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até, materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de *livre exame* em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Não cuida de afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.

Allan Kardec

Constituição da Sociedade Anônima

SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL E CENTRAL DO ESPIRITISMO

(2º artigo)

O artigo sobre a constituição da Sociedade anônima, publicado no último número da *Revista,* foi, da parte de grande

número dos nossos correspondentes, objeto de calorosas felicitações e de marcas inequívocas de satisfação geral, testemunhadas pelas numerosas e lisonjeiras cartas de adesão que recebemos de todas as partes, nos estimulando poderosamente e nos autorizando a prosseguir, conforme o vivo desejo da Sra. Allan Kardec, a execução do plano do mestre.

Na verdade o Sr. Allan Kardec nos legou uma tarefa muito pesada para as nossas débeis forças; mas, e reconhecemos com um sentimento de viva satisfação, nosso apelo despertou um eco simpático no coração de todos os homens verdadeiramente devotados ao triunfo de nossas idéias, e as promessas de concurso material e o assentimento moral de todos nos deixam profundamente convencidos de que os nossos esforços não serão improdutivos.

Trazendo cada um a sua espiga, pondo seus conhecimentos à disposição de todos e contribuindo para aumentar o germe fecundo destinado a dar a todos o pão da vida, sem dúvida chegaremos, com a ajuda dos Espíritos bons, a assegurar o desenvolvimento e a difusão universal dos nossos princípios.

No próximo número publicaremos uma nova lista das somas depositadas na caixa geral, desde 1º de agosto. Hoje nos limitaremos a anunciar que recebemos um certo número de pedidos de admissão como membro da Sociedade, pedidos cujo exame tivemos que adiar para a primeira assembléia-geral, conformemente ao artigo 23, § 3º dos estatutos[36].

"Venho pedir-vos, diz um dos nossos correspondentes de Villevert (Oise), que me inscrevam por quatro ou cinco ações na

36 Os *Estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo* aparecerão na primeira quinzena de setembro. Brochura in-8; preço, 1 fr. Paris, Administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

Sociedade Anônima, tão logo julgarem oportuno aumentar o capital... Inútil acrescentar que aplaudo com todas as forças a idéia de uma Sociedade comercial, meio eficaz de propagar a Doutrina."

O Sr. M***, de Bordeaux, é mais taxativo ainda; diz ele: "Acabo de ver, com muito prazer, as disposições tomadas; são firmes, e podemos dizer que agora o Espiritismo tem um ponto de apoio independente de qualquer personalidade. Sua marcha para frente será mais rápida, porque os maiores problemas que encerra poderão ser estudados, e os resultados produzidos sem entraves."

O presidente da Sociedade Espírita de Bordeaux, durante o exercício 1867-1868, que igualmente adere de maneira absoluta à nova organização, houve por bem colocar à disposição da Sociedade Anônima uma centena de exemplares de sua brochura: *Relatórios dos Trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux*, cedendo à caixa geral o produto da venda.

As sociedades e os espíritas isolados de Liège, Bruxelas (Bélgica), Lyon, Toulouse, Avignon, Blois, Carcassonne, Rouen, Oloron-Sainte-Marie, Marselha, etc., etc., também houveram por bem assegurar sua adesão aos estatutos da Sociedade, bem como o seu concurso ativo para lhe garantir a vitalidade.

Num próximo artigo, exclusivamente consagrado a uma revista geral do movimento da imprensa e das sociedades espíritas francesas e estrangeiras, nós nos empenharemos em demonstrar a oportunidade do momento para a fundação de uma organização e de uma direção sérias.

Em alguns meses duas novas sociedades, dois jornais foram fundados na Espanha; a Sociedade de Florença criou um órgão de publicidade; um jornal em polonês apareceu em Léopold (Galícia austríaca) e ficamos sabendo, nestes últimos dias, que um jornal em língua portuguesa está prestes a ser editado na Bahia (Brasil). As antigas sociedades se desenvolvem; num único centro

da Bélgica, *quinze professores primários* aderem aos nossos ensinos; em Liège, em Lyon, etc., os diversos grupos da localidade exprimem o desejo de se reunirem sob uma direção única. Em toda parte a Doutrina, longe de enfraquecer e degenerar, desenvolve-se e conquista influência. Todos os espíritas compreenderam que o momento de afirmar-se chegou, e cada um se dedica com ardor para concorrer ao movimento regenerador.

Não nos foi feita nenhuma objeção sobre a transferência dos donativos à caixa geral, mas recebemos alguns pedidos de retificação quanto à maneira pela qual nossa lista foi organizada. Várias somas, inscritas em nome de uma Sociedade ou de um indivíduo, eram, na realidade, o produto da cotização de todos os membros de um grupo. Era nossa intenção simplificar tanto quanto possível os detalhes. Em nossa próxima lista faremos as observações que nos foram comunicadas.

Ao lado das adesões irrestritas que acabamos de mencionar, recebemos certo número permeadas de observações críticas, não quanto ao objetivo, mas sobre o modo e a forma da Sociedade. Para alguns, as expressões empregadas nos estatutos são demasiado comerciais. Para outros, o montante das partes parece um tanto elevado, e a porção dos benefícios atribuídos ao fundo de reserva muito considerável. Aos primeiros, lembramos as explicações que demos a respeito no último número da *Revista* e as reflexões que, sobre o mesmo assunto, publicava o Sr. Allan Kardec no número de dezembro último.

Estamos persuadidos de que todos os espíritas aplaudirão a formação da nova Sociedade, quando virem que os fundadores, inspirando-se nas idéias do mestre, tiveram em vista, sobretudo, assegurar o futuro do Espiritismo, colocando-o sob a égide da lei, aos seus olhos o único meio de paralisar em certos momentos as influências nocivas, substituindo, assim, o regime de tolerância pelo do direito, sujeito o primeiro quase sempre a variações, conforme os homens e as circunstâncias.

Quanto ao que concerne à quantidade fixada para as cotas-parte e ao pequeno número de fundadores, lembraremos que o que importava, antes de tudo, era estabelecer uma base, um centro de ação, onde todas as atividades, todos os devotamentos pudessem congregar-se. Hoje a Sociedade está constituída; seus estatutos, essencialmente modificáveis e progressivos, como tudo o que é de origem humana, poderão sofrer, no futuro, as transformações que parecerem úteis para cumprir o desejo geral e satisfazer às novas necessidades.

Todas as correspondências dirigidas à Sociedade Anônima, no que respeita aos pedidos de admissão como membros da Sociedade, bem como as sugestões para a modificação dos estatutos, serão conservadas num dossiê especial, a fim de serem submetidas às deliberações dos associados na primeira assembléia-geral anual, que, nos termos de ato da Sociedade, é a única que tem o poder de deliberar e estatuir sobre estas interessantes questões.

Não temos senão um objetivo, um desejo: assegurar a vitalidade do Espiritismo, satisfazendo às aspirações gerais. Se, como o esperamos, as medidas tomadas pela Sociedade Anônima nos permitirem obter esse resultado, nós nos julgaremos recompensados além dos nossos méritos, quando, para nós, houver soado a hora do repouso e outros mais dignos, se não mais devotados, forem chamados para nos substituírem.

Precursores do Espiritismo

JOÃO HUSS

Lemos no *Siècle* de 11 de julho de 1869:

Os quinhentos anos de João Huss

"Recentemente os jornais da Boêmia publicaram o seguinte apelo:

"Neste ano se comemora o 500º aniversário de nascimento do grande reformador, do patriota e do sábio mestre João Huss. Esta data impõe, sobretudo ao povo boêmio, o dever de rememorar solenemente a época em que surgiu, em seu seio, o homem que tomara como objetivo de vida defender a liberdade de pensamento. Foi por esta idéia que ele viveu e sofreu; foi por esta idéia que ele morreu.

"Seu nascimento fez luzir a aurora da liberdade no horizonte do nosso país; suas obras espargiram a luz no mundo e, por sua morte na fogueira, a verdade recebeu o seu batismo de fogo!

"Estamos convictos de que temos não só as simpatias dos boêmios e dos eslavos, mas ainda a dos povos esclarecidos, e os convidamos a festejar a lembrança deste grande espírito, que teve a coragem de sustentar sua convicção diante de um mundo escravo dos preconceitos e que, ao eletrizar o povo boêmio, o tornou capaz de uma luta heróica que ficará gravada na História.

"Os séculos se escoaram; o progresso se realizou, as centelhas produziram chamas; a verdade penetrou milhões de corações. A luta continua, a nação pela qual o mártir imortal se sacrificou ainda não deixou o campo de batalha sobre o qual o havia chamado a palavra do mestre.

"Conjuramos todos os admiradores de João Huss a se reunirem em Praga, a fim de colherem, na lembrança dos sofrimentos do grande mártir, novas forças por meio de novos esforços.

"Será em Praga, no dia 4 de setembro próximo, e no dia 6, em Hussinecz, onde ele nasceu, que celebraremos a memória de João Huss.

"Nesses dias todos os patriotas virão atestar que a nação boêmia ainda honra o heróico campeão de seus direitos, e que jamais esquecerá o herói que a elevou à altura das idéias que são ainda o farol para o qual marcha a Humanidade!

"Nosso apelo também se dirige a todos os que, fora da Boêmia, amam a verdade e honram os que morreram por ela. Que venham a nós, e que todas as nações civilizadas se unam para, conosco, aclamarem o nome imperecível de João Huss!

"O presidente do comitê."

Dr. Sladkowsky

"Seguem-se trinta assinaturas de membros do comitê, advogados, literatos, industriais.

"O apelo dos patriotas boêmios não poderia deixar de suscitar viva simpatia entre os amigos da liberdade.

"Um jornal de Praga tivera a desastrada idéia de propor uma petição ao futuro concílio para pedir a revisão do processo de João Huss. O jornal *Norodni Listy* refutou com vigor esta estranha proposição, dizendo que a revisão se efetuara perante o tribunal da civilização e da História, que julga os papas e os concílios.

"A nação boêmia, acrescenta o *Norodni*, perseguiu esta revisão com a espada na mão, em cem batalhas, no dia seguinte mesmo da morte de João Huss."

"A folha Tcheca tem razão: João Huss não precisa ser reabilitado, assim como Joana d'Arc não precisa ser canonizada pelos sucessores dos bispos e doutores que os queimaram.

Por nosso lado, vimos juntar às homenagens prestadas à memória de João Huss o nosso testemunho de simpatia e de respeito pelos princípios de liberdade religiosa, de tolerância e de

solidariedade que ele popularizou em vida. Esse espírito eminente, esse inovador convicto, tem direito à primeira fila entre os precursores da nossa consoladora filosofia. Como tantos outros, tinha a sua missão providencial, que realizou até o martírio, e sua morte, como sua vida, foi um dos mais eloqüentes protestos contra a crença num Deus mesquinho e cruel, bem como aos ensinos rotineiros, que deviam ceder ante o despertar do espírito humano e o exame aprofundado das leis naturais.

Como todos os inovadores, João Huss foi incompreendido e perseguido; ele vinha corrigir abusos, modificar crenças que não mais podiam satisfazer às aspirações de sua época. Necessariamente devia ter como adversários todos os interessados em conservar a antiga ordem das coisas. Como *Wyclif*, como *Jacobel* e *Jerônimo de Praga*, sucumbiu sob os esforços de seus inimigos coligados; mas as verdades que havia ensinado, fecundadas pela perseguição, serviram de base às novidades filosóficas dos tempos ulteriores e provocaram a era de renovação que devia dar origem à liberdade de consciência e à liberdade de pensar em matéria de fé.

Não duvidamos que João Huss, como Espírito ou como encarnado, caso tenha voltado à nossa Terra como homem, haja se consagrado constantemente ao desenvolvimento e à propagação de suas crenças sobre o futuro filosófico da Humanidade.

Estamos autorizados a pensar que o apelo do povo boêmio será ouvido por todos os que apreciam e veneram os defensores da verdade. Os grandes filósofos não têm pátria. Se, pelo nascimento, pertencem a uma nacionalidade particular, por suas obras são os luminares da Humanidade inteira que, sob o seu impulso, marcha para a conquista do futuro.

Persuadidos de satisfazer ao desejo da maioria dos nossos leitores, cumprimos o dever de dar a conhecer, por uma

breve nota, o que foi em toda a sua vida o homem eminente cujo 500º aniversário a Boêmia celebrará no próximo dia 4 de setembro:

João Huss nasceu a 6 de julho de 1373 sob o reinado do imperador *Carlos IV* e sob o pontificado de *Gregório XI*, cerca de cinco anos antes do grande cisma do Ocidente, que se pode encarar como uma das sementes do *hussitismo*. A História nada nos ensina do pai e da mãe de *João Huss*, senão que eram criaturas probas, mas de origem obscura. Segundo o costume da Idade Média, *João Huss*, ou melhor, *João de Huss*, foi assim chamado porque nasceu em Huissinecz, pequeno burgo situado ao sul da Boêmia, no distrito de *Prachen*, nas fronteiras da Baviera.

Seus pais tiveram o maior cuidado com sua educação. Tendo perdido o pai na infância, sua mãe lhe ensinou os primeiros elementos de gramática em Hussinecz, onde havia uma escola. Depois o levou a Prachen, cidade do mesmo distrito, onde havia um colégio ilustre. Logo fez grandes progressos nas letras e atraiu a amizade dos mestres por sua modéstia e docilidade, conforme testemunho que a Universidade de Praga lhe prestou após sua morte. Quando estava bastante adiantado para ir a Praga, sua própria mãe o conduziu. Contam que esta pobre mulher, cheia de zelo pela educação do filho, levava consigo um ganso e um bolo, para presenteá-los ao seu regente.[37] Mas, infelizmente, o ganso fugiu no caminho, de sorte que, para seu grande pesar, ela não tinha senão o bolo para dar de presente ao mestre. Magoada profundamente por este pequeno incidente, orou várias vezes, pedindo a Deus que se dignasse ser o pai e o preceptor de seu filho.

Quando ele adquiriu em Praga sólidos conhecimentos em literatura, os professores, nele notando muita inteligência e vivacidade de espírito, bem como uma grande atividade pela Ciência, julgaram por bem matriculá-lo no capítulo da

37 É notável que Huss, em boêmio, significa ganso. Parece que a pátria de João Huss foi assim chamada porque aí os pássaros são abundantes.

Universidade que tinha sido fundada em 1247 pelo imperador *Carlos VI*, rei da Boêmia, e confirmada pelo papa *Clemente VI*.

Afastado das diversões da juventude, *João Huss* empregava suas horas vagas para boas leituras. Lia com prazer sobretudo as dos antigos mártires. Conta-se que um dia, lendo a lenda de *São Lourenço*, quis experimentar se teria a mesma coragem desse mártir, pondo o dedo no fogo; mas acrescentam que logo o retirou, muito descontente com a sua fraqueza, ou que um de seus camaradas a isto se opôs.

Seja como for, ao que parece ele não fazia mal em se preparar para o fogo. Aliás, quando quis fazer este ensaio, já estava bastante avançado em idade para que o edito de 1276, pelo qual *Carlos VI* condenava os heréticos ao fogo, de algum modo lhe desse o pressentimento do que devia acontecer com ele.

Um grande obstáculo se opunha ao ardor que tinha *João Huss* de se instruir: a pobreza. Neste apuro, aceitou a oferta que lhe fez um professor, cujo nome é ignorado, de tomá-lo ao seu serviço e de lhe fornecer os livros e tudo o que era necessário para prosseguir seus estudos. Embora essa situação fosse bastante humilhante, ele a achava feliz tendo em vista o seu objetivo, e a aproveitou tão bem que satisfez, ao mesmo tempo, seu mestre, cuja amizade ganhou, e sua paixão pelas letras.

João Huss fez progressos consideráveis na Universidade; por seus livros, parece que era versado na leitura dos Pais gregos e latinos, pois que os cita muitas vezes. Pode-se julgar por seus comentários que sabia grego e tinha noções de hebreu. Com cerca de vinte anos, conquistou o título de *bacharel* e, dois anos depois, o de *mestre em artes*. Não se sabe quem foram seus mestres, salvo o que ele próprio diz de *Stanislas Znoima*, que, mais tarde, se tornou um de seus maiores adversários. Ordenou-se sacerdote em 1400 e, no mesmo ano, foi nomeado pregador da

capela de Belém. Foi aí que teve oportunidade de exercitar os seus talentos, querido por uns, suspeito e odiado por outros, admirado por todos. Na mesma época foi nomeado confessor de *Sofia da Baviera*, rainha da Boêmia.

Foi no período de 1403 a 1408 que *João Huss,* juntamente com *Jerônimo de Praga,* estudou as obras de Wyclif e de Jacobel e começou a se separar do ensino ortodoxo. Desde o começo, um certo número de discípulos que sempre lhe foram fiéis, mantiveram-se ligados a ele.

No dia 22 de outubro de 1409 foi nomeado reitor da Universidade de Praga, desobrigando-se desse novo encargo com os aplausos de todo o mundo. Até então, não havia aprovado as doutrinas de Wyclif senão em termos vagos e com cautela. Nessa época começou a falar mais abertamente de suas crenças pessoais.

Entre suas obras anteriores ao concílio de Constança, nota-se o *Tratado da Igreja*, de onde foram tirados todos os argumentos para sua condenação. Durante o seu cativeiro, consagrou-se especial e inteiramente à execução de suas últimas obras filosóficas. Foi assim que fez os manuscritos do *Tratado do casamento, do Decálogo, do amor e do conhecimento de Deus, da Penitência, dos três inimigos do homem, da ceia do Senhor*, etc.

Todos os historiadores contemporâneos, mesmo entre os seus adversários, rendem homenagem à pureza de sua vida: "Era, dizem, um filósofo, de grande reputação pela regularidade de seus costumes, sua vida rude, austera e inteiramente irrepreensível, sua doçura e sua afabilidade para com todos; era mais sutil que eloqüente, mas sua modéstia e seu grande espírito conciliador persuadiam mais que a maior eloqüência."

Não nos permitindo a falta de espaço que nos estendamos tanto quanto desejaríamos, limitar-nos-emos a algumas citações características. Longe de temer a morte, por vezes parecia

aguardá-la com impaciência, como o termo de seus trabalhos e o início da recompensa. Tinha o hábito de dizer: "Ninguém é recompensado na outra vida mais do que mereceu nesta, e que os modos e locais de recompensa variavam segundo os méritos." Aos que queriam convencê-lo a se retratar e abjurar, varias vezes deu esta resposta digna de nota: "Abjurar é deixar um erro que se cometeu; *se alguém me ensinar algo melhor do que avancei, estou pronto a fazer de bom grado o que exigis de mim."*

Terminamos pelo testemunho da Universidade de Praga, dado em seu favor após a sua morte:

"Dizem que ele tinha, neste terreno, um espírito superior, uma penetração viva e profunda; ninguém era mais apto para escrever de um jacto, nem dar respostas mais contundentes às objeções. Ninguém tinha um zelo mais veemente, nem melhor discernimento; jamais o pilharam em erro, a não ser na opinião dos maus, que o atacaram ferozmente por causa de seu amor pela justiça. Ó homem de virtude inestimável, de brilhante santidade, de humilde e piedade inimitáveis, de desinteresse e de caridade inacreditáveis! Desprezava as riquezas no último grau, abria o coração aos pobres; muitas vezes era visto de joelhos, ao pé do leito dos doentes; vencia as naturezas mais indomáveis pela doçura e levava os impenitentes a se desfazerem em lágrimas; tirava das Santas Escrituras, sepultada no esquecimento, motivos novos e poderosos, a fim de exortar os eclesiásticos viciosos a voltarem atrás em seus desregramentos e a cumprirem os compromissos de seu *caráter*, e para reformar os costumes de todas as ordens com base na Igreja primitiva.

"Os opróbrios, as calúnias, a fome, a infâmia, mil torturas cruéis e, enfim, a morte que padeceu, não só com paciência, mas mesmo com um semblante tranqüilo e risonho, tudo isto é o testemunho autêntico de uma virtude a toda prova, de uma coragem, de uma fé e de uma piedade inabaláveis. Julgamos por

bem expor todas estas coisas aos olhos da cristandade, a fim de impedir que os fiéis, enganados pelas falsas imputações, maculem o conceito deste homem justo, nem dos que seguem sua doutrina."

Evocado por um de nossos médiuns, o Espírito de João Huss deu a seguinte comunicação, que nos apressamos em mostrar aos nossos leitores, bem como uma instrução do Sr. Allan Kardec sobre o mesmo assunto, porque nos parecem bem caracterizar a natureza do homem eminente, que se ocupou com tanto ardor, desde o século quinze, a preparar os elementos da emancipação e da regeneração filosóficos da Humanidade.

(Paris, 14 de agosto de 1869)

A opinião dos homens pode dispersar-se momentaneamente, mas a justiça de Deus, eterna e imutável, sabe recompensar, quando a justiça humana castiga, perdida pela iniqüidade e pelo interesse pessoal. Apenas cinco séculos (um segundo na eternidade) se passaram desde o nascimento do obscuro e modesto trabalhador e já a glória humana, à qual ele não se prende mais, substituiu a sentença infamante e a morte ignominiosa, incapazes de abalar a firmeza de suas convicções.

Como és grande, meu Deus, e como é infinita a tua sabedoria! Sob o teu sopro poderoso minha morte tornou-se um instrumento de progresso. A mão que me feriu alcançou, com o mesmo golpe, os terríveis erros seculares de que se encharcou o espírito humano. Minha voz encontrou eco nos corações indignados pela injustiça de meus algozes, e meu sangue, derramado como um orvalho benfazejo sobre um solo generoso, fecundou e desenvolveu nos espíritos adiantados de meu tempo os princípios da eterna verdade. Eles compreenderam, refletiram, analisaram, trabalharam e, sobre bases informes, rudimentares das primeiras crenças liberais, edificaram, na sucessão das eras, doutrinas filosóficas verdadeiramente generosas, profundamente religiosas e eternamente progressivas.

Graças a eles, graças aos seus trabalhos perseverantes, o mundo sabe que João Huss viveu, sofreu e morreu por suas crenças; é muito, meu Deus, para os meus frágeis esforços, e meu espírito reabilitado tem dificuldade em resistir aos sentimentos de reconhecimento e de amor que o arrebatam. Reconhecer que se enganaram ao me condenar, era justiça; as homenagens e os testemunhos de simpatia com que me glorificam são excessivos para os meus fracos méritos.

O Espírito humano tem caminhado desde que o fogo consumiu meu corpo. Uma chama não mais destrutiva, mas regeneradora, abarca a Humanidade; seu contato purifica, seu calor faz crescer e vivifica. Nesse foco benfazejo vêm reanimar-se todos os feridos pela dor, todos os torturados pela provação da dúvida e da incredulidade. O sofredor se afasta consolado e forte; o indeciso, o incrédulo e o desesperado, cheios de ardor, de firmeza e de convicção, vêm engrossar o exército ativo e fecundo das falanges emancipadoras do futuro.

Aos que me pediam uma retratação, respondi que só renunciaria às minhas crenças diante de uma doutrina mais completa, mais satisfatória, mais verdadeira. Pois bem! desde esse tempo meu Espírito se engrandeceu; encontrei algo melhor do que havia conquistado e, fiel aos meus princípios, repeli sucessivamente o que minhas antigas convicções tinham de errôneo, para acolher as verdades novas, mais largas, mais consentâneas com a idéia que eu fazia da natureza e dos atributos de Deus. Espírito, progredi no espaço; voltando à Terra, progredi também. Hoje, voltando novamente à pátria das almas, estou na fila da frente ao lado de todos os que, sob este ou aquele nome, marcham sincera e ativamente para a verdade e se dedicam, de coração e de espírito, ao desenvolvimento progressivo do espírito humano.

Obrigado a todos os que reverenciam em minha personalidade terrestre a memória de um defensor da verdade;

obrigado, sobretudo, aos que sabem que, acima do homem há o Espírito, libertado pela morte dos entraves materiais, a inteligência livre que trabalha em acordo com as inteligências exiladas, a alma que gravita incessantemente para o centro de atração de todas as criações: o infinito, Deus!

João Huss

(Paris, 17 de agosto de 1869)

Analisando através das eras a história da Humanidade, o filósofo e o pensador logo reconhecem, na origem e no desenvolvimento das civilizações, uma gradação insensível e contínua. – De um conjunto homogêneo e bárbaro surge, em primeiro lugar, uma inteligência isolada, desconhecida e perseguida, mas que, não obstante, faz época e serve de baliza, de ponto de referência para o futuro. – A tribo, ou se quiserdes, a nação, o Universo avançam em idade e as balizas se multiplicam, semeando aqui e ali os princípios de verdade e de justiça que serão a partilha das gerações que chegam. Essas balizas esparsas são os precursores; eles semeiam uma idéia, desenvolvem-na durante sua vida terrena, vigiam-na e a protegem no estado de Espírito, e voltam periodicamente através dos séculos para trazerem seu concurso e sua atividade ao seu desenvolvimento.

Tal foi João Huss e tantos outros precursores da filosofia espírita.

Semearam, laboraram e fizeram a primeira colheita; depois voltaram para semear ainda, esperando que o futuro e a intervenção providencial viessem fecundar sua obra.

Feliz aquele que, do alto do espaço, pode contemplar as diversas etapas percorridas e os trabalhos realizados por amor à verdade e à justiça; o passado não lhe dá senão satisfação, e se suas tentativas foram incompletas e improdutivas no presente, se a

perseguição e a ingratidão por vezes ainda vêm perturbar a sua tranqüilidade, ele pressente as alegrias que lhe reserva o futuro.

Glória na Terra e nos espaços a todos os que consagraram a existência inteira ao desenvolvimento do espírito humano. Os séculos futuros os veneram e os mundos superiores lhes reservam a recompensa devida aos benfeitores da Humanidade.

João Huss encontrou no Espiritismo uma crença mais completa, mais satisfatória que suas doutrinas e o aceitou sem restrição. – Como ele, eu disse aos meus adversários e contraditores: "Fazei algo de melhor e me reunirei a vós."

O progresso é a eterna lei dos mundos, mas jamais seremos ultrapassados por ele, porque, do mesmo modo que João Huss, sempre aceitaremos como nossos os princípios novos, lógicos e verdadeiros que cabe ao futuro nos revelar.

Allan Kardec

O Espiritismo em Toda Parte

Pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados e comunicação com os Espíritos, ensinadas pelos reverendos padres Gratry e Hyacinthe

Lemos no *Gaulois* de 22 de julho de 1869:

"Não há grande distância entre as idéias que, sob uma espécie de *iluminismo* piedoso, se desprendem de certas passagens das *Cartas sobre a Religião*, do padre Gratry, e as crenças enunciadas pelos espíritas contemporâneos."

"Não posso pensar nos habitantes dos outros mundos, diz o padre Gratry, sem que logo a minha razão e a minha fé

retomem todo o seu vigor, todo o seu impulso... Muitas vezes me tenho perguntado se a fé indomável, que por vezes se apodera de nossos corações com uma força capaz de erguer o mundo, com uma força que leva a crer no triunfo absoluto do amor, da justiça, da beleza, da luz e da felicidade, não seria a inspiração vinda dos seres e dos mundos onde o triunfo já começou... Isto mesmo é a lei: *Sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium."*

O *Gaulois* tem razão; eis aí o belo e o bom Espiritismo, pois não se pode expor com menos palavras e de maneira mais característica os ensinos fundamentais de nossa filosofia. A lei do progresso, conseqüência necessária da pluralidade das existências, a pluralidade dos mundos habitados, a comunicação pela inspiração entre os habitantes da Terra e os Espíritos mais avançados, tais são os princípios que o padre Gratry não teme apoiar com sua pena autorizada; aliás, não é o primeiro exemplo de sua simpatia pelas nossas crenças.

Sentimo-nos felizes por nos encontrar num terreno comum com homens que, como o padre Gratry, se consagraram ao estudo das ciências psicológicas, sem se deixarem dominar por visões estreitas e mesquinhas. Compreenderam, e nós os felicitamos vivamente, que o mais poderoso meio de reconduzir os espíritos desgarrados a uma sã aplicação das leis eternas era fazer que tocassem a verdade com o dedo e com o olho; era substituir o Deus vingativo e apaixonado, as concepções errôneas da Idade Média sobre os seus atributos e suas relações com a Humanidade pelos ensinos de uma filosofia mais vasta, mais liberal, mais tolerante e em harmonia com a influência emancipadora que dirige todas as grandes inteligências de nossa época.

Tais são os sentimentos do padre P. Hyacinthe, que pensa, e com razão, que a filosofia deve marchar com os progressos do espírito humano, conforme testemunham os extratos seguintes do sermão por ele pronunciado em 11 de março de 1869 na igreja

da Madalena, em atenção ao terremoto ocorrido na América do Sul:

"Castigo, pecado, justiça! Mas, que fazer com essas palavras em face de uma dor que eles insultam, mas não explicam? Convém a um padre agarrar-se a esta superstição dos velhos tempos, julgada inapelável pela razão do sábio e pela consciência dos homens de bem? – Não, exclama a ciência moderna, o mundo não é joguete de vontades caprichosas! Ao contrário, tudo aí traz a marca majestosa da universalidade e da imutabilidade das leis. Assim, não é a Deus, mas à Natureza que convém pedir contas dessas perturbações físicas, que outrora eram chamadas de *flagelos divinos*. *Saibamos penetrar-lhes as causas; um dia, talvez, saberemos governar seus efeitos!*

"A Ciência tem razão, meus irmãos: o mundo não pertence ao milagre, mas à lei. Deixemos somente a lei à altura de si mesma. Não a confundamos, como fez Epicuro, com as combinações de um acaso feliz, nem, como Zenon, com as exigências de um cego necessitado. Que ela seja o que é: o pensamento soberano que criou a ordem porque a concebeu; que se respeite a si mesma, respeitando sua obra, e que não estabeleça por limite ao seu infinito poder senão a sua infinita sabedoria e sua infinita bondade! *Então, em todos os mundos, nos dos espaços como nos dos Espíritos*, a fórmula por excelência do reino de Deus será o império das leis!...

"Dizem que após a horrível catástrofe que acaba de atingir aquelas regiões, no cemitério de uma das cidades arrasadas, viram-se múmias indígenas arrancadas de seus túmulos pelos abalos do solo e pela invasão das ondas: pareciam erguer-se em fúnebre satisfação para assistirem à vingança tardia, mas fiel, dos filhos de seus opressores...

"...Para pagar tal resgate, teriam o Equador e o Peru uma parte mais larga na falta de Adão? Haviam acrescido esta

dívida coletiva por prevaricações mais numerosas, por iniqüidades mais gritantes? E, em cada uma das vinte mil vítimas desses países em luto, em vez de um infeliz atingido por um acidente, devo mostrar-vos um culpado escolhido por vingança?

"Deus me livre deste excesso de fanatismo e de crueldade! *Pensais,* dizia o Divino Mestre, *que aqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé, fossem mais culpados do que o resto dos habitantes de Jerusalém?*

"...E vós, seja qual for a posição e a fé a que pertençais, todos vós que viestes a esta festa da caridade, meus amigos e meus irmãos, esquecei o que nos desune. Socorrendo este grande infortúnio, trabalhemos em comum para acelerar o advento do Senhor, etc..."

Necrológio

SR. BERBRUGGER, CONSERVADOR DA BIBLIOTECA DE ARGEL

(2º artigo)

No último número da *Revista* nós nos comprometemos em anunciar aos nossos leitores a partida para um mundo melhor do Sr. A. Berbrugger, o erudito conservador da Biblioteca de Argel, e estávamos felizes por honrar em sua pessoa a memória de um espírita esclarecido e profundamente convicto da verdade de nossos princípios. Chegaram até nós mais amplos detalhes sobre os trabalhos que ilustraram sua vida; estamos convictos de que todos os adeptos haverão de acolher favoravelmente os seguintes extratos do discurso pronunciado junto ao seu túmulo pelo Sr. Cherbonneau, novo presidente da *Sociedade Histórica e Arqueológica da Argélia.* (Vide o nº 76 da *Revista Africana*, de julho de 1869, página 321 e seguintes.):

"Quando se extingue uma personalidade desta têmpera, considera-se como um dever recolher seus últimos pensamentos: *tanto é verdade que a porta do túmulo é a pedra de toque das almas*. Como sabeis, em certas palavras há revelações. Ontem, sentado perto do leito de Berbrugger, eu o escutava respeitosamente. De repente, seus olhos, onde brilhavam os últimos lampejos desta bela inteligência, fixaram-se em mim e ele me disse, com uma inflexão que jamais esquecerei: 'Eis aonde leva o excesso de trabalho!... Não façais como eu!...' Foram estas as últimas palavras que pronunciou. A morte, contra a qual lutava como homem, enlaçou-o novamente para não mais o deixar...

"...Senhores, o sábio cuja perda será vivamente sentida em toda a Argélia, nasceu em Paris no dia 11 de maio de 1801. Sólidos estudos, feitos no Colégio Carlos Magno, o prepararam para seguir os cursos da Escola de Chartres. Sua estréia na *paleografia* já lhe atribuía um lugar na Ciência. Em 1832 ele foi encarregado, pelo governo inglês, de recolher as peças originais relativas à ocupação da França no século quinze. Pela metade do ano de 1834, como que advertido por um desses pressentimentos a que nenhum espírito resiste, abandonou a teoria pela prática e veio para a África na comitiva do marechal Clauzet, de quem foi secretário particular. Acompanhou-o em suas excursões e acompanhou o marechal Vallée em Constantina. Dessas expedições militares ele trouxe um grande número de manuscritos árabes, que formaram o núcleo da Biblioteca de Argel. Novos horizontes foram abertos diante da sagacidade de Berbrugger.

"Admirando o país que nossos exércitos acabavam de conquistar, tentou continuamente fazê-lo conhecido, sem dúvida na esperança de que a sua conquista estaria mais bem assegurada. Foi então que, ora sob a tenda, ao lado dos soldados que pensavam suas feridas, ora na calma da cidade, ele compôs esta obra importante, que foi publicada sob o título de *Argélia histórica, pitoresca e monumental*.

"Não contente de trabalhar, gostava de espalhar em torno de si o fogo sagrado que o animava. Dotado de fácil elocução, exercida mais de uma vez na França, em conferências públicas, possuía em alto grau o talento de semear idéias e fazê-las aceitadas. Tão logo percebeu que os primeiros colonos que se apossaram do solo, com uma autoridade tão patriótica quanto vigorosa, começavam a exumar com a enxada os resquícios da dominação romana, cercou-se de pesquisadores e de estudiosos. Estava fundada a Sociedade Histórica Argelina. Doze volumes cheios de documentos preciosos, de cartas e de desenhos, constituíam o *Compêndio* arqueológico que, em grande parte, devemos ao presidente desta Sociedade; porque não há uma memória ou uma nota que não tragam a marca impressa dessa crítica esclarecida, cujas decisões todos os autores respeitavam.

"Além disso, entre os escritos de Berbrugger contam-se um *Curso de língua espanhola,* um *Dicionário espanhol-francês,* a *Relação da expedição; de Mascara,* as *Épocas militares da grande Kabylie,* uma *Nota sobre os poços artesianos do Saara,* a *História do mártir Jerônimo* e a *Nota sobre o túmulo da cristã,* este problema histórico, cujos cálculos pacientes desvendaram o enigma depois de vinte séculos; enfim, inúmeras memórias inseridas nos jornais da Argélia e da França.

"Feliz do nosso presidente se os trabalhos do espírito haviam bastado ao seu desejo de ser útil! Mas ele teria considerado sua tarefa como incompleta, se não tivesse levado o fruto de sua experiência aos conselhos onde eram tratados os interesses do país. Com efeito, aí encontrava mais liberdade para fazer o bem e, por conseguinte, mais deveres a cumprir. É que nele a experiência não resultava do interesse pessoal, nem do espírito de partido, desde que o progresso da colônia era o seu único objetivo. Ah! um devotamento convicto o levou a outros sacrifícios, fazendo-o aceitar, a título de arqueólogo emérito, o comando da milícia de Argel, sem o qual lhe parecia difícil manter entre os seus concidadãos o espírito de confraternidade benevolente de que ele

mesmo estava inteiramente penetrado. Quantos tormentos nesta posição! Mas, também, quantos serviços prestados com essa simplicidade que dobrava o seu preço!

"Não será em algumas linhas, e sobretudo em meio à emoção causada por uma perda tão dolorosa, que o seu companheiro de estudos será capaz de retraçar a existência tão útil e tão bem caracterizada de Adrien Berbrugger. Aliás, certos homens tiveram a boa sorte de se fazerem conhecidos em vida, tanto por suas qualidades quanto por seus escritos.

"Em lugar de fortuna, as honras não faltaram ao sábio conservador da biblioteca. Durante a viagem de Sua Majestade o Imperador, no mês de junho de 1865, ele recebeu a cruz da Legião de Honra, no grau de comendador, em recompensa por seus trabalhos literários. Precedentemente, tinha sido nomeado membro correspondente do Instituto de França.

"Adeus, Berbrugger! Na beira deste túmulo onde ireis dormir o sono eterno, ao menos temos um consolo: deixastes à vossa filha querida um nome imaculado e justamente honrado. Os habitantes de Argel guardarão carinhosamente o culto da vossa memória e, quando a Sociedade Histórica Argelina reunir-se para resolver um problema dos anais da África, *ela se inspirará* em vossa erudição."

A. Cherbonneau – Presidente

Numa das últimas sessões da Sociedade de Paris, houvemos por bem dar um último testemunho de simpatia à memória do Sr. A. Berbrugger, solicitando a sua evocação. Apressamo-nos em submeter à apreciação de nossos leitores a comunicação que dele recebemos e que nos parece bem caracterizar o trabalhador infatigável e consciencioso tão eloqüentemente descrito pelo Sr. Cherbonneau. A elevação de sua inteligência e sua grande erudição nos levam a esperar que ele se

digne, de vez em quando, a participar de nossos trabalhos e enriquecer os nossos arquivos de comunicações e de documentos úteis e interessantes.

(Sociedade de Paris, 30 de julho de 1869)

"Estou contente, senhores, com a vossa simpática acolhida. Embora eu não fizesse parte abertamente da falange espírita, nem por isso estava menos firme e intimamente convencido da verdade de vossos princípios. Lamento ter contribuído para aumentar o número dos tímidos, que o temor da opinião ou a dependência de sua situação obrigam a guardar silêncio sobre as suas secretas aspirações! Mas, devo dizer em minha defesa, toda vez que encontrei ocasião, compulsei e dirigi ao centro os documentos que interessavam à nossa filosofia e, na intimidade, tentei, algumas vezes com êxito, comunicar minhas crenças e partilhá-las. Hoje estou acima da opinião e minha família se ampliou. Se os laços de sangue sempre me ligarão aos meus parentes da Terra, os laços eternos das almas, os princípios de caridade, de tolerância e de união da filosofia espírita me unem a todos os seus membros que concorrem para lhe assegurar o futuro, por suas obras como encarnados e por suas inspirações como Espíritos.

"Em toda parte a Humanidade se despoja de suas antigas vestimentas filosóficas e substitui os velhos hábitos da rotina e dos preconceitos por uma crença racional e baseada na lógica e na experimentação. Sei por experiência: guiado pelos conhecimentos adquiridos, o homem, verdadeira esfinge, decifra os problemas reputados insolúveis. Se, nós outros arqueólogos, nos reedificamos com algumas frases esparsas, algumas palavras truncadas, algumas cartas incompletas, as inscrições meio apagadas do grande livro histórico da Humanidade, o filósofo e o pensador liberam, de seu cortejo de erros e de mentiras, as verdades que presidiram à fundação de todas as crenças humanas, encontrando,

em toda parte, o Deus único, adorado e honrado em suas múltiplas obras e nas leis maravilhosas que os sábios modernos se gabaram de descobrir. Mas, nada descobrimos, nada inventamos!... Não somos inventores, somos pesquisadores... perdemos o caminho e o encontramos algumas vezes!...

"Coragem, senhores, sou dos vossos pelo coração e estarei ainda convosco pelo Espírito e por um concurso mais ativo e mais pessoal que pelo passado. Servi-vos de mim; ficarei feliz se me tornar útil e concorrer para os vossos trabalhos na medida de meus conhecimentos."

A. Berbrugger

SR. GRÉGOIRE GIRARD – SR. DEGAND – SRA. VAUCHEZ

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Grégoire Girard, morto em Sétif (Argélia), nos primeiros dias de julho último.

O Sr. Girard era um dos fundadores de Sétif e um dos nossos mais antigos assinantes. Foi um dos espíritas que mais contribuíram para o desenvolvimento de nossas crenças nessa localidade. Homem simples e de costumes irrepreensíveis, viu aproximar-se a morte sem temor; para ele era a libertação, o retorno do exilado à verdadeira pátria. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; assim, ele pôde manifestar-se alguns dias após a sua inumação. Sua morte e o seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou constantemente para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

O Espiritismo viu partir um outro de seus representantes na pessoa do Sr. Hippolyte Degand, morto aos cinqüenta e um anos, no dia 25 de julho, em Philippeville (Argélia), após alguns dias de doença. O Sr. Hippolyte Degand também era, desde muito tempo, um adepto sincero e devotado,

compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina; era, na total acepção do termo, um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam e um daqueles que o Espiritismo se orgulha por contar em suas fileiras. Embora tenha partido quase de repente para o mundo dos Espíritos, não temos dúvida de que a sua situação é satisfatória. Sem temor pelo desconhecido, cheio de confiança em Deus, sabia aonde ia, e a tranqüilidade de sua consciência lhe permitia esperar ser acolhido com simpatia pelos nossos irmãos do espaço. Estamos convictos de que sua esperança não sofrerá decepção e que, no alto, ele há de ocupar o lugar reservado aos homens de bem.

No momento de pôr no prelo, recebemos uma carta participando a morte da Sra. Vauchez, ou Anne-Octavie Van Metcher, quando solteira, falecida a 16 de agosto, com 27 anos de idade, em seu domicílio, 51, rue de la Montagne, em Bruxelas (Bélgica).

Seu marido, o Sr. Vauchez, um de nossos mais antigos adeptos, foi um dos que se consagraram com mais zelo e dedicação ao desenvolvimento de nossa filosofia. Presidente há vários anos da Sociedade Espírita de Bruxelas, sempre soube, por sua moderação e perseverança, fazer com que os nossos princípios fossem apreciados e respeitados em sua localidade.

O Sr. Vauchez, que sempre se distinguiu pela coragem de opinião, não quis se desmentir ante a prova cruel que o feriu. A nota seguinte, extraída da carta fúnebre da Sra. Vauchez, é uma prova convincente:

Nota *– Às 2 horas, no dia 18 de agosto, na câmara mortuária, evocação e preces a Deus e aos Espíritos bons para que a acolham no mundo espiritual.*

Julgamos um dever associar-nos aos nossos irmãos de Bruxelas em seu apelo aos Espíritos bons, para que assistam

espiritualmente a Sra. Vauchez. – Estamos certos de que sua profunda convicção da verdade dos nossos princípios e de sua vida de sofrimentos e de provas, suportadas com exemplar resignação, a farão merecedora de uma situação satisfatória no mundo do espaço. – Seu Espírito, há muito tempo preparado para uma outra vida, e desprendido antes mesmo da morte de seus laços materiais, há de ter tomado posse de seu novo estado com a satisfação do prisioneiro que, havendo quebrado a grade de sua prisão, respira o delicioso ar da liberdade.

Variedades

O ÓPIO E O HAXIXE

(2º artigo – Vide a *Revista* de agosto de 1869)

Conforme o desejo que expressamos no último número da *Revista*, vários dos nossos correspondentes se dignaram estudar a questão tão interessante concernente às diversas formas de embriaguez a que pode estar submetido o ser humano, e nos transmitiram o resultado de suas observações. Como a falta de espaço não nos permite publicar todos esses documentos, dos quais, todavia, tomamos boa nota, limitar-nos-emos a chamar a atenção dos nossos leitores sobre o *Relatório dos trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux durante o ano de 1867*[38], que, em suas páginas 12 e 13, contém reflexões muito judiciosas e bastante racionais sobre a embriaguez perispiritual provocada nos desencarnados pela absorção dos fluidos alcoólicos.

Reproduzimos igualmente uma instrução obtida sobre o mesmo assunto num grupo de Genebra, por nos parecer encerrar considerações de grande profundeza e interesse geral.

38 Brochura in-8; preço: 60 c., franco: 70 c. – Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

(Genebra, 4 de agosto de 1869 – Médium: Sra. B.)

P. – *A embriaguez do homem dominado pelo abuso dos licores alcoólicos assemelha-se às desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor que anima o sistema nervoso? – Não é também uma embriaguez especial a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições?*

Resp. – Efetivamente, há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a embriaguez fluídica ou perispiritual e a embriaguez mental.

A matéria propriamente dita encerra uma essência que dá vida às plantas, e esta essência circula em seus tecidos por meio de um sistema de fibras e de vasos de extrema delicadeza; poder-se-ia, com toda razão, chamar essa essência de *fluido vegetal*. Não obstante sua perfeita homogeneidade, ele se transforma e se modifica no corpo que ocupa e, à medida que desenvolve a planta, lhe dá uma forma material, um perfume e qualidades de natureza e potência diversas. Por isso a rosa não se parece com o lírio, nem tem o seu perfume, nem as suas propriedades; a espiga de trigo não tem a forma da videira, nem seu gosto, nem suas qualidades. Pode-se, pois, determinar em três formas bem distintas as relações das plantas com o fluido geral, que as alimenta e transforma conforme a sua natureza e o objetivo a que são chamadas a preencher na escala dos seres animados. Esta mesma lei preside ao desenvolvimento de todas as criações, daí resultando um encadeamento ininterrupto de todos os seres, desde o átomo orgânico, invisível ao olho humano, até a criatura mais perfeita. Em seu estado normal, cada ser possui a quantidade de fluido necessário para constituir o equilíbrio e a harmonia de suas faculdades. Mas o homem, pelo abuso dos licores alcoólicos, rompe o equilíbrio que deve existir entre seus diversos fluidos; daí a desorganização de suas faculdades, a divagação das idéias e a desordem momentânea da inteligência; *é como numa tempestade, em que*

os ventos se cruzam e se elevam turbilhões de poeira, rompendo por um instante a calma da Natureza.

A embriaguez fluídica ou perispiritual é a conseqüência da infusão na economia dos perfumes das plantas e da absorção da parte semimaterial, eteriforme, dos elementos terrestres. Os narcóticos e os anestésicos estão neste número; por vezes provocam insônia, mas em geral provocam visões, sonos profundos nem sempre com despertar. *Poder-se-ia dizer que o perfume é o perispírito da planta e que ele corresponde ao perispírito do homem*. O uso excessivo de perfumes dá mais expansão ao laço fluídico, tornando-o mais apto a sofrer as influências ocultas, mas o desprendimento provocado pelo abuso é incompleto, irregular e traz perturbação na harmonia dos três princípios constitutivos do ser humano. Assim, poder-se-ia comparar o Espírito a um prisioneiro que se evade e corre ao acaso, aproveitando mal o momento de liberdade, que teme incessantemente perder. As visões conseqüentes à embriaguez fluídica não são completas nem contínuas, porque já existe equilíbrio nos fluidos reguladores e conservadores da vida.

A embriaguez mental é provocada por abalos morais violentos e inesperados; a alegria e a dor podem ser os seus promotores. É possível estabelecer uma analogia longínqua entre essa embriaguez e o que se passa na planta que, além da sua individualidade e de seu perfume, possui propriedades, que conserva e que pode utilizar, quando não pertence mais à Terra. Pode curar ou matar. A violeta, por exemplo, acalma as dores, enquanto a cicuta provoca a morte. As plantas venenosas são alimentadas pela parte impura do fluido vegetal. Todo fluido viciado, seja qual for a secção anímica a que pertença, provoca desordens, quer no corpo, quer no Espírito. Uma impressão muito viva de alegria ou de dor pode dar originar à embriaguez mental, e um abalo semelhante pode restabelecer o equilíbrio momentaneamente rompido, assim como a ingestão na economia

de um elemento nocivo pode, em certas circunstâncias, ser um contraveneno para um elemento da mesma natureza.

Mas, admitindo a existência dessas três formas de embriaguez – material, fluídica e mental – devemos acrescentar que as três formas jamais se apresentam isoladamente à vista do observador. Um estudo superficial permite, conforme os efeitos produzidos, reconhecer a natureza da causa determinante, mas, em todos os casos, as desordens atingem, ao mesmo tempo e mais ou menos gravemente, o Espírito, o perispírito e o corpo. Talvez se pudesse dizer, com alguma razão, que a loucura moral é *uma embriaguez mental crônica*.

Em outra parte, voltaremos a esta questão interessante para o médico e para o psicólogo, este médico da alma.

Um Espírito

A LIGA DO ENSINO

CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

(2º artigo – Vide a *Revista* de julho de 1869)

Num dos últimos números da *Revista* julgamos por bem anunciar aos nossos leitores a constituição imediata e definitiva do *Grupo Parisiense da Liga do Ensino*. Hoje nos sentimos felizes por dar a conhecer o programa desses homens devotados, que querem consagrar-se ao desenvolvimento da instrução, sobretudo entre as populações rurais. Aplaudimos sua generosa tentativa e fazemos votos por que seja coroada de pronto e integral sucesso.

Não poderíamos testemunhar melhor a nossa simpatia aos trabalhos da *Liga,* do que reproduzindo os seguintes extratos das últimas circulares publicadas pelo *Círculo Parisiense*. Deixaremos que os nossos leitores apreciem o espírito metódico e prático que presidiu à redação desse programa.

"Foi criada uma Sociedade em Paris, sob o título de *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, com o objetivo de propagar a instrução. É principalmente às populações rurais que ela se dirige. Provoca e estimula a iniciativa individual para a fundação de escolas, cursos gratuitos, conferências públicas e bibliotecas populares; não se ocupa senão de disseminar as noções mais elementares e mais gerais, não se permitindo entrar em discussões políticas ou religiosas. Espera-se que a Liga, que já conta na França importantes e múltiplos Círculos, veja crescer diariamente o número de seus adeptos, e que se possa encontrar, na própria Paris, um centro de ensino.

"Respeitando a vontade livremente expressa de um grupo fundador qualquer, o Círculo Parisiense oferece seu concurso desinteressado; ele aspira a pôr em comunicação os pontos extremos do país; responde a questões, auxilia as individualidades e se abstém de toda pressão.

"O Círculo Parisiense coloca-se gratuitamente à disposição dos que decidirem organizar uma escola, um material científico, e os guia na escolha dos melhores instrumentos, sejam cartas, globos, aparelhos de física, etc. Aos que quiserem dotar sua comuna de uma biblioteca, o Círculo Parisiense pode oferecer os catálogos dos editores franceses e estrangeiros, e dar seus conselhos, caso se os reclame, para a formação de catálogos especiais destinados ao uso dos leitores, quer pertençam a uma população industrial, quer a uma população agrícola. A isto juntará seus donativos em dinheiro, tanto quanto o permitirem os seus recursos.

"O Círculo publicará um boletim, assim que estiver em condições de fazê-lo, para dar conta dos resultados obtidos.

"Obra de propaganda e de fraternidade, o Círculo busca a luz visando ao interesse geral. Solicita, pois, a expressão das

necessidades intelectuais coletivas; esforçar-se-á por provê-lo na medida de seus recursos...

"O *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, fundado em 1866, acaba de constituir-se definitivamente. Conta hoje 450 aderentes que subscreveram uma soma anual de 2.300 francos." [39]

Dissertações Espíritas

UNIDADE DE LINGUAGEM

(Paris, 23 de março de 1869)

A unidade de linguagem é impossível no mesmo grau que a unidade de governo, pelo menos até uma época recuada. Deixemos, pois, aos filhos de nossos netos o cuidado de pensar nas transformações lingüísticas que necessitarão suas épocas. O que importa hoje é aumentar os meios de relação, suprimir os entraves que separam as nacionalidades, considerar os homens como seres que falam a Deus numa linguagem diferente, que aprenderam a respeitar e a venerar sob formas diversas, mas que são todas suas criaturas no mesmo grau.

Dispensai largamente a instrução, fazei a filosofia simples e lúcida, desembaraçai-a de todas as mixórdias das camarilhas escolásticas; que vossas discussões tenham por objetivo os princípios, e não as formas de linguagem, a fim de chegardes, se não à verdade absoluta, pelo menos a vos aproximardes dela cada dia mais.

Estudai as línguas estrangeiras, mas conhecei bem, antes de tudo, a do vosso país; servi-vos delas para estudar a História, para apreciar os progressos do espírito humano e para vos

39 As subscrições, que não podem ser inferiores a um franco, são recebidas na sede da *Liga*, em casa do Sr. E. Vauchez, 53, rue Vivienne.

criar um método de experimentação quanto à maneira por que são realizados. Não é a variedade, nem a multidão dos conhecimentos que fazem o homem verdadeiramente instruído; o importante não é saber muito, mas saber com segurança e com lógica.

As faltas das gerações passadas deveriam ser, para a geração contemporânea, espécies de arrecifes, indicados como objeto de estudo para os experimentadores, a fim de que neles evitem chocar-se... Os exploradores dos mares desconhecidos se expõem a sérios riscos, porque ignoram a causa e a natureza dos perigos que terão de enfrentar; se não descobrirem todos os arrecifes, ao menos os assinalam em maior número aos que devem percorrer as mesmas rotas depois deles, e cada um mantém-se em segurança. No oceano infinito que devemos percorrer para alcançar a perfeição, pareceria, ao contrário, que os escolhos atraem, que as correntes pérfidas são dotadas de um poder atrativo, de uma influência magnética irresistível. Cada um quer encalhar por si mesmo, não se importando com os que pereceram ao descobrir o abismo!

Quando, pois, sereis prudentes, ó homens!... Quando abandonareis vossas loucas e temerárias excursões sem método e sem freio?... Quando fareis da razão e da lógica vossos guias mais seguros?

Mas, se quiserdes aplanar a estrada e obter esse resultado, esquecei vossas dissensões intestinas; que o interesse particular desapareça diante do interesse geral, e que vossa divisa comum seja: *Cada um por todos e todos por cada um.*

Quereis a paz? Dai a *instrução!*...

Quereis o progresso do comércio, das artes, da indústria? Propagai a *instrução!*...

A instrução em toda parte e sempre!... é por ela e só por ela que desaparecerão as sombras; é ela que fará da inteligência uma

força e da matéria um objeto; de Deus o poder criador e remunerador; do homem uma inteligência regenerada e progressista; de todos, enfim, os membros cooperadores de uma única e mesma família: a Humanidade.

Channing

A VISÃO DE DEUS

(Genebra, 11 de janeiro de 1869)

Perguntas como é possível à criatura, finita e limitada, ver o Criador, desde que Ele é infinito e não tem forma visível.

Irmão, a visão de Deus não consiste em ver com o órgão visual, tal qual agora podes imaginar ou compreender; por isto se deve entender a visão do espírito ou inteligência. É uma visão sem imagem; é uma percepção, um conhecimento, uma expansão de amor irresistível; é a visão real das manifestações magníficas e inenarráveis da Divindade, a certeza inefável da presença e do amor infinito de Deus, em vez da visão de uma forma determinada que, por conseguinte, seria finita e não poderia ser Deus.

Aliás, toda coisa visível logo se torna conhecida e analisada em profundidade, porque é limitada e, conseqüentemente, não pode ser uma fonte de bondade eterna e infinita. Nesta maneira de representar a visão de Deus, cai-se forçosamente nas idéias pouco inteligentes e retardatárias, bem como na imobilidade dos bem-aventurados extáticos para sempre no paraíso. Ora, os que, depois de haverem esgotado as provas das vidas transitórias, chegaram ao topo da escala espírita, não cessam de ser ativos, porquanto, à medida que o Espírito se purifica e se aproxima de Deus, participa cada vez mais das perfeições divinas; e, como Deus é o centro e o foco da eterna atividade da vida, resulta que os Espíritos puros agem incessantemente, a fim de contribuírem com toda a sua liberdade e toda a sua força para a

realização das vontades do Eterno. Sentem que o foco da caridade infinita os envolve, que a luz que jorra da face de Deus os ilumina e que a onisciência do Senhor lhes abre seus tesouros, e que o Todo-Poderoso os torna livres e fortes para dominarem os elementos, dirigirem as forças vitais, influírem sobre as inteligências dos Espíritos elevados, embora não chegados ao topo, e contribuírem eternamente para a manutenção da harmonia da Criação.

As palavras do apóstolo Paulo: *"Videbimus Deum facie ad faciem"* e *"videbimus Deum sicuti est"* não devem ser tomadas ao pé da letra, porque a criatura jamais poderá limitar Deus à sua medida, nem se tornar infinita, o que ressalta literalmente do texto de Paulo. Em vez disso, entendamos que os Espíritos puros terão noções de Deus sempre mais perfeitas à medida que crescerem em perfeição; que nunca mais o erro turvará o seu entendimento; que as delícias e o amor deste bem e desta beleza harmônica sem limite lhes serão desvendadas sempre mais, séculos após séculos, mas sem jamais conseguirem impor à Divindade nem limites, nem formas, nem imagens mais ou menos análogas às que são criadas pela imaginação do homem terreno.

Adeus; trabalha com coragem, porque, pelo trabalho e pelo exercício das faculdades que Deus te deu, não fazes no presente, com dificuldade, senão o que farás de outro modo, e com delícias sem-fim, por toda a eternidade, quando todas essas mesmas faculdades tiverem recebido o desenvolvimento necessário.

Bibliografia

Educação materna – *Conselhos às mães de família,* por madame E.-C., de Bordeaux. – Brochura in-8º, 50 centavos, *franco* 60 c., Bordeaux; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille (*Revista Espírita* de julho de 1864.)

Apressamo-nos em anunciar aos nossos leitores que acabamos de encontrar um certo número de exemplares desta obra, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo, e que julgávamos esgotada. Os assinantes que desejarem adquiri-la poderão comprá-la dirigindo seu pedido à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

Obras recomendadas – **A vida de Germaine Cousin**, de Pibrac, bem-aventurada na caridade; ditado mediunicamente por ela mesma à senhorita M. S..., num grupo familiar. Brochura in-12; preço, 1 fr.; *franco*, 1 fr. 10. (*Revista Espírita* de julho de 1865.)

Escrínio literário, pela Sra. viscondessa de Vivens; 1 vol. in-12; preço, 3 fr.; *franco*, 3 fr. 40; Toulouse, 1869; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

Coletânea de pensamentos espiritualistas e espíritas de diversos autores, antigos e modernos, entre os quais figuram extratos de diferentes obras dos Srs. Allan Kardec, Flammarion, Pezzani, etc.

Estudos sobre o materialismo e o Espiritismo, por A. Cahagnet. Brochura in-18. Preço, 1 fr. 25; *franco*, 1 fr. 40. Paris.

A falta de espaço nos obriga a adiar para um próximo número a apreciação desta interessante obra, que trata da existência no além-túmulo de um ponto de vista especial e que será objeto de nosso exame.

Demissão do Sr. Malet,

Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Anunciamos aos espíritas da província e do estrangeiro que o Sr. Malet, que houve por bem encarregar-se provisoriamente da presidência da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* quando da

morte do Sr. Allan Kardec, viu-se obrigado, por força de suas numerosas ocupações pessoais, a demitir-se de suas funções no dia 28 de julho de 1869.

Os membros da administração, reunidos em comissão no dia 30 do mesmo mês, depois de apreciarem os motivos expostos em sua carta, aceitaram a demissão.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal:

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade, deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII OUTUBRO DE 1869 Nº 10

Questões e Problemas

EXPIAÇÕES COLETIVAS[40]

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

Questão – *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como conseqüências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.*

Resposta – Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados.

40 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contacto com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias, o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

Três caracteres há em todo homem: o do indivíduo, do ser em si mesmo; o do membro da família e, finalmente, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces pode ele ser criminoso e virtuoso, isto é, pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que criminoso como cidadão e reciprocamente. Daí as situações especiais que para si cria nas suas sucessivas existências.

Salvo alguma exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que numa existência vêm a estar reunidos por uma tarefa comum já viveram juntos para trabalhar com o mesmo objetivo e ainda reunidos se acharão no futuro, até que hajam atingido a meta, isto é, expiado o passado, ou desempenhado a missão que aceitaram.

Graças ao Espiritismo, compreendeis agora a justiça das provações que não decorrem dos atos da vida presente, porque reconheceis que elas são o resgate das dívidas do passado. Por que não haveria de ser assim com relação às provas coletivas? Dizeis que os infortúnios de ordem geral alcançam assim o inocente, como o culpado; mas, não sabeis que o inocente de hoje pode ser o culpado de ontem? Quer ele seja atingido individualmente, quer

coletivamente, é que o mereceu. Depois, como já o dissemos, há as faltas do indivíduo e as do cidadão; a expiação de umas não isenta da expiação das outras, pois que toda dívida tem que ser paga até à última moeda. As virtudes da vida privada diferem das da vida pública. Um, que é excelente cidadão, pode ser péssimo pai de família; outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser mau cidadão, ter soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. Essas faltas coletivas é que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se encontram de novo reunidos, para sofrerem juntos a pena de talião, ou para terem ensejo de reparar o mal que praticaram, demonstrando devotamento à causa pública, socorrendo e assistindo aqueles a quem outrora maltrataram. Assim, o que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus, se torna claro e lógico mediante o conhecimento dessa lei.

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente. Eis aí o que o Espiritismo faz compreensível, por meio da eqüitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clélie Duplantier

Observação – Conquanto se subordine aos conhecidos princípios de responsabilidade pelo passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, esta comunicação encerra uma idéia de certo modo nova e de grande importância. A distinção que estabelece entre a responsabilidade decorrente das faltas individuais ou coletivas, das da vida privada e da vida pública, explica certos fatos ainda mal conhecidos e mostra de maneira mais precisa a solidariedade existente entre os seres e entre as gerações.

Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora se melhorando, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado.

Os franceses de hoje são, pois, os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os exatores e as vítimas do feudalismo; os que submeteram outros povos e os que trabalharam pela emancipação deles, que se encontram na França transformada, onde uns expiam, na humilhação, o seu orgulho de raça e onde outros gozam o fruto de seus labores. Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da Divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas, dessas convulsões sociais, uma melhora sempre resulta; os Espíritos se esclarecem pela experiência; o infortúnio é o estimulante que os impele a procurar um remédio para o mal; na erraticidade, refletem, tomam novas resoluções, e quando voltam, fazem coisa melhor. É assim que, de geração em geração, o progresso se efetua.

Não se pode duvidar de que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, enveredam por mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz insuladamente. Uma família se enriquece à custa de outra; um povo subjuga outro povo, levando-lhe a desolação e a ruína; uma raça se esforça por aniquilar outra raça. Essa a razão por que há famílias, povos e raças sobre os quais desce a pena de talião.

"Quem matou com a espada perecerá pela espada", são palavras do Cristo, palavras que se podem traduzir assim: Aquele que fez correr sangue verá o seu também derramado; aquele que levou o facho do incêndio ao que era de outrem, verá o incêndio ateado no que lhe pertence; aquele que despojou será despojado; aquele que escraviza e maltrata o fraco será a seu turno escravizado e maltratado, quer se trate de um indivíduo, quer de uma nação, ou de uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários assim no bem como no mal que em comum praticaram.

Ao passo que o Espiritismo dilata o campo da solidariedade, o materialismo o restringe às mesquinhas proporções da existência do homem, fazendo da mesma solidariedade um dever social sem raízes, sem outra sanção além da boa vontade e do interesse pessoal do momento. É uma simples teoria, simples máxima filosófica, cuja prática nada há que a imponha. Para o Espiritismo, a solidariedade é um fato que assenta numa lei universal da Natureza, que liga todos os seres do passado, do presente e do futuro e a cujas conseqüências ninguém pode subtrair-se. É esta uma coisa que todo homem pode compreender, por menos instruído que seja.

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, conseguintemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então

deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse e não no de outrem. O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos e o da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Virá esse reinado? Duvidar do seu advento seria negar o progresso. Se compararmos a sociedade atual, nas nações civilizadas, com o que era na Idade Média, reconheceremos grande a diferença. Ora, se os homens avançaram até aqui, por que haveriam de parar? Observando-se o percurso que eles hão feito apenas de um século para cá, poder-se-á avaliar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações a esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de conseguilo. Por isso é que se movimentam, agitam, tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem, de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho se lhes aclarará.

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda, as idéias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe hão obstado ao progresso e pela moralização das massas. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto a esse sonho; deixá-lo-iam morrer tranqüilamente, como há sucedido a muitas utopias. Isto, por si só, deverá dar que pensar a certos zombadores, fazendo-os ponderar que talvez haja aí alguma coisa

mais séria do que imaginam. Mas, há pessoas que de tudo riem, que ririam mesmo de Deus, se o vissem na Terra. Também há os que têm medo de que aos seus olhos se apresente a alma que se obstinam em negar.

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. Pela sua natureza, não pode, nem deve exercer nenhuma pressão. Proscrevendo a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz. Não repudia nenhuma descoberta da Ciência, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, estando a ação do Espiritismo no seu poder moralizador, não pode ele assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará às idéias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes dos homens e às relações sociais. E maior será essa influência, pela circunstância de não ser imposta. Forte como filosofia, o Espiritismo só teria que perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império das idéias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, ele repele todo misticismo, desde que não se estenda esta denominação, como o fazem os que em nada crêem, à crença em Deus, na alma

e na vida futura. Induz, é certo, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, mas porque essa é a vida normal, sendo nela que se têm de cumprir os nossos destinos, pois que a vida terrestre é transitória, passageira. Pelas provas que apresenta da realidade da vida espiritual, ensina aos homens a não atribuírem mais que relativa importância às coisas deste mundo, dando-lhes assim força e coragem para suportar com paciência as vicissitudes da vida terrena. Ensina-lhes que, morrendo, não deixam para sempre este mundo; que podem a ele voltar, a fim de aperfeiçoarem sua educação intelectual e moral, a menos que já estejam bastante adiantados para merecerem passar a um mundo melhor; que os trabalhos e progressos que realizem, ou para cuja realização contribuam, lhes aproveitarão, concorrendo para que melhorada se lhes torne a posição futura. Mostra-lhes dessa forma que é de todo o interesse deles não o desprezarem. Se lhes repugna voltar aqui, uma vez que possuem o livre-arbítrio, deles depende o fazerem o que é necessário a se tornarem habitantes de outros orbes; mas, que não se iludam sobre as condições que devem preencher para merecerem uma mudança de residência! Não será por meio de algumas fórmulas, expressas em palavras ou atos, que o conseguirão, sim por efeito de uma reforma séria e radical de suas imperfeições, modificando-se, despojando-se das paixões más, adquirindo dia a dia novas qualidades, ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de proceder que levará solidariamente todos os homens à ventura, pela fraternidade, pela tolerância, pelo amor.

A Humanidade se compõe de personalidades, que constituem as existências individuais, e das gerações, que constituem as existências coletivas. Umas e outras avançam na senda do progresso, por variadas fases de provações que, portanto, são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Do mesmo modo que, para o encarnado, cada existência é um passo à frente, cada geração marca um grau de progresso para o conjunto. É irresistível esse progresso do conjunto e arrasta as massas, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de

regeneração os erros e prejuízos de um passado que tem de desaparecer. Ora, como as gerações se compõem dos indivíduos que já viveram nas gerações precedentes, segue-se que o progresso delas é a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, quem demonstrará, poderão dizer, a existência de solidariedade entre a geração atual e as que a precederam, ou entre ela e as que lhe sucederão? Como se poderia provar que eu já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se produzirão na sucessão dos tempos?

Nas obras fundamentais da Doutrina e na *Revista*, o princípio da pluralidade das existências já foi exaustivamente demonstrado, para que ainda nos detivéssemos aqui a demonstrá-lo. Nos fatos da vida cotidiana fervilham provas e uma demonstração quase matemática. Limitamo-nos, pois, a concitar os pensadores a que atentem nas provas morais que decorrem do raciocínio e da indução.

Será, porventura, necessário vejamos uma coisa, para que nela acreditemos? Observando efeitos, não se pode adquirir a certeza material da causa?

Afora a da experiência, a única senda legítima que se abre para a investigação consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece notabilíssimo exemplo desse princípio, quando empreende descobrir os *indícios* dos meios que serviram à perpetração de um crime, as *intenções* que se agregam à culpabilidade do malfeitor. Este não foi apanhado em flagrante e, contudo, é condenado por esses indícios.

A Ciência, que pretende caminhar tão-só pela via da experiência, afirma todos os dias princípios que mais não são do que induções das causas por meio unicamente da observação dos efeitos.

Em geologia determina-se a idade das montanhas. Porventura assistiram os geólogos ao surto delas? Viram formar-se as camadas de sedimento que lhes determinam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem se avaliem o peso dos planetas, suas densidades, seus volumes, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; entretanto, os sábios não fizeram experiências diretas e é à analogia e à indução que devemos tão belas e preciosas descobertas.

Os homens de antanho, baseados nos testemunhos de seus sentidos, afirmavam ser o Sol que gira em torno da Terra. No entanto, esse testemunho os enganava e prevaleceu o raciocínio.

O mesmo se dará com os princípios que o Espiritismo sustenta, desde que se disponham a estudá-los, sem prevenções, e, então, a Humanidade entrará, real e rapidamente, numa era de progresso e de regeneração, porque, já não se sentindo isolados entre dois abismos, o desconhecido do passado e a incerteza do porvir, os indivíduos trabalharão com energia por aperfeiçoar e multiplicar os elementos da felicidade que são obra deles, porque reconhecerão que não é devida ao acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios gozarão, no futuro e em melhores condições, do fruto de seus labores e de suas vigílias. É que o Espiritismo lhes ensinará que, se as faltas coletivamente cometidas são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários, princípio em virtude do qual desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos e a Humanidade, livre das fraldas da infância, avançará, célere e virilmente, para a conquista de seus verdadeiros destinos.

Allan Kardec

Precursores do Espiritismo

DUPONT DE NEMOURS

Entre os homens que, por seus escritos, prepararam o advento definitivo do Espiritismo, há os que tiraram suas crenças sobre os nossos princípios, da tradição e do ensino, enquanto outros chegaram a essas convicções por suas próprias meditações, com a ajuda da inspiração divina.

Dupont de Nemours, escritor quase esquecido hoje, e cujos trabalhos julgamos um dever assinalar aos nossos leitores, admirador e adepto das doutrinas de Leibnitz, partidário da escola teosófica, foi, certamente, no fim do século passado, um dos mais eminentes precursores dos ensinamentos da Doutrina Espírita atual.

Afirmamos com a mais inteira certeza: seria difícil encontrar, quer entre os seus contemporâneos, quer entre os pensadores de nossa época, um escritor que tenha compreendido melhor, somente pela força do raciocínio, os verdadeiros destinos da alma, sua origem provável, e as condições morais e espirituais de sua existência terrena.

Ninguém melhor do que ele expressou em termos viris e bem sentidos, o papel de Deus no Universo, a harmonia e a justiça infinitas das leis que governam a Criação, a progressão sem limites que rege todos os seres, desde o infusório invisível até ao homem, e do homem até Deus; ninguém apreciou melhor a importância de nossas comunicações com o mundo invisível, nem melhor concebeu a natureza das provações, das recompensas e das expiações humanas. Antes dele, certamente, jamais *a pluralidade das existências foi mais bem afirmada, a necessidade da reencarnação e o esquecimento do passado mais bem estabelecidos*, a vida do espaço mais bem determinada.

Dupont de Nemours considera os animais como irmãos mais novos da Humanidade, como os elos inferiores da cadeia contínua pelos quais o homem teve de passar antes de chegar ao estado humano. Eis aí um pensamento que lhe é comum com o do seu mestre Leibnitz. Esse grande filósofo sustenta a possibilidade, para o Espírito humano, de ter animado os vegetais, depois os animais. Faremos lembrar que não há qualquer analogia entre esse sistema, incessantemente progressivo, e o da metempsicose animal para o futuro, que evidentemente é absurda. Entregamos sem comentário, aos nossos leitores, esta concepção, que se acha nas obras de grande número de filósofos contemporâneos, reservando-nos exprimir mais tarde a nossa opinião a respeito.

Enquanto esperamos, sentimo-nos felizes por ver agregar-se ao volumoso dossiê reunido pelo Sr. Allan Kardec sobre essa interessante questão, as reflexões e as comunicações de que ela poderia ser objeto, quer da parte dos espíritas isolados, quer dos grupos e das sociedades, que julgarem oportuno estudá-la.

As passagens seguintes, extraídas da principal obra de Dupont de Nemours, a *Filosofia do Universo*, dedicada ao célebre químico Lavoisier, provarão melhor do que os mais longos comentários, seus direitos ao reconhecimento e à admiração dos espiritualistas em geral e, mais particularmente, dos espíritas.

Epígrafe: *Nada de nada; nada sem causa; nada que não tenha efeito.*

Página 41 e seguintes: *Não existe acaso.*

"Que seres inteligentes possam ser produzidos por uma causa ininteligente, isto é absurdo; *por acaso*, é uma expressão imaginada para ocultar a ignorância. *Não existe acaso:* nem mesmo nos mais insignificantes acontecimentos, nem mesmo nas chances do jogo. Mas, porque ignoramos as causas, supomos, cremos,

dizemos que há *acaso* e calculamos até mesmo o número de nossas inabilidades *como chances do acaso*, embora essas inabilidades não sejam *acasos*, mas efeitos físicos de causas físicas postas em movimento por uma inteligência pouco esclarecida.

"Que todos os seres inteligentes tenham o poder, mais ou menos considerável, não de desnaturar, mas de arranjar, combinar, modificar as coisas ininteligentes, é o que nos provam todos os nossos trabalhos e os dos *animais, nossos irmãos*.

"Rejeitamos a palavra e a idéia de *acaso*, como vazias de sentido e indignas da filosofia. Nada acontece, nada pode acontecer senão conformemente às leis.

Teoria do perispírito[41]

"Duas espécies de leis físicas nos chocaram: as que comunicam o movimento à matéria inanimada e que são objeto das ciências exatas, e as que lhe imprimem pela vontade os seres inteligentes.

"Pareceu-nos que esta maneira de imprimir o movimento devia ligar-se à extrema expansibilidade de uma matéria muito sutil, e encontramos um exemplo disto na máquina a vapor e na pólvora; mas continua a mesma dificuldade, pois não é mais compreensível que uma inteligência, uma vontade, paixões, tornem expansível a matéria mais sutil como a mais compacta. Entretanto, o fato é constatado com tanta freqüência por cada um dos nossos movimentos, que nos vimos forçados a reconhecer na inteligência *esta força, mais ou menos considerável, conforme a organização dos Espíritos que dela são dotados.*

Página 51 e seguintes: *Solidariedade; voz interior.*

"Cada boa ação é uma espécie de empréstimo feito ao gênero humano; é um adiantamento, posto num comércio onde

41 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

nem todas as expedições aproveitam, mas onde a maior parte traz retornos mais ou menos vantajosos, de sorte que ninguém as multiplica sem que elas produzam em massa um grande benefício.

"A *consciência* está no âmago do coração humano, o ministro perpétuo do Criador. Ela estabelece *uma alma na alma para julgar a alma*. Parece que há um *nós* que agita e um outro *nós* que decide se o desejo é honesto, se a ação é boa. Nada de felicidade quando eles não estão de acordo, quando o mais impetuoso dos dois deixa de respeitar o melhor e o mais sábio, pois este não perde os seus direitos; pode ceder passageiramente num combate, mas tira sua desforra; nasceu para comandar e finalmente comanda. Pode recompensar, quando os homens oprimem e julgam punir. Pode punir, quando os homens acumulam elogios e multiplicam as recompensas. A sociedade não vê e não deve julgar senão as ações. Além disso, a consciência vê e julga as intenções e os motivos. Faz corar pelo reconhecimento mal adquirido e pela reputação usurpada.

Página 127 e seguintes: *Existência e comunicação dos Espíritos desencarnados.*

"Existem apenas os homens que tenham recebido esse poder protetor das ações honestas e que sejam susceptíveis do sentimento que os excita, que os dirige? Serão os mais engenhosos, os mais nobres, os mais ricos em sensações e em faculdade de todos os cidadãos do Universo, de todos os seres inteligentes criados? *Sim, dos que nos são conhecidos*. Mas, conhecemos todos os *seres?* Conhecemos ao menos os que habitam nosso globo? Possuímos o sentido que seria necessário para os conhecer? Talvez o orgulho ainda responda *sim;* e será um orgulho insensato.

"Homem, tua visão mergulha abaixo de ti; distingues perfeitamente a gradação ininterrupta estabelecida pelos matizes imperceptíveis, entre todos os animais... O progresso deve parar em ti? Ergue os olhos, és digno deles: pensas, nasceste para pensar.

Ousas comparar a distância assustadora que reconheces entre ti e Deus, com a distância tão pequena que me fez hesitar entre ti e a formiga? Este espaço imenso é vazio?

"Não é, não pode ser; o Universo não tem lacuna. Se está cheio, o que o preenche? Não podemos *sabê-lo*; mas, desde que o lugar existe, nele deve achar-se alguém ou qualquer coisa. Por que não temos nenhum conhecimento evidente desses seres, cuja conveniência, analogia, necessidade no Universo chocam a reflexão, a única que no-los poderia indicar? Desses seres que nos devem superar em perfeição, em faculdades, em força, tanto quanto superamos os animais da última classe e as plantas?... É que nos faltam os órgãos e os sentidos necessários para que a nossa inteligência se comunique com eles, embora eles possam muito bem ter órgãos próprios para nos identificar e influenciar, assim como identificamos e dominamos raças inteiras de animais que nos ignoram, e que não são inferiores a nós senão em pequeníssimo número de sentidos. Que pobreza não ter senão cinco ou seis, e ser apenas homens! Podemos ter dez, cem... e é assim que os mundos abarcam os mundos e que são classificados os *seres inteligentes*.

"O que fazemos pelos *nossos irmãos mais novos* (os animais)... os gênios, os anjos (permiti-me empregar nomes em uso para designar seres que adivinho e que não conheço), esses seres que valem bem mais do que nós, o fazem por nós... Mas não suponhais, entretanto, que trato de *Espíritos puros* os seres que nos são superiores...

"Sabemos perfeitamente que as nossas paixões e a nossa vontade movem nosso corpo por um meio que nos é desconhecido e que parece contrariar fortemente as leis da gravitação, da Física, da Mecânica, etc. Basta isto para compreendermos qual deve ser no mundo e sobre nós a ação das inteligências *sobre-humanas* que podemos conhecer por indução e

pelo raciocínio, em comparação ao que somos com outros animais, mesmo assaz inteligentes, e que não fazem de nós a mínima idéia.

"Não podemos esperar agradar as *inteligências* de grau superior pelos atos que o próprio homem acharia odiosos. Não nos podemos gabar mais de os enganar como os homens, por um exterior hipócrita, que apenas faz tornar o crime mais desprezível. Elas podem assistir às nossas mais secretas ações; podem ser instruídas dos nossos solilóquios e mesmo dos nossos pensamentos não formulados. Ignoramos de quantas maneiras dispõem para ler no nosso coração; nós, cuja miséria, grosseria e inépcia limitam nossos meios de conhecer pelo toque, de ver, ouvir e por vezes analisar, conjecturar. Esta casa, que um célebre romano queria construir, aberta à vista de todos os cidadãos, existe e nela habitamos. Nossos vizinhos são os chefes e os magistrados da grande república, investidos do direito e do poder de recompensar e punir, o que para eles não é um mistério. E os que lhe penetram mais completamente as mínimas variações, as inflexões mais delicadas, são os mais poderosos e os mais sábios.

"Eles jamais nos abandonam; nós os encontramos sobretudo quando estamos sós. Acompanham-nos em viagem, no exílio, na prisão, no calabouço. Adejam em torno de nossa cabeça pensativa e tranqüila. *Podemos interrogá-los*; e toda vez que o tentamos *dir-se-ia* que eles nos respondem. Por que não o fariam? Bem que os nossos amigos nos prestam semelhante serviço, mas só aqueles que nos inspiram um grande respeito."

Página 161 e seguintes: *Pluralidade das existências.*

"Se o verdadeiro *nós* não encerra senão a nossa *inteligência*, a nossa faculdade de sentir, de raciocinar; se o nosso corpo e os órgãos que o compõem não passam de uma máquina *ao nosso serviço*, isto é, a da inteligência que seria o *nós*; se os limites do poder presente desta inteligência não se devem à sua natureza inteligente, mas apenas ao maior ou menor grau de perfeição da

máquina que lhe foi dada para reagir; se pode aperfeiçoar essa máquina e o partido que dela tira, a tese muda e todas as conseqüências devem mudar.

"Confesso que essa suposição me parece verdadeira e espero vos mostrar antes de terminar este escrito que é a que melhor se harmoniza com as leis gerais, com a ordem eqüitativa e cheia de razão que impera no Universo. Parece-me que o *eu* não é meu braço, nem minha cabeça, nem uma mistura de membros e de espírito, mas o princípio inteligente que caminha por minhas pernas, fere ou trabalha pelos meus braços, combina por minha cabeça, goza ou padece por todos os meus órgãos. Não vejo nestes senão *condutores* adequados para conduzir as sensações e *servidores* para meu uso. Nunca me convencerei de que o *eu* não seja outra coisa senão o que sente, pensa ou raciocina em mim.

"Se não me engano, e se não há outro *Dupont* além daquele que vos ama, onde está a dificuldade, senão quando *sua casa for destruída?* Ele procurará uma nova para a inteligência que lhe restar; ele a solicitará e a receberá, quer dos seres inteligentes que lhe são superiores, quer do Deus remunerador, quer mesmo de alguma lei da Natureza que nos seja desconhecida e que, para animar os corpos dos seres inteligentes superiores, *daria prioridade aos princípios inteligentes que tivessem tido a melhor conduta num corpo de ordem inferior; àquele que fosse o mais elevado, acima do alcance comum dos outros seres inteligentes, atados de pés e mãos como ele, sob os órgãos de um animal da mesma espécie..."*

Página 166 e seguintes: *Origens animais.*

"Talvez haja alguma indução a tirar da admirável semelhança encontrada entre certos homens e certos animais. Quando vejo meus olhos, minha fronte, meu nariz, meu queixo, o pescoço, o lombo, a marcha, as paixões, o caráter, os defeitos, as virtudes, a probidade, o orgulho, a doçura, a cólera, a preguiça, a

vigilância e a teimosia de um cão de raça, não tenho qualquer repugnância em *acreditar* que outrora eu fui um cão leal, singularmente fiel e obediente ao meu dono, caçando maravilhosamente, acariciando os filhos à sua maneira, defendendo as colheitas, guardando o rebanho de dia e a porta à noite, levantando a pata contra os cães fraldiqueiros, valente a ponto de ousar atacar o tigre, com risco de ser por este comido, afrontando o javali e não tendo nenhum medo do lobo. Para essas boas qualidades, turvadas por alguns resmungos, algumas querelas descabidas e algumas carícias inoportunas, a gente se torna o animal que eu sou: em geral muito estimado, amado por algumas pessoas e as amando mais ainda; afinal de contas, muito feliz; inquieto algumas vezes por seus amigos, sensível a esses incidentes como um pobre cão que se chicoteia injustamente.

Esquecimento das existências anteriores

"A lembrança da vida precedente seria um poderoso recurso para a que a segue; alguns seres superiores ao homem, quando estão em marcha gradual de perfeição e de adiantamento ininterrupto, talvez têm essa vantagem como recompensa por sua virtude passada; sem dúvida não pode ser concedida senão aos que ainda são provados e que devem subir a Deus, *começando ou recomeçando novamente esta carreira, iniciativa de alta moralidade."*

Variedades

O ESPÍRITO DE UM CÃO

Reproduzimos, conforme o jornal *Petite Presse* de 23 de abril de 1869, a seguinte anedota a respeito da inteligência dos animais. É um documento a mais a agregar ao volumoso dossiê que o Sr. Allan Kardec nos legou sobre este interessante estudo. Dele

tinha feito objeto de um tratado especial, que se propunha publicar pessoalmente num futuro próximo. Esforçar-nos-emos em complementar suas opiniões em tempo hábil, tão logo nos permitam os trabalhos de toda natureza que nos incumbe realizar. Até lá, seremos gratos aos correspondentes que nos quiserem comunicar suas reflexões pessoais a respeito, ou as comunicações e fatos capazes de nos esclarecerem tão completamente quanto possível, sobre esta criação tão interessante entre todas as obras do Criador.

"Ainda não foi dita a última palavra sobre a inteligência dos cães, escreve ao jornal *Itália* um oficial do exército italiano. Um curioso episódio de roubo à mão armada, cuja exatidão podemos garantir, disso nos forneceu uma nova prova.

"Numa das últimas operações militares destinadas a purgar as províncias napolitanas da pilhagem, o esquadrão do capitão*** se dirigia silenciosamente à noite para um pequeno bosque, que informações muito seguras e precisas indicavam como refúgio habitual de um bando de salteadores.

"Quase ao romper do dia, nossos cavaleiros, que tiveram o cuidado de abafar o ruído de suas armas e os cascos de seus cavalos, se encontravam a pequena distância do local designado quando, de repente, um pequeno cão, evidentemente do bando de malandros e que se mantinha imóvel na entrada do bosque, de olhar inquieto, orelhas empinadas e altivamente postado sobre as patas, pôs-se a latir com todas as suas forças.

"O alerta estava dado; e quando o esquadrão entrou no matagal, traços recentes e irrecusáveis testemunhavam a fuga precipitada e desordenada de uma tropa de bandidos a cavalo.

"O capitão morde o bigode e, num acesso de mau humor fácil de compreender, resmungando entre os dentes, disse: 'Maldito cão!', tomou seu revólver e apontou para o infeliz

sentinela dos bandidos, que acompanhava o esquadrão latindo cada vez mais.

"O tiro é dado, o cão rola na poeira, levanta-se para depois cair, soltando gritos plangentes, barriga para cima, patas no ar, rígido, imóvel.

"O esquadrão retoma sua marcha sem grande esperança de rever os assaltantes; mas, ao cabo de um bom quarto de hora, qual não foi a surpresa do capitão ao ver o fantasma do cão, ou, melhor dizendo, o próprio cão, que ele julgava morto e bem morto, em trotes curtos, ao lado do esquadrão, dissimulando-se atrás das árvores e das altas ramagens, espiando a marcha e a direção da tropa, cumprindo até o fim sua missão de sentinela avançada!

"Muito admirado, o capitão o chama; o cão, a despeito da acolhida pouco graciosa que recebera pouco antes, aproxima-se, alegre. Apalpam-no, examinam-no; nem um só arranhão, nem uma mecha de seu pelo queimada ou sequer chamuscada.

"Não restava dúvida: o cão tinha representado uma comédia, com talento e sucesso dignos do maior interesse.

"Sua inteligência, seu jeito manhoso conquistaram a graça dos soldados, que o acariciavam e com ele dividiam suas provisões.

"Apressemo-nos em dizer que ele se mostrou sensível e reconhecido a essas boas maneiras: não mais deixou o esquadrão e se tornou amigo e companheiro dos soldados.

"Além disso, voltando atrás em suas simpatias e veleidades *bandidas*, e convertido inteiramente às idéias de ordem e de respeito à lei, agora ele é o mais fino caçador de salteadores e, por conseguinte, seu mais temível e encarniçado inimigo."

(***Petite Presse*** de 23 de abril de 1869)

MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA E MEDIUNIDADE CURADORA NA RÚSSIA

Um dos nossos correspondentes de Odessa (Rússia meridional) nos transmite interessantes detalhes sobre a mediunidade vidente por meio do copo d'água. (Vide a *Revista Espírita* dos meses de outubro de 1864 e 1865, e junho de 1868.)

Parece que essa faculdade é muito espalhada em todas as classes da escala social, sendo empregada como meio de adivinhação e de consulta pelos doentes. As pessoas que dela são dotadas vêem, num copo ou numa garrafa d'água, sem qualquer magnetização, imagens que muitas vezes mudam de aspecto.

Eis as informações que nos foram dadas e que o nosso correspondente obteve de uma testemunha ocular e cuja veracidade não pode ser posta em dúvida.

"Um de meus amigos, diz ele, velho coronel reformado, espírita e médium escrevente, a quem informei de minha leitura do artigo de Genebra (número de junho da *Revista Espírita*, 1868), narrou-me o seguinte fato que lhe é pessoal:

"Para evitar qualquer alteração, deixarei falar o meu interlocutor, limitando-me simplesmente a traduzir do russo para o francês:

"Muito tempo antes que se cogitasse de Espiritismo, eu morava em Nicolajeff. A filha do meu cocheiro, menina de doze anos, era idiota e assim permanecia, apesar de todos os meios empregados pelos pais para restituir-lhe a razão.

"Um dia, o pai procurou-me e pediu permissão para chamar uma *ruakharka* (literalmente: mulher sábia), a qual, segundo lhe asseguravam, podia curar sua filha. Nada tendo a objetar, fizeram vir a *ruakharka* e eu mesmo fui à cozinha para assistir à sessão.

"A mulher pediu um vaso liso de arenito, encheu-o de água e se pôs a olhar no seu interior, murmurando palavras incompreensíveis.

"Logo ela se voltou para nós dizendo que a menina era incurável, aconselhando-me a olhar no vaso para aí encontrar a prova do que dizia.

"Tomando tudo por uma trapaça, lancei um olhar incrédulo e, para minha estupefação, vi reproduzir-se a imagem da doente, em sua posição habitual, isto é, sentada no chão, as mãos entre as pernas e balançando o corpo como o pêndulo de um relógio. Em frente à menina se postava um horrível cão negro, olhando-a fixamente como se quisesse atirar-se sobre ela.

"Crendo estar sendo enganado por truque bem feito, pus a mão no vaso e agitei a água, o que fez desaparecer a imagem, mas, obviamente, nada encontrando.

"As *ruakharky* pululam em nossas casas na Rússia; não há uma só aldeia, um só vilarejo que não tenha uma ou várias delas, veneradas ou temidas, conforme os bons ou os maus efeitos que produzem na vizinhança.

"Por vezes elas se ocupam de adivinhação, mas geralmente cuidam dos doentes, sobretudo por meio do *nacheptchivanié* (murmúrio), isto é, ora murmurando preces e fórmulas cabalísticas, ora impondo um dedo ou a mão, ou ambas as mãos sobre a parte doente. Numa palavra, pode-se dizer que há tantas maneiras de curar quantas *ruakharky*.

"A maioria delas não trata todas as doenças, pois têm especialidades; por vezes os efeitos que produzem são prodigiosos, tanto mais quanto não empregam senão raramente medicamentos substanciais.

"É bem evidente que a essas *ruakharky*, a várias das quais não se pode recusar uma grande força magnética ou mesmo uma mediunidade de cura, misturam-se charlatães que praticam a mais grosseira superstição, para grande prejuízo moral, físico e pecuniário das pobres criaturas que caem em suas mãos.

"Tendo em vista os efeitos muitas vezes benéficos e por vezes perniciosos que produzem, o povo encara essas *ruakharky* com um misto de confiança e de temor, que sabem empregar muito bem em seu proveito; mas há os que nada aceitam.

"Os fatos acima, acrescenta o nosso correspondente, concluindo, provam uma vez mais que nem a mediunidade em suas diferentes fases, nem o emprego do magnetismo são invenções novas, mas, bem ao contrário, estão disseminados em toda parte, mesmo onde menos se esperaria encontrá-los; que se passaram nos usos e costumes de quase todos os povos desde a mais alta antiguidade, e que não se trata senão de fazer uma triagem conscienciosa e razoável do verdadeiro e do falso, das leis da Natureza e das práticas supersticiosas, de esclarecer, e não de negar, para congregar em torno da verdadeira doutrina milhões de aderentes, aos quais só falta um ensino racional para serem espíritas, se não de nome, ao menos de fato.

"Se julgardes útil publicar estas linhas, autorizo que aí ponhais o meu nome, pois não se deve temer dizer claramente suas convicções, desde que honestas e leais.

"Aceitai, senhores, a expressão da minha mais alta consideração."

Gustave Zorn
Negociante em Odessa (Rússia meridional), 24 de agosto de 1869

Observação – Aproveitamos a ocasião para cumprimentar o Sr. Zorn pelo desejo de não ocultar de modo

algum a sua qualidade de espírita. Seria desejável que todos os nossos irmãos de crença tivessem a mesma coragem diante da opinião, pois só teriam a ganhar, bem como a Doutrina, em consideração e dignidade.

Tendo sido lido num grupo espírita de Paris, este interessante relato ensejou a seguinte comunicação:

(Paris, 7 de setembro de 1869)

À medida que vossas relações se estenderem e os espíritas espalhados em todos os centros estudarem os costumes populares de suas localidades, logo reconhecerão que em toda parte os princípios do Espiritismo, por vezes desnaturados mas ainda reconhecíveis, estão profundamente arraigados em todas as crenças primitivas ou tradicionais. Nada aí que possa causar admiração, senão uma prova a mais da realidade do ensino dos Espíritos. Se, no curso dos últimos quinze anos o Espiritismo tomou novo impulso; se, em menos tempo ainda, foi reunido em corpo de doutrina e popularizado no mundo inteiro, não é menos verdade que repousa sobre leis tão antigas quanto a Criação, e que, por conseguinte, sempre regeram as relações entre os homens e os Espíritos.

Desde o paganismo, que não passava da deificação poética das crenças espíritas, e desde antes dos tempos mitológicos, os princípios da filosofia nova, conservados por alguns sábios, transmitiram-se de idade em idade até aos nossos dias, suscitando muitas vezes perseguição e sofrimento contra esses precursores de nossas crenças, mas também burilando seu nome em letras de ouro sobre o grande livro dos benfeitores da Humanidade.

Cada época teve seus missionários e reveladores, cuja linguagem era apropriada ao adiantamento e à inteligência daqueles que deviam esclarecer.

Sob um nome ou outro, o Espiritismo tem dominado desde a origem das sociedades até a época atual; e sejam quais forem as aparências, é ainda ele que preside a todos os movimentos filosóficos dos tempos presentes e que prepara o futuro. Com efeito, o que repelem? uma palavra, uma forma; mas o espírito da Doutrina está em todos os seres verdadeiramente progressistas e, mesmo, talvez nesses pretensos materialistas, reduzidos a divinizar a matéria, porque acham muito pequeno e muito mesquinho o Deus que lhes ensinaram a adorar. De fato, não é mais um Deus pessoal e vingativo que de agora em diante deve presidir à direção das Humanidades. Apaga-se a forma, para não deixar subsistir senão os princípios.

Que importam os obstáculos e as dificuldades do caminho? Marchai corajosamente, obedecei ao impulso de vossas convicções racionais, abandonai aqueles a quem ainda são suficientes os ensinos rotineiros, meio desacreditados, de um passado que cada dia se apaga mais, e não vos fixeis em procurar o ser divino senão na lógica, na sabedoria, na inteligência e na benevolência infinitas que surgem a cada passo do estudo da Natureza.

Clélie Duplantier

AS IRMÃS GÊMEAS

No dia 15 de março de 1865, em Cambridge (Massachusetts) nasceram duas gêmeas, filhas do casal Lewis E. Waterman. Somente uma sobreviveu, a quem deram o nome de Rose. Nessa época já tinham duas filhas de quatro anos. O casal acreditava nos ensinos da *doutrina ortodoxa;* mas conhecia o *espiritualismo* e o considerava como uma irrisão, particularmente a Sra. Waterman. Se porventura assistia a uma conferência ou a uma sessão, era por motivo de distração.

Antes de falar, a pequena Rose manifestou grande amor pelas flores, afeiçoando-se particularmente pelos botões de rosas; para contentá-la, amarravam em seu peito flores artificiais, que eram substituídas quando perdiam o viço.

Quando Rose começou a andar sozinha, fugia das irmãs e parecia sentir grande prazer em divertir-se sozinha ou com uma *companhia imaginária*, pois seus pais haviam notado que ela sempre estendia a mão para receber um segundo pedaço de maçã ou de bolo, como se quisesse prover às necessidades de uma outra criança.

Começou a falar com dois anos. Certo dia, em que se divertia com sua *companheira invisível*, perguntaram quem é que brincava com ela. "Minha irmãzinha Lily", respondeu. – "Por que pedis duas maçãs? – Quero uma para Lily." Quando os visitantes perguntavam seu nome, respondia: "Botão de rosa." – "É por isto que o trazeis sempre amarrado ao peito? – Não, é para que minha irmãzinha Lily tenha um. – Onde está vossa irmãzinha Lily? – No céu. – Onde é o céu? – Aqui, minha irmãzinha Lily está aqui."

Muitas perguntas semelhantes foram feitas a esta interessante criança, e suas respostas *eram sempre conformes, implicando a presença de sua pequena Lily*, não só brincando com ela de dia, mas sendo sua colega de cama, pois Rose tomava seu travesseiro nos braços, acariciava-o e o chamava a sua pequena Lily; fazia a descrição desta aos seus pais, dizendo que tinha belos cabelos louros, olhos azuis, um belo vestido e queria que sua mãe lhe fizesse outro semelhante.

Certo dia do mês de janeiro de 1868, encontraram com ela um botão de rosas frescas e perfumadas. Onde o teria conseguido? era um mistério para a família, porque não havia flores semelhantes na casa e não viera ninguém que lhas pudesse ter dado. "Onde conseguistes esta bonita flor? perguntaram-lhe. – Foi minha Lily que ma deu", respondeu ela. De outras vezes eram

pensamentos que lhe eram dados. Os pais não davam a tais fatos a menor importância, quando um dia alguém falou do espiritualismo e aconselhou o Sr. Walterman a consultar um médium. Tendo seguido o conselho, obteve para si a prova de que Lily não era um ser imaginário, e sim o Espírito de sua irmã, gêmea de Rose. Tendo a Sra. Waterman se tornado médium escrevente, obtiveram, por seu intermédio, comunicações de diversos Espíritos, que lhes deram provas notáveis de identidade, notadamente uma do Espírito Abby, uma tia do Sr. Waterman, com a qual ela havia passado a juventude.

Estas provas, agregadas aos fatos e gestos de Rose com sua pequena Lily, provaram aos esposos Waterman a realidade da comunicação dos Espíritos com os mortais.

Uma manhã Rose trouxe à sua mãe uma mecha de cabelos, dizendo: "Mamãe, minha pequena Lily me disse para te dar isto." A mãe, muito *admirada,* sentiu vontade de escrever e obteve uma comunicação do Espírito da tia do Sr. Waterman, na qual esta dizia que aqueles cabelos eram seus e que logo teriam também os cabelos da pequena Lily. Com efeito, na mesma noite eles encontraram uma mecha na cama de Rose, dourada como jamais tinham visto outra antes.

(Extraído do ***Spiritual Magazine*** de Londres)

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA[42]

Um dos nossos correspondentes houve por bem nos enviar os extratos seguintes do preâmbulo da *História da Revolução Francesa*, de Louis Blanc. Como estão inteiramente conformes aos princípios da filosofia espírita, julgamos um dever comunicá-los aos nossos leitores.

"Mas quê! mesmo quando se debate a pura soberania da idéia, vê-se sangue! sempre sangue! Qual é pois esta lei que, em todo grande progresso tem como conseqüência algum grande

42 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

desastre? Semelhantes à charrua, as revoluções não fecundam o solo senão dilacerando-o; por quê? Donde vem que o tempo é apenas a destruição que se prolonga e se renova? Donde vem à morte esse poder de fazer germinar a vida, quando, numa sociedade que se desmorona, milhares de indivíduos perecem esmagados sob os seus escombros? Que importa? dizemos nós. A espécie avança lentamente. Mas é justo que raças inteiras sejam atormentadas e aniquiladas, a fim de que um dia, mais tarde, num dado tempo, raças diferentes venham desfrutar dos trabalhos realizados e dos males sofridos? Esta imensa e arbitrária imolação dos seres de ontem pelos de hoje e os de hoje pelos de amanhã não é capaz de sublevar a consciência em suas mais íntimas profundezas? E aos infelizes que caem, degolados perante o altar do progresso, o progresso não parecerá um ídolo sinistro, uma execrável e falsa divindade?

"Há que convir que estas seriam questões terríveis, se, para as resolver, não existissem estas duas crenças: *Solidariedade das raças, imortalidade do gênero humano*. Porque, quando se admite que tudo se transforma e que nada se destrói; quando se crê na impotência da morte; quando se está convencido de que as gerações sucessivas são modos variáveis de uma mesma vida universal que, em se melhorando, continua; quando, enfim, se adota esta admirável definição que o gênio de Pascal deixou escapar: *"A Humanidade é um homem que vive sempre e que aprende incessantemente*", então o espetáculo de tantas catástrofes acumuladas perde o que tinha de aflitivo para a consciência; não se duvida mais da sabedoria das leis gerais, da eterna justiça; e, sem empalidecer, sem se humilhar, seguem-se os períodos desta longa e dolorosa gestação da verdade, que se chama História."

CARTAS DE MAQUIAVEL AO SR. GIRARDIN

De algum tempo para cá, o jornal *Liberté* vem publicando, assinados pelo Sr. Aimé Dolfus, uma série de artigos

políticos sob a rubrica de: *Cartas de Maquiavel ao Sr. Girardin* [43], cujo espírito não nos compete analisar. Mas reconhecemos com viva satisfação que se os redatores do *Liberté* não são espíritas, são bastante hábeis para se servirem dos princípios do Espiritismo que possam interessar aos seus leitores. Certamente não se deve ver nessas cartas mais que uma forma, um produto da imaginação apropriado pelo autor às circunstâncias atuais. Nosso quadro e o objeto especial dos nossos estudos só nos obriga a reproduzir a seguinte passagem, que publicamos sem qualquer comentário, enviando nossos leitores, para mais amplos detalhes, à apreciação que delas fez o Sr. Allan Kardec, na comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*. Citamos textualmente:

"Entre os poucos homens de vossa geração, que melhor souberam captar e assimilar minhas idéias, pôr em prática as minhas doutrinas, abandonar a política da paixão pela da conciliação, desprezar as formas governamentais para se fixarem no fundo das coisas, existe um cuja vida pública parece uma página isolada da história do meu tempo.

"Ele é meu contemporâneo quase tanto quanto vosso; é vosso amigo como foi meu amigo. Pela segunda vez permite-se uma missão de pacificação, representando um papel moderador cujo alcance e grandeza o século dezenove não parece adivinhar melhor do que os partidos do século dezesseis. Ele já tinha tentado, no tempo dos Médicis, o que acaba de tentar, com mais sucesso, sob os Napoleões. Antes de utilizar o nome que conheceis, senhor, e que não preciso escrever, ele se chamava François Guichardin.

"Historiador e homem de Estado em sua primeira encarnação, revelou-se, na segunda, orador de primeira ordem. Essas duas personalidades têm tantos pontos de contacto que creio poder confundi-las numa só."

Liberté (4 de setembro de 1869)

43 Vide o jornal *Liberté*, números de 31 de agosto, 2 e 4 de setembro.

Correspondência

Aos numerosos testemunhos de simpatia pela Sra. Allan Kardec e de garantias de adesão que temos recebido dos nossos correspondentes da França e dos países vizinhos, a propósito da morte do Sr. Allan Kardec, vêm juntar-se hoje as homenagens prestadas à memória do nosso venerado mestre pelos espíritas dos centros de além-mar.

Julgamos um dever pôr sob os olhos dos nossos leitores alguns extratos dessas cartas, bem como as adesões das sociedades de Rouen e de Saint-Aignan à constituição da Sociedade Anônima.

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo (Rússia), o sr. Henri Stecki, autor do *Espiritismo na Bíblia* (*Revista Espírita*, novembro de 1868), adere igualmente, e da mais absoluta maneira, à nova organização. Desejoso de concorrer pessoalmente para a vulgarização universal de nossos princípios, o Sr. Henri Stecki quer consagrar o produto integral da venda de sua interessante obra à alimentação do fundo de reserva da caixa geral. Pedimos-lhe aceitar, em nome do Espiritismo e dos espíritas do mundo inteiro, nossas calorosas felicitações e vivos agradecimentos.

Todos esses testemunhos provam de sobra que, segundo nossas mais íntimas convicções, o Espiritismo reunirá num futuro próximo, sem distinção de casta, nem de nacionalidade, os homens sinceramente devotados aos verdadeiros interesses e à regeneração da Humanidade[44].

44 No momento de levar ao prelo, recebemos do Grupo de Montauban (Tarn-et-Garonne) uma carta de adesão, da qual falaremos em nosso próximo número.

Saint-Denis (Réunion), 30 de julho de 1869.

Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor,

É dos confins do mundo que chega esta carta. Mas, por mais afastado que eu esteja dos meus irmãos em doutrina e da subscrição que abristes tão fraternalmente para permitir aos espíritas do mundo inteiro cumprir um dever de reconhecimento para com o nosso bom e saudoso mestre Allan Kardec, guardo a esperança de que não chegarei muito tarde para depositar minha oferta entre vossas mãos e ser incluído no número dos que têm a honra e a glória de erigir um monumento fúnebre à memória do homem de bem que devotou toda a sua existência à felicidade da Humanidade, e que triunfou de modo tão completo em levar a esperança e o amor a tantos corações.

Para este efeito, encarrego meu correspondente de Paris a vos entregar a soma de 50 francos.

Recebei, etc.

A. M.

Port-Louis, 1º de julho de 1869.

Ao Sr. Presidente da Sociedade Espírita de Paris.

Senhor,

É com sentimento de penosa surpresa que recebemos vossa circular de 1º de abril de 1869, participando-nos a morte súbita de nosso bem-amado mestre e venerado instrutor, o Sr. Allan Kardec.

A primeira impressão, dando lugar à reflexão, levou-nos a constatar que nada se faz inutilmente no mundo, e que tudo deve seguir a lei do progresso.

Nosso bem-amado mestre há muito nos ensinou a compreender isto, pois que nos disse, pela epígrafe da *Revista "Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito."* Sua morte, nas circunstâncias que a precederam e seguiram, contribuirá, estamos certos, para impor silêncio aos caluniadores, surpreender os ignorantes e levar os retardatários do mundo civilizado a estudar, ver, compreender e progredir.

Se estamos bem convictos dos sólidos princípios da doutrina que o Sr. Allan Kardec implantou nos nossos corações e nos nossos espíritos, devemos compreender, melhor que os outros, que o movimento transitório que se opera neste momento é o prelúdio da era nova que deve regenerar o mundo num futuro próximo; e todos os grandes Espíritos que emigram agora, devem ser, em nossa opinião, os messias que virão conduzir a Humanidade à sua mais bela transformação.

Que Espírito, melhor do que o do Sr. Allan Kardec, poderá tomar parte mais ativa nesse belo resultado? Que homem, durante sua existência corporal, desde 1869 se consagrou a instruir de maneira mais sólida maior número de irmãos nos princípios humanitários?

Que conquistador em nosso globo, que poeta, que autor de invenção útil contribuiu para o sucesso de suas conquistas, pelo encanto de sua poesia ou pela potência de sua invenção para fazer mais pessoas felizes na Terra, em doze anos de trabalhos contínuos, do que fez o Sr. Allan Kardec?

Que homem empreendeu, perseguiu e completou um trabalho mais progressivo e mais moralizador do que o legado pelo Sr. Allan Kardec, fazendo-nos compreender por seu exemplo que sempre se deve deixar a porta aberta, a qualquer hora, em qualquer época, ao progresso transitório, que tende para a perfeição relativa?

Hoje, para todos nós, é um dever absoluto acolher com zelo vosso fraternal apelo e trazer, de todos os pontos do globo terrestre, o frágil contributo que, isoladamente, é devido por todo irmão espírita ao centro que é o cadinho no qual todas as harmonias espíritas virão depurar-se.

Tenho a honra, etc.

Ch. L. L...

Saint-Aignan, 16 de setembro de 1869.

Senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros do grupo espírita de Saint-Aignan, perto de Rouen, depois de tomarem conhecimento dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, têm a honra de felicitar os fundadores de uma organização que assegura definitivamente a estabilidade de nossos princípios no porvir.

Os espíritas de Saint-Aignan são pouco numerosos e pouco afortunados, mas são dos que mais ganharam pelo estudo da Doutrina, pois nela encontraram a força para suportar as provas muitas vezes cruéis da vida, bem como a esperança de conquistar a felicidade futura, por sua paciência e submissão à vontade de Deus.

Tendo recebido muito, não temem dar pouco, lembrados que estão de que o óbolo da viúva vale mais diante de Deus do que a prodigalidade do rico; mas, se os seus recursos materiais são módicos, mesmo assim esperam concorrer ativa e efetivamente para a vulgarização de suas crenças, fazendo apreciar a sua justiça e a sua lógica àqueles que os cercam, transmitindo-lhes a coragem e a confiança que nelas hauriram.

Nossa modesta subscrição totaliza 27 francos.

Quereis aceitar, senhores, a segurança de nossa fraterna simpatia.

Por todos os membros do grupo.

J. Chevalier – *Presidente*
Tisserand à Saint-Aignan, perto de Rouen (Seine-Inférieure)

Rouen, 29 de agosto de 1869.

Aos senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros da Sociedade Espírita de Rouen, reunidos em sessão no dia 29 de agosto de 1869 (domingo), depois de ter estudado com o maior cuidado os extratos dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, publicados no número de agosto da *Revista Espírita*, tendo reconhecido a utilidade dessa organização e apreciando a estabilidade que a Doutrina conquistará em conseqüência das disposições que lhe asseguram uma existência legal e independente, decidiram o seguinte:

1º – Enviar felicitações aos membros fundadores da nova Sociedade, cujo devotamento e desinteresse apreciam;

2º – Aprovar os artigos dos estatutos concernentes à maneira de alimentar o fundo de reserva e aderir da mais absoluta maneira à transferência feita à Caixa Geral dos 1.000 francos provenientes da subscrição da Sociedade de Rouen, para o desenvolvimento progressivo dos princípios de nossa consoladora filosofia.

A Sociedade de Rouen deve, antes de tudo, prover à sua existência; seus meios de ação são limitados, mas toda vez que as circunstâncias e recursos lho permitirem, dará seu apoio material e seu assentimento moral às disposições tomadas pela Sociedade Anônima, para assegurar a vitalidade e a expansão do Espiritismo no futuro.

(Extrato do registro da ata da sessão de 29 de agosto de 1869)
(*Seguem as assinaturas dos principais membros*)

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

(Paris, 14 de setembro de 1869)

O Espiritismo é, por sua própria natureza, modesto e pouco ruidoso. Ele existe pelo poder da verdade, e não pelo barulho feito em seu redor por seus adversários e partidários. Utopia ou sonho de uma imaginação desordenada, após um breve sucesso ele teria caído sob a conspiração do silêncio, ou melhor ainda, sob a do ridículo que, segundo se pretende, tudo destrói na França. Mas o silêncio não aniquila senão as obras sem consistência e o ridículo só mata o que é mortal. Se o Espiritismo sobreviveu, embora nada tenha feito para escapar às ciladas de toda natureza que lhe armaram, é porque não é obra de um homem, nem de um partido, mas o resultado da observação dos fatos e da coordenação metódica das leis universais. Supondo-se que os seus adeptos humanos desapareçam, que as obras que o erigiram em corpo de doutrina sejam destruídas, ele ainda sobreviveria por tão longo tempo quanto a existência dos mundos e das leis que os regem.

Alguém é materialista, católico, muçulmano ou livre-pensador por sua vontade ou sua convicção; mas basta existir, se não para ser espírita, ao menos para estar sujeito ao Espiritismo.

Pensar, refletir, viver, são, efetivamente, atos espíritas, e por estranha que pareça esta pretensão, ela prontamente se justifica após alguns minutos de exame por aqueles que admitem *uma alma, um corpo e um intermediário entre essa alma e esse corpo;* pelos que, como Pascal e Louis Blanc, consideram a Humanidade *como um homem que vive sempre e aprende sem cessar;* pelos que, como o *Liberté*, admitem que um homem possa viver sucessivamente em dois séculos diferentes e exercer sobre as instituições e a filosofia de seu tempo uma influência da mesma natureza.

Quer se esteja convicto ou não, pensar, ouvir a voz interior da meditação, não é praticar um ato espírita, se realmente existem Espíritos? Viver, isto é, respirar, não é fazer o corpo sentir uma impressão que se transmite ao Espírito por meio do perispírito? Admitir esses três princípios constitutivos do ser humano é admitir uma das bases fundamentais da Doutrina, é ser espírita ou pelo menos ter um ponto de contato com o Espiritismo, uma crença comum com os espíritas.

Entrai para o nosso meio abertamente ou pela porta oculta, senhores sábios, isso pouco importa, desde que entreis. A Doutrina vos penetra desde agora e, como a mancha de óleo, estende-se e cresce sem cessar. Vós sois dos nossos, porque a ciência humana entra a todo vapor nos domínios da filosofia e a filosofia espírita admite todas as conclusões racionais da Ciência. Sobre esse terreno comum, quer aceiteis ou não, quer deis às vossas concessões um nome qualquer, estareis conosco e a forma não nos importa, se o fundo é o mesmo.

Estais bem perto de crer e sobretudo de vos convencer, senhor de Girardin, que achastes conveniente tomar do Espiritismo suas palavras, suas formas e seus princípios fundamentais, para cativar os vossos leitores! E vós todos, poetas, romancistas, literatos, não sois um pouco espíritas, quando vossos personagens sonham com um passado que jamais conheceram,

quando reconhecem lugares que jamais visitaram, quando a simpatia ou a aversão surgem entre eles ao primeiro contato? Sem dúvida fazeis Espiritismo, como os cenógrafos fazem as peças teatrais; para vós, talvez, ele seja um ardil, uma encenação, um quadro. Que nos importa! Não deixais de popularizar menos os ensinos que encontram eco em toda parte, porque muitos pressentem, sem poder definir, esses princípios de convicção sobre os quais as vossas penas sábias ou poéticas lançam a luz da evidência. O Espiritismo é uma fonte fecunda, senhores! É o inexaurível Golconda que enriquece o espírito e o coração dos escritores que exploram e dos que lêem as suas produções! Obrigado, senhores! sois nossos aliados, sem querer, talvez sem saber, mas nós vos deixamos o julgamento de vossas intenções, para só apreciarmos os resultados.

Lamentava-se a penúria dos instrumentos de convicções; o número de médiuns diminuía; seu zelo esfriava; mas agora, não é o poeta da moda, o literato cujas obras se disputam, o sábio encarregado de esclarecer as inteligências, os que popularizam e propagam por toda parte a nova convicção?

Ah! não temais pelo futuro do Espiritismo! Criança, ele escapou de todos os cercos do inimigo; adolescente, e adotado por bem ou por mal pela Ciência e pela literatura, não deixará a sua marcha invasora senão quando houver inscrito em todos os corações os princípios regeneradores que restabelecerão a paz e a harmonia por toda parte onde ainda reinam a desordem e as dissensões intestinas.

Allan Kardec

A CARIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de julho de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Caridade! Essa palavra existe desde o começo da Humanidade. A partir do dia em que o homem estendeu a mão a

outro homem, ele praticou um ato de caridade, e desde esse tempo desconhecido quantos fatos, quantos exemplos vivazes deste pensamento profundo da consciência humana! Exemplos de caridade têm sido relatados pelos historiadores e moralistas em obras presentes na memória de todos.

Mas o que eu realmente queria que amásseis, senhores, é essa caridade do coração verdadeiramente espírita, não interessando o processo, a maneira de fazer e as distinções sutis.

Como é doce dar alguma coisa! Jamais a mão direita deve ver o que faz a mão esquerda!

Caros espíritas, irmãos amados, aliviai os vossos semelhantes sem prevenção; dai aos que sofrem, aos que esperam; a essas mães, a essas crianças abandonadas, a todos os deserdados e fareis uma obra verdadeira.

Mas tudo isso não passa da caridade banal, que todos os homens praticam, seja qual for a crença a que pertençam. O espírita deve ver mais longe; pelo estudo e pela intenção o espírita deve sondar essas dores ocultas, vergonhosas, dolorosas que corroem tantas naturezas belas e excelentes, tantos mártires do dever, da consciência, tantos degredados da provação humana, condenados, por suas faltas anteriores, a se purificarem de toda uma existência de infrações ignoradas. Ah! para estes tende coração, atenções delicadas, palavras consoladoras; partilhai com esses corajosos da vida que lutam secretamente contra a força irritada, mas justa, que os fere sem cessar.

Vede esses párias de fronte inspirada; uns são verdadeiros trapos, feridos e arruinados qual navio em perigo; outros vêem fugir todas as afeições: mulher, filhos bem-amados, casa laboriosamente edificada, tudo desaparece! Aquele outro é a doença que o fere ou atinge os seus; tortura incessante, inferno da

vida, onde a esperança parece fugir diante das dores que voltam sem parar.

Sim, sondai habilmente as chagas de todos esses deserdados, ide a eles; consolai, dai o vosso coração, vossa bolsa, vossa mão, vosso apoio, pois o mérito da caridade espírita é saber procurar delicadamente; eis aí a obra escolhida e o sentido íntimo da epígrafe querida do mestre: *"Fora da caridade não há salvação."*

Quatro palavras devem ser a base da língua espírita: *perdão, amor, solidariedade, caridade*.

Bernard

Poesias Espíritas

AS LUNETAS

(Fábula)

De ouro, púrpura e opala, os grandes refletores,
A refletir do dia o seu declínio em cores,
Deixava pensativo o camponês Simão;
Em seus olhos assim uma lágrima brilha.
Esse imenso clarão na alma dele fervilha
E um profundo sentir lhe invade o coração.
Simão não é um homem de ciência,
Não conhece a matéria e as mecânicas leis;
Mas tem mais em bom-senso; ele tem consciência;
Ele é inteligente e modesto por vez.
No fervor de seu devaneio,

Tais nomes murmurava: Alma, Deus, Criador,
Quando um riso de alguém com deboche lhe veio,
Surgiu ao lado seu. Quem era o zombador?
Era o senhor seu filho!... Um moço imberbe ainda,
Mas *diplomado* já... que de sábio se guinda.
– Menino, eu admiro o esplendor

Desse harmônico quadro, tão grandioso,
Vejo em meu coração, creio com amor.
– E o filho co'ironia, exaltado e vaidoso:
Vós vedes, o dizeis, e credes... está bem!
Quanto a mim nada vejo e nada de mais tem.
– Com chistes ou graças velhacas,
Opinoso e insistente em se dando razão,
O jovem bacharel olhava o espaço então,
Com suas lunetas opacas.

Sabedores materialistas,
De pretensiosos tais vós pertenceis as listas,
Vossas demonstrações falíveis, incompletas,
Não estão nas vossas lunetas?

Dombre

Bibliografia

NOVOS JORNAIS ESTRANGEIROS

Swiarto Zagrobowe (*Luz de Além-Túmulo*) – Jornal espírita mensal, publicado em caderno de 16 páginas in-octavo, em Leopold (Galícia austríaca); redator-gerente: W. Letronne.

Condições de assinatura por ano: Galícia austríaca: 10 fr. – Províncias austríacas limítrofes: 11 fr. – Países estrangeiros: 12 fr.

O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil, publicado mensalmente na Bahia, em língua portuguesa, em cadernos de 60 páginas in-octavo, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia.

Condições de assinatura por ano:

Bahia	9.000 réis
Províncias brasileiras	11.000 réis

Estrangeiro ..... 12.000 réis
Bahia – *Largo do Desterro, 2.*

Estatuto da Sociedade Anônima do Espiritismo – Brochura in-8. – Preço: 1 fr. Paris; administração da Sociedade anônima, 7, rue de Lille.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Prevenimos os nossos correspondentes que a *Livraria Espírita* pode fornecer-lhes, contra um vale postal e sem aumento de preço, todas as obras existentes na livraria. Para o estrangeiro adicionar as taxas de correio.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII NOVEMBRO DE 1869 Nº 11

A Vida Futura

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

A vida futura já deixou de ser um problema. É um fato apurado pela razão e pela demonstração para a quase totalidade dos homens, porquanto os que a negam formam ínfima minoria, sem embargo do ruído que tentam fazer. Não é, pois, a sua realidade o que nos propomos demonstrar aqui. Fora repetir-nos, sem acrescentarmos coisa alguma à convicção geral. Admitido que está o princípio, como primícias, o a que nos propomos é examinar-lhe a influência sobre a ordem social e a moralização, segundo a maneira por que é encarada.

As conseqüências do princípio contrário, isto é, do "nadismo", já são por demais conhecidas e bastante compreendidas, para que se torne necessário desenvolvê-las de novo. Apenas diremos que, se estivesse demonstrada a inexistência da vida futura, nenhum outro fim teria a vida presente, senão o da manutenção de um corpo que, amanhã, dentro de uma hora, poderá deixar de existir, ficando tudo, nesse caso, inteiramente acabado. A conseqüência lógica de semelhante condição para a

Humanidade seria concentrarem-se todos os pensamentos na incrementação dos gozos materiais, sem atenção aos prejuízos de outrem. Por que, então, haveria alguém de suportar privações, de impor-se sacrifícios? Por que haveria de constranger-se para se melhorar, para se corrigir de defeitos? Seria também a absoluta inutilidade do remorso, do arrependimento, uma vez que nada se deveria esperar. Seria, afinal, a consagração do egoísmo e da máxima: *O mundo pertence aos mais fortes e aos mais espertos*. Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração. Uma sociedade fundada em tal crença só teria por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução.

Não se objete que, entre os negadores da vida futura, há pessoas honestas, incapazes de cientemente causar dano a quem quer que seja e susceptíveis dos maiores devotamentos. Digamos, antes de tudo, que, entre muitos incrédulos, a negação do porvir é mais fanfarronada, jactância, orgulho de passarem por espíritos fortes, do que resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de suas consciências, há uma dúvida a importuná-los, pelo que procuram eles atordoar-se. Não é, porém, sem dissimulação que pronunciam o terrível *nada*, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e despedaça para sempre as mais caras afeições. Muito dos que mais forte deblateram são os primeiros a tremer ante a idéia do desconhecido; por isso mesmo, quando se lhes aproxima o momento fatal de entrarem nesse desconhecido, bem poucos são os que adormecem, no derradeiro sono, na firme persuasão de que não despertarão algures, visto que a Natureza jamais abdica dos seus direitos.

Afirmamos, pois, que, na maioria dos incrédulos, a incredulidade é muito relativa, isto é, que, não lhes estando satisfeita a razão, nem com os dogmas, nem com as crenças

religiosas, e nada tendo encontrado, em parte alguma, com que enchessem o vazio que se lhes fizera no íntimo, eles concluíram que nada há e edificaram sistemas com que justificassem a negação. Não são, conseguintemente, incrédulos, senão por falta de coisa melhor. Os absolutamente incrédulos são raríssimos, se é que existem.

Uma latente e inconsciente intuição do futuro é, portanto, capaz de deter grande número deles no declive do mal e uma imensidade de atos se poderiam citar, mesmo da parte dos mais endurecidos, testificantes da existência desse sentimento secreto que os domina, a seu mau grado.

Cumpre também dizer que, seja qual for o grau da incredulidade, o respeito humano é o que torna reservadas as pessoas de certa condição social. A posição que ocupam os obriga a uma linha de proceder muito discreta; temem acima de tudo a desconsideração e o desdém que, fazendo-os perder, por decaírem da categoria em que se encontram, as atenções do mundo, os privariam dos gozos de que desfrutam; se carecem de um fundo de virtudes, pelo menos têm destas o verniz. Mas, aos que nenhuma razão se apresenta para se preocuparem com a opinião dos outros, aos que zombam do "que dirão", e não há contestar que esses formam a maioria, que freio se pode impor ao transbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base assentar a teoria do bem e do mal, a necessidade de eles reformarem seus maus pendores, o dever de respeitarem o que pertence aos outros, quando eles próprios nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honradez, para criaturas a quem se haja persuadido de que não passam de simples animais? A lei, respondem, aí está para contê-los; mas, a lei não é um código de moral que toque o coração; é uma força cuja ação eles suportam e que iludem, se o podem. Se lhe caem sob o guante, isso é por eles tido como resultado de má sorte ou de inabilidade, a que tratam de remediar na primeira ocasião.

Os que pretendem que os incrédulos têm mais mérito em fazer o bem, por não esperarem nenhuma recompensa na vida futura, em que não crêem, se valem de um sofisma igualmente mal fundado. Também os crentes dizem que é pouco meritório o bem praticado com vistas em vantagens que possam colher. Vão mesmo mais longe, porquanto se acham persuadidos de que o mérito pode ser completamente anulado, tal o móvel que determine a ação. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas obras, porque a ventura que elas proporcionam está, antes de tudo, subordinada ao grau de adiantamento moral do indivíduo. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos se contam entre os menos aquinhoados. Mas, os incrédulos que praticam o bem são tão desinteressados como o pretendem? Será que, nada esperando do outro mundo, também deste nada esperem? O amor-próprio não tem no caso a sua parte? Serão eles insensíveis aos aplausos dos homens? Se tal acontecesse, estariam num grau de perfeição rara e não cremos que haja muitos que a tanto sejam induzidos unicamente pelo culto da matéria.

Objeção mais séria é esta: Se a crença na vida futura é um elemento moralizador, como é que aqueles a quem se prega isso desde que vêm ao mundo são igualmente tão maus?

Primeiramente, quem nos diz que sem isso não seriam piores? Não há duvidar, desde que se considerem os resultados inevitáveis da popularização do "nadismo". Não se comprova, ao contrário, observando-se as diferentes graduações da Humanidade, desde a selvajaria até a civilização, que o progresso intelectual e moral vai à frente, produzindo o abrandamento dos costumes e uma concepção mais racional da vida futura? Essa concepção, no entanto, por muito imperfeita, ainda não pode exercer a influência que necessariamente terá, à medida que for mais bem compreendida e que se adquiram noções mais exatas sobre o futuro que nos está reservado.

Por muito sólida que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa com a sua alma, senão de um ponto de vista místico. A vida futura, definida com extrema falta de clareza, só muito vagamente o impressiona; não passa de um objetivo que se perde muito ao longe e não um meio, porque a sorte lhe está irrevogavelmente assinada e em parte alguma lha apresentam como progressiva, donde se conclui que aquilo que formos, ao sair daqui, sê-lo-emos por toda a eternidade. Aliás, o quadro que traçam da vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da desventura que lá se experimentam, longe estão, sobretudo num século de exame, como o nosso, de satisfazer completamente à razão. Acresce que ela não se prende muito diretamente à vida terrestre, nenhuma solidariedade havendo entre as duas, mas, antes, um abismo, de maneira que aquele que se preocupa principalmente com uma das duas quase sempre perde a outra de vista.

Sob o império da fé cega, essa crença abstrata bastara às inspirações dos homens que, então, se deixavam conduzir. Hoje, porém, sob o reinado do livre-exame, eles querem conduzir-se por si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. Aquelas vagas noções da vida futura já não estão à altura das novas idéias e já não correspondem às necessidades que o progresso criou. Com o desenvolvimento das idéias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação. O movimento para a frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou imprestável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma.

O mesmo acontece com as idéias pueris sobre a vida futura, com que os nossos pais se contentavam; persistir hoje em impô-las seria propagar a incredulidade. Para que a opinião geral a aceite e para que ela exerça sua ação moralizadora, a vida futura tem que ser apresentada sob o aspecto de coisa positiva, de certo modo

tangível e capaz de suportar qualquer exame, satisfazendo à razão, sem nada deixar na sombra. No momento em que a precariedade das noções sobre o porvir abria a porta à dúvida e à incredulidade, novos meios de investigação foram conferidos ao homem, para penetrar esse mistério e fazer-lhe compreender a vida futura na sua realidade, em seu positivismo, nas suas relações íntimas com a vida corpórea.

Por que, em geral, se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma atualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Tendo cada um de nós de partir por sua vez e podendo a hora da partida soar de um momento para outro, parece natural que todos se preocupem com o que sucederá. Por que não se dá isso? Precisamente porque é desconhecido o destino e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Está ele perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias de antanho nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: "Será o que for." Indiferença.

Ensinam-nos que seremos felizes ou infelizes, conforme houvermos vivido bem ou mal. Mas, isso é tão vago! Em que consistem essa felicidade e essa infelicidade? O quadro que de uma e outra nos traçam tão em desacordo está com a idéia que fazemos da justiça de Deus, tão cheio de contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente a dúvida se apresenta, se não a incredulidade absoluta. Ao demais, pondera-se que os que se enganaram com relação aos lugares indicados para moradas futuras também podem ter sido induzidos em erro, quanto às condições que estatuem para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nesse outro mundo? Seremos seres concretos ou abstratos? Teremos uma forma ou uma aparência? Se nada de material tivermos, como poderemos experimentar sofrimentos materiais? Se os ditosos nada

tiverem que fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa, será um suplício, a menos que se admita o Nirvana do budismo, que não é mais desejável do que aquela ociosidade.

O homem não se preocupará com a vida futura, senão quando vir nela um fim claro e positivamente definido, uma situação lógica, em correspondência com todas as suas aspirações, que resolva todas as dificuldades do presente e em que não se lhe depare coisa alguma que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o dia seguinte, é porque a vida do dia seguinte se liga intimamente à vida do dia anterior; uma e outra são solidárias; ele sabe que do que fizer hoje depende a sua posição amanhã e que do que fizer amanhã dependerá a sua posição no dia imediato e assim por diante.

Tal tem de ser para ele a vida futura, quando esta não mais se achar perdida nas nebulosidades da abstração e for uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, *uma das fases* da vida geral, como os dias são fases da vida corporal. Quando vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a *reação do futuro sobre o presente;* quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade, como o ontem, o hoje e o amanhã na vida atual, oh! então suas idéias mudarão completamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não é um efeito distante, mas atual. Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma conseqüência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade.

Tal o ponto de vista donde o Espiritismo nos faz considerar a vida futura.

Allan Kardec

Sociedade Anônima do Espiritismo

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* dos meses de agosto e setembro de 1869)

BREVES EXPLICAÇÕES

Lamentamos que em razão de um mal-entendido inconcebível ante a clareza das explicações dadas na *Revista*, algumas pessoas, aliás uma minoria em relação à generalidade dos espíritas, confundissem e considerassem como uma só e mesma coisa a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a Sociedade Anônima do Espiritismo.

Como alguns dos nossos correspondentes nos pediram que os esclarecêssemos a respeito, apressamo-nos em satisfazer ao seu legítimo desejo e comunicar-lhes as reflexões seguintes, visando a definir a situação satisfatoriamente.

Como todas as sociedades espíritas, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que não existe senão em virtude de uma simples autorização, ocupa-se pura e simplesmente, conforme o seu regulamento, de estudos psicológicos e morais. Persegue, por meios idênticos, o mesmo objetivo que as Sociedades de Lyon, Marselha, Toulouse, Bordeaux, etc. Numa palavra, ela se consagra unicamente ao estudo dos ensinamentos que são o objeto de seus trabalhos; adquire novos conhecimentos pelas comunicações que recebe dos Espíritos através dos médiuns, pelo exame sério que fazem seus membros cooperadores das questões da ordem do dia, e vulgariza a Doutrina pela admissão de ouvintes às suas reuniões. Sendo absoluto o seu desinteresse, seria um contra-senso acusá-la de exploração.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é uma organização essencialmente distinta. Enquanto a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas é puramente local, ou, pelo menos,

se restringe a algumas correspondências limitadas à província e ao estrangeiro, a Sociedade Anônima do Espiritismo vem a ser, através da *Revista Espírita*, um órgão de centralização quase universal. É uma sociedade comercial, é verdade, mas não há pessoa de boa-fé que, depois de analisar a sua constituição, não se convença de que o mais absoluto desinteresse e o mais completo devotamento presidiram à sua fundação.

Quando ainda se achava neste mundo, o Sr. Allan Kardec foi o primeiro[45] a reconhecer, juntamente com alguns espíritas esclarecidos, que as condições da livraria ordinária tornavam impossível a vulgarização do Espiritismo nas massas por meio das obras que, em nossa opinião, ainda são os melhores agentes de propagação. Mas, para tirar as obras dos editores, para reuni-las numa única mão e chegar a fazer, num futuro mais ou menos distante, edições populares, seriam necessários, antes de tudo, capitais que uma pessoa isolada não poderia fornecer e uma organização que fizesse obras fundamentais, não mais uma propriedade particular, mas propriedade do Espiritismo em geral. É para chegar a esse resultado que a Sociedade Anônima foi fundada, e também para assegurar ao Espiritismo uma existência legal, inabalável, e recursos para o futuro.

Haveria, na verdade, má-fé e má vontade em ver nesse empreendimento tão pouco comercial quanto possível, outra coisa além de um meio de concentração e de difusão mais poderosa, além de um local destinado a reunir em feixes e a utilizar os esforços de todos os espíritas, esforços muitas vezes improfícuos, em razão do próprio isolamento da maior parte dos elementos ativos.

A Sociedade Anônima tem por objeto operações comerciais; é constituída sem fins lucrativos e pode receber

45 Vide a *Revista* de dezembro de 1868 e abril de 1869; os preliminares do catálogo da Livraria Espírita, etc.

donativos destinados a alimentar uma parte do fundo de reserva. Mas, qual será o emprego dos recursos que poderão resultar dos benefícios capitalizados? Qual o seu objetivo e o de todos os que, compreendendo suas verdadeiras intenções, empenham-se em sustentá-la com o seu apoio moral e o seu concurso material? Basta tomar conhecimento de seus estatutos para dar-se conta.[46]

Longe de buscar o lucro, um ganho de que se beneficiassem os seus membros, ela pretende consagrar-se puramente e unicamente à vulgarização dos nossos ensinos por todos os meios legais, mediante os recursos que lhe chegarem, sejam quais forem. Quem poderia suspeitar de tais disposições e aí ver tendências à exploração?!...

A Sociedade tem administradores, empregados remunerados, pois, certamente, não acudirá a ninguém a idéia de que se possa consagrar seu tempo e suas faculdades a um trabalho qualquer sem direito a esperar uma justa remuneração.

Como, antes de tudo, desejamos que a luz se faça e que a verdade seja conhecida, julgamos um dever comunicar a todos essas poucas reflexões.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é, pois, uma coisa essencialmente distinta da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tanto por sua organização, quanto pelos seus meios de ação; mas se as duas sociedades marcham com o mesmo objetivo por meios diferentes, é perfeitamente evidente que excelentes resultados para o Espiritismo em geral serão a conseqüência de um entendimento cordial e de relações benévolas entre elas. Ora, essa boa harmonia, que deve existir entre todos os que desejam concorrer para o progresso do espírito humano, jamais foi

46 Vide a *Revista* de setembro de 1869 e os estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, brochura in-12, preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris.

perturbada. As boas relações que existiam entre a *Revista Espírita* e a Sociedade Parisiense, anteriormente à criação da Sociedade Anônima, não deixaram de existir depois que a última foi fundada. A Sociedade Anônima, como o fazia o redator da *Revista*, julga um dever entregar à Sociedade de Paris os documentos que possam interessar aos seus trabalhos, recebendo, com a mais viva satisfação, as comunicações, estudos morais, documentos da Sociedade de Paris que lhe pareçam dever interessar ao Espiritismo em geral, e que ela insere em tempo hábil em sua *Revista*, a fim de os levar ao conhecimento de todos.

Há, entre nós, alguns dissidentes, alguns descontentes? Ignoramo-lo e não queremos saber, porque somos de opinião que o interesse particular deve apagar-se diante do interesse geral e que, ante o objetivo a que se propõe o Espiritismo, as animosidades individuais devem ceder lugar às questões de princípios. Os homens são falíveis e podem enganar-se, mas quando concorrem para o grande movimento regenerador, pensamos que os espíritas não haverão de preocupar-se senão do bem comum, da *caridade*, da *fraternidade* e da *tolerância*, que devem presidir a todos os trabalhos de uma filosofia que tem por divisa: *"Fora da caridade não há salvação."*

Soubemos, igualmente, que alguns dos nossos correspondentes se queixam da tibieza da *Revista* em reproduzir as instruções emanadas de grupos e de centros, mesmo os de certa importância para o Espiritismo. Não tememos confessar que, se agimos assim, foi porque, desejando antes de tudo permanecer na via do mestre, deveríamos, para não censurar diretamente os ataques que não podíamos sancionar, nos limitar a protestar pelo silêncio contra uma maneira de agir que, se adotada na sua generalidade, poderia atirar o Espiritismo fora da direção traçada pela mão prudente do Sr. Allan Kardec.

Por sua natureza essencialmente filosófica, o Espiritismo deve, em todas as circunstâncias, abster-se de tratar as

questões religiosas dogmáticas e, sobretudo, abordar o terreno inflamado da política. Constatamos com pesar que alguns espíritas, felizmente uma pequena minoria, têm respondido, com teimosa persistência e sem piedade, aos violentos ataques de que fomos e ainda somos o objeto. Vemo-los com tristeza perseverarem numa linha de conduta que não podemos aprovar. Deixemos aos outros a tarefa de apontar os abusos e de os combater pela palavra e pela imprensa. Nossa missão não é destruir, mas edificar; tratemos de fazer melhor do que os nossos adversários e seremos estimados e apreciados. Que outros empreguem a violência e a crítica acerba; nossa única arma deve ser o espírito de conciliação e de persuasão.

Muitas vezes nos perguntaram por que não respondíamos aos ataques de que fomos objeto; é que, a tal respeito, partilhamos completamente a maneira de ver do Sr. Allan Kardec[47]. Como ele, não pensamos que o Espiritismo seja atingido pelas diatribes e acreditamos que a melhor refutação a lhes fazer é o silêncio, não devendo o Espiritismo preocupar-se em responder a eles senão multiplicando a difusão de seus ensinos e fazendo o maior bem possível.

Por que abandonaríamos um método que, até aqui, sempre nos foi salutar? Não é a nossa Doutrina, é o Espiritismo de fantasia, o Espiritismo imaginado pelos nossos adversários que é atacado nos escritos que nos apontam. Deixemo-los bater no vazio e não demos importância a zombarias que, não se dirigindo ao verdadeiro Espiritismo, não lhe podem fazer sombra.

Em vez de perder nosso tempo e consumir nossas forças em vãs disputas que divertiriam o grande público, unamo-nos, ao contrário, para que a filosofia espírita cresça e se popularize pelos nossos atos, pelos nossos trabalhos perseverantes.

47 **N. do T.:** Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1858: *Polêmica Espírita*.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA

Numa comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*, publicada no último número da *Revista Espírita*, o Espírito Allan Kardec se felicitava por ver a literatura e a Ciência entrarem mais abertamente nas vias do Espiritismo filosófico. Com efeito, alguns autores aceitam um certo número de nossas convicções e as popularizam em seus escritos; outros se servem dos nossos ensinos como de uma fonte fecunda em situações novas, em quadros susceptíveis de interessar aos seus leitores. Alguns, enfim, inteiramente convencidos, não temem consagrar à vulgarização dos nossos princípios a sua profunda erudição e o seu notável talento de escritor.

Entre estes últimos, citaremos o Sr. Victor Tournier, já conhecido do mundo espírita pela publicação de uma brochura intitulada: *O Espiritismo perante a razão*[48], tendo por objetivo demonstrar, apenas pelo poder do raciocínio, a realidade dos nossos ensinamentos. – Prosseguindo sua obra com uma atividade infatigável, o Sr. Victor Tournier publica uma série de artigos no jornal *Fraternité*, de Carcassonne, nos quais a questão filosófica é tratada do ponto de vista espírita com clareza de concepção e lucidez de expressão acima de todo elogio. Já apareceram vários desses artigos, e o Sr. Tournier houve por bem fazer chegar alguns às nossas mãos. Quando toda a série tiver sido publicada, pretende o autor coordená-la e dela compor uma brochura que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os espíritas desejosos de possuírem obras realmente sérias, onde a Doutrina é submetida ao controle irrecusável da lógica e da razão.

48 Brochura in-12, preço: 1 fr. – Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris. (Vide a *Revista Espírita* de março de 1868.)

Tomamos hoje do *Fraternité* um desses artigos que, sob o título: *Preexistência-Reencarnação*, reúne em algumas páginas interessantes as opiniões emitidas em favor desse princípio por filósofos e literatos, cuja autoridade não se poderia contestar. Citamos textualmente a primeira parte desse trabalho, cujo fim publicaremos no próximo número:

"É opinião muito antiga que as almas, ao deixarem este mundo, vão para os infernos, e que de lá retornam à Terra, voltando à vida depois de terem passado pela morte. – ...Parece-me, também, Cébès, que nada se pode opor a essas verdades, e que não nos enganamos quando os *recebemos*; porque é certo que há um retorno à vida; que os vivos nascem dos mortos; que as almas dos mortos existem, e que as almas virtuosas são melhores e as más são piores." (Sócrates, em *Fédon*).

"É digno de nota que quase todos os povos antigos acreditavam na preexistência da alma e em sua reencarnação. Os filósofos espiritualistas consideram o renascimento como uma conseqüência da imortalidade; para eles, estas duas verdades eram solidárias, não se podendo negar uma sem negar a outra. Não se sabe ao certo se Pitágoras recebeu essa doutrina dos egípcios, dos hindus ou dos gauleses, nossos pais. Se viajou entre todos esses povos, aí a encontrou igualmente, pois que lhes era comum.

"Esse mesmo solo que hoje habitamos, diz Jean Reynaud, era povoado antes de nós por uma comunidade de heróis, habituados todos a se considerarem como tendo percorrido o Universo desde longa data, antes de sua encarnação atual, fundando, assim, a esperança de sua imortalidade sobre a convicção de sua preexistência."

"E o poeta Lucano: 'Segundo os druidas, as sombras não descem nas silenciosas moradas do Erebo, nos pálidos reinos

do deus do abismo.*O mesmo Espírito anima um novo corpo numa outra esfera*. A morte (se vossos hinos são verdadeiros) é o meio de uma longa vida.'

"Esta crença era tão fortemente arraigada entre nossos pais que eles faziam empréstimo entre si de somas pagáveis num outro mundo, seguros que estavam de ali se encontrarem e se reconhecerem.

"Se os hebreus jamais a adotaram de maneira tão geral e tão completa, não obstante a elas não ficaram estranhos. Sabe-se que os fariseus, a seita que se vangloriava de ser a mais ortodoxa, acreditava numa danação eterna para os maus e num retorno à vida para os bons. Era o contrário da religião do Sintos, a mais antiga do Japão, que, segundo Kempfer, citado por Boulanger, ensina que só os maus retornam à vida para expiar seus crimes.

"Certas passagens da Bíblia justificam a doutrina dos fariseus e exprimem de maneira muito clara a crença na reencarnação. Eu poderia citar algumas delas, mas me contento com as duas seguintes:

" – É o Senhor que tira e que dá a vida; que conduz aos infernos e que dele retira." (I Reis, cap. II, v. 6.)[49] Isto é, que faz morrer e faz reviver.

"Sabe-se que um dos processos da poesia hebraica era repetir, em termos diferentes, na segunda parte da estrofe, o pensamento já expresso na primeira parte. Aqui, *tirar a vida* corresponde, evidentemente, a *conduzir aos infernos*, e *dar a vida* a *dele retira*. Aliás, na Bíblia, como em Platão e entre todos os antigos, infernos são sinônimos de túmulo, de morte; retirar dos infernos significa fazer reviver neste mundo, fazer renascer.

49 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

"Aqueles do vosso povo que fizeram morrer viverão *de novo*, os que foram mortos em meio de mim ressuscitarão." (Isaías, cap. XXVI, v. 19)[50]

"Os judeus modernos, entre os quais se conservou esta crença, chamavam *gilgul, rolamento*, a passagem da alma de um corpo a outro.

"Se o Cristo, que sem dúvida previa todas as divisões que dariam origem aos dogmas impostos e a todo o sangue que eles fariam derramar, não deu por lei aos seus discípulos senão o amor de Deus e do próximo, não deixou de manifestar menos, em muitas ocasiões, sua crença na reencarnação. – "13. Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João; – 14. e se quereis compreender o que vos digo, *é ele mesmo o Elias que devia vir*. – 15. – Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça." (São Mateus, cap. XI.)

"Aqui, não se trata de Elias descido do céu – pois sabemos que João Batista era filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria – mas de Elias reencarnado.

"1. Quando Jesus passava, viu um cego de nascença. – 2. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (São João, cap. IX.)

"Por que os discípulos perguntam a Jesus, como uma coisa muito natural, se é por causa de seu pecado que este homem é cego? – É que os discípulos e Jesus estavam convencidos de que o homem podia ter pecado antes de nascer e, por conseguinte, que já tinha vivido. É possível dar outra explicação?

"Como se admirar, já que os escritores eruditos nos asseguram que a crença na pluralidade das existências estava, de

50 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

modo geral, espalhada entre os cristãos dos primeiros séculos? – Aliás, sempre houve e haverá ainda entre eles, como entre os judeus, homens que a professam, sem, por isso, abandonarem a sua ortodoxia.

"Enquanto esta linha de conduta prevalecia na Igreja e terminava pela condenação de Orígenes, de que vimos a providencial justeza, aqueles que foram postos no número dos santos não deixaram de sustentar a pluralidade das existências *e a não-realidade da danação eterna*. É São Clemente de Alexandria que ensina a redenção universal de todos os homens pelo Cristo Salvador; ele se indigna contra a opinião que não beneficia com essa redenção senão os privilegiados; e diz que, criando os homens, Deus tudo dispôs, no conjunto e nos detalhes, objetivando a salvação geral. (Stromat., livro VII. Oxford, 1715.) Depois, é São Gregório de Nissa que nos diz que há *necessidade de natureza* para a alma imortal ser curada e purificada, e quando não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera nas vidas futuras e subseqüentes. Eis a pluralidade das existências ensinada claramente e em termos formais. Mesmo em nossos dias, redescobrimos a preexistência e, portanto, a reencarnação, aprovadas na pastoral de um bispo da França, o Monsenhor de Montal, bispo de Chartres, a respeito dos negadores do pecado original, ao qual ele opõe a crença permitida das vidas anteriores da alma. Essa pastoral é do ano de 1843. (A. Pezzani, *Pluralidade das existências da alma*.)

"Eis as próprias palavras do bispo Montal. Tomo-as do nº de 27 de outubro de 1864 do jornal *Avenir*. 'Já que a Igreja não nos proíbe de crer na preexistência das almas, quem pode saber o que se terá passado nas eras remotíssimas, entre as inteligências?'

"Numa carta ao Sr. Balathier, publicada no jornal *Petite Presse* de 20 de setembro de 1868, da qual falarei novamente, o Sr. Ponson du Terrail conta que em seu domínio das Charmettes, onde se encontra, teve como conviva o cura de seu vilarejo. Este se

mostrou muito surpreso ao ouvir o anfitrião afirmar-lhe que se lembrava de ter vivido ao tempo de Henrique IV e de haver conhecido particularmente esse rei; que acreditava que já tínhamos vivido e que viveríamos novamente. Mas, enfim, diz o autor, ele me confessou que *as crenças cristãs não excluem esta opinião*, e me deixou seguir o meu caminho."

"Mesmo durante as sombras da Idade Média, época em que, segundo a expressão de Michelet, Satã cresceu de tal modo que *entenebreceu* o mundo, a crença na reencarnação não foi abafada completamente. Encontro uma prova disto na *Divina Comédia*, onde Dante, que então partilhava essa opinião do povo, coloca o imperador Trajano no paraíso. Este, depois de ter passado quinhentos anos no inferno, daí saiu pela virtude das preces de São Gregório, o Grande. Mas, coisa digna de atenção, ele não foi diretamente para o céu; retomou um corpo na Terra – *torno all'ossa* – e somente depois de se ter demorado algum tempo nesse corpo – *in che fu poco* – é que foi admitido no número dos eleitos.

"Entre os filósofos e os sábios esta idéia jamais deixou de ter representantes. O ilustre Franklin, um dos homens que mais honraram a Humanidade pelo gênio e pela sabedoria, compôs, ele próprio, o epitáfio seguinte, que testemunha a sua fé na reencarnação:

"Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor."

"Numa carta à Sra. de Stein, Goethe exclama: 'Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! em tempos passados fostes minha irmã ou minha esposa!'

"O grande químico inglês, *sir* Humphry Davy, numa obra intitulada: *Os últimos dias de um filósofo*, aplica-se em demonstrar a pluralidade das existências da alma e suas encarnações sucessivas. 'A existência humana, diz ele, pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que se compõe a vida eterna.'

"Charles Fourier estava de tal modo convicto de que renascemos na Terra, que se encontra em sua obra a seguinte frase: *'Aquele que foi mau rico poderá voltar a mendigar na porta do castelo de que foi proprietário.*'

"Hoje, a crença na pluralidade das existências é quase geral nos grandes escritores. Acho supérfluo fazer citações que se encontram em toda parte e que me fariam ultrapassar o quadro no qual devo cingir-me. Disse o Sr. Chaseray em suas *Conferências sobre a alma*[51]: 'Sinto dificuldade na escolha de citações para mostrar que a fé numa série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.'

"Não foi apenas Proudhon que se sentiu arrastado para este lado. A passagem seguinte, de uma carta dirigida pelo grande demolidor ao Sr. Villiaumé, em 13 de julho de 1857, é uma prova disto. Diz ele: 'Pensando nisto, eu me pergunto se não arrasto a corrente de algum grande culpado, condenado numa existência anterior, como ensina Jean Reynaud!'

"Como se vê, é a velha metempsicose que reaparece e tende a tornar-se a religião da Humanidade. Ela tem tanto mais chances de triunfar desta vez, quanto se despojou da sujeira que a

51 *Conferências sobre a alma*, pelo Sr. *Chaseray*, 1868. Brochura in-12; preço: 1 fr. 50, *franco* 1 fr. 75. *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

fez abandonada: – Hoje já não se crê que a alma humana possa retrogradar e entrar no corpo de um animal. Os Antigos não tinham o sentimento do progresso contínuo do ser e da organização que preside à obra de Deus: eis por que caíram neste erro grosseiro.

"Num próximo artigo, submeteremos esta doutrina ao controle da razão."

V. Tournier

VIAGEM DO SR. PEEBLES NA EUROPA

Entre os partidários da escola espiritualista americana, com os quais nos felicitamos por multiplicar relações, estamos contentes em citar o Sr. Peebles, muito conhecido do mundo espírita americano como redator do *"Banner of Light"*, jornal *"espiritualista"* de Boston.

O Sr. Peebles também se distinguiu como conferencista e, pela leitura de alguns discursos que pronunciou para popularizar nossas convicções, pudemos apreciar a nobreza de suas concepções e a profundeza e imparcialidade de seu espírito.

Tomamos do *Human nature*, jornal espiritualista publicado em Londres, alguns detalhes interessantes sobre a vida do Sr. Peebles. Em sua juventude ele estudou para ser ministro do culto calvinista batista, uma das comunhões ortodoxas mais rigorosas da América. Suas aptidões e sua educação liberal o levaram a ultrapassar os estreitos limites dos conhecimentos requeridos para ser pastor. Lutou, observou e pensou por si mesmo, combatendo corajosamente o que sua educação primeira condenava e defendendo conscienciosamente o que acreditava ser a verdade. Da escola calvinista, entrou nas perspectivas mais vastas professadas pelas universidades, cujas crenças ensinou durante vários anos.

Enquanto seu espírito oscilava entre o estreito círculo das teorias clássicas e a impotência da dúvida e da negação, o movimento *espiritualista* se espalhava em toda a América. Ocorreram manifestações na casa de alguns de seus amigos e diante de seus próprios olhos. Examinou com prudência os fenômenos e as comunicações e, após muitas dúvidas e desconfianças, suas objeções sucumbiram em face da verdade e ele entrou nas fileiras dos espiritualistas. Depois, consagrou-se à propagação de nossas convicções; viajou da Nova Inglaterra à Califórnia, do Norte ao Sul, nas cidades civilizadas do Leste, entre os montanheses e os habitantes das planícies, difundindo a nova doutrina e adquirindo experiência nessas visitas a todos os graus de civilização.

O Sr. Peebles publicou várias obras espíritas notáveis, entre as quais um volume intitulado: *"Os videntes do século"*, com a qual nos homenageou, e que tem por objeto especial demonstrar a existência dos Espíritos e a possibilidade de se entrar em comunicação com eles.

O Sr. Peebles não visita a Europa apenas na condição de espiritualista; dirige-se a Trézibonde na qualidade de cônsul dos Estados Unidos. Estamos felizes por poder contá-lo no número dos homens sem preconceito, que são os mais dispostos a admitir a reencarnação, esse princípio essencial por tanto tempo contestado pela escola americana, e que hoje tende a se popularizar naquele país. Não é duvidoso que um entendimento cordial entre todos os homens inteligentes, que em todos os centros estudaram seriamente esta interessante questão, em breve resulte para todos: a aceitação da verdade.

A comunicação seguinte foi obtida num círculo íntimo, na presença do Sr. Peebles. Julgamos um dever levá-la ao conhecimento de nossos leitores, porque nos parece explicar lógica e racionalmente as verdadeiras causas da divergência dos

ensinamentos dos Espíritos nos centros franceses e nos centros americanos.

O ESPIRITISMO E O ESPIRITUALISMO

(Paris, 4 de outubro de 1869, em casa de *Miss* Anna Blackwell)[52]

Estou mais feliz do que podeis imaginar, meus bons amigos, por vos encontrar reunidos. Estou entre vós, numa atmosfera simpática e benevolente, que satisfaz ao mesmo tempo ao meu espírito e ao meu coração.

Há muito tempo que eu desejava ardentemente o estabelecimento de relações regulares entre a escola francesa e a escola americana. Para nos entendermos, meu Deus, bastaria simplesmente nos vermos e trocar opiniões. Sempre considerei o vosso salão, cara senhorita, como uma ponte lançada entre a Europa e a América, entre a França e a Inglaterra, e que contribui poderosamente para suprimir as divergências que nos separam, e estabelecer, numa palavra, uma corrente de idéias comuns, da qual surgiriam, no futuro, a fusão e a unidade.

Caro Sr. Peebles, permiti-me cumprimentar-vos pelo vosso vivo desejo de entrar em relação conosco. Não devemos lembrar se somos espíritas ou espiritualistas. Seremos uns pelos outros, homens e Espíritos que buscam conscienciosamente a verdade e que a acolherão com reconhecimento, quer resulte dos estudos franceses ou dos estudos americanos.

No espaço os Espíritos conservam suas simpatias e seus hábitos terrestres. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda *americanos*, como os desencarnados que viveram na França são ainda *franceses* no espaço. Daí a diferença dos ensinamentos em certos centros. Cada grupo de Espíritos, por sua própria natureza,

52 **N. do T.:** Embora no original conste o dia 14 de setembro, esta comunicação foi dada no dia 4 de outubro, conforme *Errata* contida na última página do fascículo de dezembro de 1869.

por seu espírito nacional, apropria suas instruções ao caráter, ao gênio especial daqueles a quem falam. Mas, assim como na Terra, as barreiras que separam as nacionalidades tendem a desaparecer, também no espaço os caracteres distintivos se apagam, as nuanças se confundem e, num tempo futuro, menos afastado do que supondes, não mais haverá na Terra nem no espaço, nem franceses, nem ingleses, nem americanos, mas homens e Espíritos, filhos de Deus da mesma maneira, e aspirando, por todas as suas faculdades, ao progresso e à regeneração universais.

Senhores, eu saúdo nesta noite, nesta reunião, a aurora de uma próxima fusão das diversas escolas espíritas, e me felicito de encontrar o Sr. Peebles no número dos homens sem prevenção, cujo concurso e boa vontade assegurarão a vitalidade dos nossos ensinamentos no futuro e sua universal vulgarização.

Traduzi as minhas obras! Só se conhecem na América os argumentos contra a reencarnação. Quando as demonstrações em favor desse princípio ali se tornarem populares, o *Espiritismo* e o *Espiritualismo* não tardarão a se confundir, tornando-se, por sua fusão, a Filosofia natural adotada por todos.

Allan Kardec

Dissertações Espíritas

OS ANIVERSÁRIOS

(Paris, 21 de setembro de 1869)

Há entre todos os homens do mundo moderno um costume digno de elogios, sem a menor dúvida, que, pela força das coisas, logo se verá transformado em norma. Quero falar dos aniversários e dos centenários!

Uma data célebre na história da Humanidade, seja por uma conquista gloriosa do espírito humano, seja pelo nascimento ou a morte de benfeitores ilustres, cujo nome está inscrito em caracteres indeléveis no grande livro da imortalidade, uma data célebre, como disse, vem cada ano lembrar a todos que somente aqueles que trabalharam para melhorar a sorte de seus irmãos têm direito a todo respeito, a toda veneração. As datas sangrentas se perdem na noite dos tempos, e se por vezes ainda nos lembramos com orgulho as vitórias de um grande guerreiro, é com profunda emoção que nos recordamos dos que procuraram, por meio de armas mais pacíficas, derrubar as barreiras que separam as nacionalidades. Isto é bom, é digno, mas é suficiente? A Humanidade santifica seus grandes homens; fá-lo com justiça, e suas sentenças, ouvidas pelo tribunal divino, são inapeláveis, porque foi a consciência universal que as pronunciou.

Povo: a admiração, o respeito, a simpatia comovem o teu coração, animam o teu espírito, excitam a tua coragem, mas é necessário ainda mais. É necessário que a emoção que experimentas encontre eco em todos os grandes Espíritos que assistem, invisíveis e enternecidos, à evocação de suas generosas ações; é preciso que estes últimos reconheçam discípulos e êmulos entre os que fazem reviver o seu passado. Lembrai-vos! a memória do coração é o selo dos Espíritos progressistas, chamados ao batismo da regeneração; mas provai que compreendeis o devotamento de vossos heróis prediletos, agindo como eles, num teatro menos vasto, talvez, mas dignificante, para adquirir ou fazer que adquiram, aqueles que vos cercam, os princípios de liberdade, de solidariedade e de tolerância, que constituem a única legislação dos universos.

Após quinhentos anos, João Huss vive na memória de todos, ele que não derramou senão o seu próprio sangue para a defesa das liberdades que havia proclamado. Mas, alguém se lembra do príncipe que, na mesma época, ao preço de enormes sacrifícios

de homens e dinheiro, tentou apoderar-se das terras de seus vizinhos? Lembra-se dos salteadores armados que exigiam contribuição dos viajantes imprudentes? E, contudo, a celebridade está associada ao guerreiro, ao bandido e ao filósofo; mas o guerreiro e o assassino estão mortos para a posteridade. Sua lembrança jaz encerrada entre duas folhas amareladas das histórias medievais; o pensador, o filósofo, o que primeiro despertou a idéia do direito e do dever, que substituiu a escravidão e o jugo pela esperança da liberdade, está vivo em todos os corações. Ele não procurou o seu bem-estar e a sua glória, procurou a felicidade e a glória da Humanidade futura.

A glória dos conquistadores se extingue com a fumaça do sangue que eles derramaram, com o esquecimento das lágrimas que fizeram correr; a dos regeneradores aumenta sem cessar, porque o espírito humano, engrandecendo-se, recolhe as folhas esparsas em que estão inscritos os atos gloriosos desses homens de bem.

Sede como eles, meus amigos; procurai menos o brilho que o útil; não sejais do número dos que combatem pela liberdade com o desejo de serem vistos; sede dos que lutam obscuramente, mas incessantemente, para o triunfo de todas as verdades, e sereis também daqueles cuja memória jamais se apagará.

Allan Kardec

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

(Sociedade de Paris, 8 de outubro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Permiti-me, senhores, solicitar por alguns instantes a vossa atenção. Ocupai-vos muito do Espírito de vossos inferiores na Natureza, desses pequenos seres bastante inteligentes para tornar popular a crença, hoje admitida por expressivo número de grandes Espíritos, que na escala ascendente das criações o homem

é o topo, depois de ter passado por todos os graus hierárquicos dos seres.

Por minha vez, aqui prestarei homenagem às *Harmonias* de Kepler, o sábio predestinado que, a bem dizer, concebeu e ditou às gerações futuras os fundamentos inquebrantáveis das leis que hoje guiam os pesquisadores conscienciosos.

A princípio eu vivia custosamente do meu trabalho; depois, chegando as facilidades, pude estudar e aprender. Por companheira, eu tinha uma mulher doce e inteligente e, sem filhos, esperávamos os cabelos branquearem com tranqüilidade. Quando minha esposa morreu, eu tinha sessenta anos; minha tristeza era tão grande que, sempre solitário com minhas lembranças, eu percorria os grandes bosques que rodeiam Méziers; queria morrer e não podia.

Certo dia, caiu um pássaro aos meus pés, um pequeno gaio. Meu primeiro impulso foi apanhá-lo do chão, aquecê-lo, reanimá-lo; e, com efeito, o pobre animalzinho logo se tornou grande, gentil e, tanto quanto possível, engraçado. Seguia-me por toda parte, parecia adivinhar o meu pensamento. Se eu estava triste, encostava-se em mim, fazia mil caretas e dava mil gritos estranhos, forçando-me a rir. Diante de uma visita, era ameaçador. Seguia-me na jardinagem, esmigalhando a terra e rejeitando os calhaus. À mesa, reclamava sua provisão com insistência e cantava ou imitava o canário, a toutinegra, o gato, o cão, etc...

Que quereis? Os dias tão tristes para mim se tornavam alegres, e este amiguinho, esta singular providência, animava-me interiormente. Fez-me amar a vida e pensar que Deus punha sempre ao nosso alcance uma compensação às nossas penas. Como vós, pensava que o animal devia ser tratado como amigo, como comensal, e que a última palavra do egoísmo e do orgulho humanos devia ser destruído pelo ensino que o vosso venerado mestre procurava propagar. Esta idéia consoladora tornou-se uma

certeza e dela fiz o objeto de meus estudos prediletos. Nessas leituras eu encontrava amigos entre os comentadores e os filósofos; e se hoje valho alguma coisa no mundo dos invisíveis, sem nenhuma dúvida o devo ao meu gaio, atirado brutalmente do ninho por algum inimigo malévolo de sua raça.

Por vezes as pequenas causas produzem grandes efeitos. Eu procurava a morte e encontrei a vida radiante e plena das promessas sedutoras e verdadeiras da erraticidade.

Sylvestre

Observação – Durante a sessão na qual esta comunicação foi obtida, discutiu-se a notável obra de Kepler sobre as *Harmonias dos Mundos*, algumas de cujas passagens foram lidas e comentadas por um dos presentes. Sem dúvida é a este incidente que o Espírito faz alusão.

Sentimo-nos felizes por anunciar que a obra de Kepler[53], cuja tradução está muito avançada, será publicada num futuro próximo. Nós nos propomos a fazer a sua análise minuciosa na *Revista* e assinalar particularmente aos nossos leitores um grande número de capítulos em que a maior parte dos problemas espíritas é tratado com uma elevação de pensamento e um poder de lógica capaz, quem sabe, de atrair seriamente a atenção do mundo erudito sobre a nossa filosofia.

AS DESERDADAS

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de julho de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Venho vos falar hoje das deserdadas, tão numerosas ainda, mas cujo número, reconhecemos com satisfação, está bem

53 A obra *As Harmonias dos mundos* formará um belo volume in-8 de 500 páginas, ao preço de 5 francos. As pessoas que desejarem adquiri-la tão logo apareça, podem, a partir de agora, dirigir seu pedido ao Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille, em Paris.

reduzido, considerando-se o que existia há algumas vintenas de anos.

Essas deserdadas são nossas mães, nossas filhas, nossas irmãs. Outrora elas se ocupavam dos trabalhos penosos. Bestas de carga, máquinas de procriar, vencidas e postas na lista negra como uma coisa, pareciam encarnar por seus sofrimentos todas as brutalidades do dono, todas as potências da força sobre a fraqueza.

A Idade Média ainda nos traz à memória o seu passado doloroso e sua contínua submissão.

Hoje, porém, elas são respeitadas e amadas, pois a instrução se espalhou e o homem começa a apreciar em seu justo valor a companheira que o ajuda a atravessar as provas da vida com tanta solicitude e cuidados ternos e delicados.

Sim, a despeito da educação irritante que nossas mães e nossas irmãs recebem, malgrado essa inoculação de pensamentos opostos aos do homem, a mulher se modifica profundamente. Embora obedeça a um preconceito arraigado a hábitos seculares; posto suas crenças não sejam as nossas e muitas vezes a pátria, o futuro, o progresso e a liberdade para elas sejam letra morta; apesar dessa educação enervante, tudo se transforma à nossa volta. O nosso íntimo se acalma e a nova geração, graças às disposições maternas, será mais forte, mais decidida, amante das artes, da indústria, da paz, da fraternidade e da solidariedade.

Que em vossas cidades se abram cursos, reuniões, obras inteligentes, pois as salas são muito pequenas. Nossas companheiras têm sede de literatura, de ciências, de astronomia; gostam da palavra vibrante e forte dos conferencistas, palavra muitas vezes inspirada, que não cai num terreno estéril, sabei-o bem, porque as crianças recolhem os frutos desses belos e reconfortantes saraus.

Finalmente a hora da redenção chegou para elas. Mães! elas devem reviver em seus filhos; devem dar conta de suas obras à sociedade e, como valentes, querem saber e não ser estranhas a nada; são nossos iguais e nos devem completar. Peçamos para elas o apoio três vezes santo de todos os conhecimentos humanos postos ao seu alcance.

Quem poderia, pois, melhor compreender o Espiritismo que as mulheres? Para o homem, elas têm a prova íntima de sua força, de seu direito; o que era um pressentimento torna-se uma realidade; para ele, elas aprendem o objetivo de suas longas etapas através da Humanidade e, à vista da sanção espírita, são as boas operárias da obra nova. A família é o futuro, e nossas mães transformarão esta bem-amada família num foco de união, de amor, de benevolência e de perdão. Através da família, haverá uma profunda revolução no mundo do pensamento, e os deserdados cumprirão a obra final para grande proveito da Humanidade.

Bernard

DOIS ESPÍRITOS CEGOS

(ESTUDO MORAL)

Entre os grupos e sociedades espíritas que nos enviam documentos e submetem à nossa apreciação as instruções que lhes são dadas, temos a felicidade de contar a Sociedade de Marselha, que poderia servir de modelo pela gravidade e importância de seus trabalhos e pelo método inteligente e lógico com que procede ao estudo dos problemas espíritas. Seria desejável que todos os centros se comportassem dessa maneira; com isso os espíritas ganhariam seguramente em ciência e dignidade, e a Doutrina em consideração e desenvolvimento.

Consideramos um dever dar a conhecer aos nossos leitores o relato de uma manifestação obtida naquela Sociedade

pela mediunidade falante, faculdade que tende hoje a generalizar-se e que se tornará, inegavelmente, para todos os amigos da verdade e do progresso, uma fonte de estudos fecundos em resultados felizes.

(Marselha, setembro de 1869 – Médium falante: Sra. G.)

I – *Um dos guias protetores do grupo traz dois Espíritos sofredores, anunciando-os nestes termos:*

"Caros amigos, trago-vos dois cegos; ouvi-os atentamente e acolhei-os com simpatia. Deixo-vos por alguns instantes para lhes ceder o lugar, mas em breve voltarei para concorrer à vossa instrução."

Brunat

Tão logo se retirou o Espírito Brunat, a fisionomia do médium muda bruscamente e anuncia a chegada de um Espírito sofredor. Este último toma a palavra e diz:

"Onde estou, meu Deus? Qual é a minha situação? É permitido sofrer como sofro? e, contudo, que fiz? Não fiz muito o bem, é certo, mas não pratiquei o mal!... Ó vós que me escutais, sabeis quão cruéis são os meus sofrimentos!... Fui arrancado subitamente da Terra quando menos esperava, deixando, nesse mundo que lamento tão amargamente, uma mulher que eu adorava.

"Não sei há quanto tempo estou errando; mas se passaram muitos dias até que eu compreendesse que estava morto. Alguns dias, vários anos? nada sei; mas me parece que suportei os sofrimentos de toda uma eternidade. Ligado ao corpo por laços poderosos, senti os vermes corroendo-me a carne; sofri todas as torturas da putrefação. Por isso, bem compreendo hoje que estou morto. Mas, ai! eu sou cego... Assim, chego ao vosso meio conduzido por não sei quem, impelido por não sei o quê! Sou um pobre infeliz que não vê mais e que ainda encontra, às apalpadelas,

os lugares que lhe são familiares; mas, enquanto o cego sabe que é conduzido por seu cão, embora não o veja, eu nada sei. – Oh! como é penoso sofrer assim, procurar sem cessar e jamais encontrar!...

"Como vos disse, deixei na Terra um ser que eu amava; é minha mulher. Desde que a morte me fulminou, não deixei de procurá-la, mas ainda não pude encontrá-la. Em que se tornou?... *Quantas vezes faço estalar meu chicote diante da porta da casa! Quantas vezes subi a escada; chegava à porta do quarto e não podia entrar... Como posso entrar na casa?* Nada sei; é este o meu tormento incessante, o sofrimento cruel que por vezes me faz desesperar da existência de Deus. Dizem que ele é poderoso, e não pode abrir os meus olhos! Ele é bom, e não pode acalmar minha dor!... Enfim, sem dúvida mereci este suplício, que não me deixa nenhum repouso. Oh! procurar sempre e sempre procurar em vão... Se o amor não fosse uma palavra vã, parece que eu já teria atraído esse ser que amo e sem o qual não posso viver...

"Não sabeis o que foi feito dela? – Não; vejo que nada sabeis! ninguém pode dar notícias suas; creio que ficaria mais calmo se pudesse vê-la e com ela falar! Há pouco tempo eu era mais resignado, porque ainda a esperava; mas hoje minha paciência esgotou-se!...

"Sofro, meu Deus! Por quê? Nada... nada de consolação, nada de resposta, nada de luz... Em toda parte, ao meu redor, um silêncio lúgubre uma escuridão glacial... Quanto não devem sofrer os que semearam sua vida de crimes!... O remorso deve consumi-los, já que eu, que nada fiz, sou incapaz de descrever as minhas angústias... e, depois, esqueci tudo, salvo que não posso voltar; esqueci até a rua onde morávamos e, contudo, ali vou sem me dar conta... Subo a escada... chamo e ninguém me responde; entretanto, alguma coisa me diz que ele me ouve.

"Oh! se pelo menos eu tivesse paciência! Sois bons, bem o sinto; se acreditardes que a prece me faça alguma bem, orai por mim, orai por um cego infeliz."

Mouraille

II – *A este Espírito sucedeu o de Brunat, protetor do grupo; dirigindo-se ao infeliz Mouraille, disse-lhe:*

"Caro Espírito, se me sirvo do órgão de um encarnado para te falar, é que sob a opressão dos laços carnais que ainda te dominam, poderás falar melhor assim, ouvir minhas palavras e compreender o seu significado.

"Ouvimos teus lamentos e tua dor nos tocou; compadecemo-nos vivamente e desejamos de toda a nossa alma concorrer para o teu esclarecimento. Mas, para isto, devemos dar-te a conhecer donde vem essa nuvem espessa que obscurece tua vista!

"Queixas-te com razão, porque sofres realmente e muito!... mas, se acreditas na existência de Deus, não deves ignorar que lhe deves tudo. As alegrias de tua existência e esta própria existência, foi ele que tas deu!... Que fizeste pelos infelizes da Terra, que deixaste? Vieste em seu auxílio? estiveste na mansarda do doente e do pobre envergonhado? alguma vez consolaste os aflitos? enfim, pautaste a tua vida segundo a tua consciência, essa voz divina que fala a cada um a linguagem da caridade, da fraternidade e da justiça? Ai! que podes responder-me?...

"Como vês, a tua foi a vida de um egoísta: se não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os

mereceste? por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofredor e o infeliz.

"De todos esses prazeres, dos quais havias feito o objetivo único de tua vida, que te resta, agora que teu corpo voltou à terra? Crê-nos, resigna-te a um infortúnio que não deves senão a ti mesmo. Consagra a meditar sobre a inutilidade de tua vida passada o tempo que empregas a gemer; e se quiseres obter a luz que desejas tão ardentemente, desliga-te inteiramente desses laços materiais que ainda te mantêm acorrentado.

"Até lá, a mulher que procuras permanecerá invisível para ti. Ela mesma está tão afetada por essa obscuridade terrível que não a pode dissipar senão quando reconhecer seus erros e tomar boas resoluções para suportar as provas diante das quais faliu.

"Tu me ouves, tu me compreendes. Pobre Espírito. Escuta a minha voz; é um amigo que te fala; é um irmão que conheceu a fraqueza e que se serve de sua experiência para esclarecer-te. Reflete bem as minhas palavras, aproveita-as, e quando voltares a esta assembléia simpática, esperamos que então lamentarás a vida dissipada tão levianamente, e que te prepararás um futuro mais digno, através de firmes resoluções. Não percas um tempo precioso para procurar tua mulher; ainda não poderias encontrá-la, porque faz parte de tua provação ignorar se ela vive ou se está no mundo dos Espíritos.

"Adeus, irmão infeliz. Tens a nossa simpatia e o nosso sincero interesse pela tua sorte."

Brunat

III – *Após alguns instantes, um Espírito ainda mais infeliz que o primeiro apoderou-se do médium e o pôs em estado de agitação extrema. Enfim, pouco a pouco, volta a calma e o Espírito pode comunicar-se e falar.*

"Eu o quero, eu o quero!... matei-me para o rever!... Por que não está aí? Que devo fazer? Devo enforcar-me mais uma vez?... – Mouraille! Mouraille! onde estás? Sei que morri... enforquei-me!... não podia mais suportar a vida! – e, contudo, ainda estou separada de ti... Se não sentisse que vivo, diria que a morte aniquila tudo! Mas vivo, meu Deus, uma vida terrível!... e então... então tu deves viver também!... e estás perdido para mim como no primeiro dia de tua morte! – Ah! como sofro...

"Oh! quantas vezes, quando eu era ainda viva, *ouvi o estalo do chicote diante da porta! Ouvia os teus passos na escada*... sentia bem que eras tu; mas não te podia ver... Não ouvi uma vez, mas cem vezes, e sempre à mesma hora!

"Meu Deus, deixei este mundo por uma morte horrível; abandonei tudo; por quê? Para nada ver... para não ter apoio nem consolo... Muitas vezes ainda vou ao meu quarto e, quando estou lá, *ouço sempre o estalo do chicote e te escuto andar*, mas nada vejo...

"Oh! como esta noite me assusta, como este silêncio me acabrunha... É esta a consolação que dá a morte?... Se é verdade que existe um Deus supremo, por que nos faz nascer? por que nos faz viver? por que nos faz sofrer?... e, depois de morto, é preciso sofrer mais ainda... Mas, por que falo? ninguém me ouve, ninguém me compreende. Chamo, e nem mesmo o eco me responde. Nada... nada além de um silêncio terrível que me agita e me faz sofrer... Oh!

se ainda há seres que me possam ouvir, que me possam escutar, vinde em meu auxílio, eu vo-lo suplico!

"Onde estou?... Vou ao cemitério; encontro o corpo daquele que me chamou para a eternidade... Mas, nada de consolação... Volto à minha casa... ainda nada! E, contudo, falo, pelo que pude compreender, por uma voz desconhecida, que me é simpática... Mas, a quem falo? e por que exprimir minhas queixas e dar palavras a meus lamentos, desde que ninguém me ouve nem pode compreender-me?

"Oh! meu Deus! como esta noite é horrível!... Quantos tormentos! é o inferno; oh! certamente é o inferno!... Acreditava que se queimava no inferno... Mas queimar não deve ser nada em comparação com o que sofro... Estou sentada num local isolado e obscuro... Sinto um frio glacial e daqui faço duas corridas: vou ao cemitério, e do cemitério à minha casa, e volto sempre esmagada de fadiga, a morte na alma!... Nada de sono para entorpecer minhas pálpebras! nada de trégua, nem de repouso... nada de calma para minha alma agitada!

"O vazio me envolve!... Vou recomeçar minha corrida rude e penosa... Talvez o veja; mas, se não o vir, ao menos irei escutar *os estalos de seu chicote e seus passos barulhentos!...*"

IV – *Depois de uma pausa de alguns instantes, os traços do médium tomam uma expressão doce e calma; o Espírito Brunat retorna e, com voz simpática, dirige-se a esse pobre Espírito e lhe fala assim:*

"Escuta-me, pobre alma sofredora: Acreditas estar só e abandonada; escutas uma voz amiga, conquanto invisível para ti. Dizias há pouco que nem mesmo o eco respondia aos teus lamentos; mas, lembra-te de que destruíste tua vida, voluntariamente, violentamente, vida esta que não te pertencia, que devias dedicar aos teus irmãos infelizes. Sabias que agias mal! Deixa

de procuras inúteis! Estais separados por um abismo de trevas. Ora; substitui teus vãos lamentos por um pesar ardente e sincero e por boas resoluções, únicos que podem levar-te um raio de luz.

"Coragem!... Implora o Deus de bondade e de misericórdia, e ele te ajudará a sair um dia desta horrível situação.

"Lembra-te bem, em tuas mais dolorosas crises, de que tens em mim um amigo e um irmão."

Brunat

– *Observação do presidente do grupo:* "Nem o médium, nem nenhuma das pessoas presentes conheciam esses dois Espíritos sofredores."

"Tendo tido ocasião de falar do caso, foi-nos dito que, com efeito, o marido morreu em *meio a um banquete* há alguns meses, e que sua mulher enforcara-se poucos dias atrás.

"A pessoa que deu estas informações acrescentou, a propósito da mulher, que o seu suicídio não surpreendeu a ninguém no quarteirão, e que a Sra. Mouraille, depois da morte do marido, muitas vezes dizia *que o ouvia dar chicotadas no ar* (ele era negociante de gado), *andar na escada,* e que desejava ardentemente morrer para ir ao encontro dele o mais depressa."

Bibliografia

O ECO DE ALÉM-TÚMULO

Monitor do Espiritismo na Bahia (Brasil)

Diretor: Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes

Num dos últimos números da *Revista* anunciamos o aparecimento de uma nova publicação espírita em língua

portuguesa, na Bahia (Brasil), sob o título de *L'Écho Spirite d'Outre-Tombe* (*O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil*). Mandamos traduzir o primeiro número desse jornal, a fim de que os nossos leitores dele se inteirem com perfeito conhecimento de causa.

O Eco de Além-Túmulo aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4º, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. Com efeito, é preciso grande coragem de opinião para criar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos. A clareza e a concisão do estilo, a elevação dos sentimentos ali expressos, são para nós uma garantia do sucesso dessa nova publicação. A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do modo pelo qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se mais especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.

Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. Não ignoramos que o caráter e a crença daqueles a quem se dirige o *Eco de Além-Túmulo* devem levar o Sr. Luiz Olympio a manejar certas susceptibilidades. Mas acreditamos, por experiência, que a melhor maneira de conciliar todos os interesses consiste em evitar tratar de questões que a cada um cabe resolver, e empenhar-se em popularizar os grandes ensinamentos que encontram eco simpático em todos os corações chamados ao batismo da regeneração e ao progresso infinito.

As passagens seguintes, extraídas de *O Eco de Além-Túmulo*, provarão, melhor do que longos comentários, o ardente

desejo do Sr. Luiz Olympio, de concorrer eficaz e rapidamente para a propagação dos nossos princípios:[54]

"O fenômeno da manifestação dos Espíritos é maravilhoso, surgindo e vulgarizando-se por toda parte.

"Conhecido desde a mais remota antiguidade, vemo-lo hoje em pleno século dezenove, renovado e observado pela primeira vez na América setentrional, nos Estados Unidos, onde se produziu por movimentos insólitos de objetos diversos, por ruídos, por pancadas realmente extraordinárias!

"Da América, passou rapidamente para a Europa e aí, principalmente na França, ao cabo de alguns anos saiu do domínio da curiosidade e entrou no vasto campo da Ciência.

"Novas idéias, emanadas então de milhares de comunicações, obtidas das revelações dos Espíritos que se manifestavam, quer espontaneamente, quer por evocação, deram lugar ao nascimento de uma doutrina eminentemente filosófica que, em alguns anos, deu a volta à Terra e penetra em todas as nações, recrutando, em cada uma delas, tão grande número de prosélitos que hoje são contados aos milhões.

"A idéia do Espiritismo não foi concebida por ninguém; conseqüentemente, ninguém é o seu autor.

"Se os Espíritos não se tivessem manifestado espontaneamente, por certo o Espiritismo não existiria. Portanto, o Espiritismo é uma questão de fato, e não de opinião, não podendo as denegações da incredulidade prevalecer contra esse fato.

54 **N. do T.:** Como se trata da *tradução da tradução*, há ligeiras discrepâncias quanto à forma no trecho traduzido com o original brasileiro, existente na Biblioteca de Obras Raras da FEB em Brasília.

"A rapidez de sua propagação prova exuberantemente que se trata de uma grande verdade que, necessariamente, há de triunfar de todas as oposições e de todos os sarcasmos humanos; e isso não é difícil de demonstrar, se observarmos que o Espiritismo faz os seus adeptos principalmente na classe esclarecida da sociedade.

"Nota-se, porém, que essas manifestações sempre ocorreram de preferência sob a influência de certas pessoas dotadas de uma faculdade especial e designadas sob o nome de médiuns: maravilhosa faculdade que, aos olhos espantados da Humanidade, prova de maneira indubitável a onipotência, a bondade infinita e a misericórdia de Deus-Trino, supremo criador de todas as coisas.

"E, todavia, o Espiritismo não é privilégio exclusivo de ninguém. Qualquer pessoa, na intimidade de sua família, pode encontrar um médium em alguns de seus parentes, e então poderá, se o quiser, fazer suas próprias observações; mas não deve fazê-las com precipitação, à sua maneira, nem circunscrevê-las ao círculo de suas prevenções ou de seus preconceitos, para depois concluir enfaticamente pela negação daquilo que, por qualquer circunstância, não pôde ser bem estudado e, por conseguinte, ficou mal compreendido, é antes uma prova de leviandade do que de sabedoria.

"O emprego de algumas horas de observação também não é suficiente para que o Espiritismo, no que concerne à Doutrina, possa ser devidamente compreendido; ao contrário, exige, como qualquer outra ciência, além da boa vontade, um longo e sério estudo. E nem se pense que, por ser uma questão de fato, é possível muito ficar sabendo por ter-se presenciado um ou outro, isoladamente; porque um fato isolado nem sempre é perfeitamente compreensível senão depois da observação de outros, que com o anterior tenha a mais íntima conexão, sem o que poderá parecer incrível e até contraditório. Há, pois, que se compulsar e estudar os

trabalhos conhecidos, para saber apreciar os fatos que se apresentam à nossa observação e assim poder compreender a sua razão de ser.

"O maravilhoso fenômeno da comunicação dos Espíritos e de sua ação no mundo visível não é mais uma novidade. Está demonstrado ser uma conseqüência das leis imutáveis que regem os mundos. É um fato que se produz desde o aparecimento do primeiro homem e que se perpetuou em todos os povos, em todos os tempos e sob diversos caracteres, dando o mais cabal testemunho dessa verdade os arquivos da História, quer sagrada, quer profana, onde se acham consignados numerosos fatos de manifestações espíritas.

"As vantagens que a sociedade tira do Espiritismo são da maior importância, considerando-se que essa doutrina sublime e providencial, que contribui tão eficazmente para a felicidade do homem, nela exerce poderosa ação, tanto científica quanto moralizadora.

"A ação científica do Espiritismo se revela pelas luminosas explicações e pelas definições claras e precisas que dá de todos os fenômenos, tidos como sobrenaturais; revela-se também pelas provas palpáveis que nos dá da preexistência, da individualidade e da imortalidade do ser pensante, demonstrando da maneira mais evidente as causas das desigualdades morais do mundo visível e invisível e, portanto, a responsabilidade moral das almas, bem como as penas e as recompensas futuras.

"A ação moralizadora do Espiritismo se demonstra quando consideramos que o egoísmo, essa chaga cancerosa da Humanidade, engendrada pelo materialismo, negação formal de todo princípio religioso, se acha profundamente abalado por esta aurora celestial, que o Todo-Poderoso, em sua infinita misericórdia, dignou-se a enviar à Terra como precursora dessa nova e bem-

aventurada Era, em que os homens, melhor compreendendo os seus deveres recíprocos, de boa vontade cumprirão os salutares preceitos de Jesus: "Ama ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Tudo o que quereis que vos façam os homens, fazei também a eles."

"O Espiritismo é ainda a aurora precursora de uma nova era, porque à sua luz resplandecente vão se dissipando as sombras da incredulidade, fazendo que pouco a pouco a fé e a esperança se insinuem no coração dos que não possuíam essas virtudes.

"Se, pois, o Espiritismo incontestavelmente produz bons frutos, porque dá esperança e fé; se, de fato, a fé e a esperança trazem os incrédulos a crenças sadias, é lógico, e mais que lógico, é evidente que o Espiritismo, operando milagres sobre a consciência, difunde uma doutrina benfazeja que satisfaz ao mesmo tempo ao espírito e ao coração, porque é um sistema de verdades filosóficas baseadas no Evangelho, que os Espíritos bons, fiéis mensageiros de Deus, nos vêm confirmar. É a espada do Arcanjo que vem derrubar as árvores e os arbustos da incredulidade, confundindo os materialistas e os ateus.

"O Espiritismo deve, portanto, caminhar de fronte erguida, porque vem destruir esses erros e, ao mesmo tempo, derramar bálsamo consolador e vivificante nas chagas da Humanidade."

AS MARAVILHAS CELESTES

Por C. Flammarion

Um grande número de nossos leitores nos vem pedindo, desde algum tempo, as *Maravilhas Celestes*, que estavam esgotadas. Estamos felizes por anunciar que esta obra de

Astronomia popular acaba de ser reimpressa em uma terceira edição, aumentada de novas descobertas e ornada de 80 gravuras representando as mais curiosas visões telescópicas. Preço: brochura, 2 fr.; encadernado, 3 fr.

CONVERSAS MESMERIANAS

ENSINO ELEMENTAR – HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICA DO MAGNETISMO ANIMAL

Por A. Bauche, Membro Titular da Sociedade de Magnetismo de Paris

Esta obra, escrita sob a forma de conversas familiares, tem por objetivo ajudar a propagação do mesmerismo ou magnetismo animal.

A parte teórica compreende o magnetismo na Antiguidade e na Idade Média, sua renovação por Mesmer e seu estado atual.

Na parte teórica e prática são expostos os diversos sistemas, os métodos dos principais mestres, os processos, os efeitos, as aplicações úteis e racionais do magnetismo e os perigos de seu emprego por mãos inexperientes.

Vários capítulos são particularmente consagrados ao sonambulismo, à lucidez e ao êxtase. A parte psicológica, o poder da vontade, o da imaginação, etc., aí ocupam igualmente um vasto lugar e solicitam a atenção dos que levam a sério a pesquisa da verdade.

Apresentando o magnetismo em toda a sua simplicidade, isto é, isento do maravilhoso e do exagero que contribuíram para afastar de seu estudo um grande número de pessoas sérias, espera o autor que a leitura do seu livro possa despertar, naquelas que a prevenção não cega e que formam sua opinião conforme o próprio julgamento, o desejo de procurar e a

esperança de encontrar a chave dos fenômenos erradamente considerados como sobrenaturais, porque são mal compreendidos.

As *Conversas Mesmerianas* formam um vol. in-8º (Brochura de 212 páginas) Preço 2 fr., *franco* para toda a França, 2 fr. 25.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

Revista Espírita
Jornal de Estudos Psicológicos
ANO XII DEZEMBRO DE 1869 Nº 12

Os Desertores

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

Se é certo que todas as grandes idéias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações.

Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes um acessório dos saraus.

Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a idéia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as

consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer.

Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado. Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a idéia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores.

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam.

Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam

de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas.

Também essa fase apresentou sua utilidade. Mostrando o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer o objetivo sério do Espiritismo e depurou a doutrina. Sabem os Espíritos que as lições da experiência são as mais proveitosas; se, logo de começo, eles dissessem: Não peçais isto ou aquilo, porque nada conseguireis, ninguém mais lhes daria crédito. Essa a razão por que deixaram que as coisas tomassem o rumo que tomaram: foi para que da observação ressaltasse a verdade. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para que o número deles diminuísse. Eram parasitos de que elas, as decepções, livraram o Espiritismo, e não adeptos sinceros.

Alguns indivíduos, mais perspicazes do que outros, entreviram o homem na criança que acabava de nascer e temeram-na, como Herodes temeu o menino Jesus. Não se atrevendo a atacar de frente o Espiritismo, esses indivíduos incitaram agentes com o encargo de o abraçarem para asfixiá-lo; agentes que se mascaram para em toda parte se intrometerem, para suscitarem habilmente a desafeição nos centros e espalharem, dentro destes, com furtiva mão, o veneno da calúnia, acendendo, ao mesmo tempo, o facho da discórdia, inspirando atos comprometedores, tentando desencaminhar a doutrina, a fim de torná-la ridícula ou odiosa e simular em seguida defecções.

Outros ainda são mais habilidosos: pregando a união, semeiam a separação; destramente levantam questões irritantes e

ferinas; despertam o ciúme da preponderância entre os diferentes grupos; deleitar-se-iam, vendo-os apedrejar-se e erguer bandeira contra bandeira, a propósito de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma ou de fundo, as mais das vezes provocadas intencionalmente. Todas as doutrinas têm tido seu Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus e eles ainda não lhe faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que também foram de alguma utilidade: ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspeto e a não se fiar nas aparências.

Por princípio, deve-se desconfiar dos entusiasmos demasiados febris: são quase sempre fogo de palha, ou simulacros, ardores ocasionais, que suprem com a abundância de palavras a falta de atos. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; revela-se, como a verdadeira coragem, pelos fatos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade.

Tem esta um cunho *sui generis;* exterioriza-se por matizes muitas vezes mais fáceis de ser compreendidos do que definidos; é sentida por efeito dessa transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo regulou, sem que a falsidade chegue nunca a simulá-la completamente, visto não lhe ser possível mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta de si. Ela, a sinceridade, considera erro dar troco à baixa e servil lisonja, que somente seduz as almas orgulhosas, lisonja por meio da qual precisamente a falsidade se trai para com as almas elevadas.

Jamais pode o gelo imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfará imediatamente. As mais difíceis de

vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lídima acepção do termo, visto como aquele que desertasse por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil. Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do "que dirão"?; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como conseqüência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe.

Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles.

Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as conseqüências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhe derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevêm no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; vêem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências.

Por isso mesmo, os Espíritos bons protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamento é sincero e sem idéias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições pessoais.

Deveremos incluir também entre os desertores do Espiritismo os que se retiram porque a nossa maneira de ver não lhes satisfaz; os que, por acharem muito lento ou muito rápido o nosso método, pretendem alcançar mais depressa e em melhores condições a meta a que visamos? Certamente que não, se têm por guia a sinceridade e o desejo de propagar a verdade. – Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porem eles em evidência e a chamar sobre si a atenção pública, para satisfação do amor-próprio e de interesses pessoais!...

Tendes um modo de ver diferente do nosso, não simpatizais com os princípios que admitimos! Nada prova que estais mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião em matéria de ciência; investigai do vosso lado, como nós investigamos do nosso; o futuro dará a ver qual de nós está em erro ou com a razão. Não pretendemos ser os únicos a reunir as condições fora das quais não são possíveis estudos sérios e úteis; o que temos feito podem outros, sem dúvida, fazer. Que os homens inteligentes se agreguem a nós, ou se congreguem longe de nós, pouco importa!... Se os centros de estudos se multiplicarem, tanto melhor; será um sinal de incontestável progresso, que aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com

caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo. Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em idéias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de não nos enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscrição de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Mas, qual será a conseqüência de semelhante estado de coisas? Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-las, ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que nos sucederem.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo se extingue, a febre se abranda, os homens passam e as novas idéias permanecem.

Espíritas, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência!...

Nada, pois, temamos: o futuro nos pertence. Deixemos que os nossos adversários se debatam, apertados pela verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que inevitavelmente triunfa pela força mesma das coisas. É uma questão de tempo a vulgarização universal do Espiritismo e neste século o tempo marcha a passo de gigante, sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec

Observação – Como complemento deste artigo, publicamos uma instrução que sobre o mesmo assunto Allan Kardec deu, logo que voltou ao mundo dos Espíritos. Parece-nos interessante, para os nossos leitores, juntar às páginas eloqüentes e viris que se acabam de ler a opinião atual do organizador por excelência da nossa filosofia.

(Paris, novembro de 1869)

Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interesse. É este, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para esse fim poderão servir um dia à realização da minha idéia. É que eu, com efeito, me encontrava mais bem colocado do que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo que a descoberta e a vulgarização de uma grande verdade provocara. Pressentia outrora, hoje sei, que ordem maravilhosa e que harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a dar nascimento à nova obra. A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a

má-fé, a hipocrisia, as maldosas manobras de outros, tudo concorre para garantir a estabilidade do edifício que se eleva. Nas mãos das potestades superiores, que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques visando semear o descrédito e o ridículo, se tornam elementos de elaboração.

Que não têm feito! Que é o que não têm posto em ação para asfixiar no berço a criança!

A princípio o charlatanismo e a superstição quiseram, ora um, ora outra, apoderar-se dos nossos princípios, a fim de os explorarem em proveito próprio; todos os raios da imprensa se projetaram contra nós; chasquearam das coisas mais respeitáveis; atribuíram aos Espíritos do mal os ensinos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universais; entretanto, todos esses esforços conjugados mais não conseguiram, senão proclamar a impotência dos nossos adversários.

É dentro dessa luta incessante contra os preconceitos firmados, contra erros acreditados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à obra de minha predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. O caminho se achava inçado de dificuldades que de contínuo se renovavam. Nada podendo contra a doutrina, atiravam-se ao homem; mas, por esse lado, eu me sentia forte, porque renunciara à minha personalidade. Que me importavam os esforços da calúnia; a minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer de boa vontade as urzes e os espinhos da estrada. Os testemunhos de simpatia e de estima, que recebi dos que me souberam apreciar, constituíram a mais estimável recompensa que eu jamais ambicionara. Mas, ah! quantas vezes teria sucumbido ao peso da minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me houvessem feito olvidar a ingratidão e a injustiça de alguns, porquanto, se os ataques contra mim dirigidos sempre me encontraram insensível, penosamente magoado me sentia, devo

dizê-lo, todas as vezes que descobria falsos amigos entre aqueles com quem mais contava.

Se é justo censurar os que hão tentado explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo em seus escritos, sem o terem previamente estudado, quão mais culpados não são os que, depois de lhe haverem assimilado todos os princípios, não contentes de se lhe apartarem do seio, contra ele voltaram todos os seus esforços! É, sobretudo, para os desertores dessa categoria que devemos implorar a misericórdia divina, pois que apagaram voluntariamente o facho que os iluminava e com o qual podiam esclarecer os outros. Eles, por isso, logo perdem a proteção dos Espíritos bons e, conforme a triste experiência que temos feito, bem depressa chegam, de queda em queda, às mais críticas situações!

Desde que voltei para o mundo dos Espíritos, tornei a ver alguns desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a inação em que ficaram e a má vontade de que deram prova, sem lograrem, todavia, recuperar o tempo perdido!... Tornarão em breve à Terra, com o firme propósito de concorrerem ativamente para o progresso e se verão ainda em luta com as tendências antigas, até que triunfem definitivamente.

Fora de crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitariam cair nos mesmos erros. Assim, porém, não é. Ainda por longo tempo haverá irmãos falsos e amigos desassisados; mas, tal como seus irmãos mais velhos, não conseguirão que o Espiritismo saia da sua diretriz. Embora causem algumas perturbações momentâneas e puramente locais, nem por isso a doutrina periclitará. Ao contrário, os espíritas transviados bem depressa reconhecerão o erro em que incidiram e virão colaborar com maior ardor na obra por um instante abandonada e, atuando de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, caminharão a passo rápido para os ditosos tempos prometidos à Humanidade regenerada.

Allan Kardec

A Vida Universal[55]

I

NO INFINITO E NA ETERNIDADE[56]

(Camille Flammarion)

Todas as religiões que se sucederam na história da Humanidade, desde a teogonia dos arianos, que parece datar de quinze mil anos e nos oferece o tipo mais antigo, até o babismo da Ásia, surgido neste século e que, não obstante, não conta muitos sectários; desde as teologias mais vastas e consolidadas que, como o budismo na Ásia, o Cristianismo na Europa e o Islamismo na África, dominaram regiões imensas, durante longos séculos, até os sistemas isolados e frustrados que, como a igreja francesa do abade Chatel, ou a religião fusionista de Toureil, ou o templo positivista de Auguste Comte, não viveram mais que o espaço de uma manhã; – todas as religiões, digo, não tiveram por objetivo senão *o conhecimento da vida eterna*.

Entretanto, até hoje nenhuma soube nos dizer o que é a vida eterna; nenhuma nos soube ensinar sequer o que seja a vida atual, em que difere ou em que se liga à vida eterna; o que é a Terra onde vivemos; o que é o céu, para o qual se voltam todos os olhares ansiosos, para pedir o segredo do grande problema.

A incapacidade de todas as religiões, antigas e modernas, de nos explicar o sistema do mundo moral, levou a filosofia, acabrunhada pelo silêncio e pelas ficções, a formar em seu seio uma escola de cépticos, que não só duvidaram da existência do mundo moral, mas chegaram ao cúmulo de negar a presença de Deus na Natureza e a imortalidade das almas intelectuais.

55 **N. do T.:** No original consta a expressão *Vida Eterna*, embora no sumário inserido no final do volume apareça *Vida Universal*. Optamos por esta última, por expressar melhor aquilo que é discutido no texto.

56 **Nota da Editora:** Ver "Nota Explicativa", p. 533.

Nossa filosofia espiritualista das ciências, fundada sobre a síntese das ciências positivas e especialmente sobre as conseqüências metafísicas da Astronomia moderna, é mais sólida do que todas as religiões antigas, mais bela do que todos os sistemas filosóficos, mais fecunda do que todas as doutrinas, crenças e opiniões emitidas até agora pelo espírito humano. Nascida no silêncio do estudo, nossa doutrina cresce na sombra e se vai aperfeiçoando incessantemente por uma interpretação cada vez mais desenvolvida do conhecimento do Universo. Sobreviverá aos sistemas teológicos e psicológicos do passado, porque é a própria Natureza que observamos, sem idéias preconcebidas, sem especulação e sem medo.

Quando em meio a uma noite profunda e silenciosa nossa alma solitária se eleva para esses mundos longínquos que brilham acima de nossas cabeças, instintivamente procuramos interpretar os raios que nos chegam das estrelas, porque sentimos que esses raios são outros tantos laços fluídicos, ligando os astros entre si na imensa rede da solidariedade. Agora que as estrelas já não são para nós cravos de ouro fixadas na abóbada celeste; agora que sabemos que essas estrelas são outros tantos sóis análogos ao nosso, centros de sistemas planetários variados e disseminados a incríveis distâncias através do infinito dos espaços; agora que a noite não é mais para nós um fenômeno que se estende ao Universo inteiro, mas simplesmente uma sombra passageira situada por detrás do globo terrestre relativamente ao Sol, sombra que se estende a uma certa distância, mas não até às estrelas, e que atravessamos todos os dias durante algumas horas por força da rotação diurna do globo; – aplicamos esses conhecimentos físicos à explicação filosófica de nossa situação no Universo, e constatamos que habitamos a superfície de um planeta que, longe de ser o centro e a base da Criação, não passa de uma ilha flutuante do grande arquipélago, arrastado, ao mesmo tempo que miríades de outros análogos, pelas forças diretivas do Universo, não tendo sido marcado pelo Criador com nenhum privilégio especial.

Sentirmo-nos arrastados no espaço é uma condição útil à compreensão exata do nosso lugar relativo no mundo; mas, fisicamente não temos e nem podemos ter essa sensação, pois que estamos fixados à Terra por sua atração e participamos integralmente de todos os seus movimentos. A atmosfera, as nuvens, todos os objetos móveis ou imóveis que pertencem à Terra são por ela arrastados, a ela ligados e, por conseguinte, relativamente imóveis. Seja qual for a altura a que nos elevemos na atmosfera, jamais chegaremos a nos colocar fora da atração terrestre e a nos isolar de seu movimento para o constatar. A própria Lua, a 96.000 léguas daqui, é arrastada no espaço pela translação da Terra. Não podemos, pois, sentir o movimento do nosso planeta senão pelo pensamento. Ser-nos-ia possível chegar a essa curiosa sensação? Tentemos.

Para começar, imaginemos que o globo sobre o qual nos encontramos avance no vazio à razão de 660.000 léguas por dia, ou 27.500 léguas por hora! 30.550 metros por segundo: é uma velocidade mais de cinqüenta vezes mais rápida que a de uma bala de canhão (550 metros). Por certo não podemos simbolizar exatamente essa rapidez inaudita, mas dela podemos formar uma idéia, representando uma linha de 458 léguas de extensão e imaginando que o globo terrestre a percorra num minuto. Perpetuamente, sem parar, sem trégua, a Terra *voa* assim. Supondo-nos colocados no espaço, ao lado de seu caminho, na expectativa de vê-la passar diante de nós como um trem expresso, nós a veríamos chegar de longe sob a forma de uma estrela brilhante. Quando não estivesse a mais do que 600 ou 700.000 léguas de nós, isto é, vinte e quatro horas antes de chegar, pareceria maior do que qualquer estrela conhecida, menor do que nos parece a Lua: como uma grande bólide, semelhante às que por vezes atravessam o espaço. Quatro horas antes de sua chegada, parece cerca de quatorze vezes mais volumosa que a Lua e, continuando a inflar-se desmesuradamente, logo ocupará um quarto do céu. Já distinguimos em sua superfície os continentes e os mares, os pólos

carregados de neve, as faixas de nuvens tropicais, a Europa com as bordas recortadas... e talvez distingamos um pequeno lugar esverdeado, que não passa da milésima parte da superfície inteira do globo e que se chama França... Já notamos seu movimento de rotação sobre o seu eixo... mas, aumentando, aumentando sempre, de repente o globo se desdobra como uma sombra gigantesca sobre o céu inteiro, levando seis minutos e meio para passar, o que talvez nos permita ouvir os gritos dos animais selvagens nas florestas equatoriais e o canhão dos povos humanos, para, em seguida, afastando-se com majestade nas profundezas do espaço, mergulhar no vazio e encolher-se na imensidade sem fim, não deixando outro traço de sua passagem, senão um misto de espanto e de terror em nosso olhar apavorado.

É nesta bola colossal de 3.000 léguas de diâmetro e 5.875 sextilhões de toneladas de peso, que estamos disseminados, pequenos seres imperceptíveis, arrastados com uma energia indescritível por seus diversos movimentos de translação, de rotação, de oscilação, e por suas inclinações alternativas, mais ou menos como os grãos de poeira aderem a uma bala de canhão lançada no espaço. Conhecer e sentir esta marcha da Terra é possuir uma das primeiras e mais importantes condições do saber cosmográfico.

Assim voa a Terra no céu. A descrição desse movimento pode parecer puramente do domínio da Astronomia. Logo constataremos que a filosofia religiosa é altamente interessada nesses fatos e que, na realidade, o conhecimento do universo físico dá as bases da religião do futuro. Continuemos o exame científico do nosso planeta.

Como qualquer edifício, as teologias não podem ser construídas no vazio. Têm como arcabouço o antigo sistema do mundo, que supunha a Terra imóvel no centro do Universo. Ao demonstrar a fatuidade da ilusão antiga, a Astronomia moderna demonstra a presunção das teologias fundadas sobre ela.

Este planeta é povoado por um número considerável de espécies vivas, classificadas em duas grandes divisões naturais: o reino vegetal e o reino animal. Cada um desses seres difere das coisas puramente materiais, dos objetos inanimados, em virtude de ser formado por uma unidade anímica que rege o seu organismo. Que se considere uma planta, um animal ou um homem, constata-se que o que constitui a vida é um princípio especial, dotado da faculdade de agir sobre a matéria, de formar um ser determinado, uma roseira, por exemplo, um carvalho, um lagarto, um cão, um homem; de fabricar órgãos como uma folha, um pistilo, um estame, uma asa, um olho, – princípio especial cujo caráter distintivo é ser pessoal.

Para nos atermos à raça humana, que há mais de cem séculos estabeleceu o reino da inteligência neste planeta, notamos que atualmente ela se compõe de 1.200.000.000 indivíduos, que em média vivem 34 anos. Na Europa, a duração média da vida, que no último século aumentou 9% com o progresso e o bem-estar, é hoje de 38 anos. Mas ainda há na Terra raças atrasadas, menos afastadas da barbárie primitiva, miseráveis e fracas, cuja vida média não ultrapassa 28 anos. Em cifras redondas, morrem por ano 32 milhões de indivíduos humanos, 80.000 por dia ou mais ou menos 1 por segundo. Nascem 33 milhões por ano, ou pouco mais de 1 por segundo. Cada batimento de nossos corações, correspondendo mais ou menos ao número de oscilações do pêndulo do relógio, marca aproximadamente o nascimento e a morte de um ser na Terra.

Tudo correndo no espaço com a rapidez que reconhecemos acima, a Terra vê a sua população humana renovar-se constantemente, com uma rapidez que também não deixa de ser espantosa. A cada segundo uma alma encarna no mundo corporal e outra dele se evade. Um sexto das crianças morrem no primeiro ano, um quarto antes da idade de 4 anos, um terço aos 14 anos e a metade aos 42 anos. Que lei preside aos nascimentos? Que

lei preside às mortes? É um problema que só a Ciência poderá resolver um dia.

É importante para todo homem que procura a verdade, ver as coisas face a face, tais como são, adquirindo, assim, noções exatas sobre a ordem do Universo. Antes de tudo mais, constatemos os fatos, pura e simplesmente; depois nos sirvamos da realidade para tentar penetrar as leis desconhecidas, de que os fatos físicos são a sua realização.

Pois bem! Constatamos, por um lado, que a Terra é um astro do céu, da mesma forma que Júpiter ou Sírius, e que circula no espaço eterno por meio de movimentos que nos dão uma medida do tempo: os anos e os dias – medidas de tempo que esses movimentos criam por si mesmos e que não existe no espaço eterno. Por outro lado, observamos que os seres vivos, particularmente os homens, são formados por uma alma organizadora, que é o princípio imaterial, independente das condições de espaço e de tempo e das propriedades físicas que caracterizam a matéria, e que as existências humanas não são o fim da Criação, mas, antes, dão idéia de passagens, de meios. Por si só, a vida na Terra carece de objetivo. É o que ressalta incontestavelmente da própria organização da vida e da morte neste mundo.

Aliás, a vida terrena nem é um começo, nem um fim. Realiza-se no Universo, ao mesmo tempo que grande número de outros modos de existência, após muitas outras que se deram nos mundos passados, e antes de muitas que se efetuarão nos mundos futuros. A vida *terrestre* não é oposta a uma outra vida *celeste*, como supõem os teólogos que não se apóiam na Natureza. A vida que floresce na superfície do nosso planeta é uma vida celeste, tanto quanto a que resplandece em Mercúrio e Vênus. Estamos atualmente no céu, tão exatamente como se habitássemos a estrela polar ou a nebulosa de Orion.

Assim a Terra, suspensa no espaço pelo fio da atração solidária dos mundos, arrasta em sua superfície as gerações humanas que nascem, brilham por alguns anos e se extinguem. Tudo está em movimento, e a circulação dos seres através do tempo não é menos certa, nem menos rápida, do que sua circulação através do espaço. Este aspecto do Universo nos surpreende, sem dúvida, e nos parece difícil defini-lo com segurança. O aspecto aparente com o qual se contentaram durante tantos séculos era muito mais simples: a Terra, imóvel, era a base do mundo físico e espiritual. A raça adâmica era a única raça humana do Universo; era colocada aqui para viver lentamente, para orar e chorar até o dia em que, sendo decretado o fim do mundo, o Deus corporal, assistido por seus santos e anjos, descesse do empíreo para julgar a Terra e em seguida transformar o Universo em duas grandes secções: o céu e o inferno. Esse sistema, mais teológico do que astrológico, era, repito, muito simples e se baseava nas tradições venerandas de um ensino quinze vezes secular. Quando, pois, neste século dezenove, eu venho dizer: "Em verdade as nossas antigas crenças estão fundadas em aparências enganosas; agora não devemos reconhecer outra filosofia religiosa além da que deriva da Ciência", podemos não estar prontos para aceitar imediatamente a imensa transformação que resulta dos nossos estudos modernos e querer examinar severamente nossa doutrina antes de se reconhecer como seu discípulo. Mas é precisamente isso que todos desejamos; a liberdade de consciência deve preceder todo julgamento nas almas, e todas as opiniões devem ser livremente, sucessivamente ordenadas conforme as indicações do espírito e do coração.

A Terra é um astro habitado, planando no céu em companhia de miríades de outros astros, habitados como ela. Nossa atual vida terrestre faz parte da vida universal e eterna, dando-se o mesmo com a vida atual dos habitantes dos outros mundos. O espaço é povoado de colônias humanas vivendo, ao mesmo tempo, em globos afastados uns dos outros e ligados entre si por leis, das quais sem dúvida ainda não conhecemos senão as mais patentes.

O esboço geral de nossa fé[57] na vida eterna compõe-se, portanto, dos seguintes pontos:

1º – A Terra é um astro do céu;

2º – Os outros astros são habitados como ela;

3º – A vida da humanidade terrestre é um departamento da vida universal;

4º – A existência atual de cada um de nós *é uma fase de sua vida eterna* – eterna no passado como no futuro.

Este simples esboço geral de nossa concepção da vida eterna, embora apoiada na observação e no raciocínio e sendo indestrutível nesses quatro princípios elementares, longe está, entretanto, de não permitir alguma objeção. Ao contrário, podem-se-lhe opor certo número de dificuldades, como já aconteceu, seja pelos partidários das teologias antigas, seja pelos filósofos antiespiritualistas. Eis as principais dificuldades:

Que provas se podem obter de que a nossa existência atual seja uma fase de uma pretensa vida eterna? Se a alma sobrevive ao corpo, como pode existir sem matéria e privada dos sentidos que a poriam em relação com a Natureza? – Se preexiste, de que maneira encarnou em nosso corpo e em que momento? O que é uma alma? em que consiste esse ser? ocupa um lugar? como age sobre a matéria? – Se já vivemos, por que em geral não temos qualquer lembrança? – Como a personalidade de um ser pode existir sem a memória? Nossas lembranças estão em nosso cérebro ou na nossa alma? – Se reencarnamos sucessivamente de

57 Servindo-me da palavra *fé*, não é minha intenção conservar aqui o sentido teológico sob o qual ela é empregada ainda hoje. Falo da fé científica, racional, conseqüência legítima do estudo filosófico do Universo.

mundo em mundo, quando terminará essa transmigração, e para que serve? etc., etc.

Em vez de afastar as objeções ou parecer desdenhá-las, nosso dever, o dos que buscamos a verdade e não cremos obtê-la senão pelo trabalho, é, ao contrário, de as provocar e não nos deixar iludir, imaginando que nossas crenças já se tenham estabelecido e sejam inatacáveis. A Ciência marcha lentamente, progressivamente, e é sondando a profundeza dos problemas e atacando as questões de frente que aplicaremos a esses estudos filosóficos a severidade e o rigor necessários para assegurar aos nossos argumentos a solidez que lhes convém. A revelação moderna não provém da boca de um Deus encarnado, mas dos esforços da inteligência humana para o conhecimento da verdade.

Num próximo estudo procuraremos saber qual é a natureza da alma, aplicando a este exame, não os silogismos da logomaquia escolástica, pelos quais se perorou durante quinze séculos sem se chegar a nada de sério, mas os processos do método científico experimental, ao qual deve o nosso século toda a sua grandeza. Hoje estabelecemos um primeiro aspecto muito importante do problema natural (e não sobrenatural) da vida eterna: o de saber que nossa vida atual se realiza no céu, que faz parte da série de existências celestes que constituem a vida universal, e que *atualmente estamos no céu de Deus* e na presença do Espírito eterno, tão completamente como se habitássemos um outro astro qualquer do grande arquipélago estrelado.

Que esta certeza física inspire às nossas almas uma simpatia mais direta, mais humana para com os mundos que resplandecem na noite, e que até então olhávamos como se nos fossem estranhos! São as residências de nossas humanidades irmãs, as residências menos distantes! Olhando uma estrela que se eleva no horizonte, estamos na mesma situação de um observador que, de seu balcão, contempla as árvores de uma paisagem distante, ou

que se inclina sobre o parapeito do navio ou do aeróstato para examinar um barco no mar ou uma nuvem na atmosfera; porque a Terra é uma nau celeste que vaga no espaço e olhamos ao seu redor quando nossos olhos se voltam para os outros mundos que aparecem e desaparecem seguindo o seu rastro. Sim, esses outros mundos são outras tantas terras análogas à nossa, baloiçando na amplidão sob os raios do mesmo Sol, e todas essas estrelas cintilantes são sóis ao redor dos quais gravitam planetas habitados. Em tais mundos, como no nosso, há paisagens silenciosas e solitárias. Em sua superfície também se disseminam cidades populosas e ativas. Lá também há poentes de nuvens purpurinas e deslumbrantes auroras mágicas; mares de cantos melancólicos, regatos de doces murmúrios, pequenas flores de tenras corolas, banhando na água limpada suas cabeças perfumadas. Lá também há bosques sombrios, sob os quais reside a inalterável paz da Natureza; lagos, suaves espelhos que parecem sorrir aos céus e montanhas formidáveis, que levantam seus cumes sublimes acima das nuvens carregadas de relâmpago e que, do alto dos ares tranqüilos, olham tudo o que está em baixo. Mas nesses mundos variados há mais desses panoramas inenarráveis, desconhecidos na Terra, esta inimaginável variedade de coisas e de seres que a Natureza desenvolveu em profusão em seu império sem limites. Quem nos revelará o espetáculo da Criação sobre os anéis de Saturno? Quem nos revelará as metamorfoses maravilhosas do mundo dos cometas? Quem nos desvendará os sistemas mágicos dos sóis múltiplos e coloridos, oferecendo aos seus mundos as mais singulares variedades de estações, de dias, de luzes e de calor? Quem nos fará adivinhar a considerável variedade das formas vivas que as forças da Natureza construíram nos outros mundos, com a diversidade peculiar a cada mundo em seu volume, peso, densidade, constituição geológica e química, propriedades físicas de suas diversas substâncias, numa palavra, com a infinita variedade de que a matéria e as forças são susceptíveis? As metamorfoses da mitologia antiga não passam de um sonho, comparadas às obras universais da natureza celeste.

Hoje esboçamos a situação cosmográfica da alma em sua encarnação terrena. Nosso próximo estudo terá como objeto a natureza mesma da alma, resolvendo por si só as objeções resumidas acima. É estudando separadamente os diversos pontos do grande problema que chegaremos à solução esperada há tantos séculos.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de novembro de 1869)

A idéia da reencarnação é tão natural que, não fosse a tirania exercida sobre nós pelo hábito das idéias contrárias que a educação nos impôs desde a infância, nós a aceitaríamos facilmente. "Não é mais surpreendente nascer duas vezes que uma; tudo é ressurreição na Natureza." Estas palavras que Voltaire (Vide a *Princesa da Babilônia*) põe na boca da fênix, no momento em que renasce das próprias cinzas, não vos parece, em sua simplicidade e em sua enérgica concisão, a expressão mesma da verdade?

Quantos problemas em nosso destino, impossíveis de resolver de maneira satisfatória por outra doutrina e que esta nos dá a solução racional! Quantas obscuridades ela esclarece! Quantas dificuldades afasta!

"Na verdade, diz Montaigne, acho que estou tão longe de Epaminondas que ultrapassaria Plutarco de bom grado; e diria que não há mais distância deste àquele homem, como não há distância de tal homem a tal animal; e que há tantos graus de espíritos quanto o número de braças que existem daqui até o céu."

De fato, quanta distância entre o hotentote estúpido e o inteligente europeu! entre Dumolard e Sócrates!

Como explicar essa desigualdade no desenvolvimento intelectual e moral, que em certos casos se seria tentado a chamar desigualdade da Natureza, se não se admite entre o espírito inferior e o espírito superior a mesma relação que existe entre a criança e o homem feito, e por vezes entre o homem e o anjo? Se não se admite que o último viveu mais que o primeiro e pôde progredir num maior número de vidas sucessivas?

Dirão que é um efeito da diferença da organização física e da educação? A isto responderíamos que estas causas podem explicar, no máximo, as superioridades aparentes, mas não as reais.

O órgão serve mais ou menos bem à faculdade, mas não a dá; já o demonstramos inúmeras vezes. De tal sorte que um espírito muito desenvolvido, num corpo mal conformado, pode fazer um homem muito ordinário, ao passo que um espírito relativamente menos adiantado, servido por bons órgãos, fará um homem que lhe será em aparência muito superior. Mas essa falsa superioridade, que não considera senão a faculdade de expressão, e não o poder de pensar, iludirá apenas o observador superficial, mas não enganará o espírito penetrante. "Não padece dúvida, diz J. Simon, de que existem espíritos de escol cujo valor sempre ficará desconhecido, por lhes faltar a faculdade de expressão. Vê-se essas almas cheias de idéias, que o vulgo despreza e que passam por inferiores e desprovidas de razão, embora os espíritos penetrantes captem algumas vezes em sua linguagem os traços de uma força incomparável. Pergunta-se, pensando nelas, se não se está na presença de um gênio encantado *sob uma forma que o impede de manifestar-se em sua plenitude e em seu esplendor*."

Aliás, não é sabido que Sócrates havia recebido da Natureza um corpo cujos impulsos o teriam levado à devassidão, e que o filho de Sofrônico dele fez um sábio, um modelo para os homens, em vez do libertino que a Natureza parecia querer fazer?

Quanto à educação, não temos diariamente sob os olhos a prova de que a sua influência é grande? Não obstante, ela não chega a mudar completamente a natureza do homem, fazendo de um celerado um prêmio Monthyon e de um idiota um Newton.

Quantas pessoas honradas que jamais receberam lições de ninguém! quantas não se viram obrigadas a combater os ensinos perniciosos! e quantos velhacos infames foram educados com todos os cuidados imagináveis! Cômodo não era filho e discípulo de Marco Aurélio? e nos devemos ufanar das lições dos jesuítas, mestres de Voltaire, da independência do pensamento do discípulo, de seu horror pela intolerância e pelo fanatismo religioso, e de seu desprezo pelas superstições?

Quem foi o preceptor do lenhador Lincoln, de seu sucessor, o alfaiate Johnson, e de seu ilustre compatriota, o ferreiro Elihu Burrit, o promotor da sociedade da paz universal?

Não há homens dos quais se pode dizer que se lembram, mais do que aprendem? Mozart, por exemplo, nasce grande músico; Pascal, aos nove anos e sem jamais ter lido um livro de Matemática, chega, sozinho e sem o auxílio de nenhum mestre, até à trigésima segunda proposição de Euclides e inventa a Geometria!

Em 1868 os jornais franceses nos distraíram, segundo um jornal inglês de Medicina – *Quatterly* – com um fenômeno muito estranho. É uma menina cuja história o Dr. Hun deu a conhecer. Até os três anos ela era muda, não conseguindo pronunciar nem mesmo as palavras *papai* e *mamãe*. Depois, de uma hora para outra começou a falar com uma loquacidade extraordinária, mas numa língua desconhecida que não guardava nenhuma relação com o inglês. E o que há de mais surpreendente é que ela se recusa a falar esta última língua, a única, no entanto, que lhe falam, obrigando àqueles com quem vive, seu irmão, por

exemplo, um pouco mais velho que ela, a aprender a sua, na qual se encontram algumas palavras de francês, embora, no dizer dos pais, ninguém jamais as houvesse pronunciado diante dela.

Como explicar esse fato de outro modo a não ser pela lembrança de uma língua que esta criança teria falado numa existência anterior? – É verdade que se pode negar o caso. Mas a menina existe; é um jornal sério, um jornal de Medicina que o relata, e a negação é um meio muito cômodo, ao qual, talvez, se recorra com muita freqüência. Em muitos casos ele é o equivalente do diabo, esse *Deus ex machina*, que chega sempre na hora certa para explicar tudo e dispensar o estudo.

Aliás, há homens que afirmam ter conservado a lembrança de outras existências. Isto é mais surpreendente. A carta do Sr. Ponson do Terrail, de que já falei antes, é uma prova disto. Pode-se dizer também que ele quis fazer uma brincadeira. Mas, o que não poderão dizer?

O poeta Méry afirmava igualmente que se lembrava de ter vivido sucessivamente em Roma, no tempo de Augusto, e na Índia, onde tinha sido sacerdote brâmane. Também teria sido uma brincadeira?

Mas o que não pode ser uma anedota é o fato seguinte, do qual fui testemunha. Eu estava em Pau, na casa de um parente. No mesmo quarto em que estava, achava-se uma das filhas de minha parenta, de dois anos e o filhinho do vizinho, operário encadernador, que não passava de três anos. As crianças brincavam e com elas eu não me ocupava quanto, de repente, minha atenção foi atraída para uma altercação singular que se deu entre eles. O pequenino garantia, irritado e ruborizado contra a menina, que se recusava a nele crer, que se lembrava de ter sido soldado e haver sido morto. Dava detalhes e citava os lugares. Achei que devia intervir. Perguntei-lhe quem era seu pai na época a que se referia.

Respondeu que então seu pai não era seu pai: ele é que era pai. E como eu insistisse que me explicasse por que, tendo sido morto, estava vivo novamente, e pequeno, depois de ter sido grande, respondeu: "Nada sei quanto a isto; fui soldado e me mataram; eu era grande e agora sou pequeno. Foi Deus quem o quis." E batia com o pé, enraivecido, porque nos recusávamos a crer em suas palavras.

No dia seguinte eu quis retomar com ele a mesma conversa. Olhou-me com ar espantado e nada compreendeu, como se eu lhe tivesse falado grego.

Como supor que uma criança dessa idade quisesse se divertir sobre um tal assunto? Não é mais razoável pensar que o véu que nos oculta o passado se tivesse erguido por alguns instantes para ela?

A lembrança de existências passadas, embora muito rara, o é menos do que se pensa; a História nos fornece vários exemplos, e não é impossível que, como eu, algum de meus leitores já tenham tido ocasião de o constatar.

Pergunto, agora, depois de todas essas considerações e de todos esses fatos reunidos, aos quais poderíamos agregar muitos outros, se eles não são a conseqüência legítima e irresistível da realidade da reencarnação, e que não é surpreendente que em todas as épocas da História tenha havido espíritos elevados que nela acreditavam?

Além disso, quando se reflete seriamente, a gente se convence não apenas que esta crença é verdadeira, mas que é impossível que não seja de outro modo.

Se é falsa, como compreender a justiça de Deus? Reconhecemos o absurdo das penas eternas; mas, mesmo com penas e recompensas temporárias, para que pudessem ser aplicadas

com precisão não seria preciso – já que não há uma só prova sofrida por todos nas mesmas condições de duração, com os mesmos obstáculos a vencer e dificuldades a superar – que cada um entrasse na liça armado com as mesmas faculdades e carregando o mesmo peso? – Pois bem, todos sabemos que não é assim. Precisamos demonstrá-lo?

Assim, o único meio de sair da dificuldade é reconhecer a veracidade desta idéia tão natural e tão justa, a de que as provas são múltiplas; que aqueles que vemos entrar na liça com maiores faculdades são velhos lutadores que as adquiriram mediante esforços anteriores, enquanto os que nela entram com faculdades menores são debutantes que não têm o direito de invejar as riquezas de seus irmãos mais velhos, já que só depende deles a sua aquisição, desde que sigam seu exemplo.

Quanto às várias posições sociais, não passam de provas diversas às quais o espírito é submetido, conforme a necessidade, e pelas quais passamos alternadamente, ora como pobres, ora como ricos, ora poderosos, ora fracos, ora senhores, ora escravos, ora dotados de uma organização física que, deixando às nossas faculdades todo o seu impulso, nos permite representar um papel brilhante na cena do mundo; ou, ao contrário, constrangidos por órgãos rebeldes e condenados a uma impotência e a uma inferioridade tanto mais penosa quanto podemos, algumas vezes, ter o sentimento de nossa real superioridade.

Aliás, o céu não pode ser um lugar fechado, que Deus nos abre ou nos fecha ao seu bel-prazer; não podemos concebê-lo senão como um estado superior da alma, que depende de nós atingir, aos nos purificarmos de nossas máculas, chegando a esse patamar intelectual e moral que está acima da natureza humana e que designamos sob o nome de natureza angélica.

Sim, nós somos, para me servir de uma expressão de Dante, a lagarta destinada a formar a angélica borboleta em seu vôo para a justiça, sem que nada lhe possa opor obstáculos!

Todavia, se quisermos refletir nos esforços que isto exige, não direi o aniquilamento, mas apenas a diminuição do menor dos nossos defeitos, e o crescimento, não a aquisição da menor de nossas qualidades, poderemos compreender quantas existências são necessárias para preencher a distância que separa o hotentote, espírito talvez no começo da Humanidade, de Sócrates, anjo sem dúvida descido dos céus para nos servir de modelo e guia.

O esforço, eis a lei, é a condição indispensável do progresso do Espírito; e, nas fases inferiores de sua existência, esse esforço necessário não poderia produzir-se sem as reencarnações. Demonstrá-lo-ei no artigo seguinte, ao tratar da natureza das penas e recompensas futuras.

Esperando, creio poder fechar este artigo dizendo que a única coisa que nos deve preocupar nesta Terra, desde que ela é lugar de prova, é tirar o melhor partido possível da posição que ela está, na qual nos colocou aquele que, melhor que nós, conhece o de que precisamos e não pode ter preferências por nenhum de nós. "Lembra-te, diz o escravo Epicteto, de desempenhar com cuidado o papel que o soberano senhor impôs: breve, se for breve, longo, se for longo. Se ele te deu a personalidade de um mendigo, trata de bem desincumbi-lo; sede manco, príncipe ou plebeu, se ele o quis. Teu negócio é representar bem o teu papel, e o dele de o escolher."

Victor Tournier

Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos

COMEMORAÇÃO ESPECIAL DO SR. ALLAN KARDEC

Como nos anos anteriores, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas reuniu-se especialmente em 1º de novembro, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança aos seus colegas falecidos.

Nessa ocasião foi feita a leitura: 1º do discurso de abertura pronunciado pelo Sr. Allan Kardec na sessão de 1º de novembro de 1868, intitulado: *O Espiritismo é uma religião?*; 2º de uma comunicação espontânea ditada pelo Sr. Dozon sobre a solenidade do dia de Todos os Santos, em 1865, e que é lida anualmente na sessão comemorativa; 3º de uma notável comunicação sobre o *temor da morte*, assinada por Guillaumin e recebida pelo Sr. Leymarie. (Vide a *Revista* de dezembro de 1868.)

Depois de ter invocado as bênçãos de Deus sobre a assembléia e agradecido ao nosso presidente espiritual, São Luís, o seu concurso habitual, a Sociedade julgou por bem prestar, por meio de uma comemoração especial, um particular testemunho de reconhecimento à memória do Sr. Allan Kardec.

Fazendo-se intérprete dos sentimentos gerais, um dos membros do comitê pronunciou a seguinte alocução:

"Senhoras e Senhores,

"Nesta seção especialmente consagrada a dar marcas do nosso reconhecimento aos Espíritos que houveram por bem prestar-nos o seu concurso, e a honrar a memória dos nossos colegas falecidos e de todos os que, por seus trabalhos, se tornaram dignos da admiração dos homens, devemos um testemunho particular de simpatia e de veneração ao homem honrado por excelência, cujos trabalhos conquistaram celebridade universal, ao eminente Espírito que, no mundo do espaço como na Terra, consagrou seu tempo e suas faculdades à obra bendita de moralização e regeneração da Humanidade.

"Todos conhecestes o pensador laborioso cujo nome está em todos os lábios, o filósofo convicto e consciencioso

cujos ensinos encontraram eco em todos os verdadeiros amigos do progresso: Allan Kardec, o imortal autor de *O Livro dos Espíritos*.[58]

"Depois de ter dedicado sua vida à coordenação metódica da Doutrina Espírita, em consolar os aflitos, em tranqüilizar os Espíritos roídos pela dúvida da incredulidade, substituindo a incerteza e a negação concernente ao futuro da alma por uma crença racional, fundada sobre as próprias leis da Natureza, foi colher na erraticidade a merecida recompensa, a sanção da missão cumprida e reunir os elementos necessários para contribuir ainda, como Espírito, para fazer da Humanidade um só povo de irmãos, marchando solidariamente para a conquista do futuro.

"Homem, soube fazer-se apreciado e amado não só pelos que o conheciam pessoalmente, mas ainda por seus numerosos correspondentes, enfim por todos que encontraram em suas obras a consagração de suas mais legítimas aspirações.

"Sem se preocupar com as críticas dos que, por orgulho ou por preconceito, recusavam-se a compreender a nossa insaciável avidez de conhecimento, voltava mais para o alto as suas contemplações. Os obstáculos que teve de superar, as decepções diante das quais se deixaram abater tantos pensadores sérios não o

58 **N. do T.:** Embora Allan Kardec repetisse que o mérito da obra cabia aos Espíritos que a ditaram, podemos e devemos considerá-lo como co-autor de *O Livro dos Espíritos*. A ele foi reservada a tarefa de organizar e ordenar as perguntas sobre os mais variados assuntos, abrangendo todos os ramos do conhecimento e do interesse humanos; a distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as observações, anotações e paráfrases, bem assim a redação integral da "Introdução" e da "Conclusão" do livro, verdadeiras obras-primas de lógica, concisão e erudição, mais as questões de nos 59 (*Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação*); 100 a 113 (*Escala Espírita*); 222 (*Considerações sobre a pluralidade das existências*); 257 (*Ensaio teórico das sensações nos Espíritos*); 455 (*Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista*); e 872 (*Resumo teórico do móvel das ações humanas*).

atingiam. Ante a grandeza do objetivo, ele esquecia todas as dificuldades do caminho.

"Espírito, não tardou a nos dar novas provas de seu zelo e devotamento infatigáveis. Em todos os centros, em todos os países, foi sancionar, através de comunicações de incontestável elevação, a verdade dos ensinos que em vida popularizou. Espírito conciliador e persuasivo, ensina a todos a tolerância e a solidariedade. Mais que nunca convencido de que o interesse pessoal deve apagar-se diante do interesse geral, continua seu apostolado sob uma nova forma, indo a todos os lugares, encorajando uns, instruindo outros e dando a todos provas irrecusáveis de sua afeição e devotamento.

"Em todas as épocas de transição, Espíritos superiores, profetas, messias, missionários do progresso aparecem na Humanidade para tornar populares as crenças aceitas por um pequeno número. Tais foram, na Antiguidade, Sócrates, Platão, Moisés, o Cristo e todos os grandes gênios que se imortalizaram por suas ações e, mais recentemente, João Huss, Galileu, Newton, Leibnitz e tantos outros, cujos trabalhos constituem objeto de legítima admiração.

"Tal ele já o é para nós, que o conhecemos, e tal será para as gerações futuras, quando as crenças espíritas forem adotadas, o Espírito daquele cuja memória hoje estamos reverenciando.

"Caro e venerado mestre, estais aqui presente, conquanto invisível para nós. Desde a vossa partida tendes sido para todos um protetor a mais, uma luz segura, e as falanges do espaço foram acrescidas de um trabalhador infatigável. Como na Terra, e sem chocar ninguém, sabeis dar a cada um os conselhos convenientes, moderais o zelo prematuro dos ardentes, secundais os sinceros e os desinteressados, estimulais os tíbios; vedes hoje e

sabeis tudo quanto previeis pouco tempo atrás. Vós, que não estais mais sujeito às incertezas, sede nosso guia e nossa luz e, por vossos conselhos, sob vossa influência, avançaremos a passos certos para os tempos felizes prometidos à Humanidade regenerada."

Depois das preces habituais (Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1865), foi obtido um certo número de comunicações pelos médiuns presentes. Como a falta de espaço não nos permite reproduzi-las todas, limitar-nos-emos à publicação das duas seguintes, que nos pareceram dever interessar mais particularmente aos nossos leitores:

A FESTA DO DIA DOS MORTOS NÃO É NOS CEMITÉRIOS

Hoje é dia de festa nos asilos consagrados ao repouso dos mortos. A multidão se apressa, os trajes brilham; percorrem-se os campos fúnebres a passos lentos, e parece que esta afluência deveria encher de alegria as almas dos que não pertencem mais ao número dos encarnados! Entretanto, quão pouco numerosos são os Espíritos que do espaço vêm reunir-se aos seus antigos amigos da Terra! Os humanos são inumeráveis, quase alegres ou no mínimo indiferentes; um zumbido imenso se eleva acima da multidão. Mas, de que se ocupa toda essa gente? que sentimento as reúne? Pensam nos mortos? Sim, pois que vieram! Mas o pensamento salutar bem depressa se eclipsou; e se alguns nomes inscritos sobre as lápides tumulares provocam as exclamações do transeunte indiferente, ele lança no éter com a fumaça de seu charuto algumas reflexões banais, alguma gargalhada sem eco!...

Nessa balbúrdia nascem todos os pensamentos, todos os sentimentos, todas as aspirações, exceto o recolhimento, o sentimento religioso, a aspiração à comunhão íntima com os que partiram. Muitos curiosos, mas bem poucos possuem a religião da lembrança!... Por isso, os mortos que não se sentem chamados estão por toda parte, menos nos cemitérios, e a maioria dos que

planam no espaço ou circulam nas estreitas aléias, estão fatalmente chumbados pelas paixões terrestres aos despojos mortais que outrora tanto amaram.

Risos, discursos inúteis entre os vivos; gritos de dor e de raiva na maior parte dos mortos; um espetáculo sem interesse para todos, uma visita formal para alguns, hábito para a maioria, eis o quadro que apresentam os cemitérios parisienses no dia dos mortos!...

E, contudo, há festa na Terra e no espaço; festa para os Espíritos que, havendo cumprido a missão que aceitaram, expiado o mal de outra existência, voltaram ao mundo da vida real e normal com alguns florões a mais. É festa para os santos que a Humanidade inteira consagrou, não por uma abnegação sem utilidade e um isolamento egoísta, mas pelo devotamento a todos, por seus trabalhos fecundos, por seus ensinos perseverantes, por sua luta incessante contra o mal, pelo triunfo do bem. Para estes há festa no espaço, como há festa na Terra para todos os que, esclarecidos pelas grandes leis que regem os universos, clamam em seu foro íntimo pela visita dos que tanto amaram e que não estão perdidos para eles. Há festas para os espíritas que crêem e praticam. Há festa para os Espíritos que instruem e que continuam no espaço a obra de regeneração começada neste mundo!...

Ó, meus amigos, no campo dos mortos, nestes dias consagrados pelo uso, tudo é do domínio da morte em seu sentido mais restrito!... A vestimenta abandonada pelo Espírito não existe mais e não há crença alguma no coração dos visitantes; são mortos que só têm da vida as aparências terrestres, pois a vida real, a grande vida da alma ainda é desconhecida para o maior número.

Nós vivemos, nós que pensamos, que progredimos, que trabalhamos juntamente para estabelecer a base dos progressos futuros; e eles morrem, ou, melhor, vão morrer no passado para

nascer no futuro, graças ao Espiritismo, que traz em seu seio a fonte fecunda de toda perfeição.

A morte não existe; a desagregação que leva este nome restitui à terra os elementos que o corpo material aí hauriu; mas a alma em que reside a vida, a alma que é o ser integral, edifício incessantemente aperfeiçoado pela provação humana, emerge no limiar da morte para a vida real e sem fim da erraticidade!...

Moki

COMUNHÃO DE PENSAMENTOS

(Médium: Sr. Leymarie)

Raramente me é concedida a satisfação de vir entre vós, senhores espíritas. Até pouco tempo atrás eu não era dos vossos; hoje, sou um adepto completo, com o que me congratulo. Alguns pontos apenas nos separavam; para mim, os nossos ancestrais célticos acreditavam na imortalidade da alma e a reencarnação lhes parecia a lei das leis. Filho de gauleses, tendo vivido como gaulês nos últimos dias da Idade Média, venho afirmar a doutrina preconizada hoje; ela foi, ela é a grandeza do mestre Allan Kardec; seu espírito judicioso, lacônico provou-lhe a realidade. Ele está entre nós, lendo em vosso espírito o pensamento profundo, inapercebido; e, posso repetir com orgulho, comungo com ele pelo pensamento.

Comunhão de pensamentos! Como é profunda esta idéia! que radicalismo na filosofia liberal e renovadora de nossa sociedade atormentada, entristecida, mortificada pelas dissidências, pelas fronteiras materiais, fictícias, que os interesses levantaram entre todos os povos! Não nego o caráter peculiar a cada país; como Henri Martin, meu honrado amigo, tão prudente, tão lógico, reconheço o gênio particular inerente a cada população, separada das outras por montanhas, rios, florestas imensas; por esse dom

excepcional da Providência, que introduzia no espírito geral de cada povo esse instinto original que devia, pela sucessão dos séculos, trazer um código regenerador à Humanidade, código de justiça, criando harmonia na difusão pela divergência das cores; e esse tempo chegou, em que as fronteiras materiais se abaixam e as unidades fluídicas parecem seguir o vapor e a eletricidade!

Montanhas, abismos, mares: não existis mais!... A alma de Deus se universaliza, assim como o pensamento através dos espaços se traduz instantaneamente. As Américas sentem as pulsações do pulso europeu, e o progresso, lei divina! reúne os mais opostos sistemas. Trabalho, indústria, ciência, mecânica, filosofia estão no auge e todos os vossos caros condiscípulos da erraticidade bendizem os promotores do progresso humano, esses gênios desaparecidos corporalmente, mas que presidem a todas as fases humanitárias; e é sobretudo neste momento que o mestre lamenta sua partida. Há divergência, separação, luta entre o futuro que surge e o passado que desaparece; mas ele sabe que o objetivo é a lei e sua brandura é adoçada pensando que o tempo, esse curador infatigável, sabe usar todas as asperezas; ele sabe, o vosso morto venerado, muito mais vivo do que nunca, que a luz sairá das discussões animadas e que a justiça reunirá todos os homens em feixes, diante dessa desagregação do mundo antigo, que leva as consciências à dúvida, ao horror do desconhecido. Ele sabe, o mestre, que os mortos vão depressa e, repito, comungo o seu pensamento!

Instituições, formas, crenças antiquadas, tudo morre e tudo se regenera! As camadas terrenas são revolvidas para se inocular esse vírus benfazejo que se chama leitura, saber, ciência, julgamento, e todos os desaparecidos vão bater sem cessar em todas as consciências, para as despertar e levantar a tampa de chumbo que as cobria.

Comunhão de pensamentos! última palavra de meus trabalhos de cidadão, torna-se, assim, valor intrínseco, jóia nacional; inspira meu país, todos os países unidos com os seus princípios; cria o bem-querer, a justiça, a concórdia, o amor; faze que em vez de palavras vãs haja devotamento e o Mestre, satisfeito, verá, pela vontade de todos que amam a calma, a verdade e a Doutrina Espírita, irradiar-se o espírito de solidariedade, chamando a família eterna dos mortos e dos vivos a concorrerem para a edificação futura da crença na vida da erraticidade, à qual convidamos os nossos irmãos presentes e ausentes!

Sede espíritas tanto por vossos atos, quanto por vossas palavras! Uni-vos, recolhei-vos, todos vós que vos aproximais da tumba; porque, cabelos louros, cabelos brancos, sentis a vida eterna, esta surpresa do dia seguinte, surpresa da morte, radiante de vida!...

Jean Reynaud

Dissertações Espíritas

A SOLIDARIEDADE UNIVERSAL

(Sociedade Espírita de Paris, 29 de outubro de 1869)

As questões da origem do homem e do futuro da Humanidade têm uma importância capital, pois de sua solução depende uma das fases principais da moral e das leis que determinam as relações dos homens entre si, e as da Humanidade com a animalidade.

Quando todas as criações eram referidas à Humanidade, quando o Universo e todos os seus esplendores eram feitos apenas para deleitar seus olhos, o homem, esta criação superior, esse rei absoluto da natureza animada e inanimada, existia

sobretudo para o orgulho e para o egoísmo; era o conjunto de todas as perfeições criadas! Deus reunira nele todas as faculdades e nada havia feito senão para ele.

Mas o progresso marcha; a Ciência aplica sua lupa de aumento sobre todas as leis; faz aparecerem uma a uma todas as nossas torpezas e mina todas as nossas ilusões. Não foi para o prazer dos nossos olhos que esses orbes de ouro foram criados; leis imutáveis e universais os regem como nos regem; têm uma vida à parte, uma existência própria e seres tão ou mais adiantados que a Humanidade aí prosseguem sua marcha incessante através do infinito, para a conquista do progresso! O orgulho e o egoísmo universais do homem se acham reduzidos às proporções terrenas; o homem não é mais o senhor do Universo, tendo apenas Deus como superior; é uma parte da criação superior, mas não é toda essa criação e deve reconhecer que se ele tem inferiores, é bastante imperfeito por ter superiores que o distanciam na rota da perfeição!...

Ah! seria ele obrigado a restringir ainda mais o seu império?... Em vez de ser um dominador terreno com direitos assegurados, não seria mais que um novo-rico? Nasceria nesse caos obscuro que se agita a seus pés? As inteligências que o cercam e que se elevam a uma altura notável nos seres submetidos à sua dominação, poderiam um dia igualar a sua? Não é mais que um animal humano, e o animal seria um homem futuro? Que perspectiva penosa para os desdenhosos e seus espíritos limitados! mas que novas fontes de gozos intelectuais! que clarão imenso, permitindo entrever mais o incriado, pelos Espíritos progressistas por excelência!...

Essas criaturas inferiores, até aqui consideradas como produtos informes da Divindade ensaiando-se para a Criação, não seriam mais que modos sucessivos de um mesmo ser?... Nenhum

seria privado do benefício de seus atos?... Este animal que sofre, que sente, que ama, que percebe e se manifesta, poderia, como o próprio homem, fazer o seu futuro pelos próprios atos? ser instrumento de sua felicidade futura? Que há de revoltante em tal concepção? E não insultaríeis a Deus, vós que considerais uma abjeção que a Humanidade tire sua origem da animalidade? Em que a animalidade, criada pela mesma potência, seria menos nobre que a Humanidade?

Desde que *a terra gira* a moral perdeu a aparência de um anão para tomar o corpo de um gigante.

Continuai vossas pesquisas; estudai, meditai incessantemente e descobrireis que a Humanidade é apenas um elo da imensa cadeia que, do infinitamente pequeno (o átomo) conduz ao infinitamente grande (Deus), e a moral não terá limites, como aquele que a decretou.

Channing

Bibliografia

A MULHER E A FILOSOFIA ESPÍRITA

Influência das crenças filosóficas sobre a situação da mulher na Antiguidade, na Idade Média e em nossos dias

(1 vol. in-12. Preço: 2 fr. 50. Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Esta obra, que será posta à venda na *Livraria Espírita* no próximo dia 10 de dezembro, vem confirmar novamente as previsões dos Espíritos no que concerne ao progresso de nossa filosofia e à aplicação prática de seus princípios. Com efeito, ainda há pouco tempo eles nos anunciavam que se preparavam várias obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da Doutrina seria altivamente confessado e proclamado.

Tratando especialmente a interessantíssima questão do futuro da mulher, o livro do Sr. H. V. é caracterizado por uma demonstração rigorosa de todos os princípios da Doutrina, nos quais os próprios adeptos encontrão novos pontos de vista. Nesse arrazoado em favor da mulher, reconhece-se ao mesmo tempo a argumentação atraente e rigorosa do pensador erudito que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites. Certamente o autor estudou a questão com seriedade e a perscrutou em seus mais minuciosos detalhes. Não se limita a emitir a sua opinião; ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa.

A obra do Sr. H. V. marcará nos anais do Espiritismo não só como a primeira do seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica.

Lamentamos que a abundância de matérias não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos às seguintes citações, suficientes para termos uma idéia da obra e apreciarmos o seu valor:

"*Sy Tayeb* – Meu amigo, prometeste escutar tudo o que me proponho dizer-te sobre a questão das mulheres. Há muito tempo não cesso de repetir que os nossos correligionários se comportam, em relação às suas companheiras, como verdadeiros carrascos, razão por que consagro todas as minhas faculdades em solicitar uma reforma.

"*Sy Ahmed* – Sim, eu o sei; mas tuas opiniões me assustam. Esqueces muito o nosso livro sagrado, o Alcorão. Como podes faltar assim ao respeito que deves às palavras do nosso profeta, inspiradas por Deus?

"*Sy Tayeb* – Eu te disse, a respeito, que é preciso levar em conta circunstâncias de tempos e lugares. Na época em que vivia, o nosso profeta Maomé vivia em meio a populaças nas quais as mulheres eram tidas em grande desprezo, haja vista o que se lê

no Alcorão; mas esses ensinamentos, longe de autorizar novas usurpações sobre as liberdades da mulher, restringem os abusos que havia e procuram dar algumas garantias ao sexo oprimido; contudo, não estamos mais no começo da era muçulmana.

"*Sy Ahmed* – Não sei o que se passa entre os outros povos, mas observa um pouco as mulheres dos nossos árabes da planície e mesmo as dos muçulmanos da cidade e diz-me o que aconteceria se amanhã elas fossem livres como as francesas?

"*Sy Tayeb* – Certamente haveria excentricidades, mas, talvez, nem tanto quanto possas crer; e, depois, elas logo cessariam se os maridos se comportassem à altura de sua missão, fazendo-se os educadores de suas mulheres e de seus filhos.

"Não sabes que certo número de jovens muçulmanas, e que por certo não saíram de nossas melhores famílias, uniram-se a cristãos, alguns dos quais ocupam posições elevadas? Tais mulheres não adotaram os costumes franceses, a ponto de serem tomadas, pelos que não as conhecem, por filhas da França? O que algumas fizeram, todas podem fazer.

"Aliás, eu te peço, segue com atenção o que vou expor-te.

"Os seres humanos compõem-se de uma alma ou Espírito e de um corpo.

"O Espírito é imortal; também é imaterial, pelo menos para os nossos sentidos. O corpo é material e perecível, ou, melhor, se desagrega em certo momento e suas moléculas vão combinar-se com outros elementos materiais.

"Os Espíritos não têm sexo. Encarnam indistintamente em corpos de homem ou de mulher, como o fazem em corpos de qualquer raça. É o que resulta do ensino dos próprios Espíritos, que podem ser consultados a todo instante. Aliás, a observação e a reflexão nos levam facilmente a reconhecê-lo.

"Como se manifestam as qualidades da alma? pelas faculdades morais e intelectuais. Ora, em todos os tempos, em todos os lugares não se tem constatado que as mulheres podem ter tanto valor moral quanto os homens de seu meio social e, no que respeita à inteligência, algumas dentre elas não poderiam ser comparadas aos homens mais bem favorecidos? Neste último caso, que importa o número, se varia conforme as circunstâncias sociais da educação ou o gênero de vida imposto às mulheres? Basta que algumas delas tenham mostrado um poder de intelecto igual ao encontrado nos homens para que se possa concluir que não há Espíritos de homens e Espíritos de mulheres, estes últimos forçosamente inferiores aos primeiros...

"...A filosofia egípcia também dava à mulher um lugar honroso ao lado de seu companheiro de existência. Podemos julgá-lo pela população que ela importou em seu território, que a tornou a *Hélade,* a *Grécia.* Aí, desde os tempos ditos heróicos, vemos as mulheres decidindo a paz ou a guerra e inspirando empresas longínquas; numa palavra, exercendo a mais completa autoridade. Além disso, o poder de sedução de algumas delas é tal que são tratadas de mágicas. O rapto de uma princesa é suficiente para determinar uma ação militar geral e provocar o acontecimento mais importante de toda a primeira parte da história grega. Por outro lado, a religião desse povo, o conjunto de seus mitos, muitas vezes tão cheio de encanto, fazem-nos compreender bem depressa o que era a mulher entre os gregos; porque se sabe que estes não procuraram, em suas criações religiosas, senão poetizar e mesmo divinizar o que se passava no seio de sua própria sociedade.

"O Olimpo, a morada dos deuses, apresenta tantas deusas quanto divindades masculinas, e essas deusas exercem papéis tão importantes quanto o dos deuses seus próximos. Se Júpiter Trovão faz tremer o Universo com um franzir de cenho, sua esposa, a orgulhosa Juno, também sabia comandar, e quando avança majestosamente em meio à assembléia dos deuses, todos

reconhecem nela sua verdadeira soberana. Se Vênus, desatando sua correia, inclina-se diante do chefe supremo e o implora, não consegue o que quer com o aplauso de todos? A sabedoria, fato muito significativo, não é personificada numa deusa, Minerva? E esta filha de Júpiter não é considerada no Olimpo exatamente como o são entre nós os pensadores que fazem progredir a Humanidade?

"Enfim, as divindades que representavam as ciências e as artes eram as nove Musas, jovens virgens, filhas de Júpiter.

"Em todos os mitos, em todas as cenas da vida fictícia dos seres divinos, criados pela imaginação grega, vemos a mulher intervir e, em muitas circunstâncias, afirmar sua intervenção, se não mais, ao menos tão energicamente quanto o deus, o semideus ou o herói. É fácil constatar, por essas fábulas encantadoras, que tinham por objetivo personificar as forças da Natureza em seres extra-humanos, a parte que cabe à mulher é, muitas vezes, mais importante que a atribuída ao homem. As fontes, os vegetais, os diversos elementos que constituem o nosso globo são confiados à direção de criaturas extraterrestres, entre as quais se reconhece mais freqüentemente as do sexo feminino...

"De acordo com o que acabamos de dizer, censura-se nas comunicações espíritas o fato de serem, em geral, insignificantes, monótonas, banais. Diremos os motivos dessa objeção, verificando, primeiro, se as relações com o mundo invisível não satisfazem a um grande número de pessoas.

"As comunicações com os seres pelos quais tínhamos grande simpatia e que deixaram a Terra são sempre muito interessantes para os que as recebem, conquanto sem interesse para o público; são como essas cartas íntimas, que só encantam as pessoas a quem se dirigem. Essas comunicações espíritas, cuja origem quase sempre é afirmada por certas confidências, são uma

fonte inesgotável de consolações; certificam a perpetuidade da alma individual e consciente, fazendo da morte uma simples ausência. Não tivessem as relações com os Espíritos levado senão a esse resultado, o benefício já seria tão grande que aí devemos ver um novo testemunho da bondade de Deus e agradecer a ele por isto.

"Também se pretende que os Espíritos muitas vezes falam de seus trabalhos, mas são incapazes de indicar de modo sumário em que consistem! Entretanto, se admitirmos que eles concorrem para a formação dos corpos celestes e que são encarregados de cumprir as leis de Deus em relação a tudo quanto respeita aos elementos primitivos materiais ou fluídicos que nos cercam; que intervêm nos atos da nossa vida diária; que vivem, estudam, progridem por todos os meios que conhecemos e pelos que nos são desconhecidos, podemos afirmar com certeza que os trabalhos dos desencarnados são no mínimo tão numerosos quanto o dos homens mais laboriosos.

"Mas os Espíritos não explicam os processos empregados. Pretendem invariavelmente que não os compreenderíamos.

"É fácil nos darmos conta desse fato mediante a seguinte comparação, à qual poderíamos ter recorrido com proveito toda vez que nos queixássemos de não ter, por parte do mundo invisível, explicações suficientes:

"Imaginemos que temos um meio qualquer de correspondência com os selvagens mais atrasados da Oceania e que queiramos responder às suas perguntas. Esses selvagens não conhecem outra ocupação além da caça, da pesca e da antropofagia! Que diríamos a eles se nos perguntassem como passamos o nosso tempo? Como lhes faríamos compreender que, entre nós, uns fazem comércio, indústria, e outros se ocupam de

administração, de artes, de ciências, de estudos literários e filosóficos, etc.? Que termos poderíamos empregar que estivessem ao alcance dos habitantes da Oceania? Haveria completa impossibilidade; seríamos reduzidos a lhes comunicar de maneira geral que temos muito a fazer, sem lhos poder explicar. Mais tarde, porém eles farão como nós, quando tiverem modificado seu estado de sociedade. Os selvagens não estariam muito satisfeitos com as nossas explicações; mas seria legítimo pô-las em dúvida? Dá-se o mesmo entre nós e os Espíritos!...

H. V.

CONTEMPLAÇÕES CIENTÍFICAS

(Por C. Flammarion – 1 vol. in-12. Preço: 3 fr. 50.)

Sob esse título, a Livraria Hachette publicará uma nova obra do jovem e eminente autor da *Pluralidade dos Mundos Habitados,* das *Maravilhas Celestes*, etc. etc.

As *Contemplações Científicas*, como indica o seu título, aliam à rigorosa argumentação do sábio, a profundeza de concepção e elevação do pensamento do filósofo espiritualista. Perlustrando essas páginas eloqüentes e poéticas os espíritas encontrarão muito material para colher.

Depois de ter afirmado e demonstrado a pluralidade e a solidariedades dos mundos habitados, o Sr. C. Flammarion, na primeira parte de sua nova obra, dá-nos a conhecer os nossos inferiores na Terra, desde o infinitamente pequeno, visível apenas ao microscópio, desde a planta rudimentar e o inseto, até os animais superiores que precedem imediatamente o homem na escala da Criação. A segunda parte do livro é consagrada à aplicação industrial das descobertas científicas modernas. Premidos pelo espaço, não o acompanharemos nesta ordem de idéias; mas não podemos resistir ao desejo de dar a conhecer a sua opinião sobre a

questão, na ordem do dia, do progresso infinito de tudo o que existe e do futuro da animalidade.

O Sr. Flammarion teve a gentileza de nos entregar algumas provas desta nova e interessante publicação e estamos certos de que os nossos leitores ficarão satisfeitos em lhes assinalar as seguintes passagens:

O MUNDO DAS PLANTAS

"A vida não é representada na Terra apenas pelos seres animados que marcham na superfície do globo, voam nos ares ou nadam nas profundezas do oceano. Compondo um mesmo conjunto, os animais formam os degraus da pirâmide sobre a qual se assenta o homem, esse compêndio superior da série zoológica; estão ligados entre si pelos mesmos caracteres: o movimento, a respiração, a alimentação, os atos da vida animal, o instinto e mesmo o pensamento para um grande número deles. Estão ligados ao homem pelas leis gerais da organização e sentimos que pertencem ao mesmo sistema de existência ao qual pertencemos. Mas há na Terra uma outra vida, bem diferente da precedente, embora seja a sua base primitiva e o elemento fundamental, uma outra vida distinta da nossa, que se perpetua paralelamente à vida animal e parece confinar-se numa espécie de isolamento em meio ao resto do mundo. É a vida das *plantas*, desses seres misteriosos que *nos precederam* na Criação e que, por muito tempo, reinaram soberanamente nos continentes sobre os quais estabelecemos mais tarde o nosso império; verdadeiras raízes de nossa própria existência, pelas quais sugamos a seiva nutritiva da terra; fontes de vida incessantemente renovadas que se irradiam na Natureza; criações que constituem um reino intermediário entre o mineral e o animal, e cujo valor e real beleza não sabemos apreciar...

"...É que existe nessa lei que preside à vida, à morte, à ressurreição das plantas um caráter de grandeza, de previdência e

de afeição, que o pensamento humano pressente sem poder captá-lo; é que há nesses seres misteriosos que se chamam *plantas* um gênero de vida latente e oculto que espanta e enche de estranha surpresa o espírito observador...

"As plantas, os animais, diz um poeta alemão, são os sonhos da Natureza, dos quais o homem é o despertar. Esse pensamento profundo repercutirá em nossa alma se consentirmos em descer um instante da vida humana, e mesmo da vida animal, para observar a vida vegetal...

"...E não creiais que ela sofra cegamente, como um objeto inerte, as condições de existência que lhe são impostas. Não: ela escolhe, recusa, procura, trabalha...

"...Escutai, por exemplo, esta história:

"Sobre as ruínas de New-Abbey, no condado de Galloway, crescia um arbusto em meio a um velho muro. Ali, longe do solo acima do qual se elevava de alguns pés o bloco de pedras, nosso pobre arbusto morria de fome, fome de Tântalo, já que ao pé do próprio muro árido se estendia a boa e nutritiva terra.

"Que dizer dos surdos tremores do ser vegetal que luta contra a morte, suas torturas silenciosas e seus mudos langores galvanizados pela cobiça? Quem saberá contar aqui em particular o que se passa no organismo do nosso pobre mártir? Que atrações se estabelecerão, que faculdades se aguçarão, que imperiosas leis se revelarão, que virtudes enfim foram criadas?... O nosso arbusto existe sempre, enérgico e aventureiro se o foi, querendo viver a todo custo e, não podendo atrair a terra, marcha, imóvel, acorrentado, para esta terra longínqua, objeto de seus ardentes desejos.

"Marcha? não; mas se estira, se alonga, estende um braço desesperado. Emite uma raiz improvisada pela circunstância,

que é impelida para o ar livre e, reconhecida, se dirige para o solo até atingi-lo... Com que entusiasmo aí se enterra! Doravante a árvore estava salva. Nutrida por esta raiz nova, deslocou-se de um lugar para outro, deixando que morresse as que mergulhavam inutilmente nos escombros; depois, endireitando-se pouco a pouco, deixou as pedras do velho muro e viveu sobre o órgão libertador, que logo se transformou num tronco verdadeiro.

"Que pensais dessa persistência? Não achais que esse instinto se parece muito com o do animal e, ousamos confessar, mesmo com a vontade humana?...

"Sob essas manifestações de uma vida desconhecida, o filósofo pode abster-se de reconhecer no mundo das plantas um canto do coro universal. É um mundo de uma realidade viva, mais comovente do que se pensa, esse reino vegetal, harmônico, doce e sonhador que, nos degraus inferiores à animalidade, parece sonhar enquanto aguarda a perfeição entrevista. Sem dúvida não se deve cair no excesso de uma escola da antiguidade que, sob autoridade de Empédocles, não hesitando em conceder às plantas faculdades de escol, as havia humanizado e mesmo divinizado. Não; as plantas não são animais, nem homens: uma distância imensa as separa de nós; mas vivem uma existência que não sabemos apreciar e ficaríamos bem admirados se nos fosse permitido entrar um instante nos segredos do mundo vegetal e escutar o que podem dizer em sua língua as pequenas flores e as grandes árvores."

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

"Graus inferiores da série zoológica, dos quais acabamos de ter um aspecto particular em nosso precedente estudo sobre a vida dos insetos, elevam-nos mais e nos põem agora em relação com as manifestações mais altas da vida terrestre.

"A Natureza inteira é construída sobre o mesmo plano e manifesta a expressão permanente da mesma idéia. A grande lei

de unidade e de continuidade se revela não só na forma plástica dos seres, mas ainda na força que os anima, desde o humilde vegetal até o homem mais eminente. Na planta, uma força orgânica agrupa as células conforme o modo de cada espécie, aproximando-se para o tipo ideal do reino. O cedro das montanhas do Líbano, o salgueiro da margem dos rios, as árvores das florestas cerradas e as flores de nossos jardins sonham, adormecidas nos limbos indecisos da vida. Num certo número delas, constata-se movimentos espontâneos e expressões que parecem revelar o aparecimento de algum rudimento de sistema nervoso. Os degraus inferiores do reino animal, que habitam as móveis regiões do oceano – os zoófitos – parecem pertencer, sob certos aspectos, ao mundo das plantas. À medida que se eleva na escala da vida, o *espírito* afirma pouco a pouco uma personalidade mais bem determinada; atinge seu mais elevado desenvolvimento no homem, último elo da imensa corrente sobre a Terra.

"Esta contemplação da vida na Natureza abarca, sob uma mesma concepção, o conjunto dos seres e nos põe em relação com a unidade viva manifestada sob as formas terrestres e siderais. Inspirada e afirmada pelas fecundas descobertas da ciência contemporânea, ela ultrapassa majestosamente as idéias de uma outra idade, que retalhavam a Criação e não deixavam subsistir senão o homem no trono da inteligência. Hoje sabemos que o homem não está isolado no Universo, nem na Terra; está ligado aos outros mundos pelos liames da vida universal e eterna, e à população terrena, pelos laços da organização comum dos habitantes do nosso planeta. Não há mais um abismo intransponível entre o homem e Júpiter, nem entre o homem branco e o homem negro, nem entre o homem e o macaco, o cão ou a planta. Todos os seres são filhos da mesma lei e todos tendem para o mesmo objetivo, a perfeição.

"A reação teológica do século dezessete havia separado rigorosamente o homem de seus irmãos mais velhos na obra

inexplicada da Criação. Descartes representou os animais como simples máquinas vivas. Grandes discussões se levantaram sobre a questão da alma dos animais, e de tempos em tempos encontramos as variadas peças deste imenso arrazoado. Dos numerosos tratados sobre esse assunto, escritos naquela época, citaremos sobretudo o do padre Daniel, discípulo de Descartes, que completa sua viagem à Lua, e o do padre Boujeaut, que toma o partido dos animais... e mesmo encontrando tanto espírito que acaba por nelas ver a encarnação dos mais astutos diabos...

"Os animais são dotados da faculdade de pensar; neles reside uma alma, diferente da nossa (e talvez tão diferente que nenhuma comparação possa ser estabelecida). A faculdade de pensar se revela em graus diversos conforme as espécies, e aí está a grande dificuldade do assunto! Porque, concedendo uma alma ao cão, aos poucos somos levados a concedê-la à ostra; e se a ostra é animada por uma mônada espiritual, mesmo adotando a classificação de Leibnitz, não vemos por que a sensitiva e a rosa dela fossem privadas. Eis, assim, uma série de almas imortais em números incalculáveis, com as quais nos embaraçaríamos muito se fôssemos obrigados a dirigir as suas metempsicoses. Felizmente, o misterioso autor da Natureza, ao nos deixar a faculdade de sonhar e de conjecturar, tirou-nos desta dificuldade.

"Este estudo não teria fim se não apresentássemos aqui todos os materiais que temos à mão em favor da alma dos animais superiores. Não podemos senão relegar esses fatos tão numerosos às notas complementares por nós reportadas. Pela amizade e pelo ódio, pelo apego que as diferentes espécies animais estabelecem entre si, somos autorizados a admitir nos animais, faculdades intelectuais análogas às nossas. Esta questão comporta um dos mais curiosos e mais graves problemas da filosofia natural.

"Concluindo, declaramos que Buffon se enganou por não ter ousado dizer, depois de expor as ações racionais do pungo:

"e, contudo, o pungo não pensa", e que o grande Leibnitz se equivocava quando afirmava "que o mais estúpido dos homens é incomparavelmente mais racional e mais dócil que o mais espirituoso dos animais." O certo é que há no mundo homens grosseiros, brutos, mais maus e menos inteligentes do que certos animais de boa natureza."

C. Flammarion

Aviso

A *Revista Espírita* começará, no dia 1º de janeiro próximo, o seu décimo terceiro ano. Aos senhores assinantes que não quiserem recebê-la com atraso, pedimos que renovem sua assinatura antes do dia 31 de dezembro.

Errata

Revista Espírita de novembro de 1869, página 337, linha 2: em vez de Paris, 14 de setembro, lede: Paris, 4 de outubro[59].

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

59 **N. do T.:** Já procedemos à correção indicada na versão brasileira.

Nota Explicativa[60]

> Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

60 **Nota da Editora:** Esta "Nota Explicativa", publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o Espiritismo (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que

toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite "resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc." (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

> [...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

> da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes "científicos" da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

> Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

> O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao

capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

> Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

> comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora